

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RENATO ALENCAR DOTTA

***Elementos verdes: os integralistas brasileiros***  
**investigados pelo DOPS-SP (1938-1981)**  
(versão corrigida)

São Paulo

2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RENATO ALENCAR DOTTA

***Elementos verdes: os integralistas brasileiros***  
**investigados pelo DOPS-SP (1938-1981)**  
(versão corrigida)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia de Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História

Área de Concentração: História Social

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida de Aquino

De acordo com a versão corrigida: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria Aparecida de Aquino

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D725e Dotta, Renato Alencar  
Elementos Verdes: os integralistas brasileiros  
investigados pelo DOPS-SP (1938-1981) / Renato  
Alencar Dotta ; orientadora Maria Aparecida de  
Aquino. - São Paulo, 2016.  
308 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras  
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de História. Área de concentração:  
História Social.

1. INTEGRALISMO. 2. POLICIA POLITICA. 3. ESTADO  
NOVO. 4. PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR. 5. DOPS.  
I. Aquino, Maria Aparecida de , orient. II. Título.

**Resumo:** O DOPS-SP (Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo) foi criado em 1924 com o objetivo de organizar informações sobre a vigilância dos suspeitos do que o Estado brasileiro via como “criadores da desordem” política e/ou social. Sob essa categoria estariam, sobretudo, os comunistas, socialistas e anarquistas. Contudo, para além dessa esfera mais conhecida de “inimigos”, o DOPS registrou em seus arquivos as atividades de um amplo espectro da sociedade. Entre estes estavam os militantes - ou suspeitos de militância - do movimento integralista. Estes foram fichados principalmente durante o período do Estado Novo, mas também depois. Institucionalmente, os integralistas, após o período da Ação Integralista Brasileira (AIB) entre 1932 e 1937, passaram a ser reprimidos e investigados durante o Estado Novo. Após a queda da ditadura, organizaram o Partido de Representação Popular (PRP), organização que subsistiu até 1965, quando vários de seus membros entraram na Aliança Renovadora Nacional (ARENA), sustentáculo do regime militar. Toda essa trajetória está retratada em pastas da série “Dossiês” organizada pelo DOPS paulista, e cujas datas-limites são 1938 e 1981. Analisar como os integralistas foram vistos e investigados pelo DOPS-SP ao longo de quatro décadas, bem como a própria trajetória integralista nesse período, estão entre as minhas metas para este trabalho.

**Palavras-chave:** Integralismo; DOPS; Estado Novo; Partido de Representação Popular; polícia política.

**Abstract:** DOPS-SP (Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo, the São Paulo State political police) was founded in 1924 in order to organize information about the suspects surveillance that Brazilian government regarded as political and/or social “troublemakers”. Under this category were mostly comunistas, socialists and anarchists. However, far beyond this more known sphere of “enemies”, DOPS recorded in their files the activities of a wide spectrum of society. Among these were partisans – or suspects – of the Brazilian Integralist movement. These were blacklisted mainly during Vargas’ Estado Novo period, but also later. Institutionally, the Integralists, after the Ação Integralista Brasileira (AIB) period between 1932 and 1937, have been repressed and investigated during Estado Novo. After dictatorship’s fall, they organized the People’s Representation Party (PRP), that continued until 1965, when many of its members joined the National Renewal Alliance (ARENA), the military regime mainstay. All this history is portrayed in the DOPS-organized « Dossiês » series folders, whose limits-dates are 1938 and 1981. To analyze how the Integralists were seen and investigated by DOPS-SP over four decades, as well as the Integralist trajectory during this period are among my goals for this work.

**Keywords :** Integralism; DOPS; Estado Novo; People’s Representation Party; political police.

**Resúmen:** El DOPS-SP (Departamento de Orden Política y Social del Estado de San Pablo) fue creado en 1924 con el fin de organizar la información sobre la vigilancia de sospechosos que el gobierno brasileño vió como "creadores de desorden" político y/o social. En esta categoría estaban en su mayoría comunistas, socialistas y anarquistas. Sin embargo, además de esta esfera más conocida de "enemigos", el DOPS registraba en sus archivos las actividades de un amplio espectro de la sociedad. Entre éstos se encontraban militantes - o sospechosos militantes - del movimiento integralista brasileño. Estos fueron incluidos en listas negras principalmente durante el período del Estado Novo, sino también después. A nivel institucional, los integralistas, después del período de la Acción Integralista Brasileña (AIB) entre 1932 y 1937, han sido reprimidos e investigados durante el Estado Novo. Después de la caída de la dictadura, se organizó el Partido de Representación Popular (PRP), organización que continuó hasta 1965, cuando muchos de sus miembros se unieron a la Alianza de Renovación Nacional (ARENA), pilar del régimen militar. Toda esta historia es retratada en las carpetas de la serie "Dossiês" organizada por el DOPS-SP, y cuyas fechas-límites son 1938 y 1981. Para analizar cómo se observaron y se investigó por el DOPS-SP al largo de cuatro décadas, así como la trayectoria de los integralistas en este período se encuentran entre mis objetivos para este trabajo.

**Descriptor:** Integralismo; DOPS; Estado Novo; Partido de Representación Popular; policía política.

*À Gislaine, companheira e amada de todas as horas*  
*Às minhas sobrinhas Samira, Milena e Laís, que são o Futuro*  
*À minha sogra, Prof<sup>a</sup> Eudoxia, que nos deixou ao longo dessa travessia, In Memoriam*

## **AGRADECIMENTOS**

Pesquisar e redigir uma tese de doutorado é uma atividade essencialmente solitária. Apesar disso, várias pessoas foram fundamentais para a travessia desse longo percurso. Em primeiro lugar, minha orientadora Profa. Dra. Maria Aparecida de Aquino, que sempre me auxiliou, sanando todas as minhas dúvidas. Para ela, não tinha sábado, domingo ou feriado, que eu não pudesse ligar, se necessário. Presencialmente, sempre me atendeu com a simpatia e profissionalismo que lhe são peculiares.

Aos amigos Marco Aurélio Vannucchi Leme Mattos, Guillaume Azevedo Marques de Saes e Thiago Dias da Silva pelas dicas sobre o projeto de pesquisa e relatórios para a FAPESP.

Ao Prof. Dr. João Paulo Garrido Pimenta, pelo apoio inicial.

Aos membros da banca de qualificação, Profa. Dra. Ana Maria Dietrich e Prof. Dr. Francisco Alambert, pelas observações enriquecedoras. Depois, ao fazerem parte da banca de defesa, realizaram brilhante arguição ao lado dos Profs. Drs. Ana Maria de Almeida Camargo e Rodrigo Christofolletti. Todos foram extremamente gentis ao colocarem suas dúvidas e questionamentos, ao mesmo tempo em que apontaram as contribuições historiográficas da pesquisa.

Aos amigos do GEINT, sobretudo Alexandre de Almeida, Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus, Alfredo Oscar Salun, Márcia Carneiro, Rogério Lustosa Victor e Giselda Brito Silva pela parceria, pelas dicas, pelas reuniões e eventos, ao mesmo tempo sérios e descontraídos, e pelas risadas nos momentos necessários (porque ninguém é de ferro!).

Aos funcionários do atendimento do Arquivo Público do Estado de São Paulo, principalmente Cido, Sonia e Tarso, pela rapidez e camaradagem.

Ao Severino Correa Dias, pela parceria em Mauá.

Ao Sr. Gumercindo Rocha Dórea, pelos depoimentos, mais uma vez, importantíssimos.

Aos Profs. Drs. Máximo Masson (UFRJ) e Teresa Van Acker, pela leitura atenta e sugestões valiosas.

À FAPESP (Processo 2013/08692-9), pelo financiamento, sem o qual tudo teria sido mais difícil.

Aos meus pais, Angela e Laércio, pela formação repleta de amor, e por terem acreditado em mim.

Ao meu sogro Nelson, pelo incentivo, e a todos os familiares, pela torcida.

À minha esposa Gislaine (Gi), pela paciência, compreensão e carinho. Sem ela, essa jornada não teria sido possível.

*“En elle-même toute idée est neutre, ou devrait l’être; mais l’homme l’anime, y projete ses flammes et ses demences; impure, transformée em croyance, elle s’insère dans les temps, prend figure d’évenement : le passage de la logique à l’épilepsie est consommé...  
Ainsi naissent les ideologies, les doctrines, et les farces sanglantes.»*

Emil Cioran  
Précis de Décomposition (1949)

*« Confrontos religiosos ou ideológicos como os que povoaram este século erguem barricadas no caminho do historiador. A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender. O que dificulta a compreensão, no entanto, não são apenas convicções apaixonadas, mas também a experiência histórica que as formou. As primeiras são fáceis de superar, pois não há verdade no conhecido mas enganoso dito francês tout comprendre c’est tout pardonner (tudo compreender é tudo perdoar). Compreender a era nazista na história alemã e enquadrá-la em seu contexto histórico não é perdoar o genocídio. De toda forma, não é provável que uma pessoa que tenha vivido este século extraordinário se abstenha de julgar. O difícil é compreender.»*

Eric Hobsbawm  
A Era dos Extremos (1994)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração N° 1: Foto de recorte de jornal com trecho de entrevista de Plínio Salgado citando o escritor Menotti del Picchia. 24-K-1. Microfilme. ....	30
Ilustração N° 2: Página da “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’, feita pelo DOPS. 24-Z-5 (pasta 1), p. 89. ....	60
Ilustração N° 3: Cartões postais da família Marschberger enviados a Plínio Salgado apreendidos pelo DOPS-SP. 24-B-13. ....	88
Ilustração N° 4: Formulário de censura do Departamento de Correios e Telégrafos sobre a carta de Thomas Nazário. 24-K-12-17. ....	90
Ilustração N° 5: Cerimônia com a presença de integralistas e fascistas na Sociedade Italiana de Avaré, foto de 1937. Sobre a foto, propaganda eleitoral de Eurico Jayme Guerra, um dos presentes no evento. 24-K-37-2. ....	110
Ilustração N° 6: Grupo de japoneses junto com integralistas em frente ao núcleo municipal da AIB de Presidente Prudente, 07/09/1935. 24-K-7-2. ....	116
Ilustração N° 7: Cartão de visita da Fábrica Fukudaya e embalagem da “Bala Carioca”, da mesma empresa colados em papel timbrado do DOPS. 24-Z-0-40. ....	120
Ilustração N° 8: Primeira página do Manifesto de Setembro de 1941, redigido por Plínio Salgado em seu exílio em Portugal e presente no dossiê dedicado a Roque Tocci. 24-B-8-6. Microfilme. ....	124
Ilustração N° 9: Despacho da agência de notícias “Asapress”, de 07/05/1945. Anexado em 24-Z-5-40 (pasta 1). Microfilme. ....	150
Ilustração N° 10: Memorando manuscrito em papel timbrado do Gabinete do Secretário da Segurança Pública de São Paulo. Abaixo, as indicações de policiamento. Prontuário 6691, <i>União de Resistência Nacional</i> . ....	167
Ilustração N° 11: Panfleto “Os Protestantes levantam-se contra o Comunismo”, distribuído numa das reuniões do PRP. 24-J-2-29. Microfilme.....	182
Ilustração N° 12: Radiotelegrama do delegado regional de Botucatu com referência ao Partido Republicano Progressista. ....	201
Ilustração N° 13: Folheto do PRP distribuído em Piracicaba, maio de 1948. Dossiê 24-J-2 (pasta 1). Microfilme. ....	210
Ilustração N° 14: Folheto de autoria de estudantes contrários ao congresso estudantil do PRP, assinado por representantes de várias entidades de ensino do estado. 24-J-2 (pasta 1). Microfilme. ....	215

Ilustração N° 15: Série de panfletos contrários ao Congresso dos Estudantes do PRP, colados em folha do dossiê 24-J-2-81. Microfilme. ....	226
Ilustração N° 16: Parte superior da primeira página de Yarassú, com o carimbo do DOPS. ....	239
Ilustração N° 17: No campo superior esquerdo da primeira página de <i>A Marcha</i> , o nome e o endereço do delegado do DOPS. ....	242
Ilustração N° 18: Colagem de vários títulos de jornais comunistas na edição N° 26 de <i>A Marcha</i> . ....	247
Ilustração N° 19: Última página do Manifesto da C.C.C.J. Dossiê 24-J-2. ....	252
Ilustração N° 20: Folheto de comício em que o PRP assume a alcunha de “O Partido dos Trabalhadores”. Prontuário 72852 “Partido de Representação Popular”. ....	256
Ilustração N° 21: Capa dos Estatutos da UOCB. Arquivado em 15/03/1958. 24-J-2-285. Microfilme. ....	264
Ilustração N° 22: Parte da primeira página da edição de número 54 do jornal <i>Renovação Nacional</i> , de 1976. 50-J-0-5424. ....	279
Ilustração N° 23: Relatório sobre a fundação da “Casa de Plínio Salgado”, em São Paulo. 20-C-44-19969. ....	285

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de militantes e suspeitos fichados por núcleo municipal ou distrital da AIB, segundo relatório do DOPS-SP de novembro de 1944 .....	62
Tabela 2 - Tipologia de núcleos por número de membros.....	65
Tabela 3 - Mulheres integralistas de acordo com a listagem do DOPS-SP.....	67
Tabela 4 - Integralistas nascidos no exterior, de acordo com a listagem do DOPS-SP.	68
Tabela 5 - Jornais integralistas apreendidos pelo DOPS-SP.....	235
Tabela 6 - Membros da Diretoria do Núcleo Distrital da UOCB do Parque Bristol – São Paulo, 1958 .....	260

## LISTA DE SIGLAS<sup>1</sup>

ABC – Associação Brasileira de Cultura  
ABC – Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul (e mais quatro cidades)  
ABRES - Associação Brasileira de Estudos “Plínio Salgado”  
AFÉ - Auxílio às Famílias Empobrecidas e Associação Feminina dos Encarcerados  
AI-2 - Ato Institucional N° 2  
AIB – Ação Integralista Brasileira  
ANL – Aliança Nacional Libertadora  
ANPUH – Associação Nacional dos Professores Universitários de História  
APERJ - Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro  
ARENA – Aliança Renovadora Nacional  
CBC - Cruzada Brasileira de Civismo  
CCCJ – Confederação dos Centros Culturais da Juventude  
CES – Centro de Estudos Superiores  
CGT – Comando Geral dos Trabalhadores  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
DAE – Departamento Administrativo do Estado  
DAESP – Departamento Administrativo do Estado de São Paulo  
DASP - Departamento Administrativo do Serviço Público  
DEM – Democratas (partido)  
DEOPS/SP – Delegacia Especializada de Ordem Política e Social  
DESPS - Delegacia Especial de Segurança Política e Social  
DI - Divisão de Informações  
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda  
DOPS - Delegacia de Ordem Política e Social  
DOPS-SP - Delegacia de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo  
EUA – Estados Unidos da América  
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
FEB - Força Expedicionária Brasileira  
FP – Força Pública  
FUA - Frente Única Antifascista  
GEINT – Grupo de Estudos sobre o Integralismo  
GOU – Grupo de Oficiais Unidos  
GT – Grupo de Trabalho  
ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros  
LEC - Liga Eleitoral Católica  
LSN - Lei de Segurança Nacional  
MUT - Movimento Unificador dos Trabalhadores  
OP - Ordem Política  
PAI - Partido da Ação Integralista  
PAN - Partido da Ação Nacional

---

<sup>1</sup> Não foi possível descobrir várias siglas internas do DOPS.

PC – Partido Constitucionalista  
PCB – Partido Comunista do Brasil  
PDC – Partido Democrata Cristão  
PDS - Partido Democrático Social  
PFL - Partido da Frente Liberal  
POT - Partido Orientador Trabalhista  
PR – Partido Republicano  
Prot. - Protocolado  
PRP - Partido de Representação Popular  
PRP – Partido Republicano Paulista  
PRP – Partido Republicano Progressista  
PSB – Partido Socialista Brasileiro  
PSD – Partido Social Democrático  
PSP – Partido Social Progressista  
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro  
PTN - Partido Trabalhista Nacional  
PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
SAPROC - Secretaria de Arregimentação Profissional e Reivindicações Operárias e Camponesas  
SAR - Secretaria Artística e Recreativa  
SAS - Secretaria de Assistência Social  
SD – Sicherheitsdienst (Serviço de Segurança do III Reich)  
SEC - Secretaria de Educação e Cultura  
SEDE - Secretaria dos Esportes  
SNAFP - Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos  
SNI - Serviço Nacional de Informações  
SS - Serviço Secreto  
STF – Supremo Tribunal Federal  
TFP – Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição, Família e Propriedade  
TSE – Tribunal Superior Eleitoral  
TSN – Tribunal de Segurança Nacional  
UDN – União Democrática Nacional  
UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
UFABC – Universidade Federal do ABC  
UFF - Universidade Federal Fluminense  
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora  
UNE – União Nacional dos Estudantes  
UOCB - União Operária e Camponesa do Brasil  
URN - União de Resistência Nacional  
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas  
USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1 – OS INTEGRALISTAS NA MIRA DO ESTADO NOVO .....</b>	<b>44</b>
1.1 - A geopolítica da vigilância do DOPS-SP sobre o mapa paulista .....	50
1.2 - O integralista como suspeito durante o Estado Novo .....	72
1.2.1 - Filiação à antiga AIB .....	73
1.2.2 - Propagandistas do integralismo.....	75
1.2.3 - Atitudes contrárias ao Estado Novo .....	77
1.2.4 - Simpatizantes do Eixo e relações pessoais com “súditos” do Eixo.....	79
1.3 – Integralistas investigados: as ações de chefes e militantes sob suspeição .....	83
1.3.1 - O chefe supremo: Plínio Salgado. Ou: o ausente investigado. ....	83
1.3.2 - Nestor Contreiras Rodrigues e a “conspiração uruguaia” .....	92
1.3.3 - Integralistas e “eixistas” em Jundiaí .....	95
1.3.4 - Os italianos de São Manoel e o prefeito de Barra Bonita .....	99
1.3.5 - O genro integralista do ministro .....	103
1.3.6 - O denunciante contumaz e a foto comprometedora .....	107
1.3.7 - Integralistas e “niponistas”? .....	116
1.3.8 - Roque Tocci, o barbeiro do delegado .....	121
1.3.9 - As remessas suspeitas de José Constante Barreto .....	126
1.3.10 - Miguel Tavarone e os “Essistas” .....	131
1.3.11 – João Precioso: um “eixista” dentro da Prefeitura de São Paulo .....	132
1.3.12 - Um romance suspeito: Paulo Torres e Erna Hoffstetter .....	133
<b>2 – A INVESTIGAÇÃO EM TORNO DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR (PRP) .....</b>	<b>141</b>
2.1 – A reorganização dos integralistas no imediato pós-guerra .....	144

2.2 – A Cruzada de Brasileira de Civismo (CBC) e a União de Resistência Nacional (URN) .....	156
2.3 – Os primeiros anos do PRP (1945 – 1946) .....	172
2.3.1 - A criação dos diretórios .....	172
2.3.2 - Temas observados nas reuniões do partido.....	177
a) O anticomunismo.....	178
b) A divulgação das supostas vantagens do integralismo .....	183
c) O retorno de Plínio Salgado do exílio .....	184
d) Saulo Navarro: o “guarda avançado do integralismo”.....	186
e) Temas incômodos: nazismo e antissemitismo.....	188
2.4 – A resistência contra a rearticulação integralista .....	190
2.5 – As campanhas eleitorais de 1947 .....	195
2.6 – O I Congresso dos Estudantes do PRP .....	206
2.7 - Vandalismo e conflitos físicos .....	225
2.8 – Os jornais integralistas apreendidos pelo DOPS-SP .....	234
2.9 – Organizações integralistas extrapartidárias .....	248
2.9.1 - Os “Águias Brancas” .....	248
2.9.2 - A União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB) .....	254
<b>3 – AS INVESTIGAÇÕES AOS INTEGRALISTAS ÀS VÉSPERAS E DURANTE O REGIME MILITAR .....</b>	<b>267</b>
3.1 - Plínio conspira contra Juscelino? .....	269
3.2 - Os integralistas e a conspiração para depor Goulart .....	271
3.3 - Os integralistas após o golpe .....	274
3.4 - Após a morte de Plínio: As instituições integralistas de memória .....	279
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	288
FONTES .....	292
BIBLIOGRAFIA .....	294

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tenho a intenção de compreender como a polícia política paulista investigou e registrou as atividades dos integralistas durante e após a proibição de funcionamento legal da Ação Integralista Brasileira, o funcionamento do Partido de Representação Popular e o período do regime militar, os quais coincidem com o período em que vigorou a série “Dossiês” - um dos conjuntos documentais do Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo (DOPS - SP)<sup>2</sup> – isto é, entre 1938 e 1983. Tal abordagem se justifica: em primeiro lugar, pela importância da presença do DOPS na vida política brasileira durante a maior parte do século XX, através de diferentes conjunturas políticas, e a rica documentação destarte produzida; e, em segundo lugar, pela importância – em geral, subestimada - do movimento integralista brasileiro na história política brasileira desse século. Apesar da série se encerrar em 1983, o documento mais recente referente a esse tema é de 1981. Deve ficar muito claro que, apesar de o DOPS existir em outros estados e com práticas semelhantes, minha pesquisa se limitará ao departamento no Estado de São Paulo, e cuja documentação se refere-se quase que exclusivamente a este Estado.

Além disso, também é meu objetivo um aprofundamento da investigação em torno da própria história do movimento integralista nesse período pós-AIB. Desde a década de 1990, o integralismo – importante fenômeno do autoritarismo republicano brasileiro – vem se consolidando como temática no meio acadêmico. Depois das abordagens pioneiras de Hélio Trindade (1974; segunda edição, 1979), José Chasin

---

<sup>2</sup> O órgão conhecido popularmente como DOPS teve, em São Paulo, várias denominações ao longo de sua existência. Ele surge em 30/12/1924 com o nome de **Delegacia** de Ordem Política e Social (DOPS). Contudo, isso vai até 1930, quando passa a se chamar Delegacia **Especializada** de Ordem Política e Social (DEOPS). Ao longo dos anos Vargas (1930 – 1945), muda de nome várias vezes. Entre 1938 e 1944, período bastante abordado aqui, ela se chamou **Superintendência de Segurança** Política e Social. Durante a maior parte do período aqui abordado (entre 1945 e 1975), o aparelho se chamou **Departamento** de Ordem Política e Social (DOPS novamente). Por isso e também por ser mais amplamente conhecido sob essa sigla é que prefiro adotar a forma DOPS ao longo de todo o texto, a não ser quando justificado sob outra denominação. Para a relação completa dos nomes da polícia política paulista, ver AQUINO (2001: 19).

(1978; segunda edição, 1999), Marilena Chauí (1978) e Gilberto Vasconcellos (1979), escritas e publicadas nos anos 70, o tema começou a ser recortado e analisado em suas especificidades na década seguinte, com os trabalhos de Josênio Parente (1987), René Gertz (1987) e Ricardo Benzaquen de Araújo (1988).

A partir daí, podemos constatar uma produção que tem crescido rapidamente, notadamente em dois aspectos principais: as análises dos teóricos integralistas e os recortes geográficos, sobretudo estaduais. É fundamental apontar que essa produção é quase que totalmente referente à Ação Integralista Brasileira (AIB), a forma pela qual o integralismo se expressou entre 1932 e 1937. Como um dos sinais mais visíveis da expansão das pesquisas e do conhecimento sobre o movimento integralista, é na década de 1990 que surgem as primeiras obras sobre o Partido de Representação Popular (PRP), isto é, a principal forma legal sob a qual os integralistas atuam na vida política nacional no período 1945-1965.<sup>3</sup>

No que tange ao recorte regional, Estados e cidades de todas as grandes regiões brasileiras foram investigadas no que tange à presença do movimento integralista: a região Norte já tem um trabalho sobre a AIB no Pará; o Centro-Oeste foi contemplado com uma pesquisa sobre o Mato Grosso (PEREIRA & ATHAIDES, 2013). No Sul e Sudeste, todos os estados e muitos municípios já foram alvo de trabalhos, em sua grande maioria, referentes à Ação Integralista, e no Nordeste, vários estados e cidades foram analisados<sup>4</sup>.

A respeito do pensamento dos diferentes teóricos integralistas, a maioria dos trabalhos recai sobre Plínio Salgado, fundador e “Chefe Nacional” do integralismo (BARBOSA: 2011; BERTONHA: 2013), mas existem já diversas obras sobre outros líderes do movimento, como Gustavo Barroso (segundo na hierarquia da AIB e principal divulgador do antissemitismo no movimento; CYTRYNOWICZ: 1992; MAIO: 1992; JESUS: 2011), Miguel Reale (secretário nacional de doutrina da AIB; ARAÚJO: 1980) e uma referente a Olbiano de Mello (um dos principais divulgadores da AIB em Minas Gerais: ARAÚJO, 1991). O famoso folclorista Câmara Cascudo,

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, CARDOSO (1999), CALIL (2001 e 2010) e VICTOR (2012).

<sup>4</sup> BERTONHA (2010:7) chega a organizar uma tabela com o número de pesquisas por Estado. São esses os números: Alagoas, 1; Bahia, 6; Ceará, 17; Espírito Santo, 6; Minas Gerais, 11; Pará, 1; Pernambuco, 25; Paraná, 16; Rio de Janeiro, 7; Rio Grande do Sul, 48; Santa Catarina, 23; São Paulo, 17; Sergipe, 2 (Tabela 2). Em outra página, há referências a quatro trabalhos no Rio Grande do Norte (p. 91).

apesar de não ter sido teórico do movimento, foi um importante militante, tendo chegado a chefe provincial do Rio Grande do Norte, e também já foi analisado como tal (MEDEIROS, 2005). Além disso, já se desenvolveram teses, dissertações ou artigos sobre a imprensa integralista, as mulheres do movimento, a relação com os operários e a educação entre os camisas-verdes. Temas doutrinários como o anticomunismo, a religiosidade, o corporativismo, além de outros como eleições, o antissemitismo e relações com o governo federal, além das conexões e eventuais desencontros com o nazismo e o fascismo também foram abordados (BERTONHA, 2010)<sup>5</sup>.

Boa parte dos autores dos trabalhos acima relacionados possui um intercâmbio constante, desenvolvido, sobretudo, por meio da internet, através do GEINT (Grupo de Estudos sobre o Integralismo), grupo, em princípio, informal criado em 2001 com esse mesmo objetivo de estreitar os contatos entre os estudiosos desse tema ainda pouco comum no meio acadêmico (DOTTA, 2010a). O grupo chegou a produzir e/ou inspirar seis obras sobre o tema (DOTTA, POSSAS & CAVALARI, 2004; SILVA, 2007; BERTONHA, 2010; SILVA, GONÇALVES & PARADA, 2010; GONÇALVES & SIMÕES, 2011; VICTOR, 2011). Foram realizados cinco encontros nacionais de pesquisadores (Rio Claro, 2002; Porto Alegre, 2003; Ponta Grossa, 2005; Juiz de Fora, 2010 e São Paulo, 2013)<sup>6</sup>. Em 2009, o GEINT foi oficializado como Grupo de Trabalho no CNPq, o qual liderei junto a historiadora Márcia Carneiro (UFF/ RJ). Já em 2013, no XXVII Congresso de História Nacional da ANPUH, ele foi oficializado como Grupo de Trabalho nacional, com o nome de GT dos Movimentos e Partidos Políticos de Direita (hoje, GT História, Direita e Autoritarismo).

Na historiografia sobre o integralismo, as fontes utilizadas têm sido, sobretudo, os livros dos autores integralistas, a imprensa (do movimento ou não) e a documentação partidária, bem como fontes orais. Por outro lado, a documentação policial (de acervos como os vários DOPS estaduais, por exemplo), que vem sendo amplamente usada em outras temáticas (por exemplo, sobre a perseguição às esquerdas e aos suspeitos de

---

<sup>5</sup> Dada a grande quantidade de trabalhos a respeito desses temas, e a conseqüente impossibilidade de listá-los todos aqui, remeto ao guia bibliográfico sobre o integralismo desenvolvido por Bertonha (2010).

<sup>6</sup> Com exceção de Rio Claro, quando foi realizado no Arquivo Público Municipal, os outros encontros foram realizados em universidades: PUC-RS (P. Alegre), UEPG (P. Grossa) e UFJF e CES (J. de Fora). O quinto Encontro ocorreu na USP, em São Paulo, em 2013.

espionagem durante a II Guerra Mundial), ainda foi pouco utilizada quando se trata de abordar o movimento dos camisas-verdes<sup>7</sup>.

A data oficial do lançamento da Ação Integralista Brasileira (AIB) é 7 de outubro de 1932, quando o escritor Plínio Salgado lança o Manifesto de Outubro, que estipula as bases doutrinárias do movimento. Nos seus cinco anos de existência legal, a AIB teve um crescimento extraordinário, chegando a centenas de milhares de seguidores em todos os estados da federação, presentes em mais de 3000 municípios e uma vasta imprensa partidária. Entre seus seguidores estavam militares, religiosos (sobretudo católicos – inclusive bispos - mas também protestantes e espíritas), intelectuais, empresários, comerciantes, estudantes e operários<sup>8</sup>.

O movimento integralista possuía uma rígida organização hierárquica, com um “Chefe Nacional” na cúpula – o próprio Salgado – e, abaixo dele, chefes “provinciais” (estaduais), municipais e distritais. Utilizava, também, uma simbologia que abarcava o uso de saudações (“anauê”), a utilização maciça de bandeiras e insígnias (com a letra grega sigma), uso ostensivo e paramilitar de marchas e hinos, e de vestimenta característica (a camisa verde). Participaram de todas as eleições do período (1933, 1934, 1935 e 1936), chegando a eleger deputados estaduais (por exemplo, João Carlos Fairbanks, em São Paulo), um federal (Jeová Motta, pelo Ceará), dezenas de vereadores e vários prefeitos (dois, no estado de São Paulo: em Cravinhos e Presidente Prudente). Plínio Salgado chegou, inclusive, a oficializar sua candidatura a Presidente da República, nas eleições que se realizariam – e foram frustradas pelo Estado Novo - em janeiro de 1938, tendo desenvolvido uma considerável campanha eleitoral antes do golpe de novembro do ano anterior (DOTTA, 2010b).<sup>9</sup>

Em São Paulo, até esse momento os integralistas haviam sido sistematicamente vigiados pela polícia, mas não necessariamente perseguidos e presos (ao contrário de estados como Bahia e Paraná, por exemplo, onde foram duramente reprimidos pelos governos locais)<sup>10</sup>. Essa situação muda com o golpe do Estado Novo, em novembro de

---

<sup>7</sup> Trataremos sobre as pesquisas sobre a documentação sobre o integralismo nos DOPS estaduais mais à frente.

<sup>8</sup> Sobre a presença de operários na AIB, ver: DOTTA (2003).

<sup>9</sup> Sobre a campanha presidencial de Plínio Salgado no estado do Rio, ver FAGUNDES (2013).

<sup>10</sup> Sobre a repressão aos integralistas na Bahia pelo governo estadual, ver FERREIRA, 2009. Ver também o depoimento de NOGUEIRA (1997), sobretudo o capítulo VI. Sobre o Paraná, ver ATHAIDES (2012).

1937, quando os partidos políticos são proibidos de continuarem a existir, suas sedes são sistematicamente fechadas, seus jornais encerrados ou fortemente censurados e vários de seus militantes presos.

Tentando manter uma existência legal para os integralistas, Salgado cria a Associação Brasileira de Cultura (ABC), que se limitava a atividades culturais, esportivas e cívicas, e teve pouca duração já que, com o fracasso da chamada “Intentona Integralista”, na qual um grupo de militantes inconformados (além de alguns não-integralistas) com a repressão do novo regime, tenta derrubar Vargas em maio de 1938. A repressão do governo, contudo, é rápida e, eventualmente, brutal, com milhares de integralistas e suspeitos de integralismo, presos por todo o Brasil.<sup>11</sup> Tendo passado cerca de um ano na clandestinidade, Salgado é preso por breve período em 1939 e, na sequência, mandado ao exílio em Portugal, onde ficará até 1946.

Daí em diante, e durante todo o Estado Novo, toda e qualquer atividade pública integralista desaparecerá, com vários de seus ex-membros encarcerados e desmobilizados (alguns, porém, chegaram a aderir, com mais ou menos entusiasmo, à nova ordem varguista; o exemplo mais notório foi o de Miguel Reale, que pertenceu ao Departamento Administrativo do Estado, DAE; REALE, 1986: 164). Com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, em 1942, depois de um período de relaxamento nas perseguições aos integralistas, eles voltam a ser lembrados com forte conotação negativa pela mídia controlada e censurada pelas autoridades. O discurso e, sobretudo, a simbologia de caráter fascista, além da solidariedade ideológica<sup>12</sup> que a antiga AIB demonstrava para com os regimes de Mussolini e de Hitler, são considerados provas

---

<sup>11</sup> Sobre a “Intentona Integralista”, o único trabalho ainda é: SILVA (1971). Há poucos relatos sobre torturas cometidas contra integralistas, embora seja pouco provável que elas não tenham sido cometidas. A filha de Plínio Salgado fez um relato generalizante sobre torturas contra integralistas, sem citar as vítimas em particular (LOUREIRO, 2001: 244-5).

<sup>12</sup> Por “ideologia” entendemos aqui o que Mario Stoppino chama de “significado fraco” do termo, acepção empregada por Norberto Bobbio. “*No seu significado fraco, Ideologia o genus, ou a species diversamente definida, dos sistemas de crenças políticas: um conjunto de idéias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos.*” Em contrapartida, “*o significado forte tem origem no conceito de Ideologia de Marx, entendido como falsa consciência das relações de domínio entre as classes, e se diferencia claramente do primeiro porque mantém, no próprio centro, diversamente modificada, corrigida ou alterada pelos vários autores, a noção da falsidade: a Ideologia é uma crença falsa*” (STOPPINO, 2002: 585). Todas as vezes que esse termo for empregado nesse trabalho será no chamado “significado fraco”.

cabais para que os antigos militantes fossem suspeitos de serem “quinta-colunas”<sup>13</sup> do nazismo no Brasil e, portanto, traidores da Pátria.

Em 1945, com a derrota do Eixo na II Guerra, o Estado Novo em seus estertores, e a reorganização dos partidos políticos, os remanescentes do movimento integralista, timidamente começaram a se reestruturar. Formaram, ainda em fins de 1945, o Partido de Representação Popular (PRP). Com a persistência da pecha de “quinta-colunas” de Hitler e a divulgação dos crimes de guerra do III Reich, o clima político, porém, era extremamente desfavorável aos integralistas. Por conta dessa atmosfera, os velhos membros da AIB dispensam toda a simbologia e uniformes de outrora e abrandam o discurso em alguns casos, como nas críticas à democracia e, sobretudo, repudiam quaisquer associações com o nazi-fascismo. A nova roupagem é bem-sucedida, na medida em que o PRP consegue o registro partidário definitivo, e seus novos estatutos são considerados “democráticos” pelo TSE (ao contrário do Partido Comunista do Brasil – PCB - em 1947). Com seu anticomunismo, os integralistas participarão ativamente, não obstante num plano secundário, do panorama político brasileiro sob a sombra da Guerra Fria.

No desenrolar do jogo político, o PRP fará ao longo de seus vinte anos de existência aliança com virtualmente todos os partidos políticos (com exceção do PCB e do Partido Socialista Brasileiro – PSB). Vejamos, como exemplo, as suas alianças nas eleições presidenciais no pós-Estado Novo: em 1945, o partido apoia a candidatura do Marechal Eurico Gaspar Dutra, pelo Partido Social Democrático (PSD); em 1950, adere ao Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato pela União Democrática Nacional (UDN); em 1955, Plínio lança candidatura própria, na qual concorre contra Juscelino Kubitschek, ficando em quarto lugar; em 1960, apoia o Marechal Lott (PSD) para presidente, e João Goulart (do Partido Trabalhista Brasileiro, PTB), para vice. Nesse ínterim, Plínio se

---

<sup>13</sup> “Quinta-coluna” foi um termo amplamente utilizado durante a II Guerra Mundial para designar os supostos agentes favoráveis aos países do Eixo que viviam dentro dos países Aliados. O termo nasceu durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) quando, durante o cerco de Madri pelas forças franquistas contra a República, havia quatro colunas militares daquelas contra esta. Mas dizia-se que haveria uma “quinta coluna” lutando contra a cidade, que seria formada pelos simpatizantes das tropas insurretas que viviam dentro da capital espanhola. O termo foi popularizado por uma peça de Ernest Hemingway sobre o cerco da cidade, publicada inicialmente em 1938 (HEMINGWAY: 1986). V. ainda RUIZ (2013: 215-218).

elege deputado federal em 1958 e 1962. O PRP mantém uma pequena bancada no Congresso ao longo de, praticamente, todo o período<sup>14</sup>.

É necessário que se diga que o integralismo do pós-guerra tinha outras facetas institucionais além do PRP, apesar de esta ser a mais importante. Em 1952, foi criado um movimento de juventude e estudantil, conhecido como Confederações dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ) ou, mais informalmente, como Movimento Águia Branca, que pretendia formar os futuros líderes do integralismo e teve, durante toda sua existência, Plínio Salgado como seu presidente de honra. Cinco anos depois, os integralistas criaram uma organização sindical, a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB), liderada por Jader Medeiros, que também era membro do PRP. Tais organizações subsistiram formalmente até depois da extinção dos partidos políticos em 1965, embora com influência rapidamente decrescente (DOTTA, 2012).

Tendo rompido com o governo Goulart em 1962, o PRP passa a apoiar as tentativas de derrubá-lo, o que culminará no golpe de 1964. No ano seguinte, com o Ato Institucional N° 2, que estabelece o bipartidarismo, os membros do PRP se integram na agremiação de sustentação ao regime militar, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), pela qual Plínio se reelege deputado em 1966 e 1970. Após a morte de Salgado, em 1975, houve algumas tentativas de reorganização dos integralistas, todas de alcance muito limitado e importância política praticamente nula.<sup>15</sup>

No que tange à historiografia referente à polícia política brasileira tem havido uma quantidade de trabalhos que, desde meados dos anos 90, tem crescido em progressão geométrica, a partir da liberação de vários conjuntos documentais antes pertencentes aos DOPSs estaduais, sobretudo nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Sobre as investigações dos vários DOPS, há uma grande quantidade de pesquisas, sobretudo no período relacionado à Era Vargas (1930-1945), período que inclui a criação, funcionamento legal e proscrição da AIB. Entre os temas de pesquisa estão, por exemplo, as relacionadas às atividades comunistas (ZEN, 2005;

---

<sup>14</sup> CALIL (2010).

<sup>15</sup> A internet parece ter dado algum fôlego para essas novas organizações integralistas, o que lhes facilita contatos, reuniões e atos políticos. Para os grupos integralistas após a morte de Salgado, ver: CARNEIRO (2007).

WIAZOVSKI, 2001), anarquistas (AZEVEDO, 2002), fascistas e antifascistas (SANTOS, 2001 e 2008) e nazistas (PERAZZO,1999; DIETRICH, 2007) no estado de São Paulo; ou, no mesmo estado, sobre a comunidade espanhola durante o período da Guerra Civil naquele país (SOUZA, 2005). Um enfoque diferenciado - referente ao uso da fotografia pelo DOPS paulista - foi tratado por Magalhães (2008).

No caso dos estudos sobre o DOPS no período conhecido como República Liberal<sup>16</sup> (1945-1964), ao contrário, há ainda poucos. Citemos, de princípio, POMAR (2002), que trata sobre a perseguição aos comunistas logo após seu partido ter se tornado ilegal em 1947, e MORAES (2002), sobre investigação em torno do ex-governador de São Paulo e ex-prefeito da capital, Ademar de Barros.

Sobre a temática do integralismo sob o olhar do DOPS, o trabalho mais extenso é a tese de doutorado de Giselda Brito Silva, *A Lógica da Suspeição contra a Força do Sigma – Discursos e Polícia na Repressão aos Integralistas em Pernambuco*, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, em 2002. A autora, que já havia defendido dissertação de mestrado sobre a AIB em seu estado em 1996, aborda, dessa vez, o período em que os integralistas estavam na ilegalidade, durante o Estado Novo, através da análise do discurso policial, no qual o integralismo é visto como “subversivo” e “perturbador da ordem” (SILVA, 2002: 20-26).

Seu corpus documental central é o acervo remanescente do DOPS de Pernambuco, depositado no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, em Recife. Como fontes complementares, utilizou jornais locais, depoimentos publicados (memórias) e depoimentos orais, entre outros, numa perspectiva de interdiscursividade, isto é, no diálogo entre os discursos de cada uma das fontes. Contudo, ao contrário da minha proposta, Giselda Silva se limita ao Estado Novo, enquanto minha pesquisa alcança os anos 80, abarcando toda a documentação diretamente relacionada ao integralismo da série “Dossiês” do DOPS paulista.

Nesse sentido, é necessária uma análise mais aprofundada das fontes a serem utilizadas na pesquisa, a saber, a documentação do DOPS-SP, cujo acervo está depositado no Arquivo Público do Estado de São Paulo. A documentação policial dos

---

<sup>16</sup> O termo “República Liberal” é usado por Edgard Carone, em referência ao período que vai de 1945 a 1964. Ver CARONE (1985).

vários DOPS estaduais – e o caso paulista não foge à regra - tem-se mostrado de grande variedade e riqueza. Além dos relatórios policiais referentes a pessoas, instituições, partidos políticos entre outros, há uma grande massa documental com fotografias, panfletos, jornais e revistas, cartas de informantes, pedidos de salvo-condutos, correspondência pessoal apreendida etc.<sup>17</sup>

A documentação produzida por aquele órgão é formada por quatro séries documentais, que foram produzidas por setores diferentes dentro da própria organização. Elas perfazem um total de 1.500.000 fichas remissivas e 163.000 pastas. As séries são: Prontuários (criada em 1924), Dossiês (a partir de 1938-40), Ordem Política (iniciada em 1945) e Ordem Social (de 1948 em diante). Todas essas séries se extinguem em 1983, ano em que o DOPS paulista encerra suas atividades.

Devido à imensidão da documentação disponível, nosso foco recairá sobre a série “Dossiês”, o qual já possui uma sistematização, elaborada pelo projeto “Mapeamento e Sistematização do Acervo DEOPS/SP: Série Dossiês (1940-1983)”<sup>18</sup> desenvolvido por equipe coordenada por Maria Aparecida de Aquino, e que se concretizou na organização das 9626 pastas da série e consequente catalogação na coleção de livros *Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro*, composta de cinco volumes editados entre 2001 e 2002 pela Imprensa Oficial, em conjunto com o Arquivo do Estado. O projeto foi financiado pela FAPESP<sup>19</sup>.

Neste trabalho de sistematização, os dossiês apresentam-se divididos em famílias, correspondentes a série inicial de números de cada documento. Segundo Aquino:

---

<sup>17</sup> Faço aqui uma descrição detalhada da organização do acervo DOPS e dos documentos sobre o integralismo para que se tenha ideia da dimensão e da organização do acervo. Creio que tal pormenorização será útil para os futuros pesquisadores do acervo.

<sup>18</sup> Note-se que eu uso como datas iniciais o ano de 1938, enquanto o trabalho desenvolvido por AQUINO (2001 e 2002) refere-se como data inicial da série o ano de 1940. De fato, as datas de produção documental se iniciam em janeiro de 1938, já os primeiros arquivamentos são de 1940. Isso indica que havia uma produção de documentos ainda antes da criação da série Dossiês, e que não tinha uma relação com a série Prontuários.

<sup>19</sup> Os cinco volumes são: AQUINO, MATTOS & SWENSSON Jr. (2001); AQUINO, MATTOS, SWENSSON Jr. & MORAES (2002a); AQUINO, MATTOS, SWENSSON Jr. & MORAES (2002b); AQUINO, MATTOS, SWENSSON Jr. & LONGHI (2002); AQUINO, MATTOS, SWENSSON Jr. & LEISTER FILHO (2002).

Família é o termo sugerido pela assessoria arquivística do Projeto para a denominação mais geral do termo do código. Cada código se inicia com uma dezena: 10, 20, 30, 40 e 50 à qual corresponde um tema geral. Por exemplo, a família 30 corresponde ao arquivamento de documentação que envolve a perseguição a suspeitos de atividades Comunistas, Anarquistas e Socialistas. Cada família armazena uma grande quantidade de pastas e, conseqüentemente, de documentação, pois ela se subdivide em subfamílias, ou seja, em números derivados da dezena inicial. Por exemplo, a família 10 subdivide-se nas subfamílias 10, 11, 12, 13, 14 e 15. (AQUINO, 2002: 10)<sup>20</sup>.

A família 20, que é a que nos interessa diretamente, refere-se, de modo geral, a grupos e organizações partidárias e políticas envolvidas de uma forma ou outra com a política nacional. Dentro destas, trabalharemos majoritariamente com a subfamília 24 - dedicada totalmente aos adeptos do movimento integralista - possui 120 dossiês, com 128 pastas. Apenas 2 dos 120 dossiês, contém mais de uma pasta, cada. São eles: o 24-J-2, referente ao Partido de Representação Popular (PRP), composto de 4 pastas, num total de 456 unidades documentais<sup>21</sup>; e o 24-Z-5, relacionado à Ação Integralista Brasileira, com 844 documentos, contidos em 6 pastas.

Conforme podemos ver pelo código alfanumérico, cada subfamília foi dividida em setores, representado por letras. Dessa forma, a letra A seria referente a proprietários de empresas; a letra B a funcionários; a letra C visava estudantes; e assim por diante, englobando vários setores da sociedade. A tipologia seguia até as letras K (profissionais liberais) e L (editores e editoras, esta última ausente das subfamílias 23 e 24, aqui analisadas). Por fim, sob a letra Z eram registrados setores que não se enquadravam sob as outras rubricas. É bom lembrar que esse critério não era rígido, estando sempre sob o ponto de vista da instituição policial paulista. Por exemplo, as informações sobre Miguel Reale foram colocadas no dossiê 24-Z-3; se os policiais seguissem à risca suas próprias classificações, seu nome estaria provavelmente sob a letra C (advogado, profissional liberal) ou K (político), e não sob a Z, como ocorreu.

Toda essa coleção documental está microfilmada em sete rolos, que vão dos números 08.05.284 ao 08.05.290, distribuídos conforme relação no final do trabalho (ver *Fontes*).

---

<sup>20</sup> O texto de onde foi extraído este excerto está presente nos volumes 2, 3, 4 e 5 da coleção citada.

<sup>21</sup> Uso aqui o termo “unidade documental” como sinônimo de um documento único (uma transcrição de depoimento, um relatório de investigação, ou um jornal apreendido, por exemplo). Muitos deles possuem mais de uma página. Achei necessária essa ênfase para que não se confunda documento com página. Um documento pode ter 1, 15, 200 ou 1000 páginas, por exemplo.

Esse conjunto documental possui algumas particularidades. Por exemplo, a questão da temporalidade: seu início se dá em 1938; apesar disso, há documentos de até seis anos antes, ou seja, de 1934, ano em que a AIB ainda funcionava legalmente. Não por acaso, uma boa parte dos documentos sobre essa organização contidos nos Dossiês são anteriores à criação desta série. A última menção ao integralismo na subfamília 24, em termos cronológicos, é de 1979. Das 128 pastas, 32 apenas extrapolam a temporalidade de produção depois de 1946. Dessas 32, apenas 6 ultrapassam o ano de 1964.

Em 1938, foi criado pela lei estadual 9893-B, dentro da estrutura do DOPS-SP, o Serviço Reservado, antecessor do Serviço Secreto (SS), o qual surgiu dois anos depois. O SS foi o responsável pela produção da série Dossiês.<sup>22</sup> No ano em que foi criado possuía 16 sub-setores, a saber: Comunismo; Integralismo; Fascismo; Nazismo; Niponismo; Estrangeiros de forma geral; Ordem Política; Ordem Social; Armas, Explosivos e Munições; Ordem Econômica; Censura Telefônica; Censura Telegráfica; Censura à Imprensa; Censura Postal; Documentação e Estatística; Correspondência Cifrada.<sup>23</sup>

Pesquisadores que fizeram parte de projeto de catalogação da série Dossiês relatam a dificuldade em se encontrar informações sobre o Serviço Secreto e seu funcionamento:

Desde sua origem, o Serviço Secreto foi considerado um setor estratégico e as informações sobre seu funcionamento sempre foram restritas. Mesmo na bibliografia especializada sobre Polícia Civil, inclusive aquela produzida por autores ligados à corporação, os dados a respeito do setor são bastante escassos. Talvez por isso, seja a legislação estadual bastante omissa em relação à estrutura e funcionamento do setor.<sup>24</sup>

Desenvolvo aqui informações sobre os “setores”, as letras do código alfanumérico dos Dossiês, e mais especificamente sua aplicação à subfamília 24, relacionada aos suspeitos de integralismo.

---

<sup>22</sup> Os documentos mais antigos desta série (produzidos pelo órgão) são de janeiro de 1938.

<sup>23</sup> ARAÚJO et alii, (2001: 30).

<sup>24</sup> *Ibid.*

A subfamília 24, assim como todas as outras foi dividida em “setores”, os quais foram denominados através de letras, em seus códigos de localização. Na verdade, a denominação de “setores” foi feita pela equipe que indexou e organizou a série Dossiês, já que tais letras estão presentes nos códigos de toda a série documental em questão. Esse nome foi adotado pela equipe porque, invariavelmente, as diferentes letras “*representam um determinado setor da sociedade*”.<sup>25</sup>

As letras dos setores foram assim identificadas:

A – Investigação em torno de proprietários, “*aqui encarados no sentido amplo, abrangendo desde donos de empresas até seus diretores executivos*”<sup>26</sup>;

B – Investigação em torno de funcionários da iniciativa privada de uma forma geral, ou ainda proprietários de pequenos estabelecimentos;

C- Investigação em torno de estudantes e intelectuais;

D - Investigação em torno de militares;

E - Investigação em torno de órgãos e pessoas envolvidas com representações diplomáticas;

F - Investigação em torno de proprietários de imóveis. Segundo a equipe que mapeou os dossiês, “*sua linha limítrofe com o ‘setor’ A não encontra precisão*”<sup>27</sup>;

G - Investigação em torno de religiosos;

H - Investigação em torno de funcionários públicos e atividades por eles desenvolvidas;

I - Investigação em torno de negociantes de uma forma geral, bem como a pessoas que vivem de renda;

J - Investigação em torno de associações, clubes e partidos políticos;

K - Investigação em torno de profissionais liberais;

L - Investigação em torno de editores e editoras;

Z - Investigação em torno de setores não especificados. O que os agentes não conseguiram classificar em outras categorias foi arrolado nesse “setor”.<sup>28</sup>

Toda essa classificação não tem uma precisão matemática. Essas atribuições são de acordo com a visão que os agentes da polícia política tinham de seus investigados, de modo que há exceções e adaptações, e até equívocos, como veremos adiante, além de

---

<sup>25</sup> AQUINO (2002: 36).

<sup>26</sup> *Id.*, p. 36.

<sup>27</sup> *Ibid.*

<sup>28</sup> *Ibid.*

algumas especificidades. A grande maioria das subfamílias não abarca todas as letras/setores. No que tange à subfamília 24, que é a que nos interessa diretamente, podemos verificar a ausência de dois “setores”: o E e o L. Ou seja, ninguém, dentro dela, foi enquadrado como tendo se envolvido com atividades diplomáticas, nem editores ou editoras.

Apesar da falta de exatidão da classificação policial, é possível traçar um panorama geral dos investigados da subfamília 24. Assim, a grande maioria dos investigados pertence ao setor K, referente aos profissionais liberais. São 39 dossiês. Entre estes, encontra-se o dossiê 24-K-12, referente à pessoa de Plínio Salgado, e as atividades por ele desenvolvidas. Além dele, nesse setor estão os principais líderes da antiga AIB, como Jayme Regalo Pereira, membro do Conselho Supremo da AIB (dossiê 24-K-9), João Carlos Fairbanks, deputado estadual integralista em São Paulo (24-K-13), José Loureiro Jr., genro de Salgado e seu chefe de Gabinete (24-K-20) ou Belmiro Valverde, Secretário Nacional de Finanças da AIB (24-K-28).

Ainda nesse setor, há uma personalidade que foi classificada de uma maneira no mínimo curiosa: trata-se do escritor modernista Menotti Del Picchia, fichado sob o código 24-K-2. Menotti não pertenceu formalmente ao movimento, mas eram comuns seus elogios públicos aos camisas-verdes, e ao Chefe, seu amigo desde a juventude e parceiros durante a Semana de Arte Moderna de 1922<sup>29</sup>. O escritor foi identificado assim como suspeito ou simpatizante. Dentro do dossiê de Menotti, há, porém, apenas uma referência do escritor em relação ao movimento integralista: uma citação que Salgado faz sobre o escritor paulista, quando entrevistado pelo *Diário de São Paulo*, datada de 9/10/1937.

---

<sup>29</sup> A imprensa integralista publicava frequentemente os elogios de Menotti aos integralistas. Veja-se, por exemplo, o artigo “Os Milagres da Raça”, que Menotti publicou originalmente no *Diário da Noite*, e foi reproduzido no principal jornal integralista, *A Offensiva*. Excertos: “Não há negar nos integralistas estas coisas preciosas: Constancia, disciplina e idealismo. Salgado está dotando uma forte consciência uma inteira geração. É sabido meu pensamento anti-democrático.[...] A constituição ora creada é uma natimorta. Mas num povo anarchico como este, a rígida disciplina integralista, que deve ser rígida e monástica, já é uma coisa que causa alegria como a revelação de uma capacidade inédita de alma de nossa gente. Num meio em que somente o interesse determina os actos, é admirável o ideal desinteressado dessa gente, que por ora nada espera sinão, num futuro talvez remoto, o florescimento de seu ideal. Há nelles a serenidade dos semeadores. Há uma calma que tem todo o sentido de uma consciente segurança.” DEL PICCHIA, Menotti. “Os Milagres da Raça”. *A Offensiva*, 28/09/1934, p. 1. Veja-se também depoimento do autor de *Juca Mulato* sobre Salgado num livro em homenagem ao líder integralista: *Plínio Salgado* (1937: 229).

Depu-  
mesmo ab-  
dos últimos  
natural uma  
ão voltadas  
contato. O  
maís exco-  
credores de

abo a certeza de que a população,  
justamente revoltada contra a tática  
que nos armaram, está certa de que  
admente os integralistas poderão rea-  
gir contra a infiltração destruidora do  
comunismo.

Aínda foi de todo ponto inepta a at-  
titude dos comunistas, porque a sua

HAVANA, (desconhecida  
do que fazer  
já causou lá  
sua morte.  
Os homens  
solidário e  
Os amigos

**Quem é o sr. Menotti Del Picchia?**  
**o sr. Falcão ex-chefe nacional.**  
**(Diário de S. Paulo 2003)**

espe  
o sr. i  
bedimas  
de fur  
setora  
o sr. f  
com cri  
Distr  
dha. em  
sua pro  
am nach  
n'cipal  
ma. Ac  
le Suo  
cular d  
cunhad  
tomem  
e e se  
O de  
ine

si. Chegam-se a todo o instante, ex-  
pressivos telegrammas.

Recebi, também, uma bellissima  
carta de Menotti del Picchia, onde,  
entre outras CORROBORADAS afirmações  
o ilustre escriptor patriótico diz que  
"a bandeira do Brasil passou a ser,  
desde este momento, a bandeira do  
sigma".

**UM ESCLARECIMENTO SOBRE O  
NUMERO DE MILICIANOS**

Encerrando sua entrevista o Chefe  
Nacional do Integralismo, traz, por  
nome intermedio, uma rectificação e  
noticias referente ao numero de mi-  
licianos. Esse numero é, approxima-  
damente, de 7 mil, tomando-se como  
base para esse calculo a distancia que

o  
s  
s  
li  
le  
a  
o  
o  
d  
n  
e  
n  
p  
e

social.  
culia b  
arum e  
estada  
stante,  
veram e  
QUERAS  
JORNAL

uma pa  
que

**Si Miguel Reale,<sup>o</sup> por exercer cargo  
publico, retratou-se, porque o não  
há de fazer o diretor de "A Noite"  
de (S. Paulo,) jornal do Governo, de-  
pois de ter sido colaborador de "IL  
FANFULLA" e autor de "A CRISE DA DE-  
MOCRACIA? A Lei é para todos...**

o do partido despatchantes e seus preparatos sua sua. (uma de aban  
sco e Brasil. Valham junto de credenciais de livro. Funções e

24K	2	1
-----	---	---

Ilustração Nº 1 – Foto de recorte de jornal com trecho de entrevista de Plínio Salgado citando o escritor Menotti del Picchia. 24-K-1. Microfilme.

Salgado declarou na entrevista: “*Recebi também uma belíssima carta de Menotti Del Picchia, onde, entre outras comoventes afirmações o ilustre escritor patricio diz que ‘a bandeira do Brasil passou a ser, desde este momento, a bandeira do sigma’.*”<sup>30</sup> Este trecho da entrevista está assinalado, bem como o nome de Menotti sublinhado.

Este excerto, na verdade, está na foto de um recorte de jornal que foi encontrada por um investigador numa agência lotérica no centro da capital paulista. Na parte de cima da foto, está escrito à máquina: “*Quem é o sr. Menotti Del Picchia? Fale o ex-chefe nacional...*” Mais abaixo, porém, há uma outra mensagem, aparentemente escrita no mesmo momento, que o reconcilia com a ordem política estadonovista: “*Si Miguel Reale, por exercer cargo público, retratou-se, porque o não há de fazer o diretor de ‘A Noite’ de S. Paulo, jornal do Governo, depois de ter sido colaborador de IL FANFULLA e autor de A CRISE DA DEMOCRACIA? A Lei é para todos...*”<sup>31</sup>.

A foto do recorte, supunha o agente, deveria servir para “*confeção de um cliché tipográfico*”, isto é, para a produção de um jornal. As anotações datilografadas em torno do trecho da entrevista de Plínio parecem sustentar uma defesa de Menotti pelas suas ligações passadas com integralistas e fascistas. Ou seja, se o integralista Reale foi acolhido pelo Estado Novo, por que não o suposto integralista/fascista Del Picchia, que, aliás, naquele momento dirigia um jornal ostensivamente governista (*A Noite*)?

O segundo setor mais numeroso é o B, com 29 dossiês, referentes a funcionários de empresas privadas. Entre os militantes integralistas mais importantes do mesmo estão Abdias do Nascimento (24-B-24), que foi mais tarde criador do Teatro Experimental do Negro (TEN)<sup>32</sup>, Ruy de Arruda Camargo (24-B-26), *attaché* do

---

<sup>30</sup> “Fotografia de um recorte de jornal”. Comunicado pelo setor S-1 dirigido ao Chefe do SS. São Paulo, 30/03/1944, 24-K-2-1. Observação: as transcrições dos documentos foram fieis aos originais. A expressão [*sic*] é utilizada quando a palavra foi visivelmente escrita de forma incorreta no original, ou quando o texto soa incompreensível ou cujo significado foi considerado estranho em demasia por este autor.

<sup>31</sup> *Id.* Sobre a amizade entre Salgado e Menotti, ver BRANDI (2009a) e Bertonha (2013). Para um tom memorialístico, ver a biografia de Salgado escrita por sua filha em LOUREIRO (2001). *Il Fanfulla* foi o mais importante jornal da comunidade italiana de São Paulo. Fundado em 1893, a partir dos anos 20, foi se tornando parte da imprensa de caráter fascista, que era financiada pelo governo italiano. Manteve-se alinhado ao regime italiano até a intervenção do governo brasileiro em 1942 (BERTONHA, 2001: 138 – 140). *A Crise da Democracia* é o título de um livro escrito por Menotti no início da década de 1930 (DEL PICCHIA: 1931).

<sup>32</sup> Projeto teatral concebido por Abdias do Nascimento em 1944, e que visava a inclusão da cultura negra brasileira bem como de negros como atores no teatro brasileiro. Ao assistir em 1941 a encenação da peça *Imperador Jones*, de Eugene O’Neill – cujo protagonista negro era encenado por um branco pintado – em Lima, Peru, Nascimento foi tomado por “interrogações”: “*Por que um branco brochado de negro? Pela*

gabinete do Chefe Nacional e responsável pelo jornal integralista *O Nacionalista*, de Araraquara, e Bento Luiz de Almeida Prado (24-B-14), membro da Câmara dos Quatrocentos.<sup>33</sup> Além disso, deve-se notar a presença do dossiê de Alberto Stein (24-B-10), ex-prefeito integralista de Blumenau (SC), ou seja, um investigado de fora de São Paulo.

Depois, em número de entradas, há os setores A (proprietários) e H (funcionários públicos), com 12 dossiês cada um. Entre os militantes integralistas de algum renome estão Antonio Pompeu de Camargo (24-A-8), ex-secretário de finanças da AIB e membro da Câmara dos Quatrocentos, Bento Fontão Lippel (24-H-0), ex-prefeito de Presidente Prudente (SP)<sup>34</sup> e Mário Cabral Júnior (24-H-3), dirigente ferroviário da Estrada de Ferro Sorocabana.

Entre os setores menos representados de acordo com essa classificação, estão os estudantes (setor C), os proprietários de imóveis (F) e os religiosos (G), com um dossiê cada. Não deixa de ser surpreendente que o setor G seja tão pouco representativo entre os dossiês, pois havia grande número de religiosos, sobretudo da Igreja Católica, nas fileiras integralistas, inclusive bispos. Segundo Williams (1974), foi conveniente à hierarquia da Igreja Católica uma aliança cautelosa e a adesão dos clérigos ao integralismo nos anos 1930:

---

*inexistência de um intérprete dessa raça? Entretanto, lembrava que, em meu país, onde mais de vinte milhões de negros somavam a quase metade de sua população de sessenta milhões de habitantes, na época, jamais assistira a um espetáculo cujo papel principal tivesse sido representado por um artista da minha cor. Não seria, então, o Brasil, uma verdadeira democracia racial? Minhas indagações avançaram mais longe: na minha pátria, tão orgulhosa de haver resolvido exemplarmente a convivência entre pretos e brancos, deveria ser normal a presença do negro em cena, não só em papéis secundários e grotescos, conforme acontecia, mas encarnando qualquer personagem – Hamlet ou Antígona – desde que possuísse o talento requerido. Ocorria de fato o inverso: até mesmo um Imperador Jones, se levado aos palcos brasileiros, teria necessariamente o desempenho de um ator branco caiado de preto, a exemplo do que sucedia desde sempre com as encenações de Otelo.” (NASCIMENTO: 2004). Curiosamente, os atores do TEN – em grande medida amadores – tinham aulas de interpretação e alfabetização com o jornalista Ironildes Rodrigues, que foi crítico de cinema do jornal *A Marcha*, do PRP (ou seja, integralista), nos anos 50.*

<sup>33</sup> A Câmara dos Quatrocentos era uma instituição burocrática da AIB. Criada em junho de 1937, era formada por militantes indicados pelo “Supremo Conselho Integralista, pela Câmara dos Quarenta e pelas Chefias Provinciais”, e tinha a função de ser representativa da militância das províncias bem como das diversas profissões (“Resoluções da Chefia Nacional”, *Monitor Integralista*, Nº 20, Rio de Janeiro, 11/06/1937, p. 20).

<sup>34</sup> Sobre a curta gestão de Lippel em Presidente Prudente, ver: DOTTA (2010: 355-7).

Careful never to ally the Church formally to Integralism, the Brazilian hierarchy's cordiality toward the movement nonetheless served notice of its "supra-partisan" approval. As a result, large numbers of Brazil's Catholic intellectuals, militant laymen, priests, and bishops worked actively in the movement, often holding political offices (WILLIAMS : 1974, 433).

O religioso mais conhecido a militar nas hostes da AIB foi o então padre (mais tarde arcebispo de Olinda e Recife) Hélder Câmara<sup>35</sup>. O líder do laicato católico, Alceu Amoroso Lima (mais conhecido à época por seu pseudônimo, Tristão de Athaíde), apesar de não ter sido integralista, chegou a incentivar a entrada dos católicos no integralismo<sup>36</sup>. Provavelmente, a explicação mais plausível para essa ausência de religiosos integralistas nos dossiês é que – apesar do grande número de sacerdotes a ter militado e/ou simpatizado com o integralismo nos seus anos de legalidade - a Igreja de uma forma geral acolheu de bom grado o advento do Estado Novo, já que ambos tinham um inimigo comum: o medo do comunismo<sup>37</sup>.

No caso estudantil, também surpreende, num primeiro momento, a virtual ausência de dossiês, pois havia um grande número de estudantes universitários nas fileiras verdes, sobretudo das faculdades de direito. Miguel Reale, Loureiro Junior,

---

<sup>35</sup> Depoimento da historiadora Giselda Brito Silva, que entrevistou o então Arcebispo de Olinda e Recife, em 1994: “Veja, em minha entrevista com o Helder Câmara, ele disse: ‘Minha filha, eu fui integralista na época de juventude e por conta das ideias daquele momento, principalmente, o nacionalismo. Havia também o anticomunismo da Igreja. Mas, não gostaria de rememorar aquele momento, que considero uma coisa de juventude e que guardo como algo doloroso. Você pode pesquisar sobre minha participação nos documentos do DOPS e nos jornais’. Foi o que fiz, li sobre ele nos jornais, o Jornal Pequeno é um deles. Quando ele vinha para comícios públicos na Praça da Igreja da Torre, por exemplo, as pessoas logo aderiam ao movimento. Entrevistei uma pessoa, Sr. Fernando que também disse que foi integralista por conta das discussões de Padre Helder Câmara” (depoimento de Giselda Brito Silva, por e-mail, 17/02/2014). De fato, Câmara escrevia com certa frequência na imprensa integralista. Um de seus artigos dos anos 30 foi reeditado na *Enciclopédia do Integralismo*, nos anos 50. Ver: CAMARA (s/d). A *Enciclopédia* foi publicada entre 1957 e 1961.

<sup>36</sup> Ver o artigo “Catolicismo e Integralismo”, que Lima escreveu para a revista católica *A Ordem*, e mais tarde publicou numa coletânea em LIMA (1936: 187-220). Os integralistas fizeram amplo uso desse texto de Lima, como forma de convencer os católicos a aderirem ao integralismo. O escritor Gerardo Mello Mourão declarou que entrou na AIB por sugestão de Lima. Ver seu depoimento – um tanto apaixonado – no documentário *Soldado de Deus* (Sérgio Sanz, 2004).

<sup>37</sup> Outro importante líder do laicato católico, o jornalista e então deputado federal Plínio Correa de Oliveira saudou a chegada do Estado Novo, não sem certo alívio. Escreveu ele em editorial do jornal oficioso da Arquidiocese de São Paulo, *O Legionário*: “Dentro desta linha de conduta exclusiva e rigorosamente católica, dentro deste absoluto alheamento de qualquer solidariedade meramente humana, ligados apenas à Santa Igreja Católica, **outra coisa não temos a fazer senão constatar o desaparecimento de um estado de coisas cujos defeitos mais de uma vez apontamos, e dispormos a trabalhar dentro da ordem e dos quadros institucionais recentemente estabelecidos, pelo único ideal que até aqui nos tem animado, que é o apostolado católico**” (OLIVEIRA, 1937, grifo nosso). Oliveira ficou mais conhecido anos depois, quando criou a Sociedade em Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), organização notória pelo seu anticomunismo, em 1960.

Angelo Simões de Arruda, Goffredo Silva Telles Jr. dentre outros, eram estudantes quando vestiram a camisa verde. Havia um jornal integralista editado no Largo São Francisco, em São Paulo, *O Integralista*<sup>38</sup>. E a Faculdade de Direito do Recife foi um pólo divulgador das ideias integralistas no Nordeste, lançando, no mês seguinte à criação oficial da AIB, um documento de apoio ao Manifesto de Outubro<sup>39</sup>. Contudo, acreditamos que isso não se deu no período do Estado Novo, por um motivo bem óbvio: os que eram estudantes do tempo da AIB já estavam todos formados. E a única resistência estudantil digna de registro na ditadura de Vargas provinda das arcadas foi a de grupos liberais (berço da futura UDN; DULLES: 1984).

Continuemos a discorrer sobre os outros setores. O setor D, sobre militares, possui nove dossiês. Um dos mais curiosos é o 24-D-0, referente a vários oficiais que eram integralistas convictos. É curioso que na historiografia sobre o integralismo, raras são as análises, embora vários os indícios, da presença integralista nos meios militares, inclusive nas Forças Públicas (FP) estaduais (atuais Polícias Militares).

Já no início dos anos 70, Héglio Trindade apontava a necessidade – e a dificuldade - de se estudar as relações entre a AIB e as Forças Armadas, pois:

Os testemunhos e documentos revelam que não era pequeno o número de militares integralistas. (...) Entretanto, a forma de recrutamento dos oficiais não era sempre pública, porque, em função de sua condição profissional, eles eram dispensados do juramento ao Chefe Nacional e, em consequência, organizavam-se separadamente, nas casernas ou nos navios de guerra. (TRINDADE: 1979, 3).

Um relatório do Serviço Secreto indica, em 1942, a presença de mais de dez oficiais da Força Pública de São Paulo – inclusive uma mulher – que foram denunciadas como não apenas simpatizantes, mas como propagandistas do integralismo naquela força. O mais notável é a conclusão do relator:

---

<sup>38</sup> Criado em dezembro de 1932, foi o primeiro jornal integralista. Tinha periodicidade irregular. Sobre o jornal *O Integralista*, ver CARNEIRO & KOSSOY (2004: 190-194); sobre a imprensa integralista em São Paulo, V. DOTTA (2010: 358-362).

<sup>39</sup> O Manifesto de Recife foi publicado no *Diário de Pernambuco*, em 24/11/1932. O texto foi assinado pelos estudantes Otto Guerra, Andrade Lima Filho, Américo de Oliveira Costa, João Roma, Álvaro Lins e José Carlos Dias da Silva. Lima, Lins e Dias tiveram grande importância no cenário integralista pernambucano. Álvaro Lins foi, nos anos 50 e 60, um dos principais intelectuais do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). Para o texto completo do Manifesto, ver: “O Manifesto de Recife” ([1957]: 13-19).

Pedimos vênia ao Dr. Delegado Especializado de Ordem Política e Social, para lembrar a inconveniência de serem as investigações em torno dos elementos acima citados, feitas por esta Delegacia, pois se trata de oficiais da Força Policial do Estado e muito difícil se torna a aproximação de um investigador afim de proceder a uma perfeita investigação, mesmo porque é bastante fácil causar um choque entre os militares e a polícia civil. (...) Não é desconhecido de nenhum policial que os elementos acima mencionados são de fato pelo integralismo, mas para se conseguir qualquer prova a respeito, creio que será inútil tentar, pois nem todos se querem envolver em questões políticas, muito menos quando se trata de militares de patentes elevadas como os acusados em apreço.<sup>40</sup>

Ou seja, era de conhecimento das autoridades e dos soldados, que vários oficiais da Força Pública paulista eram militantes integralistas, muito depois de a AIB ser considerada ilegal, e inclusive depois de o Brasil declarar guerra ao Eixo. Apesar disso, o agente não recomenda uma investigação mais detalhada para não causar conflitos com essas autoridades que, deduzimos, tinham um poder considerável. De fato, na pasta não há documentos que indiquem que as investigações tenham prosseguido.

No que tange ao setor I, reservado a “*negociantes e a pessoas que vivem de renda*”, existem apenas dois dossiês. Um deles é referente a Sérgio da Costa Miranda, proprietário da Fazenda Cruzeiro do Sul, em Buri – SP. Numa exposição de animais em Itapetininga, investigadores flagraram três bois marcados com suásticas. Ao que parece, eles – bem como o delegado - ficaram satisfeitos com a resposta do condutor dos bois, que disse simplesmente que essa marca não era usada mais desde 1939. Recentemente, foi defendida uma tese que indica que Miranda não apenas marcava seu gado com o símbolo nazista, como também escravizava crianças negras como uma prática de imposição de suposta inferioridade racial às mesmas (AGUILAR FILHO: 2011). Nada disso, aparece, porém, no dossiê reservado ao assunto, o de código 24-I-2, o qual possui apenas quatro folhas.

O setor J possui três dossiês formados por associações. O dossiê 24-J-0 contém apenas um protocolo de uma folha sobre as atividades da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, no Rio de Janeiro, em 1941, a qual visaria a “*propaganda verde*”. Embora o documento tenha sido redigido em São Paulo, não há referências de atividades da

---

<sup>40</sup> “DENUNCIA: Foi apresentada denúncia contra vários oficiais reformados de serem integralistas e fazerem propaganda desse credo”. Relatório assinado por Arthur Reis Machado, encarregado da Turma “B”. São Paulo, 29/09/1942, arquivado em 20/7/1945, 24-D-0-11.

entidade neste Estado.<sup>41</sup> A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa foi, segundo Gustavo Felipe Miranda, provavelmente a principal associação formada por integralistas durante o Estado Novo no Rio de Janeiro (MIRANDA, 2010: 254). De acordo com o Delegado da DESPS (Delegacia Especial de Segurança Política e Social), do Rio de Janeiro:

A fim de dar maior incremento a propaganda partidária e criar um organismo de direção, que disfarçadamente, representasse o partido e como tal pudesse surgir a qualquer momento, foi criada a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, dirigida pelo capitão reformado, Jaime Ferreira da Silva, auxiliado por um numeroso número de companheiros. [...] A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa é, pois, a mais alta expressão política do integralismo, aqui no Rio. É uma espécie de Estado Maior partidário órgão consultivo e executivo do chefe provincial Raimundo Padilha que, por intermédio do Cap. Jaime Ferreira, maneja a massa integralista aderente e a mantém unida e obediente.<sup>42</sup>

O dossiê mais importante desse setor, e um dos mais importantes de toda a subfamília, porém, é o 24-J-2, referente ao Partido de Representação Popular, composto de quatro pastas, o qual será analisado no segundo capítulo da tese. O dossiê possui jornais, panfletos, documentos partidários diversos, além dos relatórios produzidos pelo DOPS. A polícia política observou reuniões partidárias, congressos dos estudantes vinculados ao partido, comícios, listas de candidatos etc.

E por fim, o setor Z, que reúne investigações sobre pessoas e associações que não se enquadrariam em nenhuma das outras letras. São nove dossiês. Num deles, está o dossiê mais volumoso da subfamília, com seis pastas com as atividades relacionadas à Ação Integralista Brasileira, inclusive algumas do período de sua legalidade (o documento mais antigo são algumas páginas de jornal de 1934), em vários pontos do Estado (24-Z-5). O dossiê conta ainda com listas de endereços e dados pessoais de militantes. Neste, mais exatamente em sua pasta 4, também contém material sobre o PRP.

Outro dossiê importante desse setor é o referente a Miguel Reale (24-Z-3), que foi Secretário Nacional de Doutrina da AIB, e um de seus principais teóricos. É o segundo dossiê pessoal mais volumoso, depois apenas do de Plínio Salgado. É curioso

---

<sup>41</sup> “ASSUNTO: Atividades integralistas (Rio de Janeiro)”. São Paulo, 13/9/1941, 24-J-0-1.

<sup>42</sup> Relatório do Cap. Delegado Felisberto Batista ao Major Chefe da Polícia datado de 28/12/1940. Pasta 7, série: Integralismo, fundo Polícia Política, APERJ. Citado em MIRANDA (2010: 254).

que o dossiê sobre Reale não tenha sido enquadrado no setor C (que inclui também intelectuais) ou no K (profissionais liberais: Reale era advogado). De qualquer modo, a documentação aí contida vai até 1959, período que Reale já estava afastado do integralismo. Outro líder da AIB desse setor é Nestor Contreiras Rodrigues, que foi chefe provincial e um dos fundadores do integralismo no Rio Grande do Sul (24-Z-6).

Na estrutura desse código alfanumérico (número-letra-número), há ainda um quarto número (por exemplo, 24-Z-6-1, 24-Z-6-2 etc.). Este item indica a localização do documento, normalmente uma folha de relatório. Eventualmente, embora pouco comum, é ainda posposto a esse número uma outra letra, indicando partes do documento: geralmente, folhas de um mesmo relatório: 24-Z-5-368, 24-Z-5-368-A, e assim por diante.

Contudo, ao longo da pesquisa, verificamos a importância de se investigar para além da subfamília 24, já que, graças aos catálogos desenvolvidos pelo projeto “Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro”<sup>43</sup>, verificamos possuir documentos importantes em outras famílias e subfamílias dos dossiês como é o caso da família 50. Isso fez com que a amplitude temporal dessa investigação chegasse ao ano de 1981. O acréscimo em quantidade de documentos não é muito grande, mas os documentos são significativos, sobretudo, pela maior extensão temporal do objeto de estudo.

Imbuídos no oxigênio cultural do seu tempo, os policiais produziram registros que estavam repletos de representações referentes ao grupo político aqui analisado. Para que vigiassem esses “*elementos verdes*”<sup>44</sup>, os investigadores do DOPS vivenciavam uma materialidade criadora de sentido que, ao se projetar sobre o objeto *integralistas* era ressignificado de acordo com essa materialidade. O integralista era, para a polícia, necessariamente “perigoso”, “existista”, “traidor da Pátria”, “agente de Hitler”, “quinta-coluna”, “conspirador” e termos congêneres, todas as representações necessariamente negativas que ajudavam a compor a imagem subversiva do grupo<sup>45</sup>. Contudo, conforme a situação política, com a qual a polícia se relaciona, essas representações tendem a se

---

<sup>43</sup> Constantes de AQUINO, MATTOS & BLASSIOLI (2002a); AQUINO, MATTOS, SWENSSON & MORAES (2002b); AQUINO, MATTOS, SWENSSON & LONGHI (2002) e AQUINO, MATTOS, SWENSSON & LEISTER FILHO (2002), respectivamente os volumes 2, 3, 4 e 5 da coleção.

<sup>44</sup> Termo usado, por exemplo, em 24-Z-5-341 e 24-Z-5-352 (pasta 2).

<sup>45</sup> Por exemplo, em 24-D-4 e 24-Z-5 (pasta 1).

modificar. É o caso do PRP no pós-guerra, em que o militante do integralismo em sua nova fase terá outra significação, mais “palatável” para a polícia. As representações do integralista criadas pela polícia mostram uma circulação de saberes, crenças e ideologias. Eram valores imbuídos pelo órgão repressor, os quais eram vigentes em práticas discursivas do governo varguista, e mesmo depois, no pós-guerra.

Podemos vislumbrar ainda como a polícia política se apropria da ideologia autoritária do Estado republicano brasileiro.

A influência da ideologia política [no aparato policial] foi fundamental, porém as instituições estatais criaram uma forma própria de conviver com as idéias provenientes do Estado, adaptando-as à realidade vivida. A polícia, como mantenedora da ordem pública, agirá a partir de uma constelação de idéias, dentre eles está a consecução das leis, as diretrizes políticas do Estado, **a auto-manutenção da instituição e sua promoção**, entre outros (PEDROSO, 2005: 94, grifo meu).

Assim, o DOPS apesar de ser um aparelho do Estado, tem práticas próprias, e uma realidade própria que lhe fornece perspectivas outras (em geral, não estranhas) a do Estado ao qual serve. Cremos, pois, que quando essa polícia política, no contexto pós-45, permanece fichando – para nos limitarmos à nossa pesquisa – os integralistas; criando dossiês sobre o Partido de Representação Popular, ou sobre personalidades como Plínio Salgado ou Miguel Reale, que não apenas permaneciam como totalmente enquadrados dentro da ordem política pós-Estado Novo, como participaram institucionalmente dos sucessivos governos ou legislaturas do período 1945-1964 (e depois), o aparato policial age segundo uma prática sua, gerada em seu funcionamento intrínseco.<sup>46</sup>

Importante ainda é ter-se em vista a obra do filósofo francês Michel Foucault, que em seu livro *Vigiar e Punir*, desenvolve os conceitos do panoptismo e do exame,

---

<sup>46</sup> Lembro que Salgado (dossiê 24-K-12) e seu partido (24-J-2) apoiaram – com graus variados de adesão e participação – de TODOS os governos federais no período 1945-64. (CALIL, 2010). Reale (24-Z-3) foi figura importante do Partido Social Progressista (PSP), de Adhemar de Barros, que foi prefeito da capital paulista e governador de São Paulo, duas vezes nesse período (REALE, 1986). Os dossiês de ambos são os maiores da família 24, e a maior parte da produção policial nos dossiês citados é posterior a 1945, ou seja, num momento histórico em que o integralismo não era mais visto como “inimigo do Estado”.

que são de grande auxílio para a análise do aparelho repressor policial brasileiro. Sobre a polícia, diz o pensador francês:

Mas se a polícia como instituição foi realmente organizada sob a forma de um aparelho de Estado, e se foi mesmo diretamente ligada ao centro da soberania política, o tipo de poder que exerce, os mecanismos que põe em funcionamento e os elementos aos quais ela os aplica são específicos. É um aparelho que deve ser coextensivo ao corpo social inteiro, e não só pelos limites extremos que atinge, mas também pela minúcia dos detalhes que se encarrega. O poder policial deve-se exercer ‘sobre tudo’: não é entretanto a totalidade do Estado nem do reino como corpo visível e invisível do monarca; é a massa dos acontecimentos, das ações, dos comportamentos, das opiniões – ‘tudo o que acontece’; o objeto da polícia são essas ‘coisas de todo o instante’, essas ‘coisas à toa’ de que falava Catarina II em sua Grande Instrução. Com a polícia estamos no indefinido de um controle que procura idealmente atingir o grão mais elementar, o fenômeno mais passageiro do corpo social (...) (FOUCAULT, 1987: 187-8).

Encontramos várias situações nos relatórios policiais que poderíamos enquadrar “*essas coisas de todo o instante*”, ou “*à toa*”, a que se refere Foucault, como onde um determinado suspeito, andando pela rua, entrou para comer, onde se hospedou, com quem conversou e outras atividades aparentemente banais, tudo relatado por dois agentes policiais.<sup>47</sup>

Além desta, atentemos para outra obra do pensador francês, *A Ordem do Discurso*, em que ele afirma que existe no discurso, uma “*vontade de verdade*”. Ora, o discurso do DOPS aqui analisado, embora de consumo interno (isto é, geralmente apenas membros do aparato repressivo poderiam lê-lo), pretendia-se “verdadeiro”, um retrato – recortado, é certo - da sociedade paulista de então. Tal discurso se afirma científico e se ampara em leis – sobretudo as criadas *ad hoc* nos regimes de exceção – para impor suas ações<sup>48</sup>.

Uma referência importante no que tange ao autoritarismo é o clássico trabalho de Hannah Arendt, *As Origens do Totalitarismo*. Embora o conceito do totalitarismo seja restrito, e aplicado por Arendt somente à Alemanha nazista e à URSS de Stalin (o que exclui, portanto, a realidade brasileira), a obra oferece uma explicação sobre a

---

<sup>47</sup> Caso do padre integralista Clemente Antonio Bietmann, cujo relatório policial está em 24-G-1-7, registrado pelos informantes identificados como “Alfredo e Tobias”.

<sup>48</sup> FOUCAULT, 1996. Ver AQUINO, 2001: 37-109, para a legislação referente a toda a existência do DOPS.

polícia secreta naquelas sociedades que pode servir de comparação com o DOPS paulista, auxiliando-nos a delimitar as diferenças/semelhanças entre o nosso sistema autoritário e o chamado sistema totalitário. Por exemplo, podemos lembrar o conceito de “*inimigo objetivo*”, o qual, segundo Arendt , “*é definido pela política de governo e não por demonstrar o desejo de derrubar o sistema*”. Tal inimigo seria um “*portador de tendências*” (isto é, de ideologias) “*como o portador de uma doença*” (ARENDR, 1978: 528). O integralista, ou suspeito de integralismo, enquadrar-se-ia, pois, na categoria de “*inimigo objetivo*”.

O conceito de “*inimigo objetivo*” arendtiano pode dialogar com o conceito da “*lógica da suspeição*”. Tal conceito, elaborado por pesquisadores vinculados ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (e depois utilizado por pesquisadores de várias partes do país), indica o modo de pensar e agir da polícia política na vigilância e controle dos indivíduos, vistos como potenciais inimigos da sociedade e do regime.

A questão da suspeição é uma das características nitidamente perceptíveis na documentação produzida pela Polícia Política nos anos 30 e 40. Grande parte do trabalho dos agentes policiais sustentava-se na prática da desconfiança e da suspeita. Observação e vigilância eram atitudes comuns no dia-a-dia dos investigadores, membros do “SS” [Serviço Secreto]. Bastava uma simples denúncia ou leve suspeita (não necessariamente fundamentadas), para que os agentes do controle social, que se consideravam representantes da manutenção da ordem e da segurança pública, exercessem suas funções: perseguir, vigiar, incriminar o suspeito (PERAZZO, 1999: 147).

Creio, contudo, que essa lógica da suspeição não se limita aos anos 30 e 40, quando o suspeito de integralismo era visto como um inimigo real. Ela continua posteriormente, nos anos 50 e 60, quando as manifestações de integralistas (e de outros grupos não comunistas), continuam sendo vigiadas. A polícia via como sua função continuar acumulando informações sobre a sociedade em todas as suas manifestações, como que se prevenindo para uma possibilidade que tal ou qual grupo pudesse, subitamente, se voltar contra o Estado.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Ao analisarmos os catálogos dos dossiês organizados pelo projeto “Mapeamento e Sistematização do Acervo DEOPS/SP: Série Dossiês (1940-1983)”, verificamos que TODOS os partidos políticos do período 1945-1964 possuem dossiês extensos com informações a seu respeito (concentrados nas

Por fim, cabe dizer que a despeito dos pensadores aqui aplicados serem de diferentes escolas, acredito que a adoção deles neste trabalho está longe de ser contraditória. Tanto Foucault - que iniciou seus estudos dentro dos pressupostos marxistas, abandonando-os completamente depois - como Arendt - que sempre foi crítica ao marxismo e, por isso tida por muitos como “liberal” - têm sido fundamentais e amplamente utilizados para se pensar a máquina do autoritarismo e seus instrumentos de repressão do século XX. Tal pode se dizer também do conceito de “lógica da suspeição”.

O objetivo central desta pesquisa é analisar como o integralismo foi investigado pela polícia política paulista, entre 1938 e 1981. Pretendo desenvolver as seguintes hipóteses, cruzando a cronologia do movimento integralista com a da série Dossiês:

a) durante o Estado Novo foi elaborada uma visão de que os integralistas eram, por um lado, conspiradores contra o regime, inimigos da ordem, extremistas - imagem esta vinculada à tentativa integralista de tomada violenta do poder ocorrida em março e maio de 1938, conhecida como “Intentona Integralista”, a qual se seguiu considerável perseguição policial em todo o país - e, por outro lado, como quinta-colunas, “traidores da Pátria”, “agentes de Hitler” no Brasil - já que durante o seu período de legalidade, antes da guerra, a AIB fazia uma não desprezível campanha favorável aos regimes fascistas europeus. Até que ponto isso influenciou o DOPS, e até que ponto esses fatos se confirmam - ou não - através da documentação, são minhas indagações iniciais;

b) qual foi, entre 1945 e 1964 - com o fim da guerra, a queda do Estado Novo e a reorganização dos integralistas em torno do Partido de Representação Popular (PRP) - a visão que o DOPS fez dos seguidores de Plínio<sup>50</sup>, considerando-se que, com a nova realidade da Guerra Fria, em que o inimigo público número um era o comunismo,

---

subfamílias 20 e 21), assim como vários políticos não-comunistas como Adhemar de Barros, Armando de Salles Oliveira e Jânio Quadros (AQUINO, 2002: 159-209).

<sup>50</sup> Na grande maioria das vezes, a sigla PRP se refere ao Partido de Representação Popular; quando ela se referir ao Partido Republicano Paulista, isso estará explicitado no texto. Não se deve perder de vista que as épocas de vigência dos dois partidos não coincidem: o Partido Republicano Paulista é extinto em 1937; o Partido de Representação Popular, de abrangência nacional, é fundado em 1945. Outra observação relevante é sobre os membros do PRP integralista: nos documentos partidários, e eventualmente pelos policiais, eles são chamados de “populistas”. Contudo, na maioria das vezes, faremos como Calil (2001: 22), que opta pelo termo “perrepistas”, para não se confundir com fenômeno político mais amplo, já consagrado por aquele conceito na historiografia.

ideologia vista como alvo a ser combatido também pelos integralistas, haveria algum tipo de visão positiva, ou complacente, do DOPS em relação ao PRP? Ou permaneceria uma desconfiança remanescente dos períodos anteriores?

c) No período pós-64, em que o PRP é extinto juntamente com os outros partidos políticos, e os integralistas entram na ARENA, partido de sustentação do regime militar, qual seria a visão do DOPS, visto através da série “Dossiês”, a respeito dos antigos seguidores do Sigma? A presença, nesse período, de documentos sobre o integralismo, embora em pequena quantidade, demonstraria apenas a “lógica da suspeição” típica dos órgãos de segurança, ou haveria outras razões?

Por conta disso, divido a tese nos seguintes capítulos:

Uma Introdução na qual abordo os trabalhos já existentes sobre o DOPS e sobre o integralismo, e quais os desafios historiográficos em analisar ambos os temas, além da descrição da documentação pesquisada.

A vigilância e ações policiais sobre os integralistas durante o período do Estado Novo (1937 – 1945) são os temas do primeiro capítulo. Nesse momento, os integralistas estavam na ilegalidade, seu “Chefe Nacional” Plínio Salgado estava no exílio em Portugal, e depois da entrada do Brasil na II Guerra Mundial (1942), foram vistos como suspeitos de quinta-colunismo, isto é, de simpatia ou até espionagem a favor dos países do Eixo.

O segundo capítulo aborda o período liberal-democrático da república brasileira, ou seja, o que vai de 1945 a 1964 – quando os integralistas se reuniram em torno do Partido de Representação Popular (PRP), participaram de eleições e alianças políticas com outros partidos, época que os “elementos verdes” continuaram a ser vigiados sistematicamente.

O terceiro trata do período seguinte, o regime militar, ao qual muitos dos adeptos de Salgado aderem, a começar do próprio. A documentação do DOPS relacionada aos suspeitos de integralismo vai até o ano de 1981, quando é criada uma instituição de memória, a “Casa de Plínio Salgado”, na capital paulista.

Por fim, nas Considerações finais, espero ter atingido um balanço das constâncias e diferenças da ação e vigilância da polícia política do Estado de São Paulo

em torno dos integralistas e dos suspeitos de serem seguidores dessa ideologia, ao longo de todas essas décadas. Nesse momento, tenho a intenção de estar apto a mostrar as relações entre essas duas concepções autoritárias da sociedade brasileira: a polícia política e o integralismo.

# CAPÍTULO 1 –

## OS INTEGRALISTAS NA MIRA DO ESTADO NOVO

*Numa bonita manhã de sol, um camponês simples que havia feito o juramento integralista fazia pouco tempo, levantou da cama, vestiu sua impecável camisa verde com o sigma no braço, estava se dirigindo ao núcleo local para encontrar com seus companheiros, quando de repente foi detido pelo delegado de polícia.*

*- Pare! Está preso!, disse o homem da lei.*

*- Mas o que foi que eu fiz?, perguntou, atônito, o militante.*

*- Então você não sabia que o Getúlio proibiu os partidos políticos, e que os integralistas não podem mais usar a camisa verde?, respondeu o policial.*

*Contrariado, o integralista pensou alto:*

*- Ué, o Chefe nos tinha dito que nós devíamos vestir a camisa verde para salvar o Brasil! E vamos salvar como, na cadeia?!<sup>51</sup>*

No dia 10 de novembro de 1937, os integralistas – sobretudo suas lideranças – viviam um momento estranho. Não sabiam ainda como avaliá-lo. Por um lado, encontravam-se no auge de seu poder, tendo tido até então um crescimento – tanto em número de adeptos, como em espaços político-sociais ocupados, apesar de alguns reveses locais – praticamente irrefreável, desde o seu surgimento no cenário político cinco anos antes. Por espaços sociais compreendemos, por exemplo, cargos políticos: haviam eleito dezenas de vereadores, vários prefeitos em diferentes estados, e tinham dois deputados estaduais, além de um deputado classista<sup>52</sup>; uma imprensa abrangente:

---

<sup>51</sup> Anedota contada pelo editor integralista Gumercindo Rocha Dórea (1924- ) a este pesquisador, em entrevista telefônica a 04/04/2016. Segundo ele, quem lhe contou foi o ex-deputado federal do PRP pelo Espírito Santo, Oswaldo Zanello (1920-1999), que foi preso durante o Estado Novo. Dórea afirmou que o anedotário integralista era considerável e Zanello teria lhe contado várias, mas que infelizmente lembra-se apenas dessa.

<sup>52</sup> Os deputados estaduais eram João Carlos Fairbanks, em São Paulo, e Ubirajara Índio do Ceará, no Ceará. O deputado classista foi Machado Florence. Na Constituição de 1934, havia na Câmara Federal, além das bancadas estaduais, com representantes eleitos pelo voto direto, também a “bancada classista”, formada por 40 membros e composta por empregados e empregadores, de vários ramos profissionais,

três periódicos de alcance nacional (diário *A Offensiva*, revistas *Anauê* e *Panorama*) e um de alcance alegadamente supra-regional (o diário paulista *Acção*)<sup>53</sup>, além de diversos jornais locais; militantes que ocupavam posições de prestígio: como Gustavo Barroso, escritor membro da Academia Brasileira de Letras e diretor do Museu Histórico Nacional; e Mansueto Bernardi, diretor da Casa da Moeda; além da simpatia de vários militares do Exército e da Marinha. Os comunistas, seus principais adversários políticos, estavam completamente fora de combate. Em alguns estados onde eram os integralistas chegaram a ser abertamente perseguidos, como na Bahia e no Paraná, haviam recuperado seus direitos políticos.

Meses antes, Plínio Salgado, o “Chefe Nacional” da Ação Integralista Brasileira, havia lançado formalmente sua candidatura à Presidência da República para as eleições que se realizariam em 3 de janeiro de 1938, conforme estabelecia a Constituição de 1934. Na semana anterior, os integralistas fizeram um grande desfile na capital federal perante o presidente da República, aparentemente demonstrando grande poder numérico.

Contudo, nesse dia 10 de novembro, o presidente Getúlio Vargas fez um discurso transmitido nacionalmente pelo rádio cancelando as eleições gerais de 3 de janeiro e anunciando uma nova constituição, de caráter autoritário, convocando uma “união nacional” em torno de si. Era o golpe do Estado Novo. O que os integralistas deveriam esperar dele?

Durante o mês de novembro, havia uma sensação inicial de que o integralismo breve seria partícipe do poder (em suas memórias, Miguel Reale afirma que em algumas cidades, os prefeitos teriam chegado a se dispor a entregar o poder aos chefes integralistas locais; REALE: 1986, 122). Apesar da suspensão das eleições presidenciais, a AIB continuava a manter uma existência legal e sua imprensa continuava ativa. Contudo, neste mesmo momento, a polícia começa a ter carta branca

---

sendo eleita indiretamente, através dos sindicatos de categoria. Florence, jornalista, foi eleito como representante dos profissionais liberais. Ver: “Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934)”, in: *Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos*. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm). Acessado em 14/02/2014. Sobre a bancada classista, v. GOMES (1980).

<sup>53</sup> O jornal, dirigido por Miguel Reale, afirmava através de notas que o mesmo era lido também nos estados vizinhos. Sobre o *Acção*, ver: DOTTA (2003). Sobre a imprensa integralista de uma forma geral, ver CAVALARI (1999).

para perseguir os integralistas, bem como “estourar” e lacrar suas sedes, o que os mantém confusos. No dia 3 de dezembro, o novo governo baixa um decreto fechando formalmente todos os partidos políticos, e tolerando sua transformação em organizações culturais e/ou esportivas. Todo o aparato simbólico do integralismo é proibido. Salgado, tentando manobrar o cada vez mais reduzido espaço político de que dispõe, transforma a AIB em ABC – Associação Brasileira de Cultura - alegando que a mudança seria meramente de nomenclatura, pois o integralismo teria sido sempre um movimento “de caráter cultural”, mais do que político.

Porém, ao mesmo tempo em que as sedes da antiga AIB vão sendo fechadas pelos próprios integralistas, a polícia dos vários estados passa a prender militantes que se recusassem a obedecer as novas leis: assim, o uso público de uma camisa verde, a exibição de um sigma ou a pronúncia de um “anauê” eram motivo suficiente para a prisão de um antigo correligionário (SILVA: 1971, 15)<sup>54</sup>. Um jornal integralista de São Paulo registra um dos momentos em que uma de suas sedes é fechada voluntariamente pelos seguidores de Salgado, como o núcleo municipal de Araraquara (SP):

#### FECHAMENTO DA SEDE INTEGRALISTA

Como era de prever, o nosso Chefe Municipal, dr. Renato Bastos, efetuou o fechamento da sede do núcleo local, sem advertência da autoridade policial, afim de demonstrar que, ao contrário do que falam, os integralistas sabem acatar as ordens das autoridades constituídas e cumprem mesmo sem a interseção das mesmas.<sup>55</sup>

Ao longo dos primeiros meses de 1938, os integralistas passam por uma situação política indefinida. Legalmente funcionando através da ABC, com Plínio Salgado como seu presidente, apenas alguns dos jornais da outrora enorme rede de periódicos ainda circulam, sob pesada censura. Entre os jornais que continuam em circulação – apesar de completamente descaracterizados enquanto órgãos de divulgação política estão o paulistano *Acção*, *A Offensiva*, do Rio, o *Diário do Nordeste*, de Recife e o catarinense *Flamma Verde*.

---

<sup>54</sup> Um desses casos ocorreu em Barra Mansa, RJ: segundo Hélio Silva, foi preso todo “um grupo de integralistas por ter saudado o delegado local com um ‘anauê’”.

<sup>55</sup> “Notícias do interior”. *Acção*, 15/12/1937, p. 1, citado em DOTTA (2011).

Os integralistas não se contêm e resolvem partir para ação armada. Em 11 de março, há uma primeira tentativa de levante contra o Estado Novo promovida por alguns elementos vinculados à AIB, no Rio de Janeiro, com o conhecimento de Salgado e outros líderes. A ideia era tomar primeiro a capital e, bem sucedida esta ação, comandos seriam dados em outros estados para que o mesmo se sucedesse. Na capital federal, alguns militantes tentaram tomar o Edifício dos Correios e Telégrafos, as usinas geradoras de eletricidade, a Rádio Mayrink Veiga e a Escola Naval. Contudo, houve uma contra-ordem e os armamentos e militares capturados foram liberados. Seguiu-se uma série de prisões, embora a maioria dos capturados tenha sido solta alguns dias depois (MENANDRO, s/d).

Dois meses depois, no dia 11 de maio daquele ano, alguns integralistas mais exaltados (segundo alguns com o conhecimento de Salgado, o que ele negaria depois<sup>56</sup>) como Belmiro Valverde, aliados a outras personalidades descontentes com o Estado Novo (como Euclides Figueiredo e Otávio Mangabeira) tentaram uma quartelada contra Getúlio Vargas, invadindo o Palácio Guanabara, na então capital federal, residência oficial do presidente. O levante é rapidamente debelado, os integralistas aprisionados no jardim do palácio e alguns são fuzilados sumariamente. Segue-se uma razia generalizada em todo o país contra os integralistas, jogando-os nas prisões. A partir deste momento, e durante todo o Estado Novo, o integralismo passa a ser visto de modo semelhante ao comunismo, ou seja, como inimigo do Estado (MENANDRO, s/d; SILVA: 1971). Convenientemente, no plano do discurso, o estado autoritário varguista coloca-se como regime moderado dentro do espectro político, afastando-se e reprimindo os radicalismos de esquerda (o comunismo) e direita (o integralismo):

Assim como ontem, na defesa da integridade e da honra nacional, repelimos os extremistas da esquerda, enfrentamos, hoje, sem vacilações, os extremistas da direita.

---

<sup>56</sup> De acordo com a filha de Salgado, Plínio participava de negociações sobre um “*movimento armado a ser deflagrado posteriormente, em data e hora convenientes*”, mas “*no dia 10 de maio, Plínio [que estava em São Paulo] foi surpreendido com a notícia de que, no Rio de Janeiro, naquela mesma noite, seria desencadeado um movimento armado, chefiado por Belmiro Valverde e Severo Fournier. Plínio Salgado desesperou-se: não havia mais tempo hábil para impedir a concretização da desastrosa iniciativa, fadada ao insucesso, emitindo uma contra-ordem, pelo menos para os integralistas envolvidos*” (LOUREIRO, 2001: 242). Bertonha (2013: 194) acredita que Salgado de fato, não participou diretamente do levante de maio, pois seria “*coerente com sua psique e com a sua pouca disposição ao risco*”.

Ambos se equivalem nos seus meios e objetivos, e encontram igual repúdio na opinião pública.<sup>57</sup>

Quanto aos levantes integralistas, é interessante fazer uma ponderação com a documentação aqui analisada. Apesar de os documentos policiais mais antigos contidos na subfamília 24 serem de janeiro de 1938, é simplesmente surpreendente a quase total ausência de quaisquer tipos de documentos (produzidos ou apreendidos pelo DOPS) referentes à chamada “Intentona Integralista”. A documentação analisada permitiu chegar a algumas conclusões: a primeira, esta preocupação da polícia política pode estar dispersa nos prontuários, aos quais não me propus a analisar em sua totalidade, pois está além de minha proposta de trabalho<sup>58</sup>; segunda, a maior parte da documentação da subfamília 24 relativa ao período estadonovista, tende a se relacionar aos ecos da guerra no Brasil (suspeita de espionagem, propaganda do Eixo etc.); e terceira, toda a movimentação de importância em torno do levante integralista – tanto em março como em maio de 1938, apesar da previsão dos planejadores de que, com a queda da capital da República, seguir-se-iam levantes em várias outras capitais – parece ter se limitado ao Rio de Janeiro.

Depois disso, Salgado torna-se uma figura indesejável na “nova ordem” getuliana. Assim, ele é preso e enviado para o exílio em Portugal em maio de 1939. O (numa suprema ironia para Salgado, também chamado de) Estado Novo do primeiro-ministro António de Oliveira Salazar acolhe o líder integralista, que permanecerá em terras lusitanas até 1946. Ali suas atividades se limitaram a palestras e à publicação de livros e artigos, todas de caráter filosófico e religioso, mantendo-se longe da política. Segundo declarou após o exílio, esteve gravemente doente e passou por dificuldades financeiras até 1942, quando lança seu “magnum opus”, *A Vida de Jesus*.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> “A repulsa do paiz pelo atentado de 11 de maio”. Discurso de Getúlio Vargas em 13 de maio de 1938, na sequência do levante de maio (VARGAS, 1938: 211).

<sup>58</sup> Chegamos a analisar a relação dos prontuários referentes ao integralismo, e não há nenhum com o nome da intentona ou outro parecido (ao contrário do que aparece com outros eventos como a chamada “Batalha da Praça da Sé” (Prontuário N° 3209, “*Conflicto de 7 de Outubro de 1934*”), a tentativa de assassinato de Plínio Salgado na Avenida Paulista em plena campanha eleitoral para Presidência da República (Prontuário N° 81766, “*Ação Integralista Brasileira – Conflicto de Mil Novecentos e Trinta e Sete*”) etc.

<sup>59</sup> Segundo documentação do serviço secreto norte-americano e alemão, além do arquivo do Ministério das Relações Exteriores italiano, Salgado se encontrou entre 1941 e 1943 com emissários alemães e italianos, representantes dos respectivos governos, em Lisboa. V. HILTON (1984), SEITENFUS (2003) e

Porém, nem todos os líderes e ideólogos integralistas são perseguidos pelo Estado Novo. Gustavo Barroso, Chefe da Milícia e número 2 da AIB, era amigo pessoal de Vargas, e mantém seu cargo de diretor do Museu Histórico Nacional. Miguel Reale, Chefe de Doutrina e terceiro na linha de sucessão, apesar de preso logo após os incidentes de 1938, fica pouco tempo na cadeia. Em 1943, torna-se professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, logo após ter-se aproximado do ditador. Mais importante ainda, Reale passa a fazer parte do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público), órgão do Estado Novo<sup>60</sup>.

Para tomarmos conhecimento da atuação dos integralistas e ex-integralistas durante o período do Estado Novo, a documentação policial sobre este movimento mostrou-se fonte privilegiada. Neste capítulo, dedicado à ação do DOPS paulista em torno dos seguidores do Sigma durante o Estado Novo, veremos de que forma esta vigilância se desdobrou através de todo o Estado. O DOPS desenvolveu, a partir das delegacias de polícia municipais, uma “geopolítica da vigilância” não apenas em torno dos integralistas, mas de todos os partidos que funcionavam até o ano do golpe, além dos suspeitos de comunismo, preocupação constante da polícia política. Escolhemos os casos que consideramos mais emblemáticos de cidades de várias partes do Estado paulista. Importante também foi o questionamento que desenvolvi em torno de uma relação nominal de suspeitos de militância integralista em várias cidades paulistas, desenvolvidas pelo Departamento de Ordem Política e Social.

Em seguida, desenvolvemos uma tipologia dos casos mais frequentes de integralistas investigados, adotando o conceito – já utilizado por outros pesquisadores – de “categorias de suspeição”. Por fim, concluímos o capítulo com as análises de quinze casos mais representativos, incluindo as ações policiais em torno do antigo Chefe Nacional da AIB, Plínio Salgado.

---

BERTONHA (2013). Apesar das evidências, Salgado sempre negou tais contatos e, por conseguinte, toda a memória integralista no pós-guerra fez o mesmo (VICTOR: 2012).

<sup>60</sup> Ver Dossiê 24-Z-3.

## 1.1 - A geopolítica da vigilância do DOPS-SP sobre o mapa paulista

O termo “geopolítica” é mencionado pela primeira vez pelo cientista político sueco Rudolf Kjellén, em sua obra *O Estado como manifestação da vida*, publicada numa época muito propícia a esse tipo de pensamento: o ano era 1916, ou seja, em meio a Primeira Guerra Mundial. Kjellén, germanófilo e professor da Universidade de Uppsala, assim a define: “*Geopolítica é a ciência que concebe o Estado como um organismo geográfico ou como um fenômeno no espaço.*”<sup>61</sup>

No turbulento período que se seguiu àquela que ficou inicialmente conhecida como a Grande Guerra, de fortes disputas territoriais e por influência político-militar, a geopolítica ganhou notoriedade e atenção crescente de governos e chefes de Estado. O caso mais notório foi o do general Karl Haushofer, que foi conselheiro de Hitler, e fundador do Instituto de Geopolítica de Munique, o qual ditou a seguinte frase: “*A Geopolítica deve ser e será a consciência geográfica do Estado.*”<sup>62</sup>

As definições acima se referem à geopolítica como uma teoria e uma prática sobretudo militares e voltadas para o exterior. Mas os Estados também a utilizaram para controlar seu território interno e sua sociedade, suas ideias e comportamentos, que viam como ameaça à sua existência.

A Geopolítica, entretanto, não concerne unicamente à soberania dos Estados. Ela concerne aos direitos civis, às liberdades públicas: à vida dos homens e das mulheres que residem nos espaços delimitados pelas fronteiras. (...) Geopolítica interna: o território é do Estado, não dos cidadãos. (MAGNOLI, 1988: 21-22).

Esse foi o caso do Brasil também nesse período entre-guerras e depois, e o DOPS foi um dos principais representantes dessa prática geopolítica de controle social pelo Estado através do controle territorial. Ao analisar a documentação policial, notamos a necessidade do DOPS de conhecer com profundidade cada cidade do estado

---

<sup>61</sup> Citado em MAGNOLI (1988: 12).

<sup>62</sup> Id.

paulista. Uma das primeiras ações do DOPS estadual foi mapear as atividades políticas de dezenas de municípios do interior do estado. De acordo com uma historiadora que se debruçou sobre o controle geopolítico do interior do estado:

A geopolítica do controle policial visava construir uma teia de informações sobre as cidades, seus movimentos político-sociais e o perfil dos seus cidadãos. Ao vigiar o espaço físico e reprimir as ideias sediciosas, a polícia paulista demonstrava acreditar na potencialidade sediciosa de certas cidades do interior, principalmente daquelas que estavam na rota dos sistemas ferroviário e/ou rodoviário (BRUSANTIN, 2003: 25).

Os documentos mais antigos da série “Dossiês” no que tange à família 24 são respostas das delegacias da grande maioria (senão todas) das cidades do estado de São Paulo, referentes à situação das forças políticas municipais nos primeiros meses de 1938, ou seja, logo após a decretação do Estado Novo e a subsequente proibição dos partidos políticos até então existentes e legais.

Tal iniciativa era vista como necessária, pois estavam marcadas eleições presidenciais e para outros cargos para janeiro de 1938. Ou seja, ao longo do ano anterior houvera uma campanha eleitoral que mobilizara fortemente os partidos políticos. O golpe do Estado Novo abortou esse processo. Cabia, pois, verificar se essas forças políticas - em cada um dos microcosmos que são as cidades paulistas - estavam frustradas com a situação e se estavam se movimentando para recuperar os seus antigos direitos. E, em caso positivo, o quanto. Verificar-se-ia, assim, o potencial “sedicioso” de cada cidade.

Importante ainda é ressaltar que como parte dessa estratégia geopolítica, está a divisão do mapa paulista em delegacias regionais, às quais as delegacias locais estavam subordinadas. *“Agindo em conjunto com as regionais, a polícia estadual garantia a geopolítica do controle insistindo na necessidade da coesão territorial nacional coordenada por um poder central fortificado”* (BRUSANTIN, 2003: 22). Assim, a comunicação do delegado local com o DOPS na capital era intermediada pelo delegado regional. Brusantin localizou entre as delegacias regionais as de Santos, Campinas,

Sorocaba, Itapetininga, Botucatu, Casa Branca, Bauru, Araraquara, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Penápolis e Guaratinguetá<sup>63</sup>.

As delegacias de polícia do interior paulista, através da “Circular Nº 1”, eram questionadas como estavam se comportando basicamente cinco agrupamentos políticos: o Partido Constitucionalista (PC), partido da situação no Estado até pouco antes, ao qual pertenceu o ex-governador e ex-candidato à Presidência da República nas frustradas eleições de 1938, Armando de Salles Oliveira, e do então governador Cardoso de Mello Neto; o Partido Republicano Paulista (PRP), que durante décadas dominou a política estadual e nacional, foi derrubado pela Revolução de 1930 e até pouco antes do Estado Novo era a força oposicionista mais importante do Estado paulista; as dissidências dos partidos acima citados (vários municípios tinham um partido dissidente local da oligarquia); os comunistas (que não se resumiam a ex-membros do PCB – de resto totalmente desarticulado - mas também contavam com trotskistas e outros); e a AIB.<sup>64</sup>

Os formatos das respostas variavam de cidade para cidade. Mas no geral, os delegados – que assinavam os documentos – relatavam primeiramente a situação geral do município, se estava calmo ou se ocorria algum tipo de contratempo; a posição de cada um dos partidos em relação à nova ordem política; e uma lista com os principais nomes de cada partido. Eventualmente, cada um, ou apenas alguns dos indivíduos citados tinham suas atuações explicitadas, conforme fosse o caso: se tinham tido algum cargo político (prefeito, vereador), cargo dentro do partido, profissão, endereço e outras informações.

Na grande maioria dos casos, os políticos pertencentes aos partidos oligárquicos PC e PRP, que em geral eram fazendeiros, advogados, e que, na grande maioria dos casos, não haviam perdido as posições influentes na cidade, aceitavam bem a nova ordem política, não causando maiores preocupações à polícia. É importante lembrar ainda que o Partido Republicano Paulista apoiou a decretação do Estado Novo.

---

<sup>63</sup> Contudo, ao longo desta pesquisa, localizei outras, como a de Rancharia e Itararé.

<sup>64</sup> A “Circular Nº 1” foi citada em vários relatórios, mas não foi encontrada cópia dela em nenhum dos dossiês analisados. Em Altinópolis, registrou-se a presença do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Relatório do Delegado de Polícia de Altinópolis, André Garcia de Figueiredo, ao Delegado de Ordem Política e Social. Ofício nº 237, de 14/11/1941. 24-Z-5-634. Em Ariranha, foi anotada a presença de uma pessoa ligada ao Partido Democrático; este não deve ser confundido com seu homônimo existente entre 1926 e 1934, antecessor do Partido Constitucionalista. Cf. Relatório da Delegacia de Polícia de Ariranha (não assinado). Ariranha, 27/02/1938. 24-Z-5-768.

No caso das dissidências da oligarquia, só foram encontrados partidos denominados “Dissidência do PRP”, e apenas em algumas cidades, como Potirendaba, Apiaí, Itararé, Pirassununga e Mogi das Cruzes<sup>65</sup>. Em todos esses casos, há apenas a citação de alguns nomes. Em Cachoeira (atual Cachoeira Paulista), o delegado escreveu que “*esse partido foi organizado com elementos pertencentes ao P.C., houve portanto uma simulação para efeito politico apenas*”.<sup>66</sup>

Já os comunistas e suspeitos de serem comunistas estão ausentes na maioria das cidades interioranas, de acordo com os relatórios dos delegados locais. Afinal, a maioria deles havia sido presa e desmobilizada no período entre a tentativa de levante da ANL, em 1935, e a decretação do Estado Novo, em 1937<sup>67</sup>. Assim, afirma sucintamente o delegado de Potirendaba: “*Comunista não existe nesta cidade, nem ao menos que possa recahir suspeitas.*”<sup>68</sup>

Em outras localidades, porém, não parece ter havido qualquer penetração de esquerda ao longo de toda a década de 1930. Por exemplo, em Santa Rita do Passa Quatro, o responsável pela polícia da localidade se referia assim a tais militantes:

[...] tenho o prazer de informar a V. Excia. que, nesta localidade não existem partidários do comunismo, quer activos ou mesmo suspeitos; pois, durante os 14 longos anos, em

---

<sup>65</sup> “Relação dos Políticos que estiveram em maior evidencia nesta cidade, antes de 10 de Novembro de 1.937”. Relatório do Delegado de Polícia de Potirendaba, Nelson do Nascimento, 19/03/1938. 24-Z-5-640. Relatório do Delegado de Polícia de Apiaí, Gabriel Silvério Faro, ao Superintendente de Ordem Política e Social. Apiaí, 05/03/1938. 24-Z-5-633. Relatório do Delegado de Polícia de Itararé, Moysés Carlos dos Santos, ao Superintendente de Ordem Política e Social. Itararé, 25/03/1938. 24-Z-5-619. “Relação dos políticos mais em evidencia que fizeram parte dos partidos ora extintos.” Relatório do Delegado de Polícia de Pirassununga, Francisco da Cunha Nogueira ao Tenente Coronel Dulcídio Cardoso, Secretário de Segurança Pública. Pirassununga, 14/05/1938. 24-Z-5-620. “Relação dos políticos mais em evidencia dos extintos partidos Republicano Paulista, Constitucionalista e dissidência do primeiro, integralistas activos e comunistas suspeitos, do Municipio de Mogy das Cruzes”. Relatório do delegado de polícia de Mogi das Cruzes (assinatura ilegível). Mogi das Cruzes, 23/02/1938. 24-Z-5-612.

<sup>66</sup> Relatório do Delegado de Polícia de Cachoeira (assinatura ilegível) ao Superintendente de Ordem Política e Social. Cachoeira, 11/02/1938. 24-Z-5-631 e 632. Curiosamente, este é um dos raros relatórios manuscritos de delegacias do interior. Todos os demais são datilografados.

<sup>67</sup> BRUSANTIN, 2003: 34. Na sequência, a autora proclama: “*Durante o ano de 1943, quando o Brasil entrou na II Guerra Mundial ao lado dos Aliados, observamos que a atenção policial desviou-se em direção aos estrangeiros considerados “Súditos do Eixo”.* Sustento que no período intermediário de 1938 a 1943, predominou a investigação em torno dos integralistas.

<sup>68</sup> “Relação dos Políticos que estiveram em maior evidencia nesta cidade, antes de 10 de Novembro de 1.937”. *Citado.* 24-Z-5-640. Já em Mogi das Cruzes, foram listados suspeitos de serem comunistas. “Relação dos políticos mais em evidencia dos extintos partidos Republicano Paulista, Constitucionalista e dissidência do primeiro, integralistas activos e comunistas suspeitos, do Municipio de Mogy das Cruzes”. *Citado.* 24-Z-5-612.

que [me] encontro á testa, desta delegacia, nunca ouvi ninguém se manifestar, quer publicamente ou mesmo por suspeitas, sobre o credo vermelho.<sup>69</sup>

No que tange ao integralismo, as relações deste com a polícia já eram tensas em fins de 1937. De fato, um curioso ofício do núcleo integralista de Cândido Mota, enviado para a delegacia regional de Rancharia ainda em novembro de 1937, dez dias depois da proclamação do Estado Novo, demonstra claramente o limbo político-jurídico em que estavam os integralistas entre a promulgação da Constituição do novo regime e a prescrição dos partidos políticos em 3 de dezembro daquele ano. O documento demonstra tentativa de achaque por parte da autoridade policial, à qual o missivista - que assina como “*advogado-provisionado*”, sem indicar sua relação com a AIB - pede que pare de incorrer em “*erro*”, o que indica igualmente a tibieza política dos integralistas nesse momento:

Chegando ao nosso conhecimento que Vsa. inadvertidamente vem procurando crear embaraços ao Nucleo Integralista dessa localidade, exigindo do mesmo o pagamento de alvará de licença para o seu funcionamento bem como desejando proibir as suas sessões doutrinarias, cumpre-me, para esclarecer-lhe diser [sic] o seguinte:

1º Pela Constituição de 10 de Novembro de 1937, em seu artigo 122 n° 10, definiu clara e insophismavelmente o direito que possuem de reunião livre a todos, inclusive a Acção Integralista Brasileira.

2º A Acção Integralista Brasileira, como entidade civil, acha-se devidamente inscripta no Registro Geral de Titulos de São Paulo.

3º Á Acção Integralista Brasileira, movimento essencialmente brasileiro, que pugna em suas atividades cívicas, doutrinarias culturaes e esportivas, pelo soerguimento do principio de brasilidade, não póde ser por Vsa. taxado como Clube ou mero centro de diversões, para o efeito do alvará a que alludis.

Assim exposto e mostrado que elaboraes em erro, espero que o ilustre Patricio que detem um cargo publico, do qual emana-se um principio de autoridade, em nome desta, deixe em paz os Integralistas desse Nucleo, para que eles possam continuar a sua obra regeneradora, para o Bem do Brasil. Respeitosas saudações.<sup>70</sup>

Não há cópia de resposta junto à carta, o que indica que ela pode ter sido ignorada enquanto reclamação. Mas certamente serviu como medida do ânimo dos integralistas naquela localidade em relação às autoridades constituídas. Prova disso é

---

<sup>69</sup> Relatório reservado do Delegado de Policia de Santa Rita do Passa Quatro (assinatura ilegível) ao Superintendente de Ordem Política e Social, Venancio Ayres. Santa Rita do Passa Quatro, 14/02/1938. 24-Z-5-667. Grifo no original.

<sup>70</sup> Ofício do núcleo da AIB em Candido Mota enviado ao delegado de polícia de Rancharia. Assinado por Clovis de Camargo Jesus (?). Candido Mota, 20/11/1937. 24-Z-5-666. Grifos no original.

que ela enviada à sede do DOPS, na capital paulista, mantida nos arquivos desta e com várias anotações.<sup>71</sup>

Mas em alguns lugares, mesmo onde os integralistas estiveram em postos-chave da municipalidade, parece não ter havido maiores problemas na transição para o Estado Novo. Em Cravinhos, por exemplo, apesar de a cidade ter sido uma das duas únicas no estado a ter um prefeito integralista, a situação local era bem tranquila, segundo o delegado do município.

O que abunda são elementos sympathicos ao regimen [sic] integralista e ao fascismo italiano, os quaes, na sua maioria são filhos de italianos, mas que não oferecem o menor perigo á ordem publica. Os partidos politicos existentes nesta, que eram o P.C., o P.R.P. e a A.I.B. foram fechados dentro da maior ordem, sem o mínimo desrespeito á lei e a esta Delegacia, tendo sido tudo comunicado á Secretaria da Segurança Publica. A guisa de informação communico a V. Exa. que o actual prefeito do município, sr. PEDRO DE GASPERI, filho de comerciante e fazendeiro **italiano** [sic], éra o Chefe da A.I.B. local, e foi eleito Prefeito Municipal de acordo com a bancada municipal do P.C., que nas ultimas eleições empatou com o P.R.P. O ex-representante da A.I.B. na Assembléa Municipal é o Prof. do Gymnasio Municipal, Martinho Bizzuti, que muito antes do fechamento dos Partidos Politicos abandonou o cargo que ocupava na chefia do Partido. O sr. Pedro de Gásperi tem seguido, ao vêr desta Delegacia, orientação administrativa de acordo com o sr. Cel. João de Souza de Campos, ex-vereador e Presidente da Camara e do extinto Partido Constitucionalista.<sup>72</sup>

Em algumas cidades, o integralismo parece não ter exercido grande importância, mesmo durante sua existência legal. Depois de citar uma relação com sete nomes de militantes destacados na cidade, o delegado local de Santa Rita do Passa Quatro tratou sobre o passado político recente, ao se referir à atividade dos integralistas durante a campanha às eleições presidenciais, cujo candidato era Plínio Salgado: “[os integralistas] *apenas conseguiram um c[o]micio publico, durante a campanha presidencial, cujo orador veio de Descalvado, não tendo ninguém desta localidade,*

---

<sup>71</sup> Há uma inscrição de autoria do 1º suplente da delegacia, Antonio Barbeiro Sobrinho, no documento: “Archive-se”, com a data de 25 de novembro de 1937. Porém logo abaixo há outra inscrição manuscrita, de autoria do mesmo, dessa vez como delegado em exercício: “Junto ao officio nº 33”. A data de assinatura desta última é 11/02/1938, o que pode indicar que essa carta foi recuperada como possível informação sobre a situação dos integralistas daquela localidade.

<sup>72</sup> Relatório de Mário Ferreira da Candelária, Delegado de Polícia de Cravinhos, para o Superintendente da Ordem Política e Social, São Paulo. Cravinhos, 11/02/1938. 24-Z-5-648. Maiúsculas no original. Negrito meu. Não deixa de ser curiosa a completa despreocupação do delegado com elementos fascistas da cidade, em momento anterior a eclosão da guerra. Nesta ocasião, a lista de integralistas era de apenas dois: De Gasperi e Roberto Veltri, ex-redator do jornal local *O Cravinhense*. Três anos depois, o então delegado Jayme de Barros Campello, fez uma lista mais extensa, com 16 membros, o que denota um aumento na vigília em torno dos ex-camisas-verdes. Cf. “Relação dos integralistas residentes em Cravinhos: mais destacados”. Cravinhos, 12/02/1941. 24-Z-5-649.

*proferido discursos*”<sup>73</sup>, o que talvez fosse um indicativo de pouca relevância da AIB na localidade.

Já no relatório enviado a partir de Xiririca (atual cidade de Eldorado, no extremo sul do estado), onde não houve núcleo integralista, há uma relação de apenas três nomes como militantes locais do Sigma. Curiosamente, o principal articulador da fundação de um núcleo local da AIB – que não vingou - era um alemão não-naturalizado. Segundo o relatório policial, João Herbert Fritz Zapff conseguiu apenas um adepto, chamado Joaquim Maria Ruffo, o qual seria, na visão policial, um *“individuo sem compostura moral e alcoolista inveterado.”* O relatório ainda cita um simpatizante, Ondino José Dias, o qual teria chegado de Florianópolis cerca de seis meses antes, ou seja, já no final de 1937, tentando se estabelecer como alfaiate na cidade.<sup>74</sup> Não há referências há outros partidos no documento policial.

Na cidade de Tietê, ficou evidente um caso de racismo na relação dos suspeitos elaborada pela delegacia local. Após destacar três elementos da AIB pertencentes a camadas médias da população (incluindo um cirurgião dentista e o promotor público da comarca local), o relatório do delegado de Tietê diz que encontravam-se fichados *“cerca de 10 ou 12 homens de côr preta, jornaleiros e operários, que não merecem, entretanto, qualquer referencia especial, pois que constituem simples elementos isolados e sem qualquer convicção politica.”*<sup>75</sup> As pessoas não são nomeadas. Como o caso foi citado no mesmo item do relatório sobre o integralismo, não fica claro se esses operários negros fichados eram militantes integralistas (embora pouco entusiastas) ou se, de fato, não pertenciam a qualquer agremiação política. De todo modo, há indícios de racismo na ação policial.

Ao elaborar a sua lista de militantes e suspeitos de terem vestido a camisa verde (a qual consta dezena de nomes), a delegacia de São Bento do Sapucaí, terra natal de Plínio Salgado e Miguel Reale, fez uma relação nominal dividida nas seguintes categorias: “dirigentes” (indicando o chefe municipal, além dos cinco secretários locais

---

<sup>73</sup> Relatório do Delegado de Santa Rita do Passa Quatro (nome ilegível), para o Superintendente da Ordem Política e Social, São Paulo. Santa Rita do Passa Quatro, 14/02/1938. 24-Z-5-667.

<sup>74</sup> “Relação dos integralistas neste município de Xiririca”, assinado pelo delegado de polícia Belmiro Pontes. Xiririca, 03/03/1938. 24-Z-5-669.

<sup>75</sup> “Relação a que se refere a circular reservada dessa superintendência, sob Nº 1, de janeiro de 1938”. Relatório escrito por Sebastião Mario Ribeiro, delegado de polícia de Tietê. Tietê, 16/03/1938. 24-Z-5-686 e 687. Grifos meus.

da AIB), “integralistas” (sob essa rubrica, a relação mostra militantes masculinos sem cargos na estrutura partidária), “mulheres”, “simpatizantes”, “transferidos” (militantes que não se encontravam mais no município, com a respectiva localização para onde teriam partido), além de um na categoria “falecidos”.<sup>76</sup>

Com a primeira tentativa dos integralistas de derrubarem o governo Vargas, em 11 de março de 1938, na capital da República, apesar de completamente fracassada, ela foi responsável pela maior atenção das delegacias do interior junto aos ex-militantes do Sigma. Assim, de relatórios com poucos nomes entre janeiro e fevereiro, os comunicados de março possuem dezenas, às vezes centenas de nomes de suspeitos, pretensamente a totalidade dos integralistas de determinada cidade.

Para se ter uma ideia da desproporção da preocupação da polícia com os integralistas em relação a outros grupos – inclusive comunistas – veja-se o caso de Potirendaba, cuja delegacia divulgou uma extensa lista com 265 nomes de integralistas, com as respectivas profissões, encabeçada pelo antigo chefe municipal. Assim, no caso dos outros partidos, o delegado Nelson do Nascimento relacionou apenas os “*políticos que estiveram em maior evidência*”<sup>77</sup>: oito do PC (inclusive o prefeito da cidade), sete do PRP, bem como dois da dissidência do PRP. Não havia suspeitos de comunismo na cidade.

A delegacia de São Joaquim também enviou uma lista extensa com 115 nomes de militantes do núcleo municipal da AIB, seguindo-se amplas listas com membros de dois núcleos distritais e uma relação de 34 plinianos, também do núcleo municipal<sup>78</sup>. Dada a abrangência das listas, há grande probabilidade que os fichários dos núcleos tenham sido apreendidos pela polícia local, embora não haja nenhuma dessas fichas na documentação<sup>79</sup>. Cada uma das entradas continha filiação, naturalidade e data de nascimento. Na relação não constavam membros dos partidos oligárquicos (PC e PRP),

---

<sup>76</sup> “Acção Integralista Brasileira”. Relação realizada pela Delegacia de Polícia de São Bento do Sapucaí. Não-assinado, s/d. 24-Z-5-663 a 665.

<sup>77</sup> “Relação dos integralistas fichados no Nucleo de Potyrendaba (cópia)”, pelo delegado Nelson do Nascimento. Potirendaba, 19/03/1938, 24-Z-5-640 a 644.

<sup>78</sup> “Plinianos” eram os membros da juventude integralista, dos 4 aos 15 anos de idade (TRINDADE, 1979: 191). No caso da relação de Potirendaba, em alguns casos, há a indicação “pliniano” no lugar da profissão, indicando que o militante era menor de idade, e portanto, sem profissão (ou que esta não foi levada em conta). “Relação dos integralistas fichados no Nucleo de Potyrendaba”, citada.

<sup>79</sup> Ao contrário, por exemplo, das muitas fichas dos núcleos distritais integralistas da cidade do Rio de Janeiro, que podem ser consultadas na documentação do antigo DESPS, no Arquivo Público daquele estado.

e apenas uma menção ao “comunismo”, para declarar a inexistência de pessoas vinculadas “*a partidos congregados sob a Bandeira Vermelha*”.<sup>80</sup>

Em Sertãozinho foi feita uma extensa lista com os nomes de 107 militantes integralistas, que a delegacia local supunha ser a relação completa dos camisas-verdes daquela cidade. Vários nomes acompanhavam descrições que iam desde as profissões e endereços dos suspeitos até as opiniões dos policiais sobre os mesmos, o que permitia vislumbrar as preocupações da polícia, e sua visão de mundo muitas vezes preconceituosa.

Assim, o ex-vereador da cidade, Antonio Pascoal, foi considerado “*elemento fanático e perigoso*” e “*o cavalheiro [sic] de triste figura do P. [partido] Integralista*”<sup>81</sup>. O militante Anselmo Rossi, apontado como “*um dos chefes do espiritismo local, deixa perceber uma certa anomalia cerebral*” [sic]. Numa sociedade dominada pela religião católica, ser espírita era muitas vezes comparado com “adorador do demônio”, ou nesse caso, com problemas mentais. De fato, para o pesquisador Eduardo Góes de Castro, “*o Espiritismo passou a ser considerado, desde o início do século XX, principalmente nas pequenas cidades do interior, uma ideologia que se opunha à liderança do pensamento exercida pela Igreja Católica*” (CASTRO, 2007: 98). Já o ex-camisa-verde Nello Guerra foi desqualificado intelectualmente, mesmo sem oferecer maior perigo: “*Pacato[,] nem ao menos sabe o que é integralista*”.<sup>82</sup>

Ezio Luchieri, apesar de ser cirurgião dentista, foi tachado como “*moço sem cultura alguma*” e que “*vive pela cabeça dos outros*”. E mesmo que a relação feita pelo agente policial qualifique um antigo seguidor do Sigma como “*moço trabalhador*”, não se furta a cravar outro como “*talvez, não tenha conhecimento perfeito dos atos que pratica*”.<sup>83</sup>

Em fins do período estadonovista, a partir de informações provindas de várias cidades, o DOPS-SP estava elaborando uma gigantesca lista com mais de mil

---

<sup>80</sup> “Acção Integralista Brasileira, em São Joaquim”, não-assinado, s/d. Arquivado em 22/05/1946. 24-Z-5-651 a 662. Além dos citados acima, são nomeados e identificados 80 militantes do núcleo distrital de Olhos D’Água e 25 do sub-núcleo rural da Fazenda Sucury, ambos subordinados ao núcleo municipal de São Joaquim.

<sup>81</sup> “Elementos do núcleo integralista de Sertãozinho – Serviço feito pelo investigador Estevam Novazzi”, s.d.. 24-Z-5-677 e 678.

<sup>82</sup> Id., 24-Z-5-677.

<sup>83</sup> Id., 24-Z-5-676. Respectivamente, os integralistas citados são Anohar Moysés e Orlando Baratella.

integralistas de várias partes do estado: nada menos que 1667 pessoas foram relacionadas, sendo que 1422 eram homens e 245 mulheres, a maioria pertencente a 33 núcleos integralistas diferentes, quase todos sendo núcleos municipais (os outros eram distritais). Datada de outubro de 1944, a “*Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’*”, organizada em ordem alfabética a partir dos sobrenomes dos suspeitos, possuía 198 páginas, e de todas as listas analisadas na documentação, é não só a mais extensa, como a que possui o maior número de informações sobre os militantes, reais ou supostos.<sup>84</sup> Na maioria das entradas, constavam: nome completo do suspeito; núcleo integralista ao qual pertencia; idade; data de nascimento; nomes dos pais; estado civil; local de nascimento; e endereço residencial. Por exemplo, vejamos o caso do militante Benedito Ribeiro Leite:

LEITE – Benedito Ribeiro  
Núcleo integralista de: Lençóes  
Idade: 39 anos      Data de nascimento: 27-II-1906  
Filiação: Salvador Ribeiro Leite  
                  Maria José Honório  
Estado civil: casado      Natural de: São Manoel  
Residência: Rua 15 de Novembro<sup>85</sup>

Fica evidente aqui a busca incessante da polícia em ter a maior quantidade possível de informações sobre os indivíduos de um grupo político visto como potencial inimigo do estado. Com todos esses dados à disposição, a possibilidade de se localizar qualquer suspeito era muito grande. A grande variedade de dados disponíveis permitiria, na visão policial, uma menor possibilidade de se apanhar a pessoa errada em suas prováveis buscas - no caso de homônimos, por exemplo - o que era uma preocupação comum da polícia.

---

<sup>84</sup> “*Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’*”. São Paulo, Novembro de 1944. 24-Z-5, pastas 1 e 2. Há uma cópia no Prontuário 40499, “*Ação Integralista Brasileira*”, volume 6.

<sup>85</sup> Idem. 24-Z-5, pasta 1, p. 89.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
Delegacia de Ordem Política e Social  
SÃO PAULO

- 89 -

Estado civil:- casado Natural de: Sta. Rita  
Residência:- Rua Biqueira Campos, 142 (Pirassununga)

LEITE - Benedita

Núcleo integralista de: Pindorama  
Idade:- 71 anos Data de nascimento:- 20-VIII-1917  
Filiação:- Belarmino Leite  
                  Maria das Dores Leite  
Estado civil:- solteira Natural de: Taquaritinga  
Residência:- Pindorama

LEITE - Benedito Ribeiro

Núcleo integralista de: Lenções  
Idade:- 49 anos Data de nascimento:- 27-II-1906  
Filiação:- Salvador Ribeiro Leite  
                  Maria José Honório  
Estado civil:- casado Natural de: São Manoel  
Residência:- Rua 15 de Novembro

LEITE - Carlos de Almeida

Núcleo integralista de: Pindorama  
Idade:- 25 anos Data de nascimento:- 1-V-1919  
Filiação:- Armando Almeida Leite  
                  Cecília Loprete  
Estado civil:- solteiro Natural de: Ariranha

LEITE - José de Alencar

Núcleo integralista de: Pindorama  
Idade:- 25 anos Data de nascimento:- 21-IV-1919  
Filiação:- Belarmino Leite  
                  Maria das Dores Leite  
Estado civil:- solteiro Natural de: Taquaritinga  
Residência:- Rua Campos Sales (Pindorama)

LEITE - José Ferreira

Núcleo integralista de: Cruzeiro  
Idade:- 51 anos Data de nascimento:- 27-VII-1897  
Filiação:- Francisco Ferreira Leite  
                  Felisbina Maria de Jesus  
Estado civil:- (padre) Natural de: Silvestre Ferraz  
Residência:- Pouso Alto (Cidade)

LEITE - Lazineha

Núcleo integralista de: Pindorama  
Idade:- 56 anos Data de nascimento:- 20-III-1888  
Filiação:- Belarmino Leite  
                  Maria Ferreira Prado  
Estado civil:- solteiro Natural de: Itápolis

LEITE - Maria Aparecida

Núcleo integralista de: Pindorama  
Idade:- 71 anos Data de nascimento:- 24-IX-1917  
Filiação:- Belarmino Leite  
                  Maria Ferreira Prado  
Estado civil:- solteira Natural de: Matão  
Residência:- Pindorama

Ilustração Nº 2 – Página da “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’, feita pelo DOPS. 24-Z-5 (pasta 1), p. 89.

Por exemplo, a lista relaciona duas pessoas de nome José Fernandes, um pertencente ao núcleo integralista de Pirassununga e outro ao de Pindorama. O de Pirassununga, que tinha 32 anos em 1944 (nascido em 1912, na mesma cidade que residia) estava assinalado com o número ordinal “(1º)” entre parênteses; e o seu homônimo da AIB de Pindorama, que tinha a idade de 29 anos, e nasceu em Angatuba em 1915, assinalado com a inscrição “(2º)”, também ao lado do nome. Ambos eram solteiros.<sup>86</sup>

Tudo indica que tal lista foi formada a partir das informações enviadas pelos delegados do interior do estado em vários momentos, sobretudo durante o Estado Novo, e que objetivava ser um banco de dados completo sobre os suspeitos de terem militado na AIB em todo o estado.

A data da lista, outubro de 1944, é sintomática: pelo seu tamanho, ela já era um acúmulo razoável de informação ao longo, no mínimo, de sete anos de ditadura varguista (e da existência da série “Dossiês”); ao mesmo tempo, era incompleta, pois nesse momento a atmosfera política nacional começava a mudar, pois as amarras do Estado Novo começavam a se soltar: poucos meses depois, já no início de 1945 haveria o fim da censura à imprensa, a libertação dos presos políticos e, ao longo do ano, a criação de vários partidos políticos.

No cenário internacional, despontava o fim da II Guerra Mundial, na qual o Brasil estava diretamente envolvido, e em cujo processo os integralistas eram vistos como espões a serviço do inimigo. Como se sabe, tudo isso culminaria na queda de Vargas no final do ano seguinte. E com o fim do conflito mundial, a figura do inimigo externo é reconfigurada. Tudo isso podia indicar que não havia mais necessidade de continuar a se investir tempo, energia e pessoal na elaboração de um banco de dados que não teria uma utilidade primordial. Afinal, dentro de alguns anos, começaria a guerra fria, e o principal inimigo voltaria a ser, de longe, os comunistas.

---

<sup>86</sup> A filiação de ambos também estava registrada. Idem. 24-Z-5, pasta 1, p. 59.

<b>Tabela 1 - Distribuição de militantes e suspeitos fichados por núcleo municipal ou distrital da AIB, segundo relatório do DOPS-SP de novembro de 1944</b>			
<b>Núcleos municipais/distritais</b>	<b>Fichados</b>	<b>% do total</b>	<b>% dos núcleos declarados</b>
Araçatuba	1	0,05	0,08
Araraquara	29	1,73	2,44
Ariranha	63	3,77	5,32
Assis	3	0,17	0,25
Capital	3	0,17	0,25
Casa Branca	2	0,11	0,16
Catanduva	1	0,05	0,08
Cruzeiro	13	0,77	1,09
Garça	1	0,05	0,08
Igarapava	1	0,05	0,08
Itápolis	102	6,11	8,61
Itu	1	0,05	0,08
Jaime Guimarães	6	0,35	0,50
Jardinópolis	48	2,63	4,05
Jaú	2	0,11	0,16
Lapa	1	0,05	0,08
Leme	94	5,63	7,93
Lençóes	94	5,63	7,93
Mogi-Mirim	23	1,37	1,94
Monte Alto	36	2,15	3,04
Pederneiras	1	0,05	0,08
Pindorama	280	16,79	23,64
Pirajuí	1	0,05	0,08
Pirassununga	335	20,09	28,29
Pirituba	12	0,71	1,01
Porto Feliz	1	0,05	0,08
Ribeirão Preto	1	0,05	0,08
Santa Adélia	4	0,23	0,33
Salto de Itu	2	0,11	0,16
São Bento do Sapucaí	1	0,05	0,08
São Carlos	1	0,05	0,08
São Paulo	2	0,11	0,16
Taquaritinga	1	0,05	0,08
Tambaú	12	0,71	1,01
Vila Mariana	3	0,17	0,25
Total	1181	71,02	100,00
Núcleos não-declarados	316	18,84	-
Consta apenas o nome do suspeito	170	10,19	-

*Fonte: “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’”, 24-Z-5.*

Contudo, para além da utilidade que tal documento possa ter tido para a polícia política na época, ele, se analisado com cuidado, e atentando-se para suas várias lacunas, pode nos dar indicações importantes sobre o movimento integralista no interior do estado paulista naquele momento.

Um de seus principais problemas é, entretanto, que essa relação de militantes não pode ser vista como um microcosmo da militância integralista no estado. Há uma evidente desproporção entre municípios que tiveram uma militância integralista reconhecidamente expressiva e outros, sobre os quais, no mínimo, ainda nada se sabe sobre o movimento local: enquanto Araraquara possui 29 nomes - apenas 2,6% do total de nomes cujos núcleos foram declarados - e Rio Claro simplesmente não é citada; Pirassununga é o núcleo municipal com o maior número de militantes citados na lista, com nada menos que 335 indiciados, seguida de Pindorama, com 280 nomes. Não temos maiores referências sobre o histórico do integralismo nesses dois últimos municípios.<sup>87</sup>

Ainda no que tange aos núcleos de origem, há um elemento em aberto. Constatam-se seis militantes de um núcleo chamado “Jaime Guimarães”, o que não corresponde a nenhuma cidade e, acredito, ao nome de nenhum distrito ou bairro de quaisquer cidades do interior paulista. Jaime Guimarães foi o nome de um dos dois mártires integralistas mortos na chamada “Batalha da Praça da Sé”, travada em 7 de outubro de 1934, no centro de São Paulo. O culto dos mártires foi importante para a propaganda integralista e seus nomes passaram a batizar várias instituições do movimento, sobretudo escolas. A pesquisadora Rosa Cavalari, que se debruçou sobre o estudo da educação entre os integralistas, encontrou seis escolas, as quais funcionavam junto a núcleos distritais ou municipais<sup>88</sup>. A única escola com esse nome no estado de São Paulo encontrada no levantamento de Cavalari foi a localizada em Santo André, cidade, aliás, não citada na

---

<sup>87</sup> Por exemplo, nessas duas cidades não havia jornais integralistas nem foram eleitos vereadores da AIB (DOTTA, 2010). Em contrapartida, Araraquara possuía um jornal integralista (*O Nacionalista*, v. DOTTA, 2010) e Rio Claro ganhou a comenda de “*Cidade Integralista*”, prêmio que a AIB concedia às cidades em que a militância se destacava. Sobre a AIB em Rio Claro, ver BRUSANTIN (2004). Sobre a comenda de Rio Claro, “Resoluções da Chefia Nacional”, *Monitor Integralista*, primeira quinzena de maio de 1934, nº 6, p. 8.

<sup>88</sup> As escolas de nome Jaime Guimarães (com “Y”) levantadas por Cavalari (1999: 217-218) foram as de Santo André, em São Paulo; Tijuca e Dores do Piraí, no Rio de Janeiro; Belo Horizonte, Maria da Fé e Pousos Alegre, em Minas Gerais.

lista do DOPS. Contudo, como não era praxe batizar os próprios núcleos com esses nomes, os quais recebiam normalmente os nomes de suas localidades, não há como saber se os militantes em questão pertenciam a essa localidade.<sup>89</sup>

No que tange aos integralistas da cidade de São Paulo, a situação é mais complexa. Sob a rubrica do núcleo municipal de São Paulo, existem apenas dois membros registrados na lista. Mas há ainda a menção a dois núcleos distritais na capital: o de Pirituba, com doze militantes, e o da Vila Mariana, com três. O que perfaz um total de 17 integralistas provenientes de núcleos da capital paulista. Contudo, isto não esgota os nomes relacionados à capital do estado. O responsável (ou os responsáveis) pela lista registrou várias pessoas com os endereços – provavelmente residenciais - mas sem a informação do núcleo ao qual pertenceriam. Assim, por exemplo, o caso do militante Gustavo Kuhlmann Machado:

MACHADO – Gustavo Kuhlmann  
Endereço: Rua Faustolo, 185 (Capital)<sup>90</sup>

Expostos dessa forma, constando apenas o nome e o endereço (praticamente todos na capital), estão 238 nomes, ou 14,27% do total. Podemos pensar os motivos pelos quais as informações sobre essas pessoas foram postas dessa maneira, em contraste com as demais, que possuem mais dados. É mais que provável que as origens dessas informações, ao contrário das que têm os núcleos registrados, não sejam provenientes das batidas policiais nos próprios núcleos, dos quais normalmente eram recolhidas as fichas de inscrição que ajudavam a identificar os militantes. Possivelmente, investigações individuais, ou outras formas, em torno das pessoas em questão ou próximas a elas é que eram as fontes para reunir essas informações. Parece-me que o essencial que a polícia precisava saber a respeito de um suspeito de agitação política (como era o caso dos integralistas durante o Estado Novo) era o seu endereço, para sua fácil localização.

---

<sup>89</sup> Enquanto vigorou a AIB, o município se chamava São Bernardo, o qual englobava toda a atual região do ABC (atualmente composta por sete municípios), sendo que em Santo André ficava um núcleo distrital da AIB. Sobre a AIB no ABC Paulista, ver DOTTA (2003a).

<sup>90</sup> “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’” (citado). 24-Z-5, pasta 1, p. 95.

<b>Tabela 2 - Tipologia de núcleos por número de membros</b>					
<b>Tipologia de núcleos</b>	<b>Quantidade de núcleos</b>	<b>% de núcleos</b>	<b>Quantidade de membros fichados</b>	<b>% do número de membros fichados</b>	<b>% do número de núcleos declarados</b>
Com apenas 1 membro fichado	13	37,14	13	0,77	1,1
Entre 2 e 10 membros fichados	9	25,71	27	1,61	2,28
Entre 11 e 20 membros fichados	3	8,57	37	2,21	3,13
Entre 21 e 100 membros fichados	7	20,00	387	23,21	32,76
Com mais de 100 membros fichados	3	8,57	717	43,01	60,71
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100</b>	<b>1181</b>	<b>70,84</b>	<b>100,00</b>
<i>Fonte: “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’”, 24-Z-5.</i>					

Passemos a outro importante componente informativo dessa longa relação: a distribuição de gênero entre os militantes. A própria equipe (ou o agente, não sabemos quem ou quantos o elaboraram, pois o documento é anônimo) responsável achou importante postar na capa do trabalho a proporção de homens e mulheres citados: 1422 homens e 245 mulheres. Ou seja, quase 15% dos indicados eram do sexo feminino. Já é conhecida pela historiografia a importância da mulher no movimento integralista, inclusive a inovação da AIB nesse quesito em relação a outras forças políticas brasileiras da época (CARNEIRO: 1998; POSSAS: 2002; BARBOSA: 2013; BERTONHA: 2014).

A participação da mulher nas fileiras do integralismo foi notória. Pela primeira vez no Brasil, mulheres tinham uma participação de certo peso dentro de um partido político, mesmo que tal participação fosse, de certo modo, subordinada. De fato, proclamava Plínio Salgado:

O preparo da mulher para todas as eventualidades é hoje um impositivo a que não podemos fugir, nunca porém, perdendo de vista que a mulher, biologicamente, foi feita para o lar e tem de despender a sua energia num alto sentido moral e espiritual, porque dela depende o teor do caráter dos homens e mulheres de amanhã e será sempre ela, a mulher que dará o tom à sociedade do futuro e ao sentido da sobrevivência da Pátria (SALGADO, 1955: 298).

Assim, desejava-se no movimento que o papel da mulher deveria ser o de esposa e mãe, embora ampliado para a esfera pública: na AIB elas deveriam ser professoras, enfermeiras, assistentes sociais, datilógrafas e cargos afins. Cargos de chefia apenas se fossem sobre outras mulheres, ou crianças. Nesse sentido, foi criada toda uma secretaria que tratasse sobre a participação feminina no movimento integralista: a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos (SNAFP), responsável por regulamentar não apenas a participação das mulheres, as chamadas “blusas-verdes”, mas também dos jovens integralistas. A encarregada era um mulher, Irene de Freitas Henriques. Essa secretaria possuía seus equivalentes nos planos provincial, municipal e distrital, dentro da estrutura da AIB.<sup>91</sup> Apesar disso, a presença das mulheres era muito visível nas cerimônias públicas, como reuniões, desfiles etc.<sup>92</sup>

Das 245 mulheres da relação do DOPS, 121, isto é, quase a metade (49,38%) era formada por mulheres solteiras adultas (a mais nova tinha 16 anos), mas a maioria destas tinha entre 20 e 39 anos. Isso relativiza a ideia de que, geralmente, as mulheres entravam na AIB apenas para acompanhar seus maridos, ou sob a autorização e tutela destes. As casadas perfaziam, na lista, 44 mulheres, ou seja, 17,95% do total. Havia ainda, na relação de nomes de mulheres integralistas, uma viúva. Tais estatísticas, se não confirmam, ao menos dialogam harmoniosamente com Lídia Possas quando afirma:

As mulheres integralistas não assumiram a militância de forma idêntica, apesar de serem arregimentadas e disciplinadas por um regimento protocolar. Elas adentraram ao Movimento conduzidas pela sua condição social de classe, de etnia e de raça e, por isso, muitas delas exerceram distintos papéis e demonstraram comportamentos diversos, muito aquém da idealidade de uma mulher dócil, feminina e maternal. (POSSAS, 2004: 113).

---

<sup>91</sup> Sobre o regulamento da SNAFP, ver *Monitor Integralista*, n° 15, 03/10/1936, pp. 13 e 14.

<sup>92</sup> Há uma quantidade razoável de fotos com mulheres em eventos públicos integralistas em SOMBRA & GUERRA (1998).

<b>Tabela 3 - Mulheres integralistas de acordo com a listagem do DOPS-SP</b>		
<b>Mulheres</b>	<b>Quantidade</b>	<b>% do total de mulheres</b>
Solteiras	127	51,83
Casadas	46	18,77
Viúvas	1	0,40
Estado civil não informado	27	11,02
Até 20 anos	10	4,08
21 - 30 anos	116	47,34
31 - 40 anos	36	14,69
Mais de 40 anos	16	6,53
Só consta o nome	29	11,83
<b>Total</b>	<b>245</b>	<b>100,00</b>
<i>Fonte: "Relação dos elementos pertencentes ao extinto 'Partido Integralista Brasileiro'", 24-Z-5.</i>		

Outra informação que chama a atenção na lista é o número de estrangeiros: são 42 pessoas nascidas fora do Brasil que militavam, ou supostamente militavam, num movimento nacionalista brasileiro. Apesar de soar estranho, isso não é tão impactante quanto parece. Já foi dito que, muitos imigrantes militavam no integralismo como forma de integração à sua nova realidade, não querendo ficar fechados dentro de suas comunidades (GERTZ, 1987; BERTONHA, 2001; 2010). Contudo, tais dados aqui levantados relativizam uma afirmação de Bertonha. Diz o historiador: “*A maioria dos que militavam no integralismo com sobrenomes que não eram lusos eram brasileiros de origem estrangeira, enquanto os imigrantes alemães e italianos propriamente ditos optavam pelas seções dos partidos fascista e nazista instalados no país*”<sup>93</sup> (BERTONHA, 2014: 24). Ora, apesar do pequeno número de imigrantes aqui listado, é inegável que estes optaram por engrossar as fileiras do sigma, em detrimento do *fascio littorio* ou da suástica.

De fato, dos estrangeiros da lista que teriam adotado o integralismo, não surpreende seu maior contingente: são os italianos, que totalizam 29 pessoas, ou 61,7% dos imigrantes citados. Isso por dois motivos: primeiro, pelo número de peninsulares ser o maior contingente de imigrantes do estado; e segundo, pela inspiração fascista do

---

<sup>93</sup> Grifo meu.

integralismo, fazia com que vários italianos considerassem a AIB como uma simples variante local de um movimento político originário de seu próprio país. Conforme já levantado por Bertonha (2001; 2010) e outros, os intercâmbios entre integralistas e fascistas italianos no Brasil foram constantes nos anos 30.

O contingente de imigrantes segue com números mais modestos, embora sua existência por si só já seja significativa: espanhóis são oito, e portugueses são cinco. Não há estudos até o momento sobre a participação dessas coletividades ou seus descendentes junto à AIB, o que é espantoso, pois estão entre as maiores comunidades de imigrantes no Brasil e em São Paulo, perdendo apenas para os italianos.<sup>94</sup> Novamente, João Fábio Bertonha desenvolve uma argumentação válida sobre a presença de descendentes de imigrantes ibéricos (embora ele despreze a possibilidade da presença dos próprios nascidos na península):

Considero provável que essa participação tenha ocorrido, mas se, para os filhos de outros imigrantes, participar da AIB era, muitas vezes, uma maneira de reafirmar sua brasilidade e sua assimilação, talvez **os filhos e os netos** de imigrantes ibéricos (e, especialmente, os portugueses) não tivessem essa necessidade, dada a sua aceitação quase imediata como brasileiros. Por outro lado, a presença forte dos ideais de direita (não apenas fascistas) nas colônias portuguesa e espanhola pode ter induzido alguns membros a militarem nas hostes integralistas e a apoiarem o regime de Vargas (BERTONHA, 2014: 27).<sup>95</sup>

**Tabela 4 - Integralistas nascidos no exterior, de acordo com a listagem do DOPS-SP**

<b>Nacionalidade</b>	<b>Quantidade</b>	<b>% do total</b>	<b>% dos estrangeiros</b>
Italianos	29	1,73	61,70
Espanhóis	8	0,47	17,02
Portugueses	5	0,29	10,63
Alemães	3	0,17	6,38
Japoneses	1	0,05	2,12
Poloneses	1	0,05	2,12
Estrangeiros	47	2,81	100,00

*Fonte: "Relação dos elementos pertencentes ao extinto 'Partido Integralista Brasileiro'", 24-Z-5.*

<sup>94</sup> Sobre a participação de portugueses na AIB, há uma curiosa referência ficcional em VIVEIROS (1935).

<sup>95</sup> Grifo meu.

Já os alemães nativos citados são apenas três, mas vale lembrar que apesar da importância da comunidade teuta em São Paulo, também não há estudos sobre a relação entre esta e os integralistas no Estado paulista. Basicamente, temos o trabalho de René Gertz (1987) e outros (por exemplo, DIETRICH, 2014) no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Em São Paulo, nessa temporalidade, temos as pesquisas de Perazzo (2001) e Dietrich (2007; 2010) mas, neste quesito, estas se limitam à sua relação com o Partido Nazista local.

E, por fim, para os oriundos de Japão e Polônia, temos um militante cada na comunidade integralista registrada na lista policial. José Fukuda, japonês de nascimento, pertencente ao núcleo integralista de Monte Alto, residia numa fazenda daquele município. Era solteiro e, em 1944, tinha 30 anos de idade. Como ocupação, as anotações policiais indicavam “estudante”, dado que deveria estar desatualizado (em 1937, último ano de funcionamento da AIB, ele tinha 23). É tudo o que sabemos sobre ele, além do fato de que havia um grande número de imigrantes japoneses no norte (onde fica Monte Alto) e no oeste do estado. Não existem ainda estudos sistemáticos sobre a presença de japoneses e descendentes na AIB, embora devido ao reduzido grau de inserção dos nipônicos na sociedade brasileira naquele momento, parece ter sido um caso pouco comum de militância política, apesar de não isolado.<sup>96</sup>

O polonês integralista era Pedro Teodoroschi (grafia certamente modificada no Brasil, o que era muito comum entre os imigrantes), o qual pertencia ao núcleo de Pindorama, tinha 38 anos (31 em 1937), e era casado<sup>97</sup>. Bertonha (2014: 27) diz que, no Paraná, onde a comunidade polonesa era bem maior, há sinais esparsos de difusão do integralismo entre os imigrantes. Em São Paulo, esse é o único caso conhecido até o momento. Na relação, constam ainda os nomes de Antonio Wiscoviche, Estanislao

---

<sup>96</sup> “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’” (citado). 24-Z-5, pasta 1, pp. 66-67. Além da relação, consultamos ainda o prontuário de José Fukuda, que contém praticamente as mesmas informações. Prontuário 34775, “José Fukuda”. Na verdade, o prontuário foi criado posteriormente já que está datado de 28/05/1945, e é declarado que foi copiado de outro prontuário onde constava uma cópia desta relação, o 6º volume do prontuário 40499, “Ação Integralista Brasileira”. Isso ilustra a circularidade das informações de dossiês e prontuários do DOPS paulista.

<sup>97</sup> “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’” (citado). 24-Z-5, pasta 1, p. 185.

Wentzcovitch e José Zornoff, de indubitável origem eslava: os dois primeiros provavelmente de proveniência polonesa (ou iugoslava), e o último, russa.<sup>98</sup>

Além de simples militantes, são citados vários líderes integralistas de São Paulo. Curiosamente, nesse caso são expostos poucos dados. Entre as lideranças, estão, por exemplo, o jornalista e advogado Angelo Simões de Arruda<sup>99</sup> (a cujo nome só consta o endereço, sem outras indicações como datas de nascimento, estado civil, e outras como nos casos de outros militantes), o jornalista outrora responsável pelo jornal *O Camisa-Verde* e ex-chefe municipal da AIB na cidade de Garça, Ernesto Alves Bagdocimo<sup>100</sup> (também apenas o endereço), os ex-chefes provinciais Machado Florence<sup>101</sup> e Francisco Stella<sup>102</sup> (só constam seus nomes, nada mais), o antigo membro da Câmara dos Quatrocentos, Bento Luiz de Almeida Prado<sup>103</sup> (o qual também só consta o nome). Mesmo estando fora do Brasil, o nome de Plínio Salgado não foi esquecido. Porém, posposta à inscrição do antigo Chefe Nacional só está a indicação de que estava exilado em Portugal<sup>104</sup>.

Há alguns casos que chamam a atenção pelo caráter inusitado: a não-identificação completa dos nomes não foi fator para impedir sua inclusão na lista. Assim, temos as citações de siglas como “J.F.S.”<sup>105</sup> ou “J.B.T.”<sup>106</sup>, junto às quais não constam quaisquer informações. Sobre um certo “Gio Z.”<sup>107</sup> só foi possível saber que pertencia ao núcleo de Pindorama. Ao que tudo indica, a polícia guardava essas siglas e abreviações esperando que posteriormente surgissem mais dados que acrescentassem a

---

<sup>98</sup> “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’” (citado). 24-Z-5, pasta 1, p. 196 e 198. Não constam os locais de nascimento de Wiscoviche e Wentzcovitch. O primeiro pertencia ao núcleo de Itápolis, enquanto o segundo era morador da capital. Zornoff era nascido e morava em Pirassununga.

<sup>99</sup> “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’” (citado). 24-Z-5, pasta 2, p. 9. Sobre Arruda, ver mais adiante.

<sup>100</sup> Idem. 24-Z-5, pasta 2, p. 12.

<sup>101</sup> Idem. 24-Z-5, pasta 1, p. 62.

<sup>102</sup> Idem. 24-Z-5, pasta 1, p. 183. Um Dossiê contendo informações sobre Stella é 24-K-36.

<sup>103</sup> Idem. 24-Z-5, pasta 1, p. 141. Um Dossiê contendo informações sobre Prado é 24-B-14.

<sup>104</sup> Idem. 24-Z-5, pasta 1, p. 156.

<sup>105</sup> Idem. 24-Z-5, pasta 1, p. 154.

<sup>106</sup> Idem. 24-Z-5, pasta 1, p. 184. Foi aberto em dezembro de 1944 um prontuário sobre J.B.T. Nele, consta somente uma ficha de inscrito do núcleo provincial da AIB paulista, na qual, sob a rubrica “nome” há somente a sigla e, mais abaixo, o valor da contribuição dada ao movimento regularmente: dois mil réis. Prontuário 34829, “J.B.T.”. São Paulo, 11/12/1944.

<sup>107</sup> “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’” (citado). 24-Z-5, pasta 1, p. 196.

estes, ou que estes fossem ajudar investigações. Na lógica policial, nenhuma informação deveria se perder. Tudo poderia ser indício de algo.

Outras entradas que surpreendem referem-se a conhecidos não-integralistas que se encontram na relação em meio ao emaranhado de ex-camisas-verdes. Localizamos dois: Júlio de Mesquita Filho<sup>108</sup> e Paulo Nogueira Filho<sup>109</sup>, junto dos quais constam seus endereços, o município de nascimento (ambos de São Paulo, capital) e estado civil. O que fazem os nomes destes dois conhecidos liberais em meio aos dos seguidores do Sigma? Não dá pra ter certeza se a inclusão de seus nomes foi deliberada ou fruto de algum equívoco, mas isso certamente tem a ver com o fato de que ambos, antigos membros do PC de Armando de Salles Oliveira<sup>110</sup>, fossem vistos como inimigos do regime.

Nogueira Filho foi deputado federal até o golpe de 10 de novembro, ao qual se opôs e, por isso mesmo, foi preso e exilado. Juntamente com outros exilados outrora vinculados ao Partido Constitucionalista, assinou um manifesto contrário ao regime varguista dirigido ao presidente dos EUA, Franklin Roosevelt em janeiro de 1939. Em 1944, data da lista do DOPS, permanecia no exílio.<sup>111</sup> O endereço no documento do DOPS, porém, é outro, localizado na capital paulista, provavelmente seu local de moradia antes do golpe.<sup>112</sup>

Já Mesquita Filho, além de ser cunhado de Salles Oliveira, era diretor do jornal *O Estado de S. Paulo* até 1937 quando, com a decretação do Estado Novo, foi preso e solto diversas vezes, até ser mandado para o exílio. A relação de Mesquita com os integralistas na documentação policial, apesar de incorreta, não era de todo gratuita: segundo depoimentos, o jornalista esteve envolvido – juntamente com outros liberais – nos preparativos da revolta de maio de 1938, conhecida como “Intentona Integralista”

---

<sup>108</sup> “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’” (citado). 24-Z-5, pasta 1, p. 108.

<sup>109</sup> “Relação dos elementos pertencentes ao extinto ‘Partido Integralista Brasileiro’” (citado). 24-Z-5, pasta 1, p. 117.

<sup>110</sup> Armando de Salles Oliveira (1887-1945) foi interventor do Estado de São Paulo (1933-1935) e governador (1935-1937). Foi um dos criadores do Partido Constitucionalista (PC) a partir do Partido Democrático (PD). Candidatou-se a presidente da República para as eleições de 1938, frustradas pelo Estado Novo, ao qual Salles se opôs, e conseqüentemente indo para o exílio. KELLER, Vilma. “SALES, Armando.” Verbete do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* (Pós-1930), disponível em cpdoc.fgv.br (acessado em 29/02/2016).

<sup>111</sup> MAYER, José Miguel. “NOGUEIRA FILHO, Paulo”, verbete do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* (Pós-1930), disponível em cpdoc.fgv.br (acessado em 28/05/2015).

<sup>112</sup> O endereço que consta na lista é Avenida Brasil, 1402.

(SILVA, 1971: 147-148, 240, 318; LOUREIRO, 2001: 242).<sup>113</sup> Em 1944, Mesquita estava em prisão domiciliar na fazenda Louveira, de propriedade de sua família, onde ficou até a queda do Estado Novo em 1945.<sup>114</sup> Contudo, não é esse o endereço que consta na lista, e sim, um na metrópole paulistana. Provavelmente, o da sua residência até antes da decretação da ditadura.<sup>115</sup>

Apesar de a lista não poder ser tida como um resumo fiel do que havia sido a militância integralista – ou do que restou dela em determinado momento do Estado Novo em São Paulo, ela traz dados que não podem ser desprezados e ajudam a fixar algumas peças no quebra-cabeça. Sempre tendo em mente que se trata de um caleidoscópio visto através das lentes policiais, a lista pode dar indicativo de dados preciosos como a proporção e o perfil de mulheres do movimento integralista, a presença de imigrantes, bem como quais dados interessam à polícia e porquê, da mesma forma que os que foram fichados como integralistas sem o serem de fato. Além de auxiliar numa visão sobre o movimento do Sigma, é fundamental para observarmos como a polícia política constrói seu alvo investigativo.

## 1.2 - O integralista como suspeito durante o Estado Novo

Tendo funcionado normalmente até o início do Estado Novo em São Paulo<sup>116</sup>, a AIB e seus seguidores passam a ser vistos como subversivos e agentes antinacionais, malgrado sua propaganda ter sempre se pautado pela mística nacionalista. E apesar das semelhanças ideológicas entre o Estado Novo e o integralismo – ambos tinham como principais postulados a defesa do corporativismo, o autoritarismo e o anticomunismo - este passou a ser considerado, sobretudo a partir de maio de 1938, como um inimigo

---

<sup>113</sup> Segundo Plínio Salgado declarou em entrevista nos anos 50, entre os liberais que participaram dos preparativos da revolta contra Vargas em maio de 1938 estavam: Otávio Mangabeira, Francisco Mesquita (irmão de Júlio), Euclides Figueiredo e o Brigadeiro Eduardo Gomes. “Entrevista com Plínio Salgado”, *O Globo* (Rio de Janeiro), 21/05/1953, citado em SILVA (1971: 148).

<sup>114</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. “MESQUITA FILHO, Júlio de”, verbete do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* (Pós-1930), disponível em cpdoc.fgv.br (acessado em 28/05/2015).

<sup>115</sup> O endereço constante do documento é Rua Basílio (sic) Machado, 421. O nome correto da rua é Brasília Machado.

<sup>116</sup> Diferentemente, por exemplo, do que ocorreu em estados como Paraná e Bahia, onde foram perseguidos pelos governos daqueles estados (ATHAIDES, 2012; PRIMO, 2013) ainda durante o período da legalidade.

político do regime<sup>117</sup>. Nesse sentido, os suspeitos de integralismo eram vigiados, investigados e eventualmente presos. Quem eram os suspeitos de integralismo?

Adotamos aqui, para melhor compreender o ponto de vista policial o conceito de “categorias de suspeição” conforme compreendido pela historiadora Ana Maria Dietrich, que investigou os nazistas em São Paulo durante a II Guerra Mundial. Segundo ela:

‘Categoria de suspeição’ deve ser aqui entendida como uma tentativa de desvendar os critérios utilizados pela polícia para configurar a suspeita de atos e ideias nazistas. Nem sempre um cidadão era considerado suspeito pelo que ‘fazia’ em forma de atos concretos contra o regime. No caso da polícia varguista, alguns cidadãos eram ‘suspeitos em potencial’ (DIETRICH, 2007: 127).<sup>118</sup>

Ao analisar a documentação, pode-se ver que o suspeito de integralismo encaixava-se – de acordo com a lógica do regime estadonovista e de sua polícia – nas seguintes categorias de suspeição:

- Filiação à Ação Integralista Brasileira;
- Fazer propaganda integralista;
- Posição contrária ao Estado Novo ou ao presidente Vargas;
- Simpatia pelo Eixo e/ou relações pessoais (amizade, casamento, parentesco etc.) com integralistas ou com “Súditos do Eixo”.

### **1.2.1 - Filiação à antiga AIB**

Vários dirigentes e militantes que pertenceram aos quadros da AIB estão fichados nos dossiês. Desde altas lideranças do movimento, como Plínio Salgado e Miguel Reale; líderes intermediários (sobretudo relacionados à “província” de São

---

<sup>117</sup> Para Bertonha (2014: 139), as semelhanças entre integralismo e o Estado Novo “*estavam sendo gestadas no mesmo caldo cultural, paralelamente, o que implicou ideias próximas, ainda que não equivalentes.*”

<sup>118</sup> Dietrich se baseia no conceito de “inimigo objetivo”, tal como Hannah Arendt desenvolveu em “As Origens do Totalitarismo” (ARENDR, 1978: 528).

Paulo) como José Loureiro Jr., chefe de gabinete da Chefia Nacional da AIB e genro de Salgado (Dossiê 24-K-20); João Carlos Fairbanks, deputado estadual em SP (24-K-13); Alpinolo Lopes Casale, secretário de Gabinete da Chefia Nacional (24-K-26); lideranças locais da AIB, como Bento Fontão Lippel, ex-prefeito de Presidente Prudente (24-H-0); Rubens Sá Benevides, ex-chefe municipal de Santo Anastácio (24-K-35); e Alberto Iassi, ex-dirigente do núcleo integralista de Pinheiros, na capital paulista (24-Z-6).

Um comunicado interno do Serviço Secreto afirmava: “*consoante ordens dessa Chefia, este Setor tem desenvolvido um serviço meticoloso de investigações, observações e infiltração entre os antigos elementos pertencentes à extinta A.I.B.*”<sup>119</sup> Não se trata, porém, de elementos quaisquer: mais abaixo, eles são identificados como “*antigos mentores dessa facção política*”. Quatro são citados: José Loureiro Jr., Savério Mandetta, Alpinolo Lopes Casale e Álvaro Klein. Suas atividades diárias são descritas. No final, há uma indicação de que outros “elementos” (que também possuíam certa posição de chefia) “*foram postos sob rigorosas observações*”: Carlos Crisci, Joaquim Eugenio de Lima Neto, Eurico Guedes de Araújo, Francisco Stella e Rui de Arruda Camargo.<sup>120</sup> Apesar disso, o investigador encontra tais líderes num grande estado de desânimo, registrando apenas ações vinculadas às suas atividades profissionais e sem quaisquer vínculos políticos. Corria o ano de 1944, e os integralistas, diante da iminente derrota do Eixo e a continuidade da ditadura, não anteviam grandes possibilidades de um retorno político no curto prazo.

Apesar de haver um razoável número de ex-chefes fichados, sobretudo regionais ou municipais de São Paulo, esse em geral não foi um critério de investigação da polícia política. Gustavo Barroso está totalmente ausente nos dossiês<sup>121</sup>; João Carlos Fairbanks, que foi deputado estadual pela AIB, só dispõe de um relatório em seu dossiê; Lippel, prefeito forçado a renunciar antes do Estado Novo, também possui um dossiê com três páginas. Assim, deve-se notar que a filiação/liderança não foi um critério único para a

---

<sup>119</sup>“Investigações feitas em torno de antigos elementos Integralistas”. Comunicado preparado por “Setor S-1”. São Paulo, 04/10/1944, 24-K-20-1 a 3.

<sup>120</sup> Id., 24-K-20-2.

<sup>121</sup> O fato de Barroso não ter atuado no Estado não justifica completamente sua ausência, já que há, por exemplo, um dossiê sobre o ex-prefeito integralista de Blumenau, Alberto Stein (24-B-010).

observação e investigação dos suspeitos, mas cruzava-se com outras categorias de suspeição.

### 1.2.2 - Propagandistas do integralismo

A partir de decreto-lei de 2 de dezembro de 1937, que proibia o funcionamento dos partidos políticos, a propaganda destes e quaisquer outras visões de mundo que não a oficial do Estado Novo era ilegal. Tal era também o caso do integralismo. Tanto assim que, apesar de alguns jornais integralistas continuarem circulando no início de 1938 - como *Acção*, de São Paulo, e *A Offensiva*, do Rio de Janeiro - estes não podiam nem citar mais o nome “integralismo” (DOTTA: 2011, 174). Contudo, alguns militantes continuaram a fazer algum tipo de divulgação da sua doutrina.

Um desses militantes foi Mário Cabral Júnior. Cabral Júnior foi, nos tempos da AIB, chefe de núcleo do Jardim América, na capital paulista<sup>122</sup>. Segundo relatório de março de 1938, Cabral pertencia a uma certa “*Diretoria de Comunicações*” da “*extinta AIB*”, a qual seria uma “*organização secreta*”. Profissionalmente, Cabral era ferroviário, sendo chefe da Seção de Transportes Ferroviários e Rodoviários da Estrada de Ferro Sorocabana.

Em 1942, um pintor de paredes entregou à polícia boletins de propaganda integralista, encontrados numa mala na casa de Sebastião Bernardes França, onde ele trabalhava. O pintor chegou a ver Mário Cabral Jr. na casa de França, o qual era elemento de confiança de Cabral na ferrovia<sup>123</sup>.

Mas a principal acusação a Mário Cabral Jr. foi a descoberta de um artigo publicado na seção livre de *A Gazeta*, em 1944, (“*Defendamos a latinidade em primeiro lugar*”) que reproduz trechos e comenta entrevista do Ministro da Justiça e Instrução Pública da Argentina, Alberto Baldrich. O texto cita positivamente Plínio Salgado e Tristão de Athaide, o qual, apesar de não ser integralista era bem visto entre os camisas-verdes pelos seus elogios ao movimento do Sigma, durante o período de sua legalidade.

---

<sup>122</sup> “Comunicado do R. X. - Integralismo”. São Paulo, 05/03/1938, 24-H-3-6. Em outro documento no mesmo dossiê, é informado que Cabral foi dirigente “provincial” (o termo correto seria “distrital”) do Jardim Paulista (o bairro é vizinho ao Jardim América). Ver “Sebastião Bernardes França. Depto. Trafego da Sorocabana.” Inf. [Informação] de ITA. São Paulo, 16/03/1942, 24-H-3-7.

<sup>123</sup> *Ibid.*

O artigo está anexado no dossiê.<sup>124</sup> O trecho que cita tanto Salgado como Athaide é o seguinte:

Uma formula politica para vingar precisa corresponder às peculiaridades do povo a que se destina. O novo Estado Argentino está sendo plasmado partindo dessa premissa, de forma a que o seu único traço inicial, certo e imutável, será o nacionalismo.

Sobre esse alicerce a revolução levantará o resto do edifício, colhendo aqui um pouco da histórica organização dos velhos cabidos [sic], ali algumas idéias do Estado corporativo português, mais adiante irá inspirar-se nas famosas encíclicas católicas, e assim por diante.

Dois pensadores brasileiros poderão influir nessa obra: Tristão de Athayde e Plinio Salgado, cujos principais livros foram traduzidos e publicados na Argentina.<sup>125</sup>

É importante esclarecer a natureza do regime argentino ao qual servia o ministro Baldrich. Em 1943, um grupo de oficiais militares simpatizantes do Eixo, autodenominado GOU (Grupo de Oficiais Unidos), derrubou o governo constitucional argentino. Entre estes militares, estava o Coronel Juan Domingo Perón, que havia sido adido militar na Itália fascista. Junto com esse grupo, foram indicados para cargos-chave do regime, conservadores e direitistas de vários naipes, dentre os quais, Baldrich, que era nacionalista católico. Tal governo argentino, apesar das pressões estadunidenses, mantém-se neutro praticamente até o fim da guerra.<sup>126</sup>

Por outro lado, apesar da pesada censura do DIP, o texto – que menciona Salgado positivamente - foi publicado no jornal paulistano *A Gazeta*, isto é, um órgão da grande imprensa. E, segundo informação anexa no dossiê, este artigo já havia sido publicado em outro importante diário importante da capital da República, o *Jornal do*

---

<sup>124</sup> “Artigo publicado na ‘Gazeta’ de 15 do corrente, cujo conteúdo é suspeito.” Comunicado preparado por “Assistente”, dirigido ao Chefe do SS. São Paulo, 19/05/1944, 24-H-3-5.

<sup>125</sup> “Defendamos a latinidade em primeiro lugar”, in: *A Gazeta* (São Paulo), 15/05/1944. Anexado em 24-H-3-4. Segundo informação anexa, o artigo foi transcrito do *Jornal do Brasil*, de 07/05/1944. Ou seja, apesar da censura do DIP, ele teve alguma circulação.

<sup>126</sup> Sobre o regime de 1943, ver LUNA (1974: 5-31). Este governo do GOU vai até 1946, quando é sucedido por uma de suas principais figuras, o Coronel Juan Domingo Perón, através de eleições diretas. Alguns integralistas (com a concordância de Salgado) estiveram na Argentina nesse período tentando uma aliança com o governo do GOU – e a anuência alemã - com o objetivo derrubar Vargas e afastar a influência norte-americana da América do Sul, trazendo o Brasil de volta ao campo da neutralidade. Entre os integralistas envolvidos estavam Jair Tavares (membro da Câmara dos Quatrocentos), o Major do Exército Jayme Ferreira da Silva (que foi presidente da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa) e Nestor Contreiras Rodrigues, fundador e importante líder da AIB no Rio Grande do Sul. Os encontros foram feitos com membros do alto escalão do governo argentino, incluindo o Coronel Perón, então Secretário do Trabalho (COSTA, 2004: 126 – 137). Sobre as ligações do GOU com os nazistas, ver: GOÑI (2004).

*Brasil* da semana anterior. Assim, o artigo só se torna um “objeto de subversão” ao ter sido apreendido com um suspeito de integralismo, no caso, o ferroviário Mário Cabral Jr.

### 1.2.3 - Atitudes contrárias ao Estado Novo

Entende-se aqui como “atitudes contrárias ao Estado Novo”, os vários tipos de resistência ativa ou passiva contra o regime e seus símbolos, como o presidente Vargas ou as instituições do sistema. Exclui-se, portanto, para os fins que aqui apresento, a propaganda ideológica e partidária, ou a espionagem a favor do Eixo. Os integralistas foram os primeiros a fazer uma oposição aberta ao Estado Novo, com as tentativas de *putsch* de março e maio de 1938. Mas depois disso, estiveram longe de ser os mais ativos<sup>127</sup>. Dentre os motivos para esse relativo desinteresse, além das prisões sistemáticas que ocorreram em 1938 e 1942 (sendo a grande maioria solta poucos dias depois), certamente estão as semelhanças do regime varguista com os ideais integralistas, conforme inclusive os depoimentos de alguns deles.<sup>128</sup>

Apesar disso, as atitudes de oposição de militantes integralistas ao regime varguista foram pontuais e, geralmente, individuais, ou restritas a pequenos grupos de indivíduos. Entre os integralistas investigados em São Paulo, não foram muito comuns os casos de opositores ao presidente Vargas e aos símbolos e instituições do regime.

Destacamos o caso de um antigo militante da AIB, Ignácio da Silva Telles, irmão de Marcel (ex-chefe provincial de São Paulo) e Maurício da Silva Telles (membro da Câmara dos Quarenta<sup>129</sup>). Em comunicado preparado pelo S-2

---

<sup>127</sup> Os mais ativos opositores do Estado Novo foram os liberais, sobretudo os estudantes de direito. Entre estes, destacam-se, os de São Paulo, que formaram um auto-intitulado “território livre do Largo São Francisco”. Sobre estes, ver: DULLES (1984). Os comunistas estavam presos e completamente desarticulados.

<sup>128</sup> “A grande maioria dos *camisas-verdes* aceitou pacificamente a proibição de todos os partidos políticos em dezembro de 1937” (HILTON: 1983, 112). Ninguém menos do que Plínio Salgado escreveu em seu Manifesto de Setembro de 1941: “Os fundamentos ideológicos da doutrina integralista são os mesmos que inspiraram a Constituição de 10 de Novembro de 1937”. E mais adiante: “Tanto é verdade não haver diferença entre a nossa doutrina política e a que inspira o atual regime brasileiro, que uma a uma das aspirações políticas integralistas estão sendo realizadas pelo Estado Novo”. SALGADO, Plínio. *Manifesto*. Lisboa, 07/09/1941, ff. 3-4 (mimeo), 24-K-12-10.

<sup>129</sup> Órgão consultivo da AIB, criado em 1936, composto por “personalidades de projecção social, moral e de valor intelectual no Movimento” (“Resoluções da Chefia Nacional”, *Monitor Integralista*, Nº 15, Rio

(aparentemente é a denominação de um setor do DOPS-SP), é mostrada uma investigação que houve sobre esse antigo militante, em 1944:

O nosso investigador ‘extra-quadro’ nº 100, comunica-nos que na residência do DR. IGNACIO DA SILVA TELLES, á Almeda [sic] Barão de Limeira, 374, existem uma bandeira e uma farda do extinto Partido Integralista Brasileiro [sic]. A referida bandeira acha-se atrás da porta do escritório do Dr. Ignacio. O mesmo, bem como sua família, quando o Snr. Presidente da Republica vem a esta Capital usa luto, em signal de desagravo [sic] a s.s.<sup>130</sup>

Dois elementos foram dignos de nota para o investigador “extra-quadro nº 100” (provavelmente um delator contratado, ou seja, não um funcionário regular): o primeiro foi a presença de dois objetos de “socialização ideológica” importantíssimos na época de funcionamento da AIB: a farda (a camisa-verde com o sigma costurado ao ombro) e a bandeira (campo azul e branco com a letra sigma ao centro). Para Héglio Trindade:

A organização da A.I.B. prevê uma série de mecanismos e atividades destinadas à transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado integralistas. Estes agentes de socialização ideológica articulam-se entre si para assegurar o aprendizado político ideológico dos militantes, desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta, através de um complexo de rituais e instrumentos de formação intelectual, moral, cívica e física (TRINDADE, 1979: 188).

Entre esses símbolos a farda e a bandeira estão entre os mais importantes por serem símbolos que identificavam prontamente os adeptos do integralismo. Com a proscricção da AIB, diante da impossibilidade de exibir sua militância publicamente, Telles guardou-as no seu escritório.

O segundo elemento que levou o agente “nº 100” a anotar o caso foi o uso do luto quando das visitas de Vargas a São Paulo por Telles e sua família. Muitos

---

de Janeiro, 03/10/1936, p. 3, Resolução 165). A Câmara “*se estrutura internamente em comissões especializadas para opinar sobre problemas suscitados pelo Chefe Nacional.*” (TRINDADE, 1979: 173).

<sup>130</sup> Comunicado preparado por S-2 dirigido ao Chefe do SS. Assunto não declarado. São Paulo, 29/07/1944. 24-K-11-1. Note-se aqui o uso incorreto da palavra “desagravo”. Em outro trecho do documento, parte do texto está transcrito e a palavra foi trocada por “desagrado”.

militantes integralistas guardavam ódio e rancor ao presidente Getúlio Vargas, o qual teria dado um “tombo” ou uma “rasteira” nos integralistas quando da instituição do Estado Novo.<sup>131</sup>

Tal fato é menos grave, embora de natureza semelhante, que outro ocorrido em Santa Tereza, no interior do Espírito Santo, em 1941, um evento que ficou conhecido como “o crime da barbearia”, fato que teve ampla repercussão, chegando ao DOPS daquele Estado e até ao Tribunal de Segurança Nacional (TSN). De acordo com Silvia Regina Ackermann:

Foram convocados a depor no inquérito os senhores Paviotti, Biazutti, Quiapani, Poli e Ferreira. Paviotti, proprietário da barbearia, afirmou que Bonino jogou uma moeda com a efígie do presidente ao chão, pisando-a reiteradas vezes e dizendo que ‘(...) quando queria se aliviar de gazes sentava-se sobre a referida moeda’ (ACKERMAN, 2010: 399).<sup>132</sup>

No caso paulista, contudo, a resistência simbólica do luto não foi levada tão longe pela polícia e, apesar de recomendado a instâncias superiores, o dossiê não inclui supostos desdobramentos do fato, e foi arquivado alguns dias depois<sup>133</sup>.

#### **1.2.4 - Simpatizantes do Eixo e relações pessoais com “súditos” do Eixo**

É amplamente conhecido que a principal inspiração de Salgado para a edificação da doutrina e da simbologia integralistas foi o fascismo italiano. Ao longo de cinco anos de existência da AIB, apesar das afirmações de autonomia do movimento em relação aos congêneres europeus, sempre houve nas declarações e discursos dos chefes, bem como na imprensa do Sigma, inúmeras referências positivas e solidárias aos regimes e movimentos fascistas europeus, não apenas ao regime de Mussolini, como também ao

---

<sup>131</sup> “*Em todas as rodas de políticos da cidade só se falava então no ‘tombo’ que V. Exa. nos dera: no novo ‘pirarucu’ que V. Exa. pescara; na rasteira que V. Exa. passara no Integralismo (...)*”. Carta de Plínio Salgado a Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 28/01/1938. In: SILVA (1971: 375).

<sup>132</sup> O incidente ocorreu por ocasião das comemorações do aniversário de Getúlio Vargas – evento oficial do calendário cívico do Estado Novo - naquela cidade. Bonino, o réu acabou sendo absolvido das acusações.

<sup>133</sup> Foi arquivado em 02/08/1944.

nacional-socialismo alemão. Disse Miguel Reale sobre o fascismo e seu criador, ainda nos tempos da AIB:

Bem pouco teriam valido ellas [as fontes da doutrina fascista] se não tivesse surgido o architecto genial para as applicar em uma synthese formidável, sondando as profundezas do meio, e calculando a resistência do material humano. Este homem foi Mussolini. Elle nos deu um modelo em continua perfectibilidade, em perpetua revolução, reflectindo todas as características essenciaes da Nação itálica. O que Mussolini fez de mais extraordinario foi reatar a linha humanista rompida pelo naturalismo social, e conclamar a mocidade para viver intensa e heroicamente a vida. O Duce representa, antes de mais nada, a afirmação do valor humano, do nosso poder de dominio e de conquista, sustentando o character ethico das revoluções (REALE, 1935: 154).

Para além de uma identificação voluntária com os regimes autoritários europeus (mais tarde terminantemente negada pela memória integralista<sup>134</sup>), os camisas-verdes brasileiros foram constantemente assimilados, no imaginário cotidiano, com camisas pretas e pardas, de italianos e alemães. O Estado Novo – ele próprio inspirado no modelo fascista, em vários aspectos – entendeu ser uma estratégia rentável relacionar a imagem dos adeptos do Sigma com os chamados “totalitários”.<sup>135</sup> Dessa forma, a nova roupagem do regime varguista seria “democrática”. Assim escreveu Oswaldo Aranha justificando o golpe do Estado Novo ao subsecretário de Estado dos EUA Sumner Welles:

O Brasil sempre foi democrático, quer no Império, quer na República, porque o seu povo, desde a Independência, não compreendeu nem poderá compreender outra forma de viver. (...) O povo, conforme pude verificar, optou de forma quase plebiscitária pela solução atual, não só pelo penhor da ordem que lhe dava a figura do Presidente, como

---

<sup>134</sup> A memória integralista do pós-guerra negava – e continua negando - quaisquer vínculos da AIB com o fascismo e o nazismo, dado sobretudo o impacto da devastação causada por esses regimes, sobretudo o Holocausto. “Tomando-se por base as leituras que a memória histórica foi determinando, a memória integralista foi sofrendo uma violência para se aproximar das leituras do passado mais aceitas pós-Auschwitz, quando aos fascismos passaram a ser incorporados muitos dos horrores praticados durante a Segunda Guerra Mundial. (...) Dessa forma, a memória integralista, enquanto sendo enquadrada, vai fazendo uma leitura do fascismo em nada conflitante com aquelas mais partilhadas. Entretanto, nessas representações mais partilhadas, na memória histórica, integralismo é igual a fascismo. O esforço dos integralistas no processo de enquadramento passa a se dar, sobretudo, com o intuito de descolar o fascismo do integralismo e jamais com o de defender o fascismo. E assim, os integralistas foram se perdendo na temporalidade do vencedor e nuançando sua própria memória” (VICTOR, 2005: 122. Grifo do autor). V. também VICTOR, 2012.

<sup>135</sup> A expressão “totalitários” é aqui entendida conforme usada pelo discurso do Estado Novo, e não a partir do referencial de Hannah Arendt (ARENDR: 1978), por exemplo. Com a entrada do Brasil na II Guerra, os totalitários seriam os regimes fascista, nazista e o Império Japonês.

porque, fora de dúvidas, **esta era a única forma de evitar lutas cruentas e afastar os extremismos, quer os da esquerda, quer os da direita, que se haviam avolumado no País** à sombra da campanha presidencial. (...) A verdade, meu amigo, é que sob o Governo de Vargas não é possível outro regime que não o liberal.<sup>136</sup>

Tendo o governo se colocado como solução moderada – longe, portanto, dos chamados “extremismos de direita e esquerda” - a polícia que serve ao regime continua vigiando de muito perto aqueles com os quais o regime se identificava num passado bem recente.

Vejam os casos de um integralista razoavelmente conhecido entre os seus correligionários. Durante o período de legalidade da AIB, Antonio Pompeu de Camargo foi membro da Câmara dos Quatrocentos e chefe local da Organização Nacional Dopolavoro, vinculada ao Fascio Italiano de São Paulo. Em 1935, publicou o livro *Por que é que sou integralista* (CAMARGO: 1935). Segundo o investigador, que não foi identificado, Pompeu, que permanecia amigo de integralistas como Miguel Reale, Americo Matrangola, Emanuel Bianchi e Alpinolo Lopes Casale (sendo que vários deles se reuniam em seu escritório), tinha contatos com o Ministro das Relações Exteriores da Espanha franquista, o falangista José Serrano Súñer:

Palestrando com o Dr. Antonio Pompeo de Camargo, mostrou-nos esta uma carta de SERRANO SUNNER [sic], Ministro do Exterior da Hespanha que, lhe agradece o envio do livro de sua autoria “Facismo [sic] – Catolicismo – Justiça”, em cuja carta trata o Dr. Camargo de “meu distinto amigo.”<sup>137</sup>

Cabe aqui uma explicação sobre o papel da Espanha durante o conflito mundial. A nação ibérica não fazia formalmente parte dos países do Eixo. Seu status durante o conflito era de nação “não-beligerante”. Contudo, eram notórias as relações da Espanha franquista com os países do Eixo<sup>138</sup>. E o chanceler espanhol, além de um entusiasmado

---

<sup>136</sup> Citado em SILVA (1971: 86), grifo meu.

<sup>137</sup> “Confidencial”. Relatório não-assinado, 27/05/1942, 24-A-8-2.

<sup>138</sup> Franco venceu a Guerra Civil com substancial ajuda de Hitler e Mussolini. V. MEIHY & BERTOLLI (1996). Entre 1942 e 1944, o regime de Franco enviou uma divisão de voluntários para a frente russa, a Divisão Azul, hierarquicamente subordinada ao exército alemão. Sobre a Divisão Azul, ver: MEIHY & BERTOLLI (1995) e, principalmente, MORENO (2005).

germanófilo, era militante falangista, a agremiação espanhola mais próxima ideologicamente do fascismo italiano<sup>139</sup>.

Ainda referente a sua posição pró-Eixo, o investigador expõe mais dados da conversa que teve com Pompeu de Camargo, que ao que parece, confiava em seu interlocutor, pois falava com certa desenvoltura:

Prosseguindo em suas 'varias' disse-nos que o Papa recebeu há dias os legionários hespanhois que voltavam da frente russa, abençoando-os, sendo isto uma demonstração de que a Igreja Catolica Romana, está com o "eixo" apesar de algumas perseguições havidas no "reich" contra o clero católico, isto, talvez, porque o Papa sabe que só o reich é capas [sic] de aniquilar o bolchevismo.<sup>140</sup>

E como corolário de suas posições pró-Eixo:

Concluindo, afirmou que ele cada vez mais está convito da vitoria do "eixo" e que, apesar da ofensiva russa na frente de Karcov [sic], nas próximas semanas teremos "muitas novidades" pois o 'eixo' proporcionará muitas 'surpresas'.<sup>141</sup>

O informante infiltrado do DOPS que, parece, gozava da confiança de Camargo, crê ser importante enfocar suas opiniões favoráveis ao Eixo, como uma forma de construir a identidade do investigado como suspeito da polícia política: um integralista, portanto, um "eixista", um simpatizante das forças aliadas a Hitler. Isso reforça o estereótipo que a polícia tem do militante integralista de um modo geral, ao mesmo tempo em que atenta que Camargo deve ser investigado por conta de suas simpatias políticas.

A maior parte das investigações envolvendo integralistas durante o Estado Novo refere-se a suspeita de algum tipo de envolvimento com o Eixo.

---

<sup>139</sup> Sobre o falangismo espanhol, ver: PAYNE (1985).

<sup>140</sup> "Confidencial". Relatório não-assinado, 27/05/1942, 24-A-8-2.

<sup>141</sup> *Id.*

### **1.3 – Integralistas investigados: as ações de chefes e militantes sob suspeição**

Como se pode imaginar, a polícia política se dedicou mais na vigilância de alguns suspeitos do que na de outros. Alguns desses suspeitos, de fato, desempenharam várias ações que despertaram a atenção dos investigadores, e que se encaixam em várias das categorias de suspeição acima assinaladas. Abaixo, fizemos uma seleção de alguns casos.

#### **1.3.1 - O chefe supremo: Plínio Salgado. Ou: o ausente investigado.**

Plínio Salgado foi o idealizador do movimento integralista brasileiro e, nos moldes de outros movimentos europeus do mesmo jaez, foi alçado como seu “Chefe Nacional”. Salgado nasceu na cidade paulista de São Bento do Sapucaí, em 1895. Jornalista e escritor, entrou para o Partido Republicano Paulista na década de 1920, elegendando-se deputado estadual em 1928. Apesar de desiludido com a política, apoiou Júlio Prestes nas eleições presidenciais de 1930. No ano seguinte, em viagem a Europa, ficou impressionado com o regime fascista italiano.

Em outubro de 1932, após contatos com intelectuais de vários estados criou a Ação Integralista Brasileira. Com o rápido crescimento da nova agremiação nos anos seguintes, Salgado se tornou um dos políticos mais conhecidos do país. Em maio de 1937, é escolhido em plebiscito interno como candidato às eleições presidenciais que estavam marcadas para janeiro de 1938, para a sucessão de Getúlio Vargas. O líder integralista é contatado pelo ministro Francisco Campos para angariar seu apoio para os planos de continuidade de Vargas no poder. Salgado apoia o golpe, mas a AIB é desmobilizada e colocada à parte do processo político. Depois do *putsch* de maio de 1938, Salgado – outrora o chefe de centenas de milhares de seguidores - entra para a clandestinidade. Finalmente preso, o chefe integralista é mandado para o exílio em Portugal em maio de 1939.<sup>142</sup>

---

<sup>142</sup> Para dados biográficos de Salgado, ver LOUREIRO (2001), biografia “oficial”, escrita por sua filha e publicada por editor integralista; e BERTONHA (2013), o qual inclusive dialoga e critica esta.

Conforme já foi dito, o dossiê sobre Plínio Salgado é o maior dos dossiês individuais, composto de 156 documentos numerados, que vão de 1940 até 1975, ano de seu falecimento. O dossiê 24-K-12, sobre o criador do integralismo, tem uma particularidade frente aos demais, pelo menos no período 1940-1945: é referente a uma pessoa que não estava no Brasil. Assim, os relatórios e comunicados que o citam, referem-se sobretudo a pessoas que se relacionam com ele, além de notícias e boatos sobre o “Chefe”. Em menor número, há documentos sobre militantes integralistas diversos, sem relação direta com seu chefe.

Os documentos do dossiê de Plínio referentes ao período estadonovista mostram duas preocupações principais dos agentes policiais: uma, é com seu possível retorno ao Brasil; outra, com supostas ordens que pudessem ser emitidas por ele de seu exílio lusitano, sobretudo através de cartas a correligionários no país. Ambas poderiam causar, na visão policial, um fortalecimento da militância integralista, bem como um canal para atividades favoráveis às potências do Eixo no Brasil.

Informações desencontradas e relatos de boatos sobre um suposto retorno de Salgado ao Brasil ainda em 1940 ou sobre sua presença em território brasileiro naquele ano ou no seguinte povoam as fichas datilografadas sobre o investigado, inseridas no dossiê. Por exemplo, assim vemos a seguinte – e incongruente – ordem dos fatos:

5-7-1940: (Relatório reservado de LPV) – Consta que [Salgado] se acha na Argentina. (Prot. Nº 69)  
27-8-940: Rel. OP [Ordem Política], nº 416, inf. q o Pte. Vargas estaria tratando da pacificação da Família Brasileira, facilitando nesse caso a volta de políticos óra exilados. O fichado voltaria ao Brasil em companhia de Gustavo Barroso. (Prot. 211).  
[...] 19-6-40: Consta nos meios integralistas que o sr. Plinio Salgado chegou há dias, á Capital da Republica.  
27-6-40: Em relatório da OP comunica que o mesmo virá para o Brasil. (Prot. Nº 28).  
24-8-940: Teria recebido de um sócio da Cervejaria de Rio Claro a importância de 20:000\$ [vinte contos de réis] para voltar ao prata [sic] (Prot. 435)  
[...] 4-10-940: Estaria em contato com elemento[s] nazistas, pondo seus adeptos ao par dos movimentos diplomaticos de militares das forças nazistas. Foi hospede dos Lundgrens, em Paulista, Pernambuco, industriaes conhecidos como nazistas. (prot. 780).  
9-5-941: Rel. Res. inf. q o fich. esteve homisiado na chácara do Dr. Mario Leite, em Lorena, onde existe grande biblioteca integralista bem como inúmeras fotografias do fich. (Prot. 1465) (P. 3 – Docs. 27-28-29) (P. 5 – Docs. 289-292-301).<sup>143</sup>

---

<sup>143</sup> 24-K-12-13, fichas arquivadas em 02/08/1944. Note-se que não há uma ordem cronológica rigorosa. Segui a ordem como está disposta no documento. As abreviaturas, parênteses, iniciais maiúsculas e minúsculas também estão conforme o original. As letras e palavras entre colchetes são intervenções minhas para melhor entendimento do texto.

Assim, consideravam-se as possibilidades de Salgado estar na Argentina, no Rio de Janeiro, ou que ele estaria prestes a ser perdoado por Vargas, e voltaria de Lisboa acompanhado de Gustavo Barroso (que de fato foi a Portugal naquela data e se encontrou com Plínio), ou ainda que ele tivesse tido contato com influente família germânica instalada em Pernambuco, e através dela estaria conspirando com os nazistas.

Mas por que a polícia deu importância a simples boatos ou rumores, ainda mais esses de caráter nitidamente contraditório? Tal atitude tem menos a ver com uma método rigoroso do DOPS do que com ideias preconcebidas e uma determinada percepção de controle. Segundo dois especialistas no tema:

El rumor es lanzado y continua su trayectoria en un medio social homogéneo, en virtud de activos intereses de los individuos que intervienen en su transmisión. La poderosa influencia de estos intereses exige que el rumor sirva ampliamente como **elemento de racionalización**: esto es, **explicar, justificar y atribuir significado al interés emocional actuante**. A veces, el vínculo interés-rumor es tan íntimo, que nos permite describir el rumor como la proyección de un estado emocional completamente subjetivo (ALLPORT & POSTMAN, 1953: 11, grifo meu).

Assim, o boato ou rumor serviu como um “elemento de racionalização” para “atribuir significado” ao “interesse emocional atuante” dos agentes aqui analisados: no caso policial foi a já citada “lógica da desconfiança”.

Os boatos registrados pelos agentes policiais, porém, não surgem do nada. Obrigatoriamente, eles têm uma relação com a realidade.<sup>144</sup> Após a vitória alemã sobre a França em junho de 1940, e o famoso discurso do presidente Vargas no Encouraçado Minas Gerais no dia 11 desse mês, visto como elogioso às potências do Eixo, há indícios, inclusive, da reaproximação de Vargas com os integralistas. Um emissário do governo brasileiro, o General Francisco José Pinto, foi a Portugal para tratar com o chefe integralista. Declara Plínio Salgado em sua carta-credencial a Gustavo Barroso, o

---

<sup>144</sup> Sobre a tentativa de Plínio ficar na América do Sul, CARONE (1977: 210) diz que Plínio em dezembro de 1939, “*pede licença ao ditador [Vargas] para mudar de Lisboa para Montevideú, pois alega ‘situação europeia’ [a guerra] e questão financeira*”. Na capital uruguaia, estavam exilados dois líderes integralistas de certa importância, Raimundo Barbosa Lima e Nestor Contreras Rodrigues (sobre Rodrigues, ver item 1.3.2, mais adiante).

qual tinha sido o número 2 da AIB: “A pergunta principal que o general Francisco José Pinto me fez foi se eu aceitaria o convite do presidente Getúlio Vargas para colaborar no atual governo brasileiro” (SALGADO: 1955, 297).

Tal encontro encontra repercussão no país. Ainda segundo Salgado: “Em todo o Brasil começou a circular desde os primeiros meses de 1940, principalmente nos meios integralistas, a novidade da ‘missão Pinto’ e do adiantamento em que nos achávamos no terreno da cooperação com o governo” (SALGADO: 1955, 296-7).

Dessa forma, na visão policial, registrar tais boatos, por mais contraditórios que fossem, era uma forma de controlar as informações disponíveis de uma peça central para se entender a movimentação dos integralistas: o seu líder supremo.

A preocupação da polícia política com Plínio Salgado também se refletia na correspondência que o tinha como destinatário ou remetente. A mais importante dessas correspondências foi, provavelmente, o Manifesto de Setembro de 1941, que Salgado escreveu em seu exílio em Lisboa, endereçado aos integralistas brasileiros<sup>145</sup>. Nela, o *Chefe* do Sigma fazia um balanço da situação nacional e internacional e dava diretrizes de como deveria ser a atitude dos que ainda o seguiam perante o governo brasileiro. O portador desse Manifesto, que o trouxe ao Brasil para distribuição, foi o escritor Gustavo Barroso, que estava em Portugal representando o governo brasileiro na celebração dos 800 anos da nação lusitana.

O Manifesto de Setembro de 1941, datado do dia 7 (uma data politicamente calculada), alegando a problemática da guerra, Salgado pede que os integralistas que ainda permanecem fiéis à “Ideia” colaborem diligentemente com o regime varguista. Assim, ele escreve:

---

<sup>145</sup> Além do Manifesto de 1941, Salgado lançou mais três manifestos aos seus correligionários durante o Estado Novo. O primeiro foi em maio de 1939, pouco antes de partir para o exílio; o terceiro foi em 1943, também escrito em Lisboa. Neste, redigido após a entrada do Brasil na guerra, Plínio tenta se defender de acusações que ele e seus seguidores estariam mancomunados com espionagem nazista. O quarto, o “Manifesto Diretiva”, já em 1945, no qual se posiciona diante da iminente queda do Estado Novo e ao seu retorno próximo ao Brasil. Para os textos (que devem ser lidos com cuidado, devido a alterações deliberadas, ver nota abaixo) ver SALGADO: 1955.

É diante desse espetáculo oferecido pelo mundo de hoje que vejo a necessidade da união dos brasileiros esquecidos de mutuos agravos ou devergências [sic] e animados pela deliberação firme de defender nossa Pátria em qualquer circunstância.

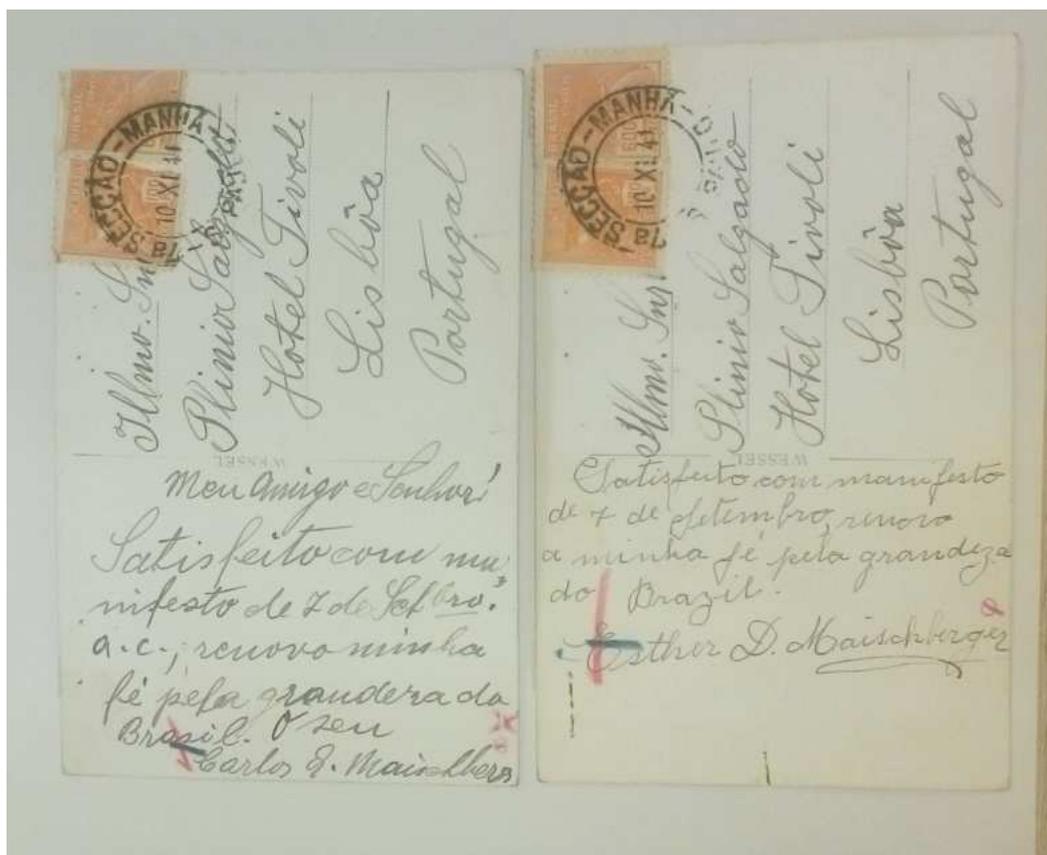
Aceita esta preliminar, que é um imperativo do nosso patriotismo, cumpre traduzi-la na sua forma prática de eficiência. Essa forma consiste em darmos o nosso integral apoio ao atual govêrno do Brasil, em tudo o que êle houver de se empenhar para defender a intangibilidade da nossa soberania e independência; para salvaguardar a família brasileira contra o comunismo e todos os fatores dissolventes da nacionalidade; e para construir e engrandecer o Presente e o Futuro da nossa Pátria, colocando-nos, por isso, coletivamente, ao seu dispor, no sentido de lhe prestar quaisquer serviços que os acontecimentos porventura tornem necessários.<sup>146</sup>

Esse manifesto motivou uma movimentação de correspondência para o chefe dos antigos camisas-verdes. Por exemplo, uma série de cartões postais que foram apreendidos pelo DOPS, enviados por uma família integralista de São Paulo, os Maischberger: mesmo que os cartões constavam apenas de fotos da paisagem paulistana, e com mensagens de apoio e fidelidade a um manifesto totalmente pró-governista, eles foram apreendidos. Assim, lê-se em letra manuscrita no verso de um cartão postal com foto dos jardins do Museu Paulista: “*Meu amigo e Senhor! Satisfeito com manifesto de 7 de Setembro, a.c., renovo minha fé pela grandeza do Brasil. O seu Carlos A. Maischberger.*”<sup>147</sup> Esses cartões mobilizaram o DOPS a ponto de pedir informações sobre ligações de energia elétrica à empresa The São Paulo Light and Power Company Ltd. em nome de todos os remetentes dos cartões, ao que um funcionário dessa empresa, J. Silva Monteiro Filho, respondeu positivamente no caso de Carlos e negativamente no dos outros membros da família. Aparentemente, o memorando do DOPS foi no sentido de localizar o endereço dos admiradores de Plínio, como controle de informação.

---

<sup>146</sup> SALGADO, Plínio. “Manifesto de Setembro de 1941”, mimeo, 24-K-12-9. A leitura deste documento foi cotejada com a reedição do mesmo no livro *O Integralismo Perante a Nação* (3ª edição, 1955, pp. 303-311), em que há ligeiras mudanças em relação ao original, nas quais se vê uma tentativa de diminuir a vinculação ideológica entre o integralismo e o Estado Novo, bem como numa ênfase num suposto antinazismo do manifesto. TRINDADE (1983:311) já havia notado isso nesse mesmo livro (embora isso também ocorra em outros): “o chefe integralista, no afã de escamotear a linguagem fascista de seu discurso ideológico [...], provocou deliberadamente adulterações nos textos originais dos documentos oficiais transcritos.” Ver também CARONE (1977: 215, nota 133). Por exemplo, o trecho “*contra o comunismo*”, citado acima, foi retirado na versão posterior.

<sup>147</sup> 24-B-13-10. O carimbo postal é de 10/11/1941. Esses cartões constavam do dossiê 24-K-12, mas por motivos não explicados foram transferidos para a atual pasta, em 5/4/1946. Cf. mensagem assinada por “Marques” em 24-K-12, s/ numeração.



**Ilustração Nº 3: Cartões postais da família Marschberger enviados a Plínio Salgado apreendidos pelo DOPS-SP (24-B-13).**

Mas um caso de censura postal em que ocupou mais as autoridades, e que se encontra no dossiê de Salgado foi o da correspondência de certo Thomaz Nazário, em julho de 1944, cujo endereço registrado na carta é Rua da Mantiqueira, número 40, na cidade de São Paulo. O destinatário era M. Silva, Caixa Postal 675, Lisboa. Este, desconfiava o delegado Ribeiro da Cruz, seria um codinome para Plínio Salgado.<sup>148</sup>

Nazário teria, em sua missiva, chamado o regime varguista de “*autocracia mal-amanhada com insígnias republicanas*” e que estava “*se aproximando a hora do colapso da tirania*”. Além disso, o autor do texto, em trecho selecionado pelo censor, parece se dirigir a uma pessoa que permanece favorável ao regime então vigente, do

<sup>148</sup> De acordo com memorando enviado ao Dr. Lino Moreira, em 5/8/1942 (ou seja, dois anos antes). 24-K-12-12.

qual “o povo brasileiro cansou-se”.<sup>149</sup> Escreve ainda o missivista, segundo transcrição do censor:

Fique V. Exa. onde quiser e ao lado de quem quiser, mas não se iluda sobre o julgamento da História imparcial e incoercível nas suas conclusões, ela não perdoará os que sustentem a nossa longa noite de cativo e de opróbrio, unicamente por amor de suas próprias ambições. Nossas posições estão definidas. V. Exa. já declarou que cairá com o Sr. GETÚLIO VARGAS. Nós estamos fazendo tudo para nos erguermos com o Brasil. Os pontos de vista são de queda e ascensão. Perseveramos no nosso, porque é o único que poderá salvar o que ainda não se perdeu.<sup>150</sup>

O que faz o censor – que aparentemente ficava instalado dentro do próprio Departamento de Correios e Telégrafos, pois o relatório é feito em papel timbrado deste – concluir que a carta era endereçada a Plínio Salgado? Além de o destinatário viver em Lisboa, o decisivo foi um curioso estratagema do remetente:

O remetente inclui um recorte da última edição da “Folha da Noite” editada em 7-jul.-44, o qual reproduz, sob o título “Continúa o mesmo?”, uma carta de repúdio ao integralismo escrita pelo Embaixador JOÃO NEVES DA FONTOURA. O remetente indicou o nome de PLÍNIO SALGADO, existente no artigo, com uma flecha feita a lápis dactilografou na margem, cobrindo parte da seta, o seguinte:

TRANSCRIÇÃO

“Aqui vai o abraço de quem muito lhe estima. Lembranças de todos os velhos amigos”.<sup>151</sup>

---

<sup>149</sup> “Confidencial – Ministério de Viação e Obras Públicas – Departamento de Correios e Telégrafos”. Datilografado (isto é, transcrito) em 20/07/1944. 24-K-12-16, p. 2.

<sup>150</sup> Idem. Maiúsculas e sublinhado no original.

<sup>151</sup> Idem. Maiúsculas e sublinhados no original. Importante: nem a carta, nem o recorte estão anexados no dossiê. Temos apenas as considerações e transcrições do órgão policial.

**CONFIDENCIAL**

**CORRESPONDÊNCIA**

RELATÓRIO N° SP-12870  
PÁGINA N° 1  
TOTAL DE PÁGINAS: 3

.....SIMPLES..... N° .....

MAR... (AN) ... TERRA ... AR ...

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS  
CORREIO POSTAL DO BRASIL (CPB)

DESTINATÁRIO :  
M. SILVA  
Caixa postal, 475  
Lisbõa - PORTUGAL

RELATÓRIOS ANTERIORES:  
44  
44  
44  
44  
44

NÃO

SÍMBOLOS:  
DISTRIBUIÇÃO:  
DIV GCPB  
2a. R.K.

DESTINO DA CORRESPONDÊNCIA:  
C.

CENSURA ANTERIOR:  
NÃO

IDIOMA DA CORRESPONDÊNCIA:  
PORTUGUÊS

GRUPO	CENSOR	CHEFE DO GRUPO	CHEFE DA TURMA	REVISOR	DACTILOGRAFO
10	409	401	405	426	C/J.

POLÍTICO

I - Crítica desaiçosa ao regime político do País, em carta que teria sido dirigida ao Interventor BENEDITO VALADARES.

II - Suspeitas anotações em recorte de jornal que reproduz artigo de repúdio ao integralismo.

I - O remetente, sem subscrever qualquer das peças de que se compõe o conteúdo da sobrecarta, envia cópia dactilografada de uma missiva atribuída à pena do jurista MENDES PIMENTEL que teria sido endereçada ao Interventor Federal no Estado de Minas Gerais.

O autor de tal carta diz acreditar não existir ausência de patriotismo nos homens do Governo e afirma não descrever no sentimento patriótico do Presidente da República o qual, entretanto, supõe que a lei é a sua vontade pessoal e isto por falta quem lhe pinte o verdadeiro quadro da situação interna e por estar cercado de pessoas que lhe contam as mais belas histórias, enquanto a Nação, sem garantias constitucionais e mergulhada no eclipse da lei, rumo para o desconhecido.

Em seguida, o autor acusa o Governo Federal de desprezar a colaboração de cinquenta milhões de brasileiros e de não ser verdadeiramente democrático pelo que não poderia entrar na consunção dos que se aliam para combater, na Europa, o princípio de autocracia.

(Continuação no verso)

MUITO IMPORTANTE : A CÓPIA E AS INFORMAÇÕES ACIMA SÃO DE CARATER ABSOLUTAMENTE CONFIDENCIAL. Segurança  
NÃO DEVERÃO SER CONFIADAS ÀS AUTORIDADES SUPERIORES QUE DO SEU CONHECIMENTO NECESSITAM NO TRANSCURSO  
DA GUERRA, NÃO DEVENDO EM CASO NENHUM SER COPIADAS, USADAS EM PROCESSOS JUDICIAIS OU DIVULGADAS  
DE QUALQUER MEIO, SEM AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DO CHEFE DA CENSURA

**CONFIDENCIAL**

"S.S." - 30/8/44  
24K/12/17

Ilustração N° 4: Formulário de censura do Departamento de Correios e Telégrafos sobre a carta de Thomas Nazário. 24-K-12-17.

Tais suspeitas são suficientes para motivar a investigação em torno de Thomaz Nazário. Um assistente não identificado do SS ordena, em 26 de julho que esta seja “*recomendada*” e “*urgente*”, e que o encarregado da tarefa, o setor S-1, esclareça:

- a) – confirmação de nome;
- b) – meios de vida e afazeres comuns;
- c) - tendencias politicas;
- d) – círculo de amizades;
- e) – ligações suspeitas.<sup>152</sup>

Dois dias depois, o chefe do SS recebe a resposta do investigador do setor responsável. A Rua Mantiqueira, localizada na Vila Mariana, não possui o número 40, indicado no envelope. Foi investigada também a Rua Serra da Mantiqueira, na Quarta Parada (Belenzinho), que também não possui tal número. Em uma e outra rua, nenhum morador conhecia alguém chamado Thomaz Nazário. Uma última tentativa do agente foi localizar pessoas com o mesmo sobrenome na cidade de São Paulo. Foram listadas três, descrevendo nomes, endereços e telefones. Nenhum dos relacionados o conhecia.<sup>153</sup>

Mesmo assim, em 10 de agosto, o assistente do SS dá ordem de prosseguir na investigação:

Ao S-1 para prosseguir na investigação supra, ampliando-a em outros meios integralistas, visto como está provado que alguns, com nomes falsos, se correspondem com Plínio Salgado, em Portugal. Verificar, atenta e demoradamente a atitude atual dos integralistas; procurar aproximar-se de alguns deles e, finalmente, investigar em torno dos “NAZARIO”, indicados no relatório nº 950, de 28-7-44, afim de verificar suas tendências políticas e possíveis atividades suspeitas.<sup>154</sup>

Dessa vez, a resposta do S-1 levou duas semanas a aparecer e as conclusões foram pouco animadoras para a polícia: os únicos integralistas de São Paulo que se

---

<sup>152</sup> “Investigação Nº 1474”. São Paulo, 26/07/1944, 24-K-12-19.

<sup>153</sup> “Investigações procedidas afim de se localizar Thomaz Nazario”, relatório preparado por S-1 dirigido ao Chefe do SS. São Paulo, 28/07/1944. 24-K-12-20.

<sup>154</sup> “Investigação Nº 1474”, 10/08/1944, 24-K-12-21.

correspondem com Plínio eram seu genro, José Loureiro Junior, e Adelino Sampaio, que fez parte do corpo editorial do jornal *Acção*, e depois foi encarregado de vender o livro *Vida de Jesus* aos antigos integralistas da capital, pelo valor de 60 cruzeiros por exemplar, cuja renda era remetida a Portugal. Já em torno dos Nazário anotados em outro relatório, não foi constatada qualquer relação. Além disso, investigaram-se nomes de rua parecidos com o endereço do remetente, sem resultado satisfatório, “*o que leva a crer ser apócrifo o endereço e nome constantes na ordem de serviço*”. Sem mais nenhuma pista para as investigações, a documentação é arquivada alguns dias depois.<sup>155</sup>

Ao que tudo indica, os contatos de Salgado com a espionagem alemã e italiana em Lisboa, registrados pelos serviços secretos de vários países, não encontraram ecos nas investigações do DOPS paulista. No máximo, reverberaram desconfianças de supostos contatos com pessoas suspeitas de nazismo, o que não foi determinante nas investigações em torno da figura do ex-chefe integralista.

A preocupação que predomina nas investigações em torno do líder integralista é referente aos seus contatos em terras brasileiras e seu possível potencial como focos subversivos, enquanto grupo opositor de poder, não no que tange à espionagem de guerra. Contudo, os contatos detectados pela polícia entre Plínio e seguidores foram esporádicos e não representavam perigo para a ordem vigente.

### **1.3.2 - Nestor Contreiras Rodrigues e a “conspiração uruguaia”**

Nestor Contreiras Rodrigues foi um dos fundadores da AIB no Rio Grande do Sul, em 1933. Ao longo da década foi um dos chefes provinciais do partido naquele estado. Seu irmão, Felix Contreiras Rodrigues, escrevia com frequência na imprensa integralista. Com o golpe do Estado Novo e a desarticulação do integralismo, Rodrigues, que era casado com uma uruguaia, exilou-se, junto com o ex-chefe provincial fluminense, Raimundo Barbosa Lima, no país vizinho.

---

<sup>155</sup> “Investigações procedidas em torno de pessoas desta Capital que se correspondem com o Sr. Plínio Salgado, ora exilado em Portugal.” São Paulo, 24/08/1944. 24-K-12-22,. Ao lado do carimbo de arquivamento, datado de 28/08/1944, há uma anotação manuscrita: “*aguardando nova oportunidade*”. O caso, porém, permaneceu insolúvel.

Rodrigues teve um envolvimento marginal no levante integralista de maio de 1938 e chegou a ser condenado a um ano de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional. Suspeito de ligações com o nazismo ainda durante o período da AIB, o DOPS colheu informação publicada sobre ele no panfleto *Quinta-Coluna e Integralismo*, publicado pela União Nacional dos Estudantes, em 1943:

Em Porto Alegre é fundado o núcleo local [da AIB] que o[b]edece á direção de NESTOR CONTRERAS RODRIGUES, João Leonard, João Maria Linhares, Ferreira de Medeiros, Anor Buler, Léo Schneider, Hugo Berta, Nestor Pereira e outros mais. A ligação com o Partido Nazista era feita por Dario de Bitencourt que se correspondia diretamente com Rudolf Hess, lugar tenente de Hitler, como ficou provado pela correspondencia apreendida pela Delegacia de Ordem Política e Social daquele Estado, em feliz diligencia. (24-Z-5-28)<sup>156</sup>

Deve-se ler com cuidado a denúncia feita pelo panfleto da UNE, redigido em tempo de guerra. Não que o contato tenha sido impossível, mas é importante que fique frisado que com os afundamentos dos navios brasileiros por submarinos alemães, criou-se um clima de histeria coletiva, no qual se buscava culpados pela desgraça não apenas fora, mas também dentro do país: a chamada “quinta-coluna”. Porém, mesmo que tenha sido verdadeiro, o contato acima teria sido feito, ainda durante a legalidade da Ação Integralista, e não no período da guerra.<sup>157</sup> De qualquer forma, a polícia política paulista manteve certo interesse em torno de Rodrigues, a ponto de criar-lhe um dossiê. No início de 1945, último ano da guerra, o DOPS afirmou ter descoberto uma trama de espionagem nazista com base em Montevideú, na qual estariam envolvidos os dois ex-chefes integralistas ali exilados. Na sequência, o delegado do DOPS-SP Eduardo Tavares Carmo, pediu informações sobre ambos ao chefe de polícia da capital uruguaia.

Nesse ínterim, a investigação virou notícia. A imprensa divulgou os fatos. A *Folha da Manhã* declara que estavam envolvidos na suposta trama também outros dois integralistas, Francisco Caruso Gomes e Jair Tavares, os quais já tinham participado de

---

<sup>156</sup> Transcrição datilografada de trecho de *Quinta Coluna e Integralismo* em 24-Z-6-8. Sem data. O código final consta do texto, e se refere à localização do panfleto na própria documentação do DOPS-SP.

<sup>157</sup> A “feliz diligência” feita pelo DOPS gaúcho se tornou amplamente conhecida por conta do livro de Aurélio da Silva Py, delegado de polícia local que reuniu material apreendido dos chamados “Súditos do Eixo” (alemães e italianos), bem como integralistas, em seu estado. V. PY (1942).

atividades de espionagem na Argentina, algum tempo antes.<sup>158</sup> Além disso, os cronistas já faziam seus comentários e projetavam seus temores. Eis o que diz um articulista num texto publicado no *Correio Paulistano*:

A reportagem de “A Noite” revelou que, entre os últimos espiões germânicos, aos quais a polícia de Montevidéu acaba de deitar mão, havia duas figuras de alto destaque do movimento integralista do Brasil: Raimundo Barbosa Lima e Nestor Contreiras Rodrigues, chefes provinciais titulados pelo papa do credo verde, sr. Plínio Salgado. É mais um episódio que merece ser fixado, porque demonstra, inequivocamente, as relações íntimas, a subordinação, a filiação do “galinha-verdismo” [sic] ao nazismo que ensanguentou o mundo e cuja destruição final está exigindo, ainda, tantos sacrifícios dos povos livres.<sup>159</sup>

No dia seguinte, a *Folha da Manhã* publica nova notícia, mais detalhada sobre a conjura – que estaria a serviço do Sicherheitsdienst (SD), o serviço de inteligência do Partido Nazista alemão - e detalha os nomes dos participantes: a grande maioria era de alemães, e os únicos brasileiros citados eram Caruso e Tavares. Ou seja, Barbosa Lima e Rodrigues não foram confirmados.<sup>160</sup>

Um mês depois do pedido de informações do DOPS-SP à polícia da República Oriental, o chefe desta responde:

SEÑOR DELEGADO DE ORDEN POLITICO Y SOCIAL, DE LA JEFATURA DE POLICIA DE SAN PABLO.  
DON EDUARDO TAVARES CARMO.  
E.E. U.U. del Brasil  
Señor Delegado:  
Acuso recibo a su oficio nº 3 de fecha 8 de enero p. pdo., por el que solicita informes acerca de los súditos brasileños NESTOR CONTRERAS RODRIGUEZ y RAYMUNDO BARBOSA LIMA.  
Em contestación, hago saber a Vd., que dichas personas tuvieron contacto com esta Policía, com motivo de las averiguaciones de atividades antinacionales, que dieron

---

<sup>158</sup> “O caso de espionagem pró-nazismo no Uruguai”. *Folha da Manhã*, 10/01/1945, p. 3. Disponível em [acervo.folha.com.br](http://acervo.folha.com.br). Acessado em 23/02/2015.

<sup>159</sup> MAGALHÃES Jr., “O integralismo a serviço dos alemães”. *Correio Paulistano*, 10/01/1945. Anexado em 24-K-12-23. Esse trecho foi transcrito em máquina de escrever pela polícia em 24-Z-6-11. “Galinha-verdismo” é uma referência a “galinhas-verdes” um dos nomes pelos quais os integralistas eram chamados pelos seus adversários. A expressão surgiu por ocasião da rápida debandada que os integralistas fizeram no episódio conhecido como “Batalha da Praça da Sé”, quando militantes da Frente Única Anti-Fascista (FUA), entraram atirando nessa praça do centro de São Paulo para dispensar uma cerimônia pública dos adeptos do Sigma, em 1934. Ver MAFFEI (1984) e ABRAMO (2014).

<sup>160</sup> “A espionagem nazista no Uruguai”. *Folha da Manhã*, 11/01/1945, p. 2. Disponível em [acervo.folha.com.br](http://acervo.folha.com.br). Acessado em 23/02/2015.

como resultado la detención y sometimiento a la Justicia de TEODORO MUHLBAUER LANDGRAF y otros.

**Ahora bien, tanto en las diligencias policiales como en las presumariales judiciales, los referidos súbditos brasileños no aparecieron complicados ni vinculados a las actividades em cuestión.**

Aprovecho la oportunidad para reiterar a Vd. las seguridades de mi consideración más distinguida.

(a) JUAN CARLOS GOMEZ FOLLE  
JEFE DE POLICIA DE MOTEVIDEO<sup>161</sup>

Assim, apesar das insinuações e suspeitas a que os integralistas estavam sujeitos ou da proximidade do inventariado com pessoas que se envolveram o nazismo, o DOPS-SP não registrou quaisquer provas cabais de atividades de espionagem ou de envolvimento direto de Nestor Contreiras Rodrigues – o qual, aliás, não tinha atuação constante em São Paulo - com o nazismo durante o Estado Novo. Se, por outro lado, houve algum envolvimento de Rodrigues com espionagem, ela não foi registrada pela polícia política do Estado de São Paulo.

### 1.3.3 - Integralistas e “eixistas” em Jundiá

As investigações policiais detectaram muita simpatia difusa e até divulgação de propaganda de integralistas a favor do Eixo. Mas ao contrário do ocorrido em outros lugares (HILTON, 1983; COSTA, 2004; BERTONHA, 2013)<sup>162</sup>, não há, na documentação, sinais de complôs comprovados (isto é, que tenham confirmado as diversas suspeitas dos policiais) ou casos de espionagem pró-Eixo envolvendo integralistas dentro do Estado paulista.

Em cidades com maiores colônias de imigrantes italianos e alemães, o ambiente de simpatia e até de camaradagem entre estes e os antigos seguidores da AIB era visto como forte indicativo de tudo o mais que um clima de guerra contra o fascismo poderia propiciar, como a espionagem.

---

<sup>161</sup> “Chefatura de Polícia de Montevideú. República Oriental do Uruguay. Cópia.” Montevideú, 14/02/1945. 24-Z-6-3. Grifo meu.

<sup>162</sup> Hilton (1983: 106-119, 346-370) trata da colaboração de integralistas com espões nazistas no Rio de Janeiro; Costa (2004: 123-137) se refere a dois integralistas que vão a Argentina se encontrar com representantes do governo argentino em 1943, que se faziam como intermediários de agentes alemães; já Bertonha (2013: 219-224) escreve sobre atividades de espionagem realizadas pelo próprio Plínio Salgado em seu exílio em Portugal, em contato com espões alemães e italianos.

Assim, naquele ambiente ditatorial, em que não podiam expressar suas ideias, publicamente alguns integralistas pretendiam manter um clima de sociabilidade entre si e juntamente com os imigrantes italianos e alemães com os quais se identificavam ideologicamente. Ou seja, simpatizantes do fascismo e do nazismo em diversos níveis.

O ex-chefe municipal da AIB de Jundiaí, João Baptista Curado que, em julho de 1942, estava sendo processado pela delegacia local, insistia em se reunir com seus velhos companheiros integralistas numa tipografia na Vila Arens “*para discutir os acontecimentos desenrolados nos diversos teatros de guerra, dizendo que os comunistas serão derrotados, apesar da ajuda dos países americanos.*”<sup>163</sup>

No relatório policial, podemos perceber ainda um grande ressentimento dos integralistas jundiaenses com o governo e com a polícia em particular:

Referindo-se às autoridades brasileiras, o sr. Curado taxa-as de lacaios de Londres e Washington, acrescentando, que o Ministro Oswaldo Aranha faz o papel de policia daqueles governos, para controlar os atos do Sr. Presidente da Republica e dos seus Ministros. Diz ainda o sr. Curado e seus amigos, que as autoridades brasileiras pagarão com juros as perseguições sofridas pelos integralistas e nazi-fascistas, pois que assim que os totalitários vencerem a guerra entregarão o governo [sic] do Brasil aos adétos [sic] do “sigma”, que tem o seu governo constituído de antemão, tanto federal, como provincial e municipal.<sup>164</sup>

Essa tese de que Aranha era uma iminência parda dos Aliados junto a Vargas, cujo governo até momento tão recente tinha relações relativamente tranquilas - e antes da guerra, reconhecidamente amistosas - com as potências do Eixo, circulava de fato nesses países, o que demonstra que os integralistas tinham, com intensidade variada, acesso a esse material de propaganda. Num governo que, até 1941 estava dividido entre simpatizantes dos aliados ocidentais e germanófilos, Aranha, embaixador nos EUA, sempre foi considerado um entusiasmado “aliadófilo”. Segundo René Gertz, a partir da declaração de guerra do Brasil ao Eixo, os alemães lançaram mão de publicações em

---

<sup>163</sup> “Relatorio dos investigadores 816 e Floriano Peixoto B. Camargo”. São Paulo, 06/07/1942, folha 1, 24-Z-5-424.

<sup>164</sup> Idem.

que, ao mesmo tempo em que poupavam a figura do ditador Vargas, a biografia de Aranha era extremamente depreciada.<sup>165</sup>

Quanto ao suposto “governo constituído” tratava-se certamente de blefe ou simplesmente uma ilusão de militantes fanáticos. É possível que o modelo pré-estatal de funcionamento da AIB tenha influenciado a mentalidade triunfalista de alguns seguidores do Sigma. A estrutura da Ação Integralista durante o seu período de vigência legal, formada inicialmente por departamentos e, depois, por secretarias, assim como conselhos consultivos (como a Câmara dos Quarenta e dos Quatrocentos), tudo encabeçado pela figura do Chefe Nacional do integralismo, parecia invocar de antemão a formação de ministérios e conselhos, numa futura chegada ao poder.<sup>166</sup>

---

<sup>165</sup> Algumas publicações alemãs chegaram a desenvolver até pequenas biografias de Aranha. Diz René Gertz, de acordo com as publicações alemãs *Zeitschrift für Politik* (Berlim, 1943, n° 33, p. 417-420) e *Jahrbuch der Weltpolitik - 1943* (Berlim: Junker und Dünnhaupt Verlag, 1943, pp. 872-905): “Como vilão da História, aparecia Oswaldo Aranha. Este estaria levando uma vida perversa desde a juventude. Começou a subir na vida quando, como intendente de Alegrete, apropriou-se da fazenda de um ‘vagabundo’ religioso que tinha posses, mas não tinha herdeiros. Depois se especializou na organização de conspirações, revelando-se como uma verdadeira ‘aranha’. Tornou-se um viciado no turfe e no jogo. Muitas vezes, não teria pago a conta. Em 1934, Vargas conseguiu desvencilhar-se dele, mandando-o para os Estados Unidos. Em 1937, porém, teria voltado de lá, contra a vontade de Vargas, mas protegido de Roosevelt, exercendo o contraponto ao presidente. Com o Estado Novo, Vargas pretendeu construir um país independente do exterior, mas, juntamente com o embaixador americano Caffery, Aranha conspirou contra essa independência, promovendo as famigeradas conferências pan-americanas; Vargas, no entanto, resistiu até onde pôde. A conspiração teria atingido seu auge quando, em 1º de maio de 1942, o presidente sofreu um acidente de carro ao dirigir-se às comemorações do dia. O acidente teria sido um atentado de Aranha, pois, como segundo homem do regime, assumiria, no caso da saída de Vargas. Este sobreviveu, mas ao preço de se colocar ao lado dos ‘belligerantes’. Além do próprio Vargas, também o exército teria resistido a um rompimento com a Alemanha, mas o sibilino Aranha teria conseguido convencer os militares, através da seguinte argumentação: se a Alemanha vencer a guerra, o Brasil terá sido armado, para o seu próprio bem, pelos americanos; se os Estados Unidos vencerem, o Brasil terá montado no ‘cavalo certo’; os investimentos americanos enriqueceriam o Brasil, e se a Alemanha vencesse, o Brasil finalmente teria a chance de se livrar do domínio americano. Aranha ainda não atingiu seu principal objetivo, que seria a conquista do cargo de presidente, mas continuaria tecendo sua teia neste sentido” (GERTZ, 2000: 207-208).

<sup>166</sup> Sobre a estrutura interna da AIB, diz Hélió Trindade que “a primeira observação a ser feita é que o sistema de organização burocrático-totalitária da AIB não é produto do seu crescimento, mas se manifesta desde as origens do movimento. O sistema burocrático interno se instaura a partir do primeiro congresso integralista de 1934, através de uma rede de órgãos relacionados burocraticamente, desde o nível nacional até os bairros urbanos. Nos estatutos de 1934 está previsto que o Chefe Nacional não se comunicará ‘diretamente com os integralistas, mas por intermédio dos Departamentos Nacionais’, salvo em circunstâncias excepcionais. Cada Departamento Nacional que se relacione com seu homólogo ao nível regional ou local deve fazê-lo por intermédio do chefe provincial. Sistema similar é adotado nas relações entre o Chefe Provincial e os chefes locais. Além disto, está previsto que as relações que se estabelecem entre subordinado e superior devem ser feitas por escrito. Mesmo em se tratando de um chefe provincial, não pode haver contato direto com o Chefe Nacional senão através do Departamento ao qual se liga o objeto de sua demanda, excetuando o caso de um ‘problema relevante de caráter particular’ (TRINDADE, 1979: 171-172). Como essa estrutura era enfatizada e difundida insistentemente

O que deixava a polícia ainda mais preocupada é que ela identificou Jundiaí como um foco potencial de espionagem pró-Eixo pelo seu elevado número de imigrantes e descendentes dos países que estavam em guerra contra os Aliados e, portanto, contra o Brasil. Além disso, era uma cidade estratégica, com indústrias pesadas e importante centro ferroviário.

Jundiaí é uma cidade onde a porcentagem de brasileiros é mínima, pois 75% dos habitantes são estrangeiros, na sua maioria italianos, japoneses e alemães. É um grande centro industrial, motivo por que esses elementos representam grave perigo na hora atual para as nossas instituições, pois estrangeiros que são favoráveis aos totalitários, não fazem disso segredo, dizendo abertamente que os países democráticos são comunistas e que no momento oportuno eles estarão aptos para dar o golpe decisivo e tomarem conta do Governo. Dizem eles que contam com maioria absoluta dentro do próprio País, onde os seus descendentes e os brasileiros que pertenceram ao Integralismo são pelas nações totalitárias.

Existem em Jundiaí duas grandes oficinas ferroviárias, pertencentes às Companhias S.P.R. e Paulista. O número de elementos que pertenceram ao Integralismo é ali grande e os mesmos desenvolvem propaganda dentro das oficinas, constituindo perigo permanente para as autoridades constituídas.<sup>167</sup>

Assim, junto à preocupação de uma população formada por grande número de imigrantes de países que naquele momento se encontravam em guerra contra o Brasil numa cidade com um importante parque industrial, há um outro elemento perturbador, este formado por brasileiros: os integralistas, associados automaticamente aos “súditos do Eixo”, que, tendo antes do fechamento do regime constituído um núcleo importante<sup>168</sup>, também eram vistos como potenciais inimigos no contexto bélico que se desenrolava. Através da bravata relatada pelo policial, Jundiaí seria visto como uma espécie de microcosmo do Brasil, na qual, a se acreditar em sua fala atribuída a esses “súditos do Eixo”, em que os milhões de alemães, italianos, japoneses, seus descendentes e os milhares de integralistas que já marcharam sobre o solo brasileiro, o Brasil seria entregue às “nações totalitárias”.

---

junto aos militantes, é possível que se tivesse inculcido a ideia de que ela tenha permanecido, inclusive depois da dissolução da AIB.

<sup>167</sup> “Obj.: Jundiaí. Relatório dos investigadores 816 e Floriano Bueno Camargo”. São Paulo, 13/07/1942. 24-Z-5-426. Segue-se uma lista com supostos militantes integralistas, quase todos com sobrenomes italianos.

<sup>168</sup> A cidade possuía um jornal que, entre junho e dezembro de 1937, fez parte da rede “Sigma Jornais Reunidos”, o consórcio jornalístico da AIB: a *Folha de Jundiaí*. Sobre o consórcio de jornais, ver: CAVALARI (1999).

### 1.3.4 - Os italianos de São Manoel e o prefeito de Barra Bonita

Outra cidade com grande e influente população de origem dos países do Eixo era São Manoel, próxima a Botucatu. A colônia italiana era não apenas muito numerosa, como tinha grande poder na cidade, sendo predominante no comércio e dona de clubes e rádios, e possuía vários políticos. Além dos peninsulares e seus descendentes, que segundo o relatório do DOPS perfaziam mais de 50 % da população, a cidade possuía colônias importantes de alemães e japoneses, além de húngaros e romenos.<sup>169</sup>

O comercio de São Manoel está dominado pela colônia italiana. A diretoria do Clube Recreativo São Manoel é composta exclusivamente de filhos de italianos, os quais discutem abertamente a favor do “eixo” e costumam reunir-se no clube em companhia de outros elementos dos países totalitários, afim de discutirem assuntos de guerra e ouvirem, pelo radio ali existente, noticias da Alemanha e da Italia. Esses elementos chegaram mesmo a festejar o afundamento dos navios brasileiros, não só na séde do referido clube, como tambem no bar do súdito italiano NELILO.

Os dois clubes de futebol de São Manoel são, tambem, dirigidos por italianos, sendo que o Clube Bandeirante tem como mentor o italiano ALPINO MARTUCCI, que é casado com uma alemã.

A Associação Comercial de São Manoel é também dirigida por italianos.

O Aereo [sic] Clube de São Manoel tem em sua diretoria vários filhos de italianos e dois italianos natos.<sup>170</sup>

O investigador afirma ainda que o integralismo foi um importante fator de coesão dentro da colônia italiana, e sugere que o antigo líder do núcleo municipal da AIB gozaria de algum tipo de proteção oficial.

É de se notar que todos os italianos e filhos de italianos residentes em São Manoel pertenceram á Ação Integralista Brasileira, que tinha como chefe HERMINIO RIQUETE, filho de italiano, proprietário da tipografia e livraria local. Este elemento já foi denunciado varias vezes ao Delegado de Policia local, como possuidor de material de propaganda totalitária e como propagandista do “eixo”. O Delegado de Policia deixou de realizar uma busca na residência de Herminio Riquete, porque o DR.

---

<sup>169</sup> Hungria e Romênia também faziam parte do Eixo. Para a participação desses países durante a II Guerra Mundial, ver TOYNBEE (1958: 288-315).

<sup>170</sup> “Relatorio do investigador 788 – Obj.: São Manoel”. São Paulo, 19/05/1942. 24-H-4-4. Após o nome de Nelilo há um ponto de interrogação escrito a mão, com o nome “Ninilo” também a mão, como se houvesse dúvida na grafia correta. Sublinhados e maiúsculas no original.

HAMILTON FRANCO, Promotor Público local, pediu-lhe que não efetuasse busca alguma na casa desse senhor, alegando que ali nada existia.<sup>171</sup>

Mas quem mais preocupava o investigador era o então prefeito do município vizinho de Barra Bonita, Alcides Tomazetti, que era oriundo de São Manoel, havia militado no integralismo e era apontado como “*propagandista fervoroso do eixo*”. Segundo o relatório do agente 788:

O Dr. Alcides Tomazetti chegou a dizer, perante várias pessoas, que ainda colocará na Prefeitura de São Manoel as bandeiras italiana e alemã e assumirá o governo do município NIPONICAMENTE [sic]. Este fato chegou ao conhecimento do Dr. Marcílio Tavares, Delegado de Polícia local, o qual não ligou a menor importância ao caso.

O Dr. Alcides Tomazetti, que vive mancomunado com o Promotor Público, em cuja residência costuma reunir-se, juntamente com outros **companheiros**, já devia ter sido visitado pela polícia, pois quando o Dr. Marcílio Tavares assumiu a Delegacia de Polícia de São Manoel, já trazia consigo o nome de Alcides Tomazetti como sendo elemento perigoso.

(...) Quinze dias depois da nomeação do DR. ALCIDES TOMAZETTI para prefeito de Barra Bonita, elementos do “eixo” ofereceram-lhe um banquete no Clube Recreativo São Manoel, cuja mesa representava um “E”, o que significava “Eixo”, segundo foi declarado pelo sr. FLAVIO VAZ DE ALMEIDA, que, na ocasião, protestou energicamente e conseguiu que a situação da mesa fosse mudada imediatamente.<sup>172</sup>

Depois de apontar em seu relatório outros suspeitos de serem integralistas e terem simpatias pelo Eixo, como o acima mencionado promotor público Hamilton Franco que sempre “*procura prejudicar a ação da polícia*”; João Prezzi, proprietário de um curtume na cidade vizinha de Bocaina, o qual “*por ocasião da queda da França, correu, de automóvel, toda a zona Araraquarense, Alta Mogiana e Noroeste, a procura dos chefes integralistas*”, tendo levado quinze dias para isso; e Júlio Farcetti, coletor federal em São Manoel, “*filho de italiano*”, “*elemento repudiado pelos brasileiros*” e que teria dito em público que “*o sr. Dr. Getúlio Vargas não servia nem para lavar os pés do Mussolini*”, o relatório conclui que: “*o DR. ALCIDES TOMAZETTI é odiado pela população de Barra Bonita e, segundo informações que obtive do Coletor Federal*

---

<sup>171</sup> *Id.* Sublinhados e maiúsculas no original.

<sup>172</sup> *Id.* 24-H-4-4 e 24-H-4-3. “Companheiros” é como os integralistas se tratavam mutuamente. Sublinhados e maiúsculas no original. O negrito é meu.

*dessa cidade, se o Governo não substituir esse prefeito por um brasileiro de quatro costados, não demorará um conflito em Barra Bonita.*”<sup>173</sup>

Aparentemente, esse relatório teve efeito somente no final de 1942, quando a partir de uma denúncia de um certo Dr. Alencar Neto - que afirmou que “*o Dr. Tomazetti andou pela cidade em companhia de um alemão*”, gerente de uma companhia imobiliária, supostamente “*exaltando o nazismo e a Alemanha*” - o Superintendente de Segurança Política e Social, Major Olintho França Almeida Sá, o envia ao delegado de polícia de Barra Bonita, pedindo uma investigação mais detalhada e atualizada sobre o prefeito da cidade.<sup>174</sup>

O resultado da investigação chega às mãos do Major em inícios de dezembro, e foi feita por um novo delegado, Matheus da Silva Chaves Neto, que havia assumido o posto em setembro. A pesquisa do delegado se baseou apenas em relatos e boatos dos munícipes de São Manoel, onde Tomazetti seria “*pessôa mal vista*”. Desse modo, o delegado confirma o passado integralista do prefeito em sua cidade natal, bem como suas relações estreitas com a comunidade italiana daquela cidade. Confirmou ainda que “*comenta-se*” na cidade que Tomazetti alçaria a bandeira italiana na Prefeitura de Barra Bonita, assim que assumisse o cargo, mas ressalva: “*Todos esses fatos, (...) são comentados sem exitação [sic] alguma na propria terra do Dr. Alcides Tomazetti.*”<sup>175</sup>

Quanto ao fato de o prefeito ter andado com um alemão – cujo nome era Arthur Hiss - pela cidade, o delegado disse que ele mesmo presenciou a amizade, “*a qual consistia no fato de estarem sempre juntos, frequentemente [em] bares e passeios.*” Segundo o delegado Chaves Neto, Hiss teria saído da cidade com destino a Avaí, “*portando sua carteira de salvo-conduto*”, e não mais voltado. No caso da suposta exaltação de Tomazetti ao nazismo na companhia de Hiss, o delegado disse que “*não teve nésta [cidade de Barra Bonita] a menor ressonância, o que me leva a crer tratar-se de uma denuncia infundada; todavia*”, ressalva o investigador, “*a população de Barra*

---

<sup>173</sup> *Ibid.* 24-H-4-3 e 24-H-3-2. Maiúsculas no original.

<sup>174</sup> Memorando Nº 1491 do superintendente de Segurança Política Social, Major Olintho França Almeida Sá, ao delegado de polícia de Barra Bonita. [São Paulo], 13/11/1942. 24-H-4-5.

<sup>175</sup> Relatório do Delegado de Polícia de Barra Bonita, Matheus da Silva Chaves Neto ao Superintendente da Segurança Política e Social, Major Olintho França Almeida. Barra Bonita, 08/12/1942. 24-H-4-9.

*Bonita recriminou, embora tacitamente, o PREFEITO MUNICIPAL andar em companhia, pela cidade, de um alemão.*<sup>176</sup>

Chaves Neto conclui que, malgrado a fama de Tomazetti como “quinta-coluna”, não se provou nada de concreto, e as denúncias teriam se dado por intrigas políticas e pessoais. O delegado traça um perfil do denunciante e suas relações:

O Dr. Alencar Neto é pessoa que goza de pouco conceito na Sociedade local e é íntimo amigo e tido em Barra Bonita, como mentor político do ex-prefeito LUIZ SCAGLIONI, a quem o Dr. Tomazetti veio substituir. Até a presente data nem o DR. ALENCAR NETO nem LUIZ SCAGLIONI se conformaram com a nova situação, estando ambos constantemente alardando [sic] que receberão novamente a Prefeitura.<sup>177</sup>

E, por fim, uma das fontes do investigador 788, o coletor federal do município, que tinha dito que haveria um conflito na cidade caso o prefeito não fosse substituído, havia apresentado queixa na delegacia contra este. Arthur Bataiola, o coletor, “*alegou ter sido vítima em dias recentes, de uma agressão por parte do Dr. Alcides Tomazetti.*”<sup>178</sup>

Alguns fatos se fazem notar dessa história: primeiro, é sintomático que o ex-chefe municipal de uma cidade seja escolhido prefeito (mesmo que de outra cidade) em pleno Estado Novo. Mostra que a perseguição política aos integralistas ia só até certo ponto<sup>179</sup>. Mesmo assim, depois de assumido o cargo, pairaram sobre o prefeito dúvidas quanto à sua “lealdade” ao regime, que foram alimentadas por desafetos. Afinal, o prefeito mantinha um círculo social formado por “súdito do Eixo”. Em terceiro, quanto à natureza dos denunciantes: inimigos políticos ou pessoas movidas por acertos de conta pessoais, poderiam colocar em risco a confiança das autoridades num determinado suspeito.

No que tange ao relatório do delegado mais recente, não há indicação de que este estivesse protegendo Tomazetti, ao contrário de várias autoridades citadas acima pelo

---

<sup>176</sup> *Id.* 24-H-4-8. Maiúsculas no original.

<sup>177</sup> *Id.* 24-H-4-7. Maiúsculas no original.

<sup>178</sup> *Id.* 24-H-4-6.

<sup>179</sup> É bom lembrar que o Estado Novo foi pródigo em acolher partidários de ideologias contra as quais lutava: Miguel Reale, ex-integralista, fez parte do aparato burocrático do regime em São Paulo; Carlos Drummond de Andrade, simpatizante comunista, era protegido do ministro Gustavo Capanema, da Cultura.

investigador 788, inclusive o antigo delegado. Chaves Neto não nega as suspeitas que a população tem sobre o prefeito, e a desconfiança com que ela o observa. Mas afirma não ter encontrado nada que o desabonasse. E, ao que tudo indica, a desconfiança do DOPS em relação ao prefeito de Barra Bonita se encerra aí, já que não há documentos posteriores sobre os investigados.

### 1.3.5 - O *genro integralista do ministro*

Dentre os integralistas detidos e posteriormente libertos há um curioso caso de favorecimento por parentesco influente. O gaúcho Rudolf Armin Freudenfeld era gerente da Agfa Filmes, loja pertencente à empresa Bayer localizada no número 73 da Rua Líbero Badaró, no centro de São Paulo. Antigo militante do núcleo paulistano da AIB, Freudenfeld foi denunciado como “*alemão*”, “*partidário fervoroso de Hitler, de quem faz propaganda entre as pessoas de sua amizade*”, por “*espionagem*”, tendo participado de um centro controlado pelo cônsul alemão, e de ter declarado “*que o Brasil é escravo da Inglaterra*”.<sup>180</sup>

A denúncia era de setembro de 1940 e, apesar de ser o auge do poder do Eixo durante a guerra (a queda da França havia ocorrido poucos meses antes), não houve interesse em sua detenção, pois o Brasil era então um país neutro na contenda, considerada ainda estritamente europeia.

Passaram-se dois anos até que ele fosse denunciado novamente - já no contexto da declaração de guerra do Brasil ao Eixo - por Klaus Hermann Regitz, chefe de pessoal da Companhia Firestone do Brasil, com sede em Santo André, e com quem Freudenfeld já havia trabalhado. Regitz, que era oficial da reserva, havia sido preso por ser integralista e “*abertamente pelo nazismo*”, e em cuja residência haviam sido

---

<sup>180</sup> “Reservado” ao Capitão Delegado Especial de Segurança Política e Social do Distrito Federal, não assinado. São Paulo, 23/09/1940. 24-B-27-10. A ideia de que o Brasil seria “escravo da Inglaterra” era relativamente comum entre os partidários brasileiros da Alemanha nazista. O principal representante dessa corrente foi o escritor integralista Tenório D’Albuquerque que escreveu livros com essa temática como, por exemplo, *O Imperialismo Britânico no Brasil* (D’ALBUQUERQUE, 1941).

apreendidas várias armas e munições, além de fotografias e uniformes integralistas.<sup>181</sup> Regitz e Freudfeld haviam pertencido ao mesmo núcleo integralista.

Freudfeld foi detido em sua residência, em 19 de agosto de 1942. O agente Arthur Reis Machado interrogou a ele e sua esposa, e se surpreendeu com as respostas desta:

Interrogado por mim, não negou ser Integralista. Sua esposa descaradamente [sic], disse-me que seu marido é Integralista, que ela é Integralista e que o Presidente Getúlio Vargas é Integralista [sic]. Disse mais, que não dava confiança na polícia porque seu pai é o Presidente do Tribunal e que a polícia somente fazia injustiças e arbitrariedades, que somente depois de umas tantas coisas terminaríamos aqui uma justiça verdadeira.<sup>182</sup>

A informação sobre o parentesco era, porém, verdadeira. Por volta de duas semanas mais tarde, o ex-ministro Carlos Maximiliano Pereira dos Santos<sup>183</sup>, do Supremo Tribunal Federal (STF), enviou uma carta a Luiz Vergara, do DOPS-SP, pedindo-lhe a imediata soltura do genro, por acreditar em sua inocência.

RIO, 2 de setembro de 1942.

Prezado Amigo e Sr. Dr. LUIZ VERGARA.

Como o nosso eminente amigo Dr. Getúlio Vargas se acha muito atarefado e, de certo, não dispõe de tempo para ler inúmeras cartas, tomei a liberdade de pedir ao amigo a grande gentileza de resumir para ele o seguinte.

Tenho em São Paulo a filha mais velha d'entre as mulheres, casada com o rio-grandense RODOLPHO ARMIN FREUDENFELD, gerente da Casa Agfa, seção da Bayer. Inesperadamente, ele foi preso. Dous investigadores deram busca na sua casa de família, interrogaram a esposa e concluíram informando nada terem encontrado contra ele, que fora preso por denúncia de ser integralista. Efetivamente, ele o foi; retirou-se há cinco anos, por estar o Partido se envolvendo em política [sic]. Logo, apenas esteve alistado nas fileiras daquela agremiação, quando a mesma era recebida por S. Ex. o Chefe da Nação ladeado de generaes. Ao advogado da Bayer informou o oficial do Exército

---

<sup>181</sup> Relatório de Arthur Reis Machado, Encarregado da Turma “B”, para Manoel Ribeiro da Cruz, Delegado Especializado de Ordem Política e Social. São Paulo, 19/08/1942. 24-B-27-1.

<sup>182</sup> Relatório de Arthur Reis Machado, Encarregado da Turma “B”, para Manoel Ribeiro da Cruz, Delegado Especializado de Ordem Política e Social. São Paulo, 19/08/1942. 24-B-27-2. Sublinhados no original.

<sup>183</sup> Carlos Maximiliano Pereira dos Santos (1873-1960) nasceu em São Jerônimo (RS). Foi ministro da Justiça e Negócios Interiores na presidência de Wenceslau Brás (1914-1918) e Procurador-Geral da República (1934-1936). Entre 1936 e 1941 foi ministro da Corte Suprema, aposentando-se em seguida. Ver a biografia do ministro no site do Supremo Tribunal Federal: <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=230>. Acessado em 28/02/2015.

incumbido da Polícia da Ordem Política e Social que nada se apurára contra o meu genro; porem só o soltaria ao concluir um inquérito geral a que estava procedendo. Tal inquérito não tem tido andamento; e a minha filha lá está, aflita, sosinha em bairro distante, com cinco creanças. A detenção já se prolongou por duas semanas. Peço, pois, o que ha de mais razoavel: APURE-SE, COM A POSSIVEL BREVIDADE, SE RODOLPHO FREUDENFELD INCORREU EM FALTA OU ATIVIDADE CONTRA O BRASIL; NO CASO NEGATIVO, SEJA SOLTO. Ele tem nome alemão e trabalha, como chefe, em casa alemã; porém, nasceu em Porto Alegre; a mãe também é riograndese; só o pae, já falecido, era bávaro. Não ha inconveniente em solta-lo; porque ele se não ausentará.

Toda a minha família e eu próprio estamos sofrendo muito com a imerecida coação ao genro e o isolamento em que ficou uma moça, em terra de comunistas estrangeiros, e em arrabalde distante. Eis porque peço exorar ao meu eminente amigo Dr. Getulio a gentileza de uma providencia. Não temo nem pretendo evitar a apuração da verdade: apenas desejo evitar que fique um rapaz trabalhador e sem vícios MOFANDO na prisão por todo o tempo da guerra. Esperando, da sua amizade, a colaboração equitativa que exoro, subscrevo-me, com a maior consideração.

Seu amigo e patricio atº

(a) Carlos Maximiliano

Rua Buarque de Macedo, 27 - Flamengo (Telefone: 25-3473)<sup>184</sup>

Esta carta foi retransmitida ao interventor do Estado de São Paulo, Fernando Costa, juntamente com uma do ministro do Trabalho, Alexandre Marcondes Filho e outra do Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, João Alberto<sup>185</sup>. Todos reiteravam o pedido de que o caso fosse resolvido o mais rápido possível para que, sendo inocente, o genro do ex-ministro fosse libertado. Costa retransmitiu-as à Secretaria de Segurança Pública<sup>186</sup>. Em 17 de setembro, Luís Apolinário, chefe do Serviço Secreto, respondeu ao chefe do DOPS, que “*ambos [isto é, Freudenfeld e Regitz] estão sendo regularmente processados e que sua detenção representa medida de segurança*”<sup>187</sup>.

Por conta do parentesco ilustre, Apolinário sugere a soltura de Freudenfeld, o que acabou sendo feito dois dias depois: “*no entretanto, **tratando-se de genro do sr. Ministro Carlos Maximiliano, poder-se-ia, salvo melhor juízo [sic], conserva-lo detido na residência, sob palavra***”<sup>188</sup>. O agente tratou ainda de tranquilizar o questionamento

---

<sup>184</sup> Carta de Carlos Maximiliano a Luiz Vergara (cópia). Rio de Janeiro, 02/09/1942. 24-B-27-4. Maiúsculas e grifo no original.

<sup>185</sup> Carta de João Alberto a Fernando Costa (cópia). Rio de Janeiro, 10/09/1942. 24-B-27-3; carta de Alexandre Marcondes Filho a Fernando Costa (cópia). Rio de Janeiro, 08/09/1942. 24-B-27-5.

<sup>186</sup> Memorando de Nelson Luiz do Rego, secretário da Interventoria do Estado, a Accacio Nogueira, secretário de Segurança Pública do Estado. [São Paulo], 15/09/1942. 24-B-27-6.

<sup>187</sup> Relatório de Luís Apolinário ao Delegado de Ordem Política e Social. São Paulo, 17/09/1942. 24-B-27-7.

<sup>188</sup> Idem. Sobre a libertação, ver a ficha de Rudolf Armin Freudenfeld, sem título, 24-B-27-9. Grifo meu.

do ministro referente ao suposto “isolamento” do “arrabalde distante”, citado por Maximiliano em sua carta:

Devo dizer ainda que o sr. FREUDENFELD reside á rua Inglaterra 104, bairro aristocrático da cidade (Jardim Europa), onde como é sabido, não se verifica atividades comunistas e que estas, onde quér que se verifiquem, vem sendo, como qualquer outro crédo extremista, objeto de observação minuciosa, atenta vigilância e severa repressão por parte desta Superintendência, não só nesta Capital como em qualquer ponto do território do Estado.<sup>189</sup>

Chegamos aqui a três constatações: a primeira, antes da entrada do Brasil na guerra e, portanto, ainda durante as relações diplomáticas com a Alemanha nazista serem ainda regulares, apesar das denúncias de espionagem e de propaganda nazista, não houve interesse do DOPS em relação a Freudenfeld; segunda, nas vésperas da declaração de guerra, o investigado torna-se, repentinamente, duplamente suspeito, por ter sido integralista e ter nome alemão, o que fez com que ele fosse mantido preso sem qualquer julgamento. Terceiro, apesar de não pesarem até aquele momento provas contra o acusado, a sua soltura foi realizada principalmente pelo fato de ter um parente ilustre, ninguém menos do que um ex-ministro do Supremo Tribunal Federal. A se notar pela ausência de documentos posteriores a essa data no dossiê, o caso Freudenfeld foi abandonado pelo DOPS, depois de sua soltura.

Nesta terceira constatação, aliás, podemos ver uma relativização do conceito de “inimigo objetivo” de Hannah Arendt. O fato de haver uma relação pessoal entre o acusado e o ministro, fez com que aquele desestimulasse qualquer ação policial em relação a este, e para isso, ele fez uso de termos e expressões próprias do jargão do DOPS, para que fosse mais convincente.

O ministro, um agente de estado, fez valer do poder emanado de sua autoridade para pedir auxílio, para um membro de sua família. Ele envia cartas para várias autoridades, com o fito que haja um grupo de pressão para a soltura de seu genro, o que acaba ocorrendo.

---

<sup>189</sup> Relatório de Luís Apolinário ao Delegado de Ordem Política e Social. São Paulo, 17/09/1942. 24-B-27-7.

Há, pois, claramente, uma sobreposição entre o público e o privado. A intervenção do ex-ministro do Supremo foi decisiva para a libertação do denunciado, um membro de sua família. Para Sérgio Buarque de Hollanda, tal atitude tem sido uma atitude tem sido uma constante na história brasileira:

É possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade (HOLLANDA, 1990: 106).

Desse modo, o “inimigo objetivo” arendtiano adapta-se eventualmente à realidade brasileira e local, das relações de compadrio, e estiola-se nesse caso particular. A polícia política paulista - apesar de toda sua diligência em busca desse inimigo conceitual, e pelas “*coisas de todo instante*”, como disse Foucault – não obstante os modelos externos europeus no qual se baseia, ela não deixa de sofrer as influências da realidade local, da qual ela é parte inerente e inseparável.

### **1.3.6 - O denunciante contumaz e a foto comprometedora**

Os dossiês da família 24 possuem uma rica diversidade documental: relatórios policiais, depoimentos de suspeitos, jornais (inteiros ou panfletos), cartas, fotografias. Contudo, no que tange a este último item, elas não são muito numerosas. Não sabemos exatamente o motivo. E, apesar de ter sido prática do DOPS fotografar os locais investigados (MAGALHÃES: 2008), nenhuma das fotos dos dossiês da família 24 é de autoria policial: todas são apreendidas, ou foram entregues em denúncias. Como é o caso da que analisaremos agora.

“Uma imagem vale mais do que mil palavras”. Essa é uma frase que se aplica particularmente a fotografias (embora também possa sê-lo em relação a filmagens). Nesse raciocínio está embutida a ideia de que a realidade seria inerente à fotografia: esta seria um recorte objetivo do real, sem qualquer interferência humana, ao contrário do que seria, por exemplo, uma pintura. Segundo Fernanda Torres Magalhães:

A novidade técnica e estética que o advento da imagem fotográfica estabeleceu trouxe conceitos que norteavam a questão do *realismo da imagem fotográfica*, que vê na foto uma reprodução do real. Essa crença se pauta na aparente objetividade imposta pelo registro, que por sua vez se ancora no aparato tecnológico para a produção da própria fotografia, que possibilitou a captação e a fixação da imagem. O slogan “É só apertar o botão que nós fazemos o resto”, de renomada empresa de produtos e equipamentos fotográficos, mostra-nos perfeitamente o forte imaginário norteador da fotografia desde a sua invenção: a crença na capacidade que ela tem de reproduzir a realidade (MAGALHÃES, 2008: 90).

A partir dessa perspectiva, no caso do DOPS, a fotografia era utilizada como importante elemento gerador de informações e, portanto, de “verdades”.

A foto abaixo faz parte do dossiê 24-K-37, referente à investigação em torno do suspeito Eurico Jayme Guerra, diretor do Ginásio da cidade de Avaré, e que foi chefe municipal da AIB local. Ela foi anexada em 24 de setembro de 1943, mais de um ano depois da denúncia que gerou a abertura do dossiê e consequente investigação<sup>190</sup>.

Trata-se, na verdade, da foto de uma foto. Aparentemente, o retrato estava numa espécie de quadro de recados (o qual parece ser de madeira) numa parede. Sobre ele, e a ele ligado através de dois alfinetes ou pequenos pregos, um folheto de campanha eleitoral com o nome do investigado, que foi candidato a vereador nas eleições municipais de 1936 pela AIB.

A fotografia interna é o instantâneo de uma reunião realizada na Sociedade Italiana de Avaré que, segundo relatório de investigação que o acompanha, teria se realizado pouco antes da extinção dos partidos, ou seja, em 1937, provavelmente no segundo semestre.<sup>191</sup>

Em tempos de guerra contra o Eixo, é uma foto bastante comprometidora: na imagem, aparece uma mesa, junto a qual estão oito homens, sete dos quais estão identificados. Dois deles estão envergando o uniforme integralista, com a “bolacha” portando o sigma costurada no braço da camisa. É difícil afirmar com precisão, já que a

---

<sup>190</sup> A fotografia está sob o código 24-K-37-2.

<sup>191</sup> “Relatório da investigação Nº 670, sobre as atividades políticas na cidade de AVARÉ – 24 de Setembro de 1943”. 24-K-37-8.

foto é em preto e branco, mas pelo menos três membros da mesa estão usando a camisa preta fascista.

Na parte de cima da foto está impresso: “Sociedade Italiana, Avaré”. Atrás das pessoas da mesa, duas bandeiras: uma do Brasil e a outra do Reino da Itália. Sobre a mesa, colocada como uma toalha, estava a bandeira integralista, com a letra sigma bem visível. Atrás das bandeiras, na parede, alguns quadros, dos quais o único do qual se pode identificar algo, é o que representa a efígie de um militar. Aparentemente, trata-se de uma reunião conjunta dos integralistas com membros da Sociedade Italiana. Como àquela altura a grande maioria das associações italianas haviam sido fascistizadas<sup>192</sup>, era quase certo que houvesse alguma solidariedade ideológica entre fascistas italianos e integralistas no evento retratado.

O folheto em questão colocado sobre a foto do evento era claramente eleitoral. Continha apenas os dizeres: “*Para vereadores municipais – Integralismo contra o aumento de impostos – Eurico Jayme Guerra*”<sup>193</sup>. Sobre ambos - foto interior (isto é, a foto dentro da foto) e folheto (também dentro da foto maior) - havia setas e números escritos provavelmente à caneta, identificando cada um dos presentes à mesa, com a exceção do único que pode ser visto praticamente de corpo inteiro, o qual ostenta uniforme integralista. O destaque fica, naturalmente, em torno de Guerra, com duas setas indicando-o com o número três. A fotografia em questão foi anexada ao dossiê por um agente não identificado do DOPS. No relatório anexo à fotografia, há ainda a informação da presença de certo Ferdinando de Martino como sendo partidário do fascismo.<sup>194</sup>

---

<sup>192</sup> Sobre a fascistização das várias associações italianas no Brasil, ver BERTONHA (2001: 148-162).

<sup>193</sup> “Integralismo contra o aumento de impostos” foi o slogan da campanha eleitoral da AIB de 1936 em todo o estado de São Paulo (V. DOTTA, 2010: 355).

<sup>194</sup> “Relatório da investigação Nº 670 (...)”, citado. 24-K-37-8. Não confundir com o militante e jornalista integralista Ferdinando Martino Filho, autor do livro *Pela Revolução Integralista* (MARTINO FILHO, 1935).

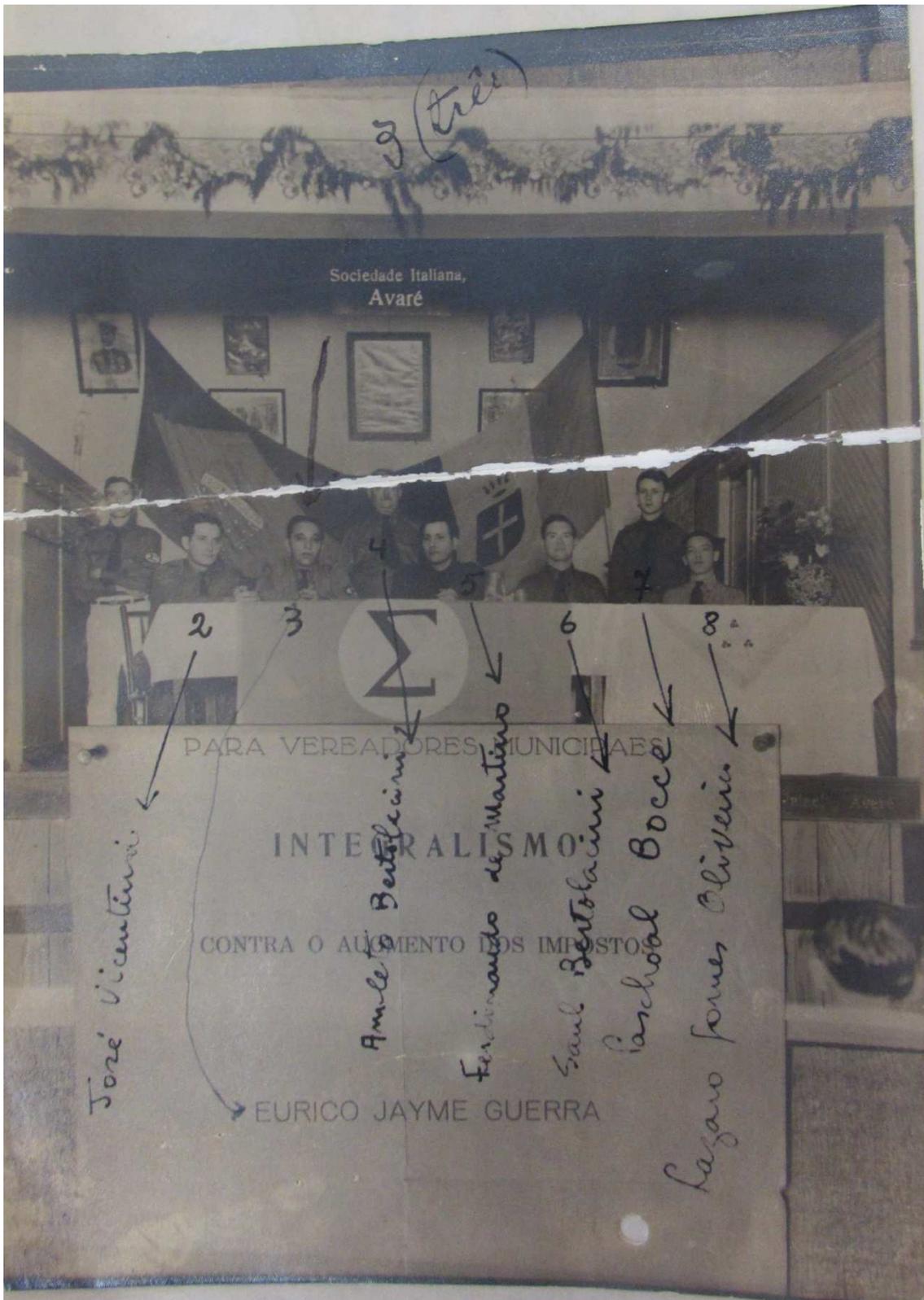


Ilustração N°5: Cerimônia com a presença de integralistas e fascistas na Sociedade Italiana de Avaré, foto de 1937. Sobre a foto, propaganda eleitoral de Eurico Jayme Guerra, um dos presentes no evento. 24-K-37-2.

O dossiê sobre Eurico Jayme Guerra foi aberto por conta de uma denúncia feita pelo jornalista Raul Osuna Delgado, que se apresentou como “*reservista de 1ª Categoria do Exército Nacional*”, e dizendo-se “*animado do firme propósito de colaborar, como de fato tem colaborado (...) com todas as autoridades do país na imediata desarticulação e indispensável repressão dos elementos da chamada ‘QUINTA COLUNA’ em cujo seio, como é sabido, se ocultam artimanhosamente os verdadeiros inimigos não só da segurança nacional bem como das nossas acrisoladas tradições de povo essencialmente democrático*”.<sup>195</sup> Dentre esses inimigos, destacar-se-iam os integralistas. Ou seja, para comprovar sua alegada idoneidade, o delator destaca um fato de seu currículo que supostamente o qualificaria positivamente, bem como se declara disposto a defender a pátria, perseguindo seus inimigos mais procurados naquele momento.

Como prova de seu entusiasmo em colaborar com as autoridades em denunciar os supostos quinta-colunas, Delgado enviou junto com a denúncia, um recorte de jornal com uma reportagem em que ele teria participado do fechamento, pela polícia, de uma escola japonesa clandestina que funcionava em uma fazenda na vizinha cidade de Cerqueira César.<sup>196</sup> Entra em cena, pois, a figura do delator, muito útil e própria da natureza de todo Estado policial.

A figura do “dedo-duro” foi de fundamental importância para o início de muitas investigações, como também para aprisionar suspeitos políticos. A convivência da população, partícipe e colaboracionista, envolvida pelo discurso oficial, foi fundamental para o efetivo trabalho da polícia política, pois facilitou o desempenho policial para a obtenção de provas do crime (PEDROSO, 2005: 138).

Para Delgado - que enviou a carta diretamente para o DOPS de São Paulo, e não para a delegacia local da cidade - o fato de Guerra ter sido membro da AIB e ser, naquele momento, diretor de um ginásio deveria ser motivo de preocupação:

---

<sup>195</sup> Delgado chega a anexar junto à carta de delação uma cópia autenticada de seu certificado militar, como suposta prova de idoneidade moral. Cf. “Pública fórmula de um certificado militar, cujo teor é o seguinte (...)”. Cartório do 1º Ofício. Avaré, 06/03/1942. 24-K-37-3.

<sup>196</sup> “Basta de tolerância!”. A *Semana* (Cerqueira César), 22/03/1942 (sem indicação de página). 24-K-37-1. A reportagem tem forte tom racista antinipônico.

Outrossim, em se tratando de uma pessoa visceralmente familiarizada [sic] com as doutrinas políticas de caráter totalitário, contra as quais todos os bons brasileiros estão em franca e desassomburada hostilidade, e enfeixando, nas suas mãos, toda a parte administrativa de um estabelecimento de ensino secundário, no qual se abrigam, no corrente ano letivo, CERCA DE TRESENTOS [sic] JOVENS EM ACENTUADA FORMAÇÃO ESPIRITUAL, a permanência daquele individuo, á testa do referido ginásio, vem constituindo, sem dúvida alguma, um autêntico e constante perigo para a estabilidade em conjunto das nossas instituições políticas e sociais, quer analisando-se, com absoluta serenidade de espírito, a sua velha e indefectível paixão pelo crêdo verde, quer objetivando-se, com raciocínio de patriota, a sua recente e notória atuação, em Avaré, como fervoroso e estouvado paladino do Sigma e, **consequentemente**, como incondicional admirador dos princípios da política de Hitler, de Mussolini e Hiroito.<sup>197</sup>

Mas o mais grave, para o jornalista, era que Guerra não se importava porque contaria com “pistolões”, de modo que estaria “blindado”, o que lhe permitiria seguir sendo integralista:

Acresce, ainda, a gravíssima circunstancia, ter o referido diretor do ginásio local afirmado ao Engenheiro Luís Câmara, aqui residente, que nada receia com respeito a qualquer denuncia contra os seus ideais políticos ou contra o seu manifesto pendor pelas forças do “EIXO”, visto ele, EURICO JAIME GUERRA, contar, em qualquer emergência, com a estreita proteção do sr. Dr. Miguel Reale, atual Conselheiro do Departamento Administrativo do Estado de S. Paulo.<sup>198</sup>

Tendo tomado conhecimento da denúncia contra si, Guerra também escreveu uma carta para a polícia, mas a da própria cidade de Avaré<sup>199</sup>. Natural de Jardinópolis, também no interior de São Paulo, e médico de profissão, o diretor do ginásio admitia ter militado na AIB no passado, mas alegava ter se tornado um partidário leal da ditadura varguista:

---

<sup>197</sup> Carta de Raul Osuna Delgado ao Major Olinto de França Almeida e Sá, Delegado Superintendente da Segurança, Política e Social. Avaré, 18/04/1942. 24-K-37-4. Grifos e maiúsculas no original. A carta foi registrada em cartório. Negrito meu.

<sup>198</sup> Id. Grifos e maiúsculas no original.

<sup>199</sup> Na carta de Delgado ao DOPS, há, ao lado da declaração de ciência do superintendente, a seguinte anotação: “Ao Dr. Del. [delegado] de Avaré”. Uma nota reservada endereçada ao delegado de polícia de Avaré diz: “Juntando a esta a inclusa informação, do Snr. RAUL OSUNA DELGADO, aí residente, solicito a devolução da mesma, devidamente informada.” Id. e “Nota reservada” N° 579, de Ribeiro da Cruz, Delegado Especializado de Ordem Política e Social, ao Delegado de Polícia de Avaré. São Paulo, 29/05/1942. 24-K-37-5. Tais informações indicam que as questões locais eram levadas a ser resolvidas nas próprias cidades, mostrando uma certa descentralização do órgão.

Aqui, em Avaré, ingressei em 1935 na Ação Integralista Brasileira e assumi mais tarde a presidência da mesma, cargo que exerci com absoluta prudência e máximo respeito às autoridades constituídas.

Após o golpe [sic] de 10 de Novembro, foram extintos os partidos e dei também por finda a minha missão como chefe da Ação Integralista Brasileira em Avaré, conformando-me com sinceridade com os dispositivos da Nova Carta-Magna.

Integrado nos postulados do Estado Novo, contribuindo com o meu esforço e energia junto às autoridades constituídas conforme é público e notório e em prova fotografica, fui aproveitado pelo Governo do Estado, para exercer o cargo de Diretor do Ginásio desta cidade. Dessa data em diante, não só redobrei as minhas atividades pelo engrandecimento da casa de ensino a meu cargo, como também prestei franca e leal cooperação em todas as festas cívicas realizadas nesta cidade, em cujas oportunidades pronunciei vários discursos em praça pública, confirmando a minha convicção de Brasileiro compenetrado dos deveres expressos na Constituição de 10 de Novembro, em boa hora decretada pelo eminente Presidente Getúlio Vargas.<sup>200</sup>

Ainda na sua resposta para a polícia, o ex-membro da AIB criticou fortemente seu delator, sugerindo que ele estivesse a serviço de interesses escusos. Para Guerra, *“Raul Osuna Delgado não tem idoneidade moral para denunciar quem quer que seja, não passando de testa de ferro de terceiros e, visto como, é demasiadamente conhecido da polícia, com elemento nocivo á sociedade, em que vive”*, e os motivos para essa *“perversa denuncia”* são *“só a inveja, o ciúme, a maledicência”* e a *“covardia daqueles que se escondem por detraz da capa negra da hipocrisia”*.<sup>201</sup>

Tanto Delgado quanto Guerra fizeram uma relação de nomes de pessoas que pudessem confirmar o que diziam em suas respectivas cartas. Contudo, depois de investigações e de receber a carta de Guerra, o Delegado de Avaré, Paulo Marcondes Pestana, enviou a resposta pedida ao DOPS: *“com referência ao têor da denuncia, e das pessôas indicadas conseguimos apurar, não serem verídicas as acusações contra aquele cidadão [Guerra]. As pessôas ouvidas, nada adiantaram que nos merecesse qualquer atenção.”*<sup>202</sup>

Pestana admite que já conhecia a fama do acusador, quando declara: *“Adianto a V. S. que Raul Osuna Delgado, autor da denuncia de fls. é elemento conhecido como denunciante de autoridades e políticos naquela zona do Estado.”*<sup>203</sup> Contudo, malgrado

---

<sup>200</sup> Carta de Eurico Jaime Guerra a Paulo Pestana, Delegado de Polícia de Avaré. Avaré, 16/06/1942. 24-K-37-6.

<sup>201</sup> Id.

<sup>202</sup> Relatório reservado s/n do Delegado de Polícia de Avaré, Paulo Marcondes Pestana, ao Delegado Especializado de Ordem Política e Social. São Paulo, 01/07/1942. 24-K-37-7.

<sup>203</sup> Id.

o tom de descrédito, não dá maiores detalhes. Ao que as evidências indicam, Delgado era uma espécie de delator “profissional”, uma pessoa que se especializava em denunciar supostos “inimigos da Pátria”, com objetivo de conseguir prestígio social e favores políticos.

Apesar disso, mais de um ano depois, um relatório de investigação não assinado traz consigo a foto acima analisada. No texto consta a informação de que Eurico Jaime Guerra continuava “*a manter contato com inumeros elementos que pertenceram á Ação Integralista Brasileira, tanto da cidade, como dos arredores.*”<sup>204</sup>

Analisando a fotografia, podemos refletir sobre o papel desta no dossiê do investigado. Em primeiro lugar, por que ela foi produzida? Qual foi o objetivo de se retratar uma cerimônia integralista numa associação fascista?

O integralismo foi um movimento político que fez grande uso dos meios de comunicação e da tecnologia disponível à época (BULHÕES, 2012). No Brasil, ele foi pioneiro nisso, e esse é um dos motivos pelos quais ele era considerado uma força política moderna, em comparação com os partidos oligárquicos que comandavam a política nacional naquele momento.

Desse modo, os integralistas fizeram um uso intensivo dessas ferramentas para fins de propaganda. E a fotografia tinha um papel central na publicidade da AIB. Havia um estímulo para que todos os eventos do movimento fossem fotografados e amplamente divulgados em seus órgãos de imprensa. Assim, as reuniões, marchas, festas, casamentos, batizados, missas e outras reuniões às quais os integralistas participavam, nos mais variados pontos do Brasil eram retratados e publicizados em periódicos como a revista *Anauê*, os jornais *Acção* e *A Offensiva*, dentre outros.

Nas fotos integralistas, preferencialmente, eram mostrados militantes em grande quantidade, com o objetivo de mostrar uma suposta força numérica da AIB; lideranças, com ênfase no Chefe Nacional, para demonstrar sua onipresença; famílias, com pessoas de todas as idades (idosos, mulheres, crianças); e eventos externos aos da AIB, como casamentos, missas e reuniões com outras associações, para que se evidenciasse a

---

<sup>204</sup> “Relatório da investigação Nº 670, sobre as atividades políticas na cidade de Avaré”. 24/09/1943. 24-K-37-8.

inserção e alcance sociais do movimento. É nesse último caso que se encaixa a fotografia aqui analisada.<sup>205</sup>

Entre os motivos da reunião da AIB numa associação de caráter fascista, podemos elencar duas:

- as sociedades italianas eram associações importantes nas cidades que possuíam colônias italianas. Até 1938, em praticamente todo o estado, os italianos – nativos ou filhos – eram influentes nas comunidades locais, tendo grande prestígio social. Fazer reuniões nessas associações, junto de seus associados era uma forma de compartilhar desse prestígio. Contudo, é importante frisar, justamente por essa importância, a AIB estava longe de ser a única organização política a ter contatos estreitos e reuniões nessas associações; os partidos oligárquicos (em São Paulo, notadamente o Partido Republicano Paulista) e autoridades estaduais e municipais também o faziam, conforme indica Bertonha (2001: 346):

Sabemos que os fascistas italianos, e, algumas vezes, até os antifascistas, eram normalmente bem recebidos pelas autoridades dos municípios onde residiam muitos italianos e que a cooptação de autoridades locais e a presença de prefeitos, vereadores, juízes e outras autoridades municipais nas cerimônias fascistas era algo comum.<sup>206</sup>

- dado o elevado grau de fascistização (isto é, tendo-se tornado instrumentos do governo fascista italiano) dessas associações durante os anos 30, é inegável a questão da solidariedade política entre integralistas e fascistas. Durante toda a existência da AIB, as referências dos integralistas ao fascismo foram, frequentemente, elogiosas, e vice-versa. Por exemplo, um morador italiano de outra cidade paulista, Rio Claro, declarou:

Eu era italiano e fascista. Achava que Mussolini era um grande homem que governou a Pátria e fez muito por ela. Os movimentos de antes da guerra eram autorizados pelo governo brasileiro. Aqui em Rio Claro marchavam juntos os fascistas de camisas pretas e os integralistas de camisas verdes (Apud BERTONHA, 2001: 379).

---

<sup>205</sup> Sobre a importância da fotografia na propaganda integralista, ver BULHÕES (2012).

<sup>206</sup> Para esta afirmação, o autor se baseia em matérias publicadas na imprensa italiana fascista de São Paulo, como o jornal *Il Legionario*.

Contudo, com o tempo as coisas mudaram. O que era motivo de prestígio tornou-se incômodo e indesejado. Com a eclosão da II Guerra Mundial e, sobretudo, com a entrada do Brasil na contenda, Brasil e Itália ficaram em lados opostos. Assim, nas mãos da polícia política – e dos delatores -, tal foto, antes um motivo de orgulho e prestígio para os integralistas, seria uma prova de conspiração e traição.<sup>207</sup>

### 1.3.7 - Integralistas e “niponistas”?



**Ilustração N° 6 - Grupo de japoneses junto com integralistas em frente ao núcleo municipal da AIB de Presidente Prudente, 07/09/1935. 24-K-7-2.**

“Niponistas” era o nome como eram chamados, pelos Aliados, os partidários do governo japonês e suas iniciativas políticas e militares durante a II Guerra Mundial segundo

---

<sup>207</sup> Depois da guerra, com a queda do fascismo e sua anatematização devido à suas relações com o nazismo, qualquer associação com o fascismo passou a ser malvista socialmente. Desse modo, os integralistas passaram a ocultar, relativizar e até falsear suas relações com o fascismo antes da guerra (VICTOR: 2013).

termo corrente na imprensa da época (HATANAKA, 2002; TAKEUCHI, 2008). Como o governo japonês não tinha uma forma de governo com um nome unificador como o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália, esta foi uma forma de rotular a política imperial nipônica.<sup>208</sup>

Outra fotografia encontrada em meio à documentação do DOPS-SP é-nos bastante reveladora: trata-se de uma chapa típica da propaganda integralista, ou seja, um aglomerado de pessoas em frente a uma sede municipal da AIB, neste caso, a de Presidente Prudente. Mas havia nesta um detalhe importante, além dos militantes integralistas devidamente uniformizados: um número razoável de japoneses também uniformizados, embora com outro tipo de vestimenta, de cor branca. Vários deles possuíam um quepe na cabeça, o que nos leva a crer que se tratasse de um uniforme da Marinha nipônica. Junto a esses, pode-se ver também mulheres. Entre elas, a antiga proprietária da foto, de quem esta foi apreendida: Maria Sizue Maeda, devidamente sinalizada na imagem. Além disso, três homens uniformizados, na fileira da frente, seguravam uma bandeira japonesa cada um.

A fotografia nos dá a ideia de que pudesse ser uma visita de imigrantes japoneses, com passado militar, aos integralistas de Presidente Prudente, cidade localizada numa região do Estado com grande quantidade de imigrantes dessa nacionalidade. Os japoneses estão no centro da foto, bem em frente da sede integralista; nas laterais, vê-se os militantes integralistas. Exatamente no centro da imagem, em meio aos japoneses, há um militante integralista, separado dos demais militantes, usando, como parte do uniforme, um casquete, o que indica que ele era membro da milícia. Possivelmente, trata-se do chefe municipal ou o chefe local da milícia integralista.

A fotografia é datada, e o simbolismo da efeméride também pede análise: 7 de setembro de 1935. O dia da Independência era uma data importante no calendário integralista, o qual sempre constava celebrações e reuniões. Além disso, o fato de ser feriado facilitava o ajuntamento de pessoas. Parece-nos razoável que fosse uma espécie

---

<sup>208</sup> Veja-se esse exemplo publicado na imprensa paulistana nos anos finais da guerra: “*O poderio bélico das democracias atingiu um grau de ponderabilidade tão elevado, que os dois países principais da ideologia totalitária – que são a Alemanha e o Japão – não podem, nem à luz do mais desabrido fanatismo, pensar em reconquistar a superioridade em força, de que dispuseram na primeira fase da luta. O segundo raciocínio tranquiliza – porque a vitória técnica tenderá a destruir, no espírito do povo que restar, do nazismo e do niponismo, a obsessão do mandonismo, forçando-o a compreender que nada terá a lucrar, se insistir em interpretar a vida como luta a mão armada.*” “O requisito da ocupação prévia dos países do ‘Eixo’”. *Folha da Manhã*, 19/08/1944, p. 5. Disponível em [acervo.folha.uol.com.br](http://acervo.folha.uol.com.br) (acessado em 29/02/2016, grifo meu).

de homenagem e confraternização entre japoneses que moravam no Brasil e os camisas-verdes, num encontro que provavelmente incluísse certa solidariedade ideológica.

Como esta carta foi parar nas mãos do DOPS? Ao que tudo indica, trata-se de uma censura postal: o Departamento de Correios e Telégrafos de Botucatu enviou um “registrado”, de número 183, no qual continha a fotografia em questão. A fotografia foi retirada da correspondência que Maria Sizue Maeda, residente na cidade vizinha de Martinópolis, enviou a outro nipo-brasileiro, Kenjiro Nishi, professor do Ginásio São Paulo de Presidente Prudente e, segundo um dos documentos policiais, “*figura de destaque no meio da colonia nipônica local*”.<sup>209</sup>

A censura postal foi “preventiva”, já que não constava nada contra a remetente nem contra o destinatário. Um agente justificou a apreensão da foto apenas “*por julgar que a mesma possa interessar á Segurança Nacional*”.<sup>210</sup> É possível que a posse da fotografia tenha motivado a polícia de Presidente Prudente a apreender um rádio de ondas curtas e longas do professor, pois em 1946, um ano após o fim da guerra, Nishi pedia a devolução do mesmo. Apesar de todo esse empenho da polícia, não constava mais nada contra os envolvidos.<sup>211</sup>

Outra associação de imagens, desta vez completamente equivocada, foi pretexto para fazer ligações entre nipo-brasileiros e o integralismo, em janeiro de 1943. O papel de uma bala no qual, segundo o relatório policial, “*se vê perfeitamente o sigma do Integralismo*”<sup>212</sup>, foi o pivô da denúncia. A embalagem, da marca “Carioca”, teria em meio ao seu logotipo o símbolo máximo do integralismo semi-oculto. Apesar do nome de fantasia, o nome da fábrica, Fukudaya, é japonês, bem como seu dono, Masuzo Takahashi. Para o encarregado do Serviço Secreto, Arthur Reis Machado, o sigma estaria “*servindo de [h]élice para um avião desenhado*”<sup>213</sup> e, a partir disso, conclui que esse sinal poderia ser uma espécie de senha de divulgação subterrânea do credo verde:

---

<sup>209</sup> Relatório não-assinado, destinado ao Delegado Chefe do SS. [São Paulo?], 18/03/1946, 24-K-7-5.

<sup>210</sup> Ofício nº 121, de Arlindo de Almeida, chefe da Comissão de Censura da Diretoria Regional de Correios e Telégrafos de Botucatu, para Ribeiro da Cruz, Delegado de Ordem Política e Social. Botucatu, 11/02/1943, 24-K-7-4.

<sup>211</sup> Relatório não-assinado, destinado ao Delegado Chefe do SS. [São Paulo?], 18/03/1946, 24-K-7-5.

<sup>212</sup> Relatório de autoria de Arthur Reis Machado, encarregado do Serviço Secreto ao chefe do SS. São Paulo, 07/01/1943. 24-Z-0-41.

<sup>213</sup> Id.

Como muito bem póde ser uma propaganda desse partido, pois que não envidam esforços para continuarem inculcando a seus adeptos a sua politica mesquinha e despresiva [sic], achei de meu dever levar esse facto ao conhecimento da chefia deste S.S., para que determine o que achar de mais acertado para o presente caso, entretanto, peço venia para sugerir seja a fabrica responsável, intimada a trocar imediatamente seus rotulos, caso contrario são capazes de em breve introduzirem na praça outros, ainda mais abusivos.<sup>214</sup>

O investigador faz uma relação com outro incidente recente, desta vez envolvendo a suástica nazista, o que mostra que este tipo de suspeita e apreensão era comum: “*Ainda [h]á bem pouco tempo esta Secção de Investigações apresentou um relatório circunstanciado sobre uma fabrica de lãs, que usavam como um papel completamente coberto pela cruz swastica, tendo mesmo instruído seu relatório com vários desses envolucros [sic]*”<sup>215</sup>.

Analisando a embalagem da “Bala Carioca”, que foi anexada no dossiê, podemos ver claramente o suposto sigma a que alude o investigador. O desenho não é um avião, e nem existe hélice no mesmo. Trata-se de um pássaro (possivelmente uma pomba) com as asas abertas e pousada sobre um poleiro. Este é formado pela superposição das letras “T” e “M”, que formam as iniciais de Masuzo Takahashi, o fabricante. Esta última letra, olhada lateralmente, conforme inclusive a forma como foi colada em folha anexa do dossiê se assemelha realmente a um sigma. Mas não é. O desenho teve que ter sido colocado de lado para obter esse efeito, subvertendo em parte a mensagem original do logotipo.<sup>216</sup>

Num cartão comercial também presente no dossiê, podemos conhecer algumas características da fábrica Fukudaya. Sua sede ficava na Rua Ibiapina, 313, na Vila Prudente, Zona Leste da capital, e possuía filiais em Lins e Bauru, no interior de São Paulo. Produzia, além de balas, macarrão, caramelo, biscoitos, massas etc.<sup>217</sup>

---

<sup>214</sup> Id. No alto da folha única do relatório está o encaminhamento, assinado pelo Delegado do DOPS: “*Á Secção de Capturas para fazer a apreensão dos rótulos, 9-1-43.*”

<sup>215</sup> Id.

<sup>216</sup> 24-Z-0-40.

<sup>217</sup> Id.



**SUPERINTENDÊNCIA DE SEGURANÇA POLÍTICA E SOCIAL**

São Paulo

FLORIDO  
LEITE CARAMELLO  
-WAFEL DELICIA ETC.

MACARRÃO CALCIO  
MASSA OVO.  
ETC.

GRANDE FABRICA

**FUKUDAYA**

DE  
MASUZO TAKAHASHI

FILIAL  
Rua Carlos Gomes, 171  
Tel. 20-145  
C. Postal. 203  
LINS N. O. B.

Rua Ibiapina, 313  
(Villa Prudente)  
Tel. 3-0550  
C. Postal 1172  
SÃO PAULO

FILIAL  
Rua Bandeirantes, 6-36  
Tel. 433  
BAURÚ



Superintendencia de Segurança  
Politica e Social

"S. S." - 16 / 6 / 94 6

242	0	40
-----	---	----

Mod. 13

Ilustração N°7: Cartão de visita da Fábrica Fukudaya e embalagem da "Bala Carioca", da mesma empresa colados em papel timbrado do DOPS. 24-Z-0-40.

Quatro dias depois, em 11 de janeiro de 1943, a Secção de Capturas do DOPS-SP realizou na matriz da fábrica, na Vila Prudente, a apreensão de 20 pacotes contendo um total de 20 mil embalagens para balas, que pesavam cerca de 146 quilos. Os agentes procuraram o proprietário Masuzo Takahashi, mas este não se encontrava em São Paulo, tendo ido visitar, segundo informações dos funcionários, uma de suas unidades localizadas no interior do Estado. Segundo trecho manuscrito no documento, os pacotes foram encaminhados ao Departamento de Material Apreendido no dia seguinte.<sup>218</sup>

Não há relatório conclusivo sobre essas ações, mas é possível que o DOPS tenha percebido rapidamente o equívoco das mesmas. Deliberadamente, o policial que desconfiou do pequeno símbolo da embalagem da guloseima, embora não tenha declarado isso explicitamente, fez uma espécie de relação entre os beligerantes do Eixo e o integralismo. Afinal, o Japão era uma potência do Eixo; os japoneses no Brasil, assim como outros “súditos” estavam sob vigilância, tal como os integralistas que outrora tinham demonstrado ampla simpatia e vários pontos em comum com os outros membros do Eixo, alemães e italianos; o policial faz questão de lembrar a ocasião em que foi localizada a suástica em embalagem de outro produto, fazendo assim automaticamente a relação integralismo-nazismo e, na sequência, integralismo-niponismo, o que, nesse caso, não apenas não se revelou verdadeiro, mas como demonstrou, sim, o funcionamento perverso da “lógica da desconfiança”.<sup>219</sup>

### **1.3.8 - Roque Tocci, o barbeiro do delegado**

O barbeiro Roque Tocci, da cidade de Ribeirão Bonito, na região de Araraquara, foi denunciado como propagandista das ideias integralistas. Contudo, a única coisa que Tocci fez, de fato, nesse sentido, segundo os registros policiais, foi ter distribuído o

---

<sup>218</sup> Relatório do investigador 968 e A. R. 149, da Secção de Capturas ao Delegado do DOPS. São Paulo, 11/01/1943. 24-Z-0-42.

<sup>219</sup> CYTRYNOWICZ (2002: 144-5) descarta que tivesse havido quaisquer rede de espionagem japonesa no território brasileiro durante os anos da guerra, embora essa comunidade tenha sofrido mais preconceito do que alemães e italianos: “*Não existe, insista-se, qualquer evidência documental de interesses do governo japonês em atacar ou invadir porções do território brasileiro, diferente da Alemanha nazista, que tinha planos e mantinha redes de espionagem no território brasileiro, ainda que isto não signifique referendar automaticamente toda acusação de alemão = nazista, parte da lógica repressiva dos aparatos policiais.*”

Manifesto de Plínio Salgado de 7 de setembro de 1941, também presente no dossiê de Salgado (24-K-12), cuja circulação havia sido permitida pela ditadura.

Não sabemos o nome do denunciante, mas há no dossiê do barbeiro uma cópia mimeografada do manifesto com um texto escrito a mão, encimando a primeira página: “*Com Urgência uma busca no salão do Roque Tocci o maior inimigo do nosso regime [sic], o autor deste boletim. Encontrá lá circular emblema camisa [sic]. Lista de pessoas indicadas.*”<sup>220</sup> O exagerado delator confundiu, assim, o barbeiro que distribuía o manifesto, como se ele fosse o autor do documento. A denúncia foi feita diretamente na Delegacia Regional Política e Social de Araraquara, cuja jurisdição abrangia também Ribeirão Bonito.

A resposta do delegado de Ribeirão Bonito, a 4 de agosto de 1942 - cuja assinatura é ilegível - ao seu superior de Araraquara, vale a pena ser postada na íntegra, pois ela dá uma caracterização do integralismo na cidade e sobre a personalidade do investigado, segundo o viés da instituição policial:

Devolvendo a inclusa denúncia a V. S., peço vênias para fazer as seguintes considerações:

- a) O boletim que a acompanha é o mesmo que, meses atrás, foi profusa e indistintamente distribuído no interior do Estado;
- b) Que este município já foi núcleo integralista bastante apreciável;
- c) Que esta Delegacia possui em seu arquivo prontuários e lista de todos os elementos que pertenceram àquele partido;
- d) Que tornadas ilegais as atividades da Ação Integralista, apenas uma pequena minoria de seus antigos elementos ficou doutrinariamente, fiel à ideologia de Plínio Salgado;
- e) Que essa minoria é completamente ineficiente e medrosa, e incapaz de qualquer ação, movimento ou propaganda susceptível de pôr em perigo a estabilidade distrital, municipal, estadual ou federal;
- f) Que pertence à essa minoria **ROQUE TOCCI, filho de italianos;**
- g) Que **ROQUE TOCCI**, indivíduo pessoalmente **antipático e petulante**, não podendo externar suas idéias fascistas, dá vazão a seus recalques adotando atitudes sociais e esportivas francamente opostas à média da opinião comum local;
- h) Que, dado o seu temperamento, é **bastante malquisto** nesta cidade;
- i) Que sendo barbeiro, e bom “Fígaro” que se orgulha de ser, tem mil e uma oportunidades para revelar os seus dotes de “palpiteiro” incorrigível, e, conseqüentemente, **conquistar desafetos;**

---

<sup>220</sup> SALGADO, Plínio. “Manifesto”, 24-B-8-3 a 6.

j) Que, possivelmente, ele **deve** possuir alguma fotografia de Plínio Salgado, sinão alguma camisa verde, guardada em fundos de armários, para regalo e embevecimento noturno dele e de sua esposa, a costureira Zina Tocci;

k) Que uma busca na residência de Roque Tocci é desaconselhável por dois motivos: o primeiro, pelo ridículo da medida policial, que só serviria para envaidecer ainda mais esse megalomaniaco de posições, e o segundo, porque viria trazer certo desassossego a população local, encorajando outros denunciadores anônimos a se prevalecerem da Polícia para pequenas desforras pessoais;

l) Finalmente, que ROQUE TOCCI é o meu barbeiro.<sup>221</sup>

Façamos algumas observações: quanto ao item “a”, parece-nos que o delegado local de Ribeirão Bonito tinha um conhecimento maior sobre a circulação do manifesto do chefe integralista exilado do que seus congêneres superiores, de Araraquara e da capital. Assim, ele não concorda que a distribuição do manifesto seja preocupante. Referente ao item “b”, Ribeirão Bonito, conforme já dito, pertence à região de Araraquara, que foi um dos polos mais importantes do integralismo no estado, até mesmo depois da guerra (já no período do PRP). Nesta cidade, circulou o jornal *O Nacionalista*, talvez o jornal integralista mais importante do interior do estado, cujo redator foi Rui de Arruda, “attaché” do Gabinete da Chefia Nacional, portanto uma figura de importância nacional do movimento integralista (DOTTA: 2010, 361-362).

No item “c”, “d” e “e”, o delegado procura assegurar seu superior de que, apesar da importância do núcleo local no passado recente, os integralistas da cidade estão sob total controle. Nos itens seguintes, o relatório se dedica à descrição do barbeiro. A caracterização que o agente faz de Roque Tocci é extremamente negativa, inclusive apelando a qualificações subjetivas (“*antipático*”); ao enfatizar que ele é “*filho de italianos*”, sugere que ele é duplamente suspeito, pois além de integralista, poderia ser também vinculado aos fascistas peninsulares, e conseqüentemente, ao governo daquele país, contra o qual o Brasil estava em guerra; ressalta uma suposta impopularidade do barbeiro na comunidade, o que só agravaria sua “*arrogância*”. É de se pensar que essa arrogância, assim qualificada pelo policial, em parte se explique por uma suposta louvação de ideais fascistas e integralistas (que para o policial são idênticas) durante o atendimento a seus clientes.

---

<sup>221</sup> Relatório do Delegado de Polícia de Ribeirão Bonito ao Delegado Regional de Araraquara. Ribeirão Bonito, 04/08/1942. 24-B-8-2. Grifos meus.

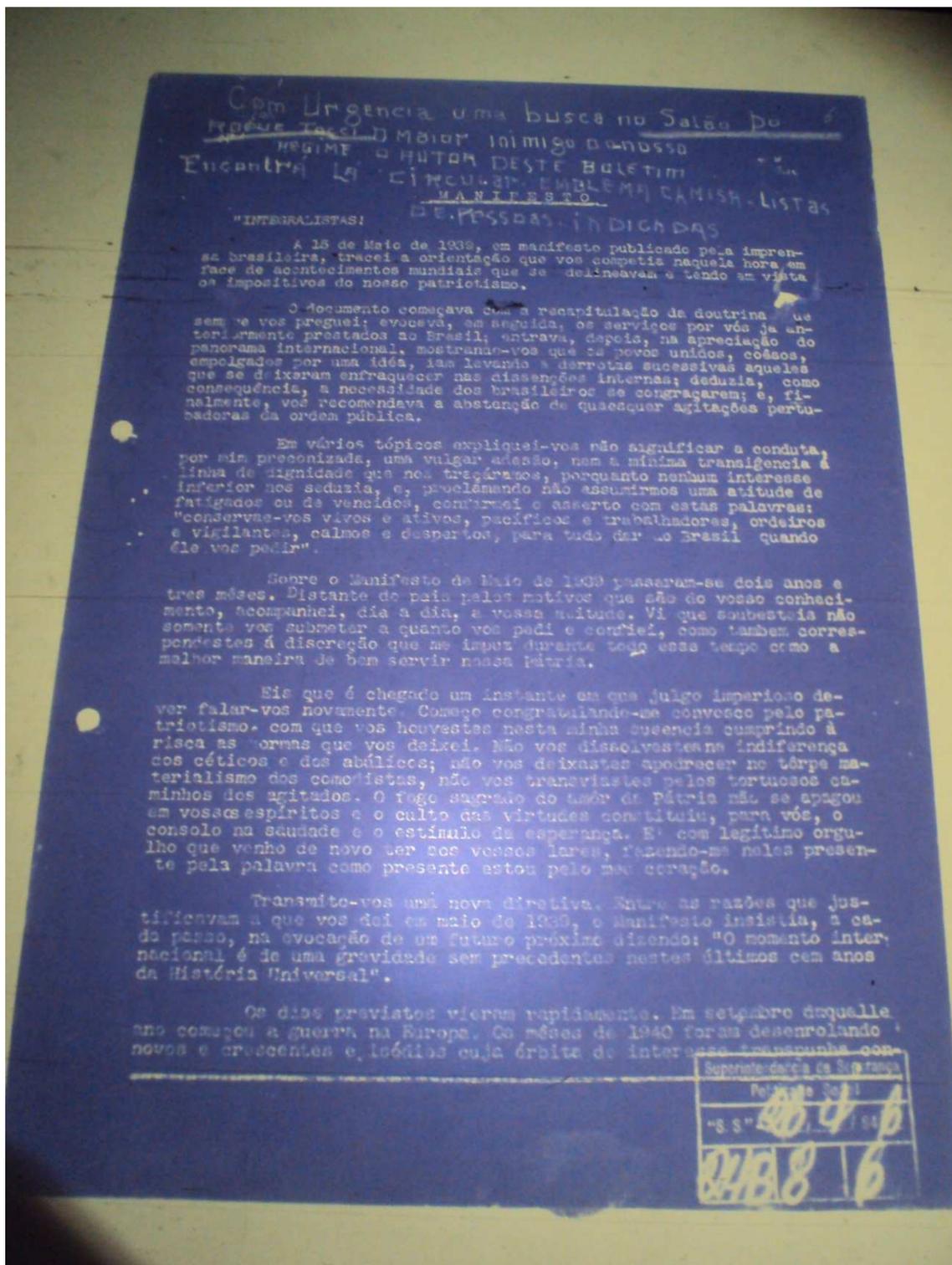


Ilustração N° 8 - Primeira página do Manifesto de Setembro de 1941, redigido por Plínio Salgado em seu exílio em Portugal e presente no dossiê dedicado a Roque Tocci. 24-B-8-6. Microfilme.

O item “j” tenta qualificá-lo como fanático, ao fazer projeções sobre uma prática que o delegado não tem certeza se Tocci e sua esposa de fato realizavam. Já o item “k” causa espécie ao leitor do mesmo, pois o policial desaconselha uma busca na residência de Tocci, apesar de várias adjetivações desabonadoras que ele credita ao mesmo. É bom lembrar que as buscas nas casas de suspeitos foram uma prática muito comum durante o Estado Novo, o que faz os motivos dados pelo policial beirarem o ridículo. Aliás, o último item chega a ser cômico: numa cidade pequena<sup>222</sup>, ele deve ser um dos poucos barbeiros da cidade. Mas por trás dessa comicidade, o delegado pode estar tentando proteger o acusado, desestimulando uma investigação ao suspeito. Afinal, ele pertencia a uma “*minoría completamente ineficiente e medrosa*” de integralistas, nas palavras do delegado local, que portanto, não forneceria risco nenhum para a coletividade.

Após o ofício do agente policial de Ribeirão Bonito ter sido remetido a Manoel Ribeiro da Cruz, em São Paulo, este pede ao delegado regional de Araraquara “*transmitir aquela autoridade a determinação de continuar a observar o mesmo e, na primeira oportunidade, quando ele se manifestar publicamente, ou proceder a propaganda integralista, agir na devida forma.*”<sup>223</sup> Contudo, como em outros casos, os possíveis desdobramentos deste não foram relatados no dossiê.

Aqui ocorreu um fato semelhante àquele do ministro do Supremo e seu genro, também contribuindo para a relativização do conceito de “inimigo objetivo” de Hannah Arendt. O fato de ter havido uma relação pessoal entre o delegado e o barbeiro, fez com que aquele desestimulasse qualquer ação policial em relação a este, e para isso, ele fez uso de termos e expressões próprias do jargão do DOPS, para que fosse mais convincente.

---

<sup>222</sup> A população de Ribeirão Bonito de acordo com o censo do IBGE de 1940 era de 11 591 habitantes. Ver BRASIL (IBGE). *Recenseamento Geral do Brasil* (1º de Setembro de 1940), “Censo Demográfico – População e Habitação. Série Regional – Parte XVII – São Paulo – Tomo 1”. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950, p. 54. Disponível em [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940\\_pt\\_XVII\\_t1\\_SP.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940_pt_XVII_t1_SP.pdf). Acessado em 21/10/2013.

<sup>223</sup> “Nº 957”. Ordem de Ribeiro da Cruz, Delegado do DOPS-SP, ao Delegado Regional de Araraquara. São Paulo, 25/08/1942. 24-B-8-1.

Vemos aqui o conflito do burocrata no sentido weberiano<sup>224</sup> – frio e eficiente, representado nesse caso pelo delegado sediado em São Paulo, portanto distante do ocorrido – com o patrimonialismo do contexto de uma sociedade de capitalismo periférico. Há, pois, claramente, um conflito entre o público e o privado. Nas palavras de Sérgio Buarque de Hollanda, este delegado seria um funcionário “*patrimonial*”, para o qual:

A própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os benefícios que deles afluem, relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos, como sucede no verdadeiro Estado burocrático, em que prevalecem a especialização das funções e o esforço para se assegurarem garantias jurídicas aos cidadãos (HOLLANDA, 1990: 105-106).

O que, pois, no caso anteriormente citado se revela pela relação familiar, aqui esse enfraquecimento do “inimigo objetivo” se dá pela amizade e pelo compadrio, próprios, aliás, de uma cidade interiorana.

### **1.3.9 - As remessas suspeitas de José Constante Barreto**

A partir da documentação encontrada no dossiê que lhe é dedicado, José Constante Barreto pode ser classificado como propagandista e simpatizante do Eixo. Segundo suas declarações ao DOPS, Barreto era bancário, natural da capital paulista, tinha 33 anos, e residia na Rua Clemente Barreto, 147, em Santos.

Barreto foi denunciado como remetente de material de propaganda nazista para o interior de São Paulo. A denúncia partiu do ferroviário Rafael Colino, da cidade de Ourinhos, próxima à divisa com o Paraná, que alegou ter recebido livros, revistas, jornais e boletins de propaganda pró-Eixo num pacote com o nome do investigado, em 16 de dezembro de 1941<sup>225</sup>.

---

<sup>224</sup> Sérgio Buarque de Hollanda se remete aqui ao conceito de burocracia estipulado na obra *Economia e Sociedade*, de Max Weber (edição brasileira: WEBER: 2012).

<sup>225</sup> Comunicado do delegado adjunto de Botucatu Amilton Peixoto de Barros ao Major Superintendente de Segurança Política Social. Botucatu, 16/12/1941. 24-B-9-1. Pouco mais de um mês antes desta denúncia, em 7 de novembro, a Delegacia Regional de São José do Rio Preto enviou um pacote com o mesmo conteúdo – remetido com o nome de Barreto a uma empresa local, chamada Irmãos Spinelli - à Delegacia de Santos. O chefe local do DOPS da cidade litorânea achou “*conveniente uma investigação*”

Seis dias depois da denúncia de Colino, o investigador denominado “760” disse ter chegado ao seu conhecimento que na cidade vizinha de Salto Grande, a estação ferroviária local era um pólo distribuidor daquele material. Segundo o relatório, o primeiro pacote chegou à estação no dia 13 de setembro daquele ano, com frete de 1\$500 (mil e quinhentos réis) a pagar, e foi retirado pelo ferroviário Antonio Alexandre, o qual terminou por pagar o frete. Outros dois pacotes chegaram em outubro e novembro, os quais foram retirados pelo telegrafista Santo Michelle, que também pagou o devido frete. Todos os pacotes tinham o nome de José Constante Barreto, com o endereço de Santos. O investigador afirma que foi até a casa de Michelle, o qual, primeiro, negou a informação (dada pelo chefe da estação ao agente policial), mas admitiu em seguida, dizendo “*que não sabia que era crime ler estas coisas*”. Ao fazer a apreensão do material, o agente pediu ao pai de Michelle, Afonso Tozzi, que chamasse pessoas da rua para testemunharem a ação policial. Tozzi chamou duas pessoas, dentre as quais, uma delas era Antonio da Cunha Sobrinho, o qual o investigador veio a descobrir mais tarde que tinha sido militante integralista.

Ao seguirem para a delegacia, o agente policial constatou, pelo depoimento de Michelle, que parte do material de propaganda do volume adquirido por este na estação de Salto Grande foi distribuído pelo mesmo no bar de seu pai, “*fóco de fascistas e integralistas*”. Na delegacia, foi lavrado um auto de apreensão, em que consta a descrição do material apreendido (o qual não está anexado)<sup>226</sup>. Tratava-se, sem dúvida, de publicações com conteúdo favorável ao governo do III Reich:

- 12 exemplares do livro *O Governo Geral Constroe – Subsidios para a História da Nova Ordem na Europa*, de Jaroslav Jakubizcky;
- 16 exemplares de *Os Antecedentes da Guerra Soviética*;
- 15 boletins de propaganda publicada em 27/10/1941 no jornal *Meio-Dia* de nome “Peste Devastadora que roe o cerne da sociedade humana”;

---

*em torno do caso, mantendo sob observação a pessoa do remetente*”. Na prática, a investigação só ocorre após a denúncia de dezembro. Aparentemente, o desencadeador da investigação foi a política subsequente do governo brasileiro após o ataque japonês a Pearl Harbor, ocorrido em 7 de dezembro de 1941, e que levou os EUA a entrar na II Guerra Mundial. O Brasil se aliou ao governo de Roosevelt, posição oficializada a partir da Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro, em janeiro de 1942. 24-B-9-9. Sobre a posição do Brasil pós-Pearl Harbor, ver SEITENFUS (2003: 259-263).

<sup>226</sup> “Auto de Exibição e Apreensão” da Delegacia de Polícia de Salto Grande, 12/12/1941, 24-B-9-11. É curioso notar o fato de o material não se encontrar junto ao dossiê, o que é compreensível ao se tratar dos livros, mas não referente aos boletins e jornais, e até o livreto. Outros dossiês possuem materiais deste tipo anexado. Maiúsculas no original.

- 2 exemplares do livreto *As Coisas vão Bem*;
- 6 exemplares do jornal *Meio-Dia*.

O único livro sobre o qual conseguimos informações seguras é *Os Antecedentes da Guerra Soviética*. Trata-se de um livro oficial do governo alemão, no qual este justifica a Operação Barbarossa, a invasão da URSS pelas tropas do III Reich e seus aliados em 1941<sup>227</sup>. Já o jornal *Meio-Dia* foi um periódico carioca, cujo editor era o escritor e jornalista pernambucano Joaquim Inojosa, e começou a circular em março de 1939. O jornal era conhecido por sua posição ostensivamente pró-nazista. Por exemplo, as manchetes da edição do dia 6 de julho de 1940 eram: “*Em Triunfo Berlim receberá hoje o reformador da Europa*”, “*Repicarão os sinos quando Hitler chegar à capital do Terceiro Reich*” e “*Verdadeira apoteose será tributada ao vencedor da maior guerra da História*” (apud SILVEIRA; MORAES NETO, 1989: 360). Segundo um memorando despachado da Embaixada dos EUA no Rio de Janeiro, o jornal recebia um subsídio de dez contos (quinhentos dólares) da Embaixada alemã, através da agência de notícias Transocean.<sup>228</sup> Tratava-se, portanto, claramente, de propaganda nazista no Brasil.

O relatório do investigador do DOPS conclui que vários dos envolvidos são responsáveis pela distribuição e posse do material subversivo, inclusive Santo Michelle, Antonio Alexandre, Afonso Tozzi, Antonio da Cunha Sobrinho “*e, finalmente, JOSÉ [Constante] BARRETO, residente em Santos. Este ultimo, não há negar, é quem envia para a Alta Sorocabana material de propaganda nazista, menoscabando, portanto, as ordens emanadas de nossas autoridades.*” E mais abaixo, “*todos esses elementos são tidos como integralistas e apaixonados pela nova ordem preconizada pelo totalitarismo*”<sup>229</sup>.

<sup>227</sup> Tivemos acesso à segunda edição, publicada em 1998 pela Editora Revisão, de Porto Alegre, responsável pela difusão de propaganda que negava a existência do Holocausto na II Guerra Mundial. Numa das páginas iniciais dessa edição está escrito: “*Obra de esclarecimento da Alemanha, editada pelo Governo e entregue nas Embaixadas, em Berlim, de todos os países com os quais mantinha Relações Diplomáticas, em 1941.*” A primeira edição é creditada a uma editora de nome Leutzinger, localizada no Rio de Janeiro, em 1941. A segunda edição está disponível na internet: <http://revisionismo.com.br/wp-content/uploads/O-livro-branco-alem%C3%A3o-sobre-os-antecedentes-da-guerra-contra-a-Uni%C3%A3o-Sovi%C3%A9tica.pdf>. Acessado em 25/03/2016. Sobre a Editora Revisão ver: CRUZ (1997) e JESUS (2006).

<sup>228</sup> O memorando é de 02/05/1940. Partes do mesmo estão transcritas em SILVEIRA & MORAES NETO (1989, 416). Depois da declaração de guerra do Brasil contra os países do Eixo, o jornal não encontra mais clima político para circular, mesmo tendo ficado ao lado do Brasil e contra as potências do Eixo (SILVEIRA & MORAES NETO, 1989: 375-378).

<sup>229</sup> “Salto Grande”, Relatório do Investigador 760. São Paulo, 22/12/1941. 24-B-9-12.

Ao ser interrogado pela Superintendência em 8 de janeiro do ano seguinte, Barreto admite que foi integralista desde a fundação da AIB em Rio Claro, onde residia antes de morar em Santos.<sup>230</sup> Contudo, ao ser perguntado sobre se distribuía propaganda nazista, nega a acusação, afirmando que a caligrafia nos pacotes não era a sua, e que era *“possível que alguém fizesse uso de seu nome e endereço, para esquivar-se de qualquer culpa, sabendo que o declarante é simpatizante do integralismo”*. Perguntando sobre o:

fuzil e algumas munições, que ha tempo, foram encontrados em sua residencia, respondeu o declarante que não se lembrava quem lhe forneceu a arma de fogo, embora lhe tenha sido entregue na via publica por ocasião do movimento comunista irrompido na Capital Federal [em 1935], e que serviria para, si necessário, defender a Cidade contra qualquer perturbação da ordem da parte de comunistas, pois os integralistas na referida época, estavam todos unidos para a defesa da Patria.<sup>231</sup>

Após negar a acusação de que era apontado como autor, Barreto parece ter tentado angariar – independente da verdade ou não de suas palavras sobre a posse do fuzil – simpatia da parte da polícia para si e para o integralismo. Ao citar a luta contra o comunismo, o declarante – sabendo do caráter anticomunista da polícia política – coloca-se ao mesmo lado desta no campo ideológico, enfatizando tal atitude sobretudo quando atribui um suposto caráter patriótico ao movimento integralista (que Barreto admitiu seguir ou ter seguido), o qual ele sabe ser combatido pelo discurso do Estado Novo.

De fato, o anticomunismo, ideologia comum entre os integralistas e o Estado Novo era pouco citado pelos investigadores. O mesmo se dava com outras características do discurso integralista. Segundo Giselda Brito Silva, que pesquisou o olhar da polícia política pernambucana a respeito do integralismo:

---

<sup>230</sup> Posteriormente a esses acontecimentos, Barreto parece ter vivido a maior parte de sua vida em Rio Claro. Foi militante local do Partido de Representação Popular. No final da sua vida, com mais de 90 anos, visitava diariamente o Arquivo Público daquela cidade, onde está depositado o acervo pessoal de Salgado. O historiador Rodrigo Christofolletti, que há anos pesquisa o integralismo e morou em Rio Claro, testemunhou – enquanto pesquisava – várias vezes, o “Barretinho”, como era conhecido, fazendo a saudação integralista para um manequim vestido com o uniforme integralista, que estava exposto no Arquivo. Depoimento de Rodrigo Christofolletti, via e-mail, 20/11/2013.

<sup>231</sup> Depoimento de José Constante Barreto à Superintendência de Segurança Política e Social. São Paulo, 8/01/1942. 24-B-9-2.

O fato de os discursos nacionalistas e religiosos do integralismo, que foram dos mais pronunciados na propaganda do movimento, serem pouco citados pelos investigadores em suas partes policiais, em comparação às anotações dos discursos antiliberais, revela que a polícia de Getúlio estava mais empenhada em notificar dados representativos da ameaça dos integralistas para o regime (SILVA: 2002, 120).

De qualquer forma, o Superintendente Manoel Ribeiro da Cruz, enviou comunicado ao delegado regional de Santos, Rui Tavares Monteiro, para que este desenvolvesse novas investigações, “*afim de ser apurado convenientemente qual o autor da remessa de material de propaganda para o Interior do Estado, objeto do inquérito em apreço*”. O comunicado foi enviado com a declaração de Barreto em anexo<sup>232</sup>.

Contudo, em setembro de 1942, - portanto, com o Brasil já em estado de guerra com os países do Eixo - outro comunicado, vindo da sede da 9ª Região Militar do Ministério da Guerra, em Campo Grande, no Mato Grosso (atual capital do Mato Grosso do Sul) para o DOPS paulista que indica a presença dos pacotes de material nazista naquela cidade, citando também o nome e o endereço de Barreto. Ribeiro da Cruz não consegue apurar, no entanto, se se tratava de material recém-enviado ou se era da época anterior ao início das investigações<sup>233</sup>.

De qualquer modo, por essa época, Barreto não estava mais morando em Santos, tendo aparentemente se mudado para São José do Rio Preto. Ribeiro da Cruz volta a crer que ele está “*a mando de alemães*” e pede vigilância da parte do delegado regional do DOPS daquela cidade. Luiz Tavares da Cunha, delegado regional do DOPS daquela cidade, diz que ele não foi encontrado, o que pode indicar que ele estava foragido nesse momento. Porém, a maior parte da documentação desse dossiê foi arquivada em junho de 1944, ainda no curso da guerra, o que indica que o DOPS talvez não tenha mais se ocupado do caso de Barreto.<sup>234</sup>

---

<sup>232</sup> Ofício Nº 342/42 de Ribeiro da Cruz, Delegado do DOPS-SP, a Ruy Tavares Monteiro, Delegado Regional de Polícia de Santos. São Paulo, 12/01/1942. 24-B-9-4.

<sup>233</sup> “Atividades Suspeitas”, Ofício sem data enviado pelo General Comandante da 9ª Região Militar (Campo Grande – MT), Mario Xavier, recebido pelo DOPS-SP em 11/09/1942. 24-B-9-10; Ofício Nº 1135, enviado pelo Delegado do DOPS-SP, Ribeiro da Cruz ao Delegado Regional de Polícia Ruy Tavares Monteiro. Santos, 14/09/1942. 24-B-9-8.

<sup>234</sup> Ofício 1509, de Ruy Tavares Monteiro ao Delegado Especializado de Ordem Política e Social. Santos, 30/10/1942. 24-B-9-8A; Ofício Nº 1448 de Ribeiro da Cruz ao Delegado regional de São José do Rio

### 1.3.10 - Miguel Tavarone e os “Essistas”

Outro investigado pelo DOPS que mostrou simpatias pelo Eixo foi Miguel Tavarone, que era italiano de nascimento e professor de curso preparatório de contabilidade. Não encontramos quaisquer referências sobre uma suposta militância integralista do investigado embora, segundo o relato do observador, ele, Tavarone, tenha afirmado pertencer a um grupo formado por integralistas em sua conversa com aquele.

Um nosso observador foi há dias apresentado ao Dr. MIGUEL TAVARONE, residente a rua Javari, 238 e com escritório á Praça da Sé, 170 5º andar sala 44. Este senhor logo após a apresentação, entrou a falar sobre a guerra e a situação atual do Paiz. Sendo ele italiano, o nósso auxiliar procurou prestar toda atenção no seu assunto e então diz o Dr. Tavarone que o Brazil [sic] está mandando tropas para a Europa, mas que essas tropas jamais chegarão ao seu destino, sendo interpelado nesse sentido, pelo nósso observador, respondeu que pertence a uma nóva organização dos antigos Integralistas, a qual é composta na maioria por oficiais do Exercito e que está bem informado de tudo, parece ao nósso informante que a tal organização, segundo diz o Dr. Tavarone, é ‘ESSISTAS’.(...) Tavarone disse mais, que não adiantará a policia dar uma busca em sua residência, pois não possui ali, papel algum que o possa comprometer. Seria interessante uma vigilância severa sobre esse individuo, afim de se constatar a veracidade ou não de comunicação supra, pois menciona ele nomes e fatos que merecem uma certa atenção.<sup>235</sup>

Percebamos que o fato de o suspeito ser italiano faz o observador redobrar sua atenção no discurso. Tavarone faz uma associação explícita entre o integralismo e o Eixo, citando essa suposta organização chamada de “Essistas” (expressão que provavelmente vem do italiano “Asse”, que quer dizer “Eixo”). Apesar da pouca consistência de seu conteúdo, o observador afirma a necessidade de fazer uma “vigilância severa” sobre o professor, o que redundou na continuidade das investigações, quando se constatou que Tavarone pertenceu à sociedade esportiva Dopolavoro, do Partido Fascista, não pertenceu ao partido integralista (apesar de seu

---

Preto. São Paulo, 04/11/1942, 24-B-9-5; Ofício N° 3229, de Luiz Tavares da Cunha, Delegado Regional de Polícia de São José do Rio Preto. São Paulo, 12/11/1942, 24-B-9-6.

<sup>235</sup> Relatório N° 16, assinado por Arthur Reis Machado, Encarregado do “S.S.A.”. São Paulo, 01/09/1943, 24-A-7-2. Processo de Investigação N° 574 sobre Miguel Tavarone, 24-A-7-1. O documento é assinado por Machado, mas aparentemente suas informações foram enviadas por alguém “extra-quadros” para ele.

dossiê ter sido classificado dentro da subfamília 24), e não ter encontrado nenhuma organização com o nome de “Essistas”.<sup>236</sup>

### 1.3.11 - João Precioso: um “eixista” dentro da Prefeitura de São Paulo

Um caso de envolvimento direto com os chamados “súditos do Eixo” foi o de João Precioso dos Santos (dossiê 24-H-6). A primeira menção a ele foi num relatório de 1º de abril de 1938, antes da guerra, portanto, em que ele já era citado como membro do núcleo integralista de Vila Mariana. Santos era funcionário da Secção de Protocolo da Prefeitura da capital paulista. Segundo o investigador “Nº 8”, *“o investigado costumava andar armado de revolver e punhal dentro das repartições onde exerce as suas funções, sendo chamado á atenção pelos chefes afim de não exhibir armas e cessar com a propaganda do sigma.”*<sup>237</sup>

A notícia do ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, repercutiu fortemente num grupo de funcionários públicos da Prefeitura de São Paulo que era simpatizante do Eixo. Entre eles estava João Precioso. Diz o agente “Zezé”:

Na Secção do Expediente – 1º andar – o integralista JOÃO PRECIOZO [sic] DOS SANTOS faz tremenda campanha contra o regime atual – Aléga que o Pte. G. Vargas fês [sic] a recente declaração, forçado, o que comenta com palavras imorais e degradantes esse ato do Governo Federal.<sup>238</sup>

Assim, Santos fez críticas ferozes ao Estado Novo, motivado pelo discurso de solidariedade que o presidente Vargas moveu a favor do governo dos EUA. Mas Precioso dos Santos trabalhava num setor da administração municipal paulistana que estava repleto de súditos do Eixo. Num outro comunicado, o mesmo investigador “Zezé” apontou que o integralista juntamente com italianos e alemães, funcionários do

<sup>236</sup> “Investigação Nº 574” sobre Miguel Tavarone, 28/10/1943, 24-A-7-6.

<sup>237</sup> Comunicado “Investigar sobre a actuação politicade João Precioso dos Santos, funcionário da Prefeitura em uma secção do Mercado”, pelo investigador nº 8, Ordem de Serviço nº 1961, São Paulo, 01/04/1938, 24-H-6-2.

<sup>238</sup> “Elementos nazistas da Prefeitura Municipal (Inf. de Zézé)”. São Paulo, 12/12/1941, 24-H-6-3.

mesmo setor na prefeitura, mostrou “*grande entusiasmo*” com o afundamento dos navios brasileiros por submarinos alemães, “*alegando que agora a guerra está dentro de nosso país*”.<sup>239</sup>

### 1.3.12 - Um romance suspeito: Paulo Torres e Erna Hoffstetter

Quando há um parentesco com suposto “súdito do Eixo” (italianos, alemães ou japoneses, não necessariamente partidários das ideologias oficiais dos respectivos países), há uma atenção redobrada na investigação. Tal foi o caso de Paulo Torres (dossiê 24-B-4). Torres era irmão de Marcelo Torres que foi líder integralista em local não identificado na documentação. Marcelo teria uma fábrica a qual a polícia supunha que possuía uma “*verdadeira produção bélica*”<sup>240</sup>. Além disso, Paulo Torres, que era casado e tinha uma filha de 5 anos, fugiu com uma secretária da empresa onde trabalhava, a Lever, para o Rio de Janeiro. Detalhe importante: o nome da secretária era Erna Hoffstetter, brasileira, mas de pai alemão.

Assim, Paulo Torres tornou-se duplamente suspeito para o DOPS: irmão de integralista e tendo fugido com um mulher com nome alemão (portanto, suposta nazista, na “lógica da suspeição”), em 1942, de São Paulo para a então capital da República. Ambos foram denunciados como “*elementos adeptos do Eixo*”<sup>241</sup>. O perfil traçado pelo DOPS foi bem negativo: “*bêbado, cocainômano [sic], mulherengo, e com um pequeno aperto dirá tudo o que sabe de seu irmão e patrão.*”<sup>242</sup>

Deve-se notar que, sem maiores evidências, o investigador já afirmava categoricamente que, por ser irmão de um integralista, o suspeito era considerado um funcionário ou empregado do mesmo. Além disso, há uma sutil referência ao emprego de tortura ao investigado. Contudo, após investigações, de acordo com Arthur Reis Machado, encarregado da “Turma B”, Torres não costumava se pronunciar politicamente:

---

<sup>239</sup> Protocolado N° 2389. “Assunto: Nazismo (Inf. de Zezé)”, São Paulo, 19/08/1942, 24-H-6-6. Vários desses funcionários italianos e alemães foram investigados pelo DOPS. Veja-se por exemplo, os dossiês referentes a Paulino Batista Conti (24-H-1) e Iside Maria Bonini (24-H-9), ambos italianos naturalizados brasileiros e simpatizantes do Eixo.

<sup>240</sup> “Relatório reservado (Inf. de R.B.). Assunto: Integralismo”. São Paulo, 01/12/1942. 24-B-4-3.

<sup>241</sup> “Investigação N° 374”, São Paulo, 25/05/1943. 24-B-4-5.

<sup>242</sup> *Ibid.* Grifos meus.

Durante sua permanência nesta firma [Lever], não se mostrou partidário do ‘eixo’ e nem fazia referência a este ou aquele partido, a única coisa que costumava dizer era que pertencia ao exercito, como oficial de Reserva e como era bastante presunçoso [sic], e mentiroso tornou-se um mau companheiro de serviço, não obstante isso, a companhia nada tinha a ver com sua figura antipática, pois quanto ao seu serviço, prestava com regularidade.<sup>243</sup>

Quanto a Erna Hoffstetter, depois de se fazer uma investigação em sua casa:

Esta moça apesar de ser filha de alemão, trabalha para instituições pró-Aliados, no que seu pae consente, pois o mesmo é contrário às ideias eixistas. O informante disse-nos que procurássemos o consulado americano e inglês, onde nos seriam dadas informações a respeito da mesma.<sup>244</sup>

Paulo Torres, apesar de inocente de qualquer trama de espionagem e não ter qualquer credo político, chegou a ficar algum tempo preso no Rio de Janeiro<sup>245</sup>. Aliás, quanto à prisão de Torres surge uma outra figura no caso: trata-se de um delator. Preocupada com a prisão de seu namorado, Erna Hoffstetter procura um ex-agente policial “*para ver o que poderíamos arranjar sobre a detenção de seu pretendido marido.*”<sup>246</sup> O agente era Hugo Magalhães Coelho, que assinou um relatório como “*ex-correspondente do Serviço de Divulgação da Polícia do Distrito Federal*”.<sup>247</sup> Coelho concordou em ajudá-la para haver tempo de avisar a polícia política: “*tentarei marcar um encontro amanhã e necessito do concurso de um agente, que da mesma seja desconhecido, para segui-la, localizando-a e à amiga [que a acompanhava]*”. O delator finda o texto, colocando-se à disposição gratuitamente, ainda com o receio de que se tratasse de um caso de espionagem:

---

<sup>243</sup> “Investigação N° 374”, informado por “Pedroza”. São Paulo, 22/06/1943. 24-B-4-6 e 7.

<sup>244</sup> *Id.*

<sup>245</sup> Torres foi preso a 6/10/1942, mas a documentação não fornece a informação de quanto tempo ele ficou na prisão.

<sup>246</sup> “Assunto reservado”. Carta de Hugo Magalhães Coelho endereçada ao Dr. José Antônio, Delegado Adjunto de Ordem Política e Social de São Paulo. São Paulo, 08/10/1942. 24-B-4-1.

<sup>247</sup> *Id.*

Aguardo de Vossa Excelência instruções que queira ministrar, para que possa, sem qualquer interesse financeiro ou de posição, cooperar com sua Delegacia no esclarecimento de todo o caso, que parece tratar-se de uma rede bem urdida de espionagem e de trabalho anti-nacional.<sup>248</sup>

O Serviço Secreto, além de espionar o casal, ordenou que se investigasse também o delator:

Investigar tudo quanto possa esclarecer as convicções politicos-sociais [sic] não só dos dois primeiros que respondem processo nesta SSPS, por terem sido denunciados como elementos adeptos do “eixo”, como também do ultimo que apresentou a denuncia.<sup>249</sup>

Desse modo, o encarregado da Turma B, depois de descrever Torres e Erna, relata sobre Coelho:

Residente á rua Martinico Prado, n. 90, é brasileiro casado, tem três filhos, e trabalha na secção de Contabilidade da Estação de Rádio “São Paulo”, e na secção de revisor do jornal ‘O Dia’, já pertenceu também á Polícia do Rio de Janeiro, no período de 1935 a 1937, exercia esta profiçãõ [sic] em uma cidade do Interior de São Paulo, pois pertencia a uma organização secreta [sic] da Policia do Rio de Janeiro, mantida em todo o Brasil, e sem remuneração. **A finalidade desta organização secreta era manter vigilância no Partido Integralista** [sic], cuja organização foi extinta em 1937.

Nas repartições onde ele trabalha, sempre se mostrou um esforçado e colaborador ao Governo e da Democracia [sic].

Informaram-nos que o Dr. Nicolau Mario Centela, D.D. Delegado de Ordem Economica, conhece o investigado desde a idade de 10 anos e pode dar melhores referencias sobre o mesmo.<sup>250</sup>

Coelho, ex-agente policial, vivia agora como civil. Fez parte de uma “organização secreta” do DESPS<sup>251</sup>, cuja função era “manter vigilância” aos

---

<sup>248</sup> *Ibid.*

<sup>249</sup> “Investigação Nº 374”. São Paulo, 25/05/1943, 24-B-4-5.

<sup>250</sup> “Investigação Nº 374”, (Inf. Pedroza). São Paulo, 22/06/1943, 24-B-4-6. Grifos meus. A cidade em que Coelho atuava era Novo Horizonte, próxima a São José do Rio Preto. Ver a ficha anexada de Paulo Torres, 24-B-4-9.

<sup>251</sup> “A Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS) foi criada em 10 de janeiro de 1933 pelo Decreto nº 22.332 com o objetivo de entrever e coibir comportamentos políticos divergentes, considerados capazes de comprometer ‘a ordem e a segurança pública’. Era diretamente subordinada à Chefia de Polícia do Distrito Federal e possuía uma tropa de elite, a Polícia Especial. Constavam de suas atribuições examinar publicações nacionais e estrangeiras e manter dossiês de todas as organizações políticas e indivíduos considerados suspeitos.” Ou seja, ela tinha função idêntica ao DOPS-

integralistas em outros estados ainda durante o período de legalidade da AIB (chamada aqui erroneamente de “Partido”), num período politicamente tenso: a 4 de abril de 1935 é aprovada pelo Congresso a Lei de Segurança Nacional (LSN) que visava conter a “radicalização política”. Apesar de seu alvo central ser a Aliança Nacional Libertadora (ANL), acusada de ser uma fachada legal para o PCB, houve tentativas de incluir na mesma a prescrição da AIB. Segue-se a isso o rápido crescimento do número de adeptos da Ação Integralista (1936 é conhecido como “Ano Verde”, sobretudo pelas expressivas vitórias eleitorais da agremiação), a candidatura independente de Plínio Salgado a presidência da República, até a proclamação do golpe do Estado Novo, no fim de 1937.

Ao mesmo tempo, o denunciante era conhecido por um membro da comunidade de informação “*desde a idade de 10 anos*”, o que indica que Coelho poderia ter familiares na mesma comunidade (como seu pai, por exemplo, que poderia ser amigo de Centela). A prática da delação, executada aqui por Coelho, era muito comum e até estimulada durante o regime do Estado Novo:

A delação aparecia como um ato de bravura, expressando o colaboracionismo da sociedade civil às propostas autoritárias e nacionalistas de Getúlio Vargas. (...) As autoridades públicas não deixavam de incentivar as denúncias da sociedade civil. Cabia à polícia averiguar a veracidade das informações, ainda que isto exigisse uma extensão do tempo de trabalho e do aparato policial, pois era preferível ‘prevenir do que remediar’ – provérbio bastante recorrente em contextos de repressão (SANTOS: 2008, 155-6).

Assim, quando Erna Hoffstetter e sua amiga vieram pedir ao ex-agente ajuda na intercessão pela libertação de Paulo Torres, Coelho resolve denunciar ambas às autoridades. Ao fazer isso, o delator está convicto de estar prestando um serviço patriótico, ao mesmo tempo em que ele também era investigado. Tal é a lógica do Estado policial, sedento de informações, onde potencialmente todos vigiam todos.

Ao descrever a sociedade totalitária, Hannah Arendt coloca a polícia secreta como elemento-chave da mesma (embora admita que tal polícia não seja exclusiva desse sistema). Embora o Estado Novo não possa ser enquadrado como uma sociedade

---

SP. Ver “A Era Vargas: dos anos 20 a 1945”, in: *FGV/CPDOC*. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/PoliciaPolitica>. Acessado em 12/02/2014.

totalitária, creio que podemos dizer que ela tinha elementos totalitários. O papel central da polícia política no funcionamento do regime é um deles. Segundo Arendt:

Através de uma rede de agentes secretos, o governante totalitário cria uma correia transmissora directamente executiva que, em contraposição com a estrutura de camadas sobrepostas da hierarquia ostensiva, é completamente separada e isolada de todas as instituições. Nesse sentido, (...) as suas normas e escalas de valores permeiam toda a textura da sociedade totalitária (ARENDR, 1978: 535-6).

O Estado Novo ainda é um período sobre o qual a historiografia ainda pouco avançou no que toca a atividades de grupos políticos contrários ou simplesmente não identificados com o regime. Tal período é fundamental para entender as supostas conexões dos integralistas – considerados pelo regime e opositores em geral como “quinta-coluna” - com as forças do Eixo, sua repressão durante a vigência da Constituição de 1937 e seu relativo desprestígio no pós-guerra. A documentação do DOPS é um *locus* privilegiado para analisar não apenas esses processos, mas o funcionamento do sistema repressivo durante a ditadura varguista.

Para observar de perto as forças políticas que funcionavam até 1937, o DOPS-SP desenvolveu uma estratégia geopolítica para vigiá-las em cada cidade do Estado. O que transparece da documentação é que, em geral, os militantes e membros dos partidos oligárquicos (PC e PRP), assim como suas dissidências, aceitaram bem o novo regime nos municípios, não causando embaraços aos delegados. Apesar do pretexto anticomunista para justificar a ditadura, os comunistas eram praticamente inexistentes. Mesmo os integralistas causaram poucos embaraços. Apesar disso, a vigilância maior do DOPS recaiu sobre eles. Junto aos relatórios das delegacias municipais, o número de suspeitos de integralismo é normalmente maior do que de outros partidos. Em vários casos, há listas com dezenas de nomes dos velhos camisas-verdes; em algumas, com mais de uma centena.

A obsessão policial em localizar a totalidade dos integralistas – e com a maior quantidade possível de informações - está na relação de mais de 1500 nomes de suspeitos de integralismo espalhados por várias cidades do estado. Mesmo incompleta,

ela é reveladora do impulso do DOPS em possuir o maior registro possível de suspeitos de subversivos em potencial. Para além disso, ela se revela uma boa fonte para se entender a natureza do movimento integralista em alguns de seus aspectos, como distribuição de gênero e presença de estrangeiros num movimento de caráter nacionalista.

Optamos por dividir os vários integralistas e suspeitos investigados em quatro categorias, mas duas observações são importantes: a primeira, o que mais interessou a polícia, ao longo do Estado Novo, foram os contatos destes com os chamados “súditos do Eixo”; e segunda, em diversos casos, mais de uma categoria (contatos com esses agentes, propagandistas, chefes e militantes etc.) está mesclada em cada uma das investigações em curso.

A maior parte das investigações levadas a efeito pelo DOPS – e transformadas em dossiês – em torno dos integralistas é sobre contatos destes com alemães, italianos e japoneses estabelecidos no Brasil, ou seus descendentes, durante os anos da II Guerra Mundial, sobretudo após a entrada do país no conflito em 1942. É evidente a tentativa de observar qualquer atividade que envolvesse colaboração de espionagem ou subversão contra a ordem, supostamente a mando das nações inimigas. Pelo que verificamos na documentação, os contatos dos integralistas com esses nacionais existiram de fato, e em geral, mobilizados por simpatia ideológica. É inegável. Mas apesar da desconfiança constante da polícia, em parte alimentada por uma propaganda contrária aos integralistas, não se confirmou qualquer atividade de espionagem nesse sentido no Estado de São Paulo, ao menos registrada pelo DOPS estadual.

Ao constatar isso, não pretendo dar razão à memória oficial integralista, em vigor até hoje, que afirma que “integralismo não é fascismo” ou que nega peremptoriamente quaisquer contatos com as potências do Eixo. Não tenho, pois, a intenção de discordar das pesquisas de Stanley Hilton (1983), Ricardo Seitenfus (2003), Sérgio Correia da Costa (2004), ou de João Fábio Bertonha (2013), que trazem novamente à tona a documentação dos serviços secretos de vários países, inclusive arquivos alemães e italianos sobre esses contatos, que envolvem casos de espionagem. Apenas pretendo evidenciar que, essa colaboração tendo existido, a documentação

analisada não permite afirmar que ela tenha ocorrido no Estado de São Paulo, unidade da federação na qual a militância integralista era das mais numerosas.

É importante enfatizar também que essa minha afirmação se refere ao período do Estado Novo (1937-1945) e, sobretudo, ao período da guerra (1942-1945). Esta pesquisa não abrange, pois, os anos de legalidade da AIB (1932-1937), no qual há indícios, sim, de que tanto integralistas, como outras forças políticas, tiveram contatos de vários tipos com instâncias diversas de Roma e Berlim.<sup>252</sup>

No que toca aos recursos de investigação, é interessante enfatizar a delação ocorrida em alguns casos aqui analisados. Nota-se que os delatores agiam em busca de oportunidades ou prestígio social junto às forças policiais. Apesar de existir uma tolerância - e até estímulo - em relação à essa prática, as denúncias eram vistas com desconfiança pelo DOPS, pois, nos casos analisados, o departamento procurou se certificar do passado dos delatores ou da relação denunciador-denunciado, para confirmar se o que movia a prática não eram apenas conflitos pessoais.

No que tange à censura postal, notamos no caso em torno de Plínio Salgado que havia uma estrutura responsável pela censura dentro do Departamento de Correios e Telégrafos, inclusive com formulário apropriado. Quando a correspondência era considerada suspeita, agentes eram encarregados especialmente para procurar os remetentes ou destinatários, conforme o caso, e toda sua vida era investigada, com o objetivo de verificar possíveis contatos e tendências políticas.

Outro recurso do DOPS que deve ser observado é o contato com o serviço policial de outro país – no caso, o Uruguai – em um dos casos. A partir de uma notícia nos jornais em torno de dois brasileiros que estavam exilados – os integralistas Nestor Contreiras Rodrigues e Raimundo Barbosa Lima – a polícia paulista entrou em contato

---

<sup>252</sup> As provas de simpatia dos integralistas aos governos alemão e italiano eram muito comuns na imprensa da AIB. Por outro lado, na série Prontuários do DOPS-SP, encontramos uma correspondência com a programação da transmissão de rádio de ondas curtas do governo alemão para a América do Sul, endereçada ao núcleo integralista de Palmital (SP). “Deutsche Kurzwellensender – Zone 4 – Südamerika Programm – September 1937”. Berlim, 03/09/1937. *Prontuário 40.499 “Ação Integralista Brasileira”*. 5º volume. A programação era variada, mas alguns programas eram claramente relacionados ao nazismo, como “Dos acampamentos de verão da Juventude Hitleriana” e “O Dia do Partido de 1937”, transmitida em português, espanhol e alemão. Como contraponto, é importante apontar que um dos bastiões do liberalismo brasileiro, o jornal *O Estado de S. Paulo*, se não chegava a louvar o regime nazista, também era bastante comedido em suas críticas ao III Reich, eventualmente ignorando o autoritarismo e as arbitrariedades do governo de Hitler anteriores à guerra (CAPELATO & PRADO, 1980: 103-4).

com seu equivalente uruguaio, pedindo informações, como mostra documento presente nos dossiês.

Tanto o episódio do barbeiro do delegado de Ribeirão Bonito como o do genro do ministro nos mostram que o DOPS não esteve isento da sobreposição tipicamente atribuída ao patrimonialismo brasileiro entre o público e o privado, conforme famosa formulação de Sérgio Buarque de Hollanda (1990: 105-106). Bastou que um suspeito tivesse um parente influente que intercedesse a seu favor para que ele se livrasse da prisão preventiva, de resto, ilegal, já que não houve processo. Contudo, se não fosse Freudfeld genro do ex-ministro do Supremo, é possível que, como temia este, o integralista ficasse “*mofando na prisão*”, se não “*por todo o tempo da guerra*”, mas pelo menos por tempo indeterminado. O mesmo se deu no caso do barbeiro em que o delegado sugeriu sutilmente que não valeria a pena uma ordem de busca e apreensão na residência do investigado.

As fotos aqui analisadas e presentes nos dossiês – a foto com os fascistas e a com os japoneses - têm uma importância particular para as pesquisas imagéticas sobre o integralismo. A foto com os japoneses demonstra, de forma enfática, uma inserção social e política dos imigrantes nipônicos que não era muito comum à época. Afinal, trata-se de um grupo que era visto como “quisto étnico” e com dificuldades de assimilação (TAKEUCHI, 2008: 85). Ilustra também que a política integralista de aceitar e atrair imigrantes e descendentes para suas fileiras foi além dos europeus.

Por outro lado, a fotografia com os camisas-negras fascistas na cidade de Avaré nos permite visualizar uma realidade que, no pós-guerra, os integralistas se esforçaram em esquecer e fazer esquecer, em sua batalha pela memória: sua solidariedade e simpatia com os movimentos autoritários dos anos 1930. Uma fotografia “perdida” nos arquivos policiais torna-se assim, uma “cápsula do tempo” para esta memória disputada, a rigor, até hoje (VICTOR: 2013).

Assim, apesar da relativização acima descrita, o conceito de “inimigo objetivo” predomina aqui. O integralista, durante o Estado Novo, permanece sendo o conspirador e o possível “quinta-coluna”, “agente de Hitler no Brasil”. Mesmo que, no fim das contas, não haja provas cabais nesse sentido, contra os velhos seguidores de Plínio na documentação do DOPS.

## CAPÍTULO 2 – A INVESTIGAÇÃO SOBRE O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR (PRP)

*Às vezes, fazíamos comícios relâmpago em lugares de movimento, como na Praça da Sé. Era assim: colocávamos os mais tímidos dentre nós para começar discursar sobre os problemas nacionais, igual fazem os protestantes [sobre sua religião]. Quando começavam a se juntar algumas pessoas em torno daquele [orador], aí íamos os mais experientes e “arrebentávamos”. Juntavam mais pessoas para assistir. Quando já tinha um certo aglomerado de gente, chegavam os agentes do DOPS, nos questionando se aquele comício tinha sido autorizado. Como não tínhamos pedido autorização, eles nos mandavam dispersar. Aí as pessoas em volta começavam a gritar: “Deixa os meninos! Deixa os meninos!”<sup>253</sup>*

Até recentemente, a bibliografia se mostrava extremamente escassa no que diz respeito à atuação dos integralistas no pós-1945, que foi centralizada no Partido de Representação Popular, agremiação geralmente ignorada ou subestimada pela historiografia. O PRP (a não ser confundido com o antigo Partido Republicano Paulista, extinto em 1937)<sup>254</sup> foi a tentativa de Salgado e seus seguidores de retornar à arena política depois da derrocada do nazifascismo na Europa. A relação dos camisas-verdes locais com os congêneres camisas-negras e pardas se tornou praticamente indelével, em parte por culpa dos próprios integralistas, em parte por uma forte propaganda contrária baseada algumas vezes em fatos reais e, em outras tantas, simplesmente distorcida.

Apesar desse retorno, o protagonismo que o integralismo possuiu na década de 1930 não ressurgiu em fins dos anos 40 em diante, e isso por vários motivos. Primeiro, o desprestígio praticamente total do fascismo, com a revelação de seus crimes de guerra, bem como ao colapso total a que tais regimes levaram praticamente toda a Europa. Depois, a própria política e a sociedade brasileira estavam mudando. A começar pela

---

<sup>253</sup> Depoimento a este pesquisador de José Baptista de Carvalho (1929- ), que foi Águia Branca e membro do PRP. São Paulo, 2004.

<sup>254</sup> Salgado foi membro e chegou a ser deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista no fim dos anos 1920. Em suas memórias, Miguel Reale insinua que a sigla do novo partido integralista teria sido proposital, como se Plínio pretendesse retornar “às suas origens perrepeistas” (REALE, 1986: 144). Reale, uma das principais lideranças da AIB, não entrou no Partido de Representação Popular.

nacionalização dos partidos, isto é, não havia mais a necessidade de partidos estaduais, aos quais a AIB se contrapunha; os meios de comunicação e transportes, bem como os interesses comuns dos estados, suas elites e, cada vez mais, seus setores médios e classe operária, aproximavam as unidades da federação. Além disso, várias das propostas de modernização conservadora proposta pelos seguidores de Salgado foram concretizadas pelo Estado Novo e seus herdeiros políticos<sup>255</sup>.

Restavam, pois, um clero conservador e resistente aos novos ventos de mudança do que virá a ser o Concílio Vaticano II (1958-1963), com um razoável eleitorado católico identificado com aquele; e o medo do comunismo de certa classe média (inclusive pequenos proprietários agrícolas), renovado pela maré montante da Guerra Fria (renovação da “guerra de religiões” hobsbawmiana); e, por fim, os velhos integralistas que ainda se mantinham na antiga “fé”, eram a lenha na fogueira que garantiu uma certa continuidade e alguma estabilidade para o integralismo perrepista.

O novo PRP estava, contudo, sem algumas das principais lideranças da velha AIB: Gustavo Barroso abandonou a vida político-partidária, dedicando-se quase que totalmente à direção do Museu Histórico Nacional, permanecendo no cargo até sua morte em 1959 (também deixara de escrever livros antisemitas, já que a atmosfera política pós-Holocausto não lhe permitiria); Miguel Reale, ao contrário, apesar de rompido com o integralismo, terá uma vida partidária bem intensa dentro do Partido Social Progressista (PSP), do cacique paulista Ademar de Barros; Olbiano de Mello que tentará, sem sucesso, criar uma corrente política chamada “societarismo” (MELLO, 1957: 183-198); e Santiago Dantas, que se tornará deputado pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), chegando a chanceler do governo João Goulart (1961-1964).

Apesar disso, vários líderes intermediários (José Loureiro Jr., Marcel da Silva Telles e Angelo Simões de Arruda, em São Paulo; Raimundo Padilha, no Rio de Janeiro; Nestor Contreiras Rodrigues, no Rio Grande do Sul etc.), líderes locais e

---

<sup>255</sup> Ou pelo menos, Salgado assim reivindicava. Entre as ideias as quais os integralistas teriam “*pensado antes*”, o chefe integralista pontua os Ministérios da Aeronáutica e das Comunicações, a LBA (Legião Brasileira de Assistência), o SESI e o SESC e os restaurantes populares, além da própria ideia de partidos nacionais. “*A influência do Integralismo na vida brasileira sente-se hoje de maneira tão forte, que em todos os partidos e nos setores mais diversos das atividades políticas, sociais e culturais do país, erguem-se vozes a expender conceitos que se enquadram de modo absoluto no ideário do Sigma*”. Essas afirmações, contudo, devem ser analisadas com cuidado. Trata-se de mais uma tentativa sua de superar a rejeição ao seu nome e de sua agremiação política no pós-guerra (SALGADO [1957]: 55 – 85).

militantes de base entram na nova organização, e há também uma renovação geracional de quadros do integralismo, tanto no partido quanto em organizações paralelas que se declaram, de um modo ou de outro, fidelidade à doutrina salgadiana, então repaginada.

Por conta desse desprestígio dos regimes fascistas, toda a simbologia integralista que pudesse ser relacionada àqueles foi abolida: sigma, camisas verdes, o “anauê”, a maior parte dos hinos e datas comemorativas etc. No lugar do Sigma, o símbolo do partido passa a ser um sino bimbalhante (tocando), como que para “despertar o Brasil”.

No que toca ao DOPS, é notória a vigilância que o órgão exerce sobre um partido político que não fosse de esquerda (PCB, PSB) ou trabalhista (PTB), conforme seria esperado; e que é um partido considerado de direita, sobretudo a partir do momento em que ele não é relacionado a um perigo externo, como durante a II Guerra Mundial. O DOPS paulista dedicou parte considerável do seu esforço a vigiar os integralistas em sua nova roupagem, dedicando quatro pastas de documentos ao PRP, além de várias outras nominais –ou seja, sobre militantes - na série “Dossiês”, além de algumas pastas da série “Prontuários”, que achamos elucidativo incluir aqui, como o referente ao partido e à União de Resistência Nacional (URN).

Não deixa de ser incômodo que, com a queda do Estado Novo, não houve uma discussão pública de monta a respeito dos órgãos de segurança e repressão, ou ela foi mínima, como a série de reportagens do jornalista David Nasser publicada na revista *O Cruzeiro*, mais tarde reunidas no livro *Falta Alguém em Nuremberg* (NASSER: 1947), e alguns debates e a abertura de comissões no Congresso Nacional que não deram em nada, nos primeiros anos após o fim da ditadura (CARVALHO: 2010). Pouco tempo depois da queda de Vargas, o tema caiu no esquecimento, e os aparatos de repressão e vigilância prosseguiram em sua sanha persecutória nos 40 anos seguintes.

Este capítulo pretende mostrar a evolução e estabilização do PRP no quadro político do Estado de São Paulo, juntamente com seus chefes e militantes, e como o DOPS-SP interagiu com eles. Veremos as tentativas iniciais e cautelosas dos integralistas de voltarem à vida política nacional; a experiência de organizações anticomunistas compostas por integralistas, como a União de Resistência Nacional; os anos iniciais do PRP; as manifestações contrárias ao retorno do integralismo no cenário político; as primeiras campanhas eleitorais; os episódios de violência; o primeiro

congresso estudantil do partido; os jornais apreendidos pelos investigadores; e as organizações integralistas paralelas ao PRP.

## 2.1 – A reorganização dos integralistas no imediato pós-guerra

Ao longo de 1945, com a *debâcle* iminente do Estado Novo em marcha acelerada, o fim da censura, a anistia política<sup>256</sup> e a reorganização partidária dos vários grupos políticos, começam a circular rumores sobre um suposto retorno do integralismo na arena política nacional. O DOPS-SP estava atento a isso e – tal como, aliás, a imprensa - reflete vários desses boatos em seus documentos internos.

Nesse momento, final da II Guerra Mundial, na qual o Brasil havia declarado guerra aos países do Eixo e enviado soldados para lutar no palco europeu do conflito, a opinião pública via nos integralistas locais os representantes brasileiros de Hitler e Mussolini. Isso se deveu não apenas aos elogios feitos pela AIB - através de sua imprensa, livros e discursos - aos regimes do Eixo durante a década de 1930, bem como ter usado toda uma simbologia abertamente relacionada aos movimentos fascistas internacionais, mas, pelo menos tão importante quanto isso, a uma intensa propaganda do regime varguista, a qual acusava os seguidores do movimento como “agentes de Hitler no Brasil”, “quinta-colunistas”, e outros epítetos do gênero.

No início daquele ano, com Plínio Salgado ainda no exílio, vários integralistas ainda presos e os demais desarticulados, o integralismo era visto como algo sinistro, subterrâneo, e que, com a derrota dos países do Eixo, eventualmente teriam desaparecido para sempre da vida pública brasileira, pelo menos enquanto representantes daquele movimento. Assim, muito do que se tinha a respeito dos

---

<sup>256</sup> O DOPS esteve atento para a anistia dos presos integralistas. Há duas notícias da agência Asapress, anexadas num dossiê, que contêm listas de anistiados do movimento do sigma. As listas são quase repetidas, pois alguns nomes não coincidem. Os nomes mais conhecidos são os de Belmiro Valverde e Severo Fournier (grafado “Severino Funier”), que foram os principais líderes do levante de maio de 1938. Fournier, é importante lembrar, não era integralista, sendo um dos representantes dos “liberais” no levante. Fournier morreu um ano depois de sua libertação, devido a uma pneumonia que desenvolveu na prisão. “Asapress”, 19/04/1945 (24-Z-5-18) e 24/04/1945. 24-Z-5-19. A notícia do dia 24 fala de um anistiado, Maurício da Costa Pereira (citado na lista do dia 19) que não pode sair por “*determinação médica ficou na ilha [Grande? Fernando de Noronha?] devendo regressar amanhã ou depois, de trem.*”

integralistas naquele momento se constituía de meros murmúrios, e era desse material que em geral alimentava-se a imprensa e a polícia política. Desse modo, um relatório de investigação não assinado, datado de 22 de março afirma:

Segundo pude saber e remeto a título de boato, os integralistas estão arrecadando dinheiro dos sócios e dão a isso o nome de “FUNDO VERDE”, ignora-se o objetivo, entretanto, presume-se que tal resolução só poderá ser para eventuais necessidades políticas, no período das eleições futuras.

Consta que há um escritório á rua Marconi, alugado por diversas pessoas e ali trabalha ou frequenta, um senhor advogado, de nome RUBIAO, onde se reúnem sempre vários chefes integralistas, em dias sempre variados, para despistar.

“Fala-se que há dois meses, o Sr. PLINIO SALGADO, remeteu de Portugal, onde se encontra, várias cartas, orientando os seus adeptos a seguirem o momento político que atravessamos. As referidas cartas são assinadas por pseudônimo, que os comentadores ignoram e dizem ter ouvido tal informação, nas rodas integralistas.”<sup>257</sup>

O investigador admite desde o princípio o caráter de boato a respeito da origem de sua informação sobre um fundo de auxílio para os integralistas supostamente participarem das eleições que se realizariam naquele ano, ou posteriores. Note-se as palavras e expressões utilizadas pelo investigador: “consta que”, “fala-se que”, “presume-se”, que denotam incertezas e origem desconhecida, ou pouco confiável para tais histórias. O texto indica ainda um suposto local de reunião dos integralistas no centro da capital paulista.

Sobre o “Fundo Verde” não encontramos mais referências, mas é muito oportuno compará-lo com outra entidade integralista de nome e tática semelhantes: o “Socorro Verde”, que funcionou no Rio de Janeiro no início dos anos 40, e foi “*fundada na intenção de auxiliar integralistas detidos*” (MIRANDA, 2009:106-7). A arrecadação de fundos era feita através de tómbolas, rifas e festas e, para além da questão financeira, “*ainda criava uma oportunidade de encontro e planejamento de ações coordenadas dos integralistas no Rio de Janeiro*”. O Socorro Verde, assim como outras entidades assistencialistas dos integralistas durante o Estado Novo, foi amplamente investigado pelo DESPS, a polícia política do Estado do Rio.<sup>258</sup>

---

<sup>257</sup> Relatório reservado R-1 ao Delegado Chefe do Setor de Ordem Política, São Paulo, 22/03/1945, 24-Z-5-280 (pasta 2). Maiúsculas e grifos no original.

<sup>258</sup> Segundo Gustavo Miranda, outras entidades assistencialistas integralistas investigadas foram o Auxílio às Famílias Empobrecidas (AFÉ) e a Associação Feminina dos Encarcerados, que tinha a mesma sigla. Essa documentação está depositada no APERJ (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro).

Outro relatório reservado, datado do mesmo dia, e também sem autoria revelada dá indicações de uma suposta organização dos seguidores de Salgado no interior do Estado. Uma das percepções é de que a AIB voltaria como tal e não como um novo partido: “*Um outro boato que pude saber, é que em Campinas, há uma sede de integralistas, cujo chefe é um médico lá residente, de nome MURCIO, o qual está reunindo e reorganizando o tal núcleo da Ação Integralista Brasileira, naquela cidade.*”<sup>259</sup>

Logo abaixo se nota a importância que o próprio agente está dando aos boatos para fazer seu trabalho de investigação. Ele acha que os boatos, se confirmados, podem dar uma pista, o que justificaria um apoio maior para prosseguir nas investigações (possivelmente verba, equipamentos e/ou pessoal): “*A verdade é que tais informes não passam de puros boatos, porém, algo de verdade, poderá ser conseguido e para tal, não faltam recursos técnicos, capazes de apurar com a máxima facilidade, o que seria para mim difícil, em virtude de não possuir elementos tais para isto.*”<sup>260</sup> O boato é admitido aqui como claro substituto da falta da possibilidade de uma investigação mais acurada.

Embora os rumores sobre os integralistas não tenham cessado, um elemento novo irá mudar um pouco essa situação no início de maio, tirando a movimentação dos integralistas da penumbra completa. Marco da reorganização do movimento integralista naquele ano, a “Carta Aberta à Nação Brasileira”, documento em que os integralistas, que já viviam de fato algum grau de organização, procuravam refutar as acusações que lhes pesava naquele momento, fruto sobretudo de campanha midiática divulgada durante o Estado Novo, e contra a qual permaneceram todo o período daquele regime sem a possibilidade de contra-argumentarem. Assinavam 103 personalidades, dentre as quais antigas lideranças da AIB, como Gustavo Barroso, Olbiano de Mello, Alberto Cotrim Neto, José Loureiro Jr., Marcel da Silva Telles, Everaldo Leite, Raymundo Barbosa Lima, Raymundo Padilha, dentre outros<sup>261</sup>. A carta foi publicada na grande imprensa e divulgada também em estações de rádio. Diz o documento em sua introdução:

---

<sup>259</sup> Relatório reservado R-1 ao Delegado Chefe do Setor de Ordem Política, São Paulo, 22/03/1945, 24-Z-5-282 (pasta 2).

<sup>260</sup> *Id.* A pontuação está conforme o original.

<sup>261</sup> É importante notar as ausências de outros importantes líderes: Plínio Salgado, que estava no exílio; e Miguel Reale, Santiago Dantas e o padre Helder Câmara, que tinham abandonado o integralismo. Sobre a saída de Reale, Dantas e outros líderes integralistas do movimento, ver VICTOR (2013: 195 – 203).

Os abaixo assinados – brasileiros tão dignos e patriotas quanto os que mais o sejam – membros da extinta ‘AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA’, dissolvida em dezembro de 1937 pelo Governo Nacional, cumprem o imperioso dever de vir, perante a Nação, defender seu passado contra a obstinada e injusta campanha, sistematicamente feita no sentido de infamar aquele movimento e, em consequência, todos quantos sincera e honestamente, dele participaram.

Perante os homens de bem do nosso país protestam com dignidade e altivez, de consciência limpa, contra a teimosa repetição de calúnias, que repousam unicamente sobre palavras, sem uma prova, sem um fato concreto, e aboná-las em que se destinam a aponta-los à opinião pública como verdadeiros réus de lesa pátria.

Neste momento de graves angústias e inquietantes apreensões provenientes da grande crise que assoberba o mundo mais de que nunca se torna necessária a união de todos os brasileiros em torno do Brasil, com esquecimento de ódios e prevenções, que por ventura as lutas, os dissídios, as competições do passado tenham gerado e nutrido. Não se justificaria pois, a exclusão de vida nacional, deste ou daquele grupo, por este ou aquêle motivo, menos ainda em virtude tão somente de levianas e gratuitas afirmações.

Afim de que elas não passem em julgado sob silêncio, usando do direito de defesa, que têm todos os acusados, os signatários desta carta desafiam de público os acusadores da extinta “Ação Integralista Brasileira” a apresentarem suas provas, apelando para o juízo sereno de todos os brasileiros conscientes.<sup>262</sup>

Seguia-se uma série de cinco agrupamentos de acusações, contra as quais o documento interpunha suas argumentações<sup>263</sup>. Segundo o historiador Rogério Lustosa Victor, este documento (dentre inúmeros outros, posteriormente produzidos) se tratava de uma defesa do passado integralista com o objetivo de salvar o seu presente. Afinal, se se continuasse a difundir as acusações de que o integralismo era “nazi-fascista”, como havia amplamente divulgado o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), os integralistas não teriam chances de subsistir politicamente. Segundo ele:

Para os integralistas, a memória social negativa referente ao integralismo era oriunda de injusta campanha que os difamava e, assim, impunha-se como imperioso dever defender o passado do movimento perante a nação, até porque era preciso nuançar tal passado na memória social, sob o risco de não poderem atuar politicamente naquele tempo. (VICTOR, 2013: 204)

---

<sup>262</sup> “Secção ineditorial – Carta aberta à Nação Brasileira – A extinta ‘Ação Integralista Brasileira’ no tribunal da opinião pública”. In: *A Noite* (Rio de Janeiro), 7/5/1945, sem indicação de página. Anexado em 24-Z-5-39 (pasta 1).

<sup>263</sup> São os seguintes os agrupamentos de acusações: “I – A extinta ‘Ação Integralista Brasileira’ recebia auxílios financeiros de países estrangeiros. II - A extinta ‘Ação Integralista Brasileira’ também recebeu armamentos de países estrangeiros. III - A extinta ‘Ação Integralista Brasileira’ tinha ligações políticas com potências estrangeiras. IV - A extinta ‘Ação Integralista Brasileira’ é totalitária e sua doutrina é nazi-fascista. V - A extinta ‘Ação Integralista Brasileira’ é anti-americanista.” Em verdade, todas elas se referiam a supostas ligações dos integralistas com o Terceiro Reich e com a Itália fascista, bem como seu caráter de semelhança ideológica com os fascismos europeus. “Secção ineditorial...”, já citada.

Para o DOPS-SP, a posse de tal carta aberta em suas dependências tinha um duplo significado: reunia em um só documento as acusações mais em voga contra o integralismo, como também era um indicativo de suas tentativas de rearticulação no pós-guerra.

Houve uma reação ampla e imediata na grande imprensa, também refletida na documentação policial do DOPS. A opinião da mídia era de apreensão e de manutenção das acusações do passado do movimento. Uma notícia da agência de notícias Asapress<sup>264</sup> relata:

Causou a mais profunda estranheza em todos os círculos desta capital a publicação feita hontem por todos os jornais e anunciado hoje por uma emissora local, um comunicado em que vários ex-integralistas, confessando a sua qualidade, defendem a extinta ação integralista. Essa prova flagrante de que os ‘camisas-verdes’ continuam organizados e que possuem ainda grandes fundos que lhes permitam o pagamento dos balcões dos jornais e das emissoras para divulgação desse comunicado, veio provar as acusações de vários anti-fascistas de que os partidários de Plínio Salgado continuavam em sua ação política.<sup>265</sup>

Para muitos foi, pois, uma surpresa essa declaração pública dos integralistas, que estavam desarticulados desde o golpe de 1937. Mas ao contrário de convencer a sociedade da inocência dos mesmos das acusações que lhes pesavam, a carta aberta serviu, sobretudo, para confirmar que os integralistas agiam nas sombras (pois, segundo a notícia, eles “*continuavam organizados*”) e “*possuíam grandes fundos*” (quicá ainda provenientes das potências do Eixo, pode-se inferir do subtexto), tanto que ela “*veio provar as acusações de vários anti-fascistas*”, o que mais uma vez contrariaria a argumentação integralista, de não envolvimento com o fascismo.

Alguns dias depois, a Asapress publicou um desmentido ao documento integralista. Dois supostos homônimos de um signatário da “Carta Aberta”, pai e filho,

---

<sup>264</sup> A Asapress era uma agência que fornecia notícias à grande imprensa. Começou suas operações em outubro de 1942. Em 1961, na ocasião do seu 19º aniversário, possuía “30 estações transmissoras instaladas nas capitais dos Estados e Territórios” (“19º aniversário da Agência ‘Asapress’”, *Folha de S. Paulo*, 22/10/1961, p. 8). Encerrou suas atividades em 1969 (“‘Asapress’: funcionários querem indenização”, *Folha de S. Paulo*, 15/05/1969, 1º caderno, p. 5).

<sup>265</sup> “Asapress”, 7/5/1945. Anexado em 24-Z-5-40 (pasta 1).

desmentem que tenham sido integralistas, o que sugeria que a lista de assinaturas poderia ter elementos de fraude.

O almirante Arthur Tompson [sic] e seu filho e homônimo, esclarecendo não serem e nunca terem sido integralistas e que, portanto, a assinatura de Artur Tompson Filho que consta da última proclamação integralista, não lhes pertence e nem tão pouco a nenhum de seus parentes.<sup>266</sup>

As críticas da grande imprensa continuam. Ao invés de aceitar os argumentos da Carta Aberta, os jornais se alarmaram com o que entendiam ser o retorno da AIB à vida pública nacional, o que não se encaixaria com a nova realidade do mundo pós-guerra.

‘O integralismo tentará voltar a atividade política, sendo a atual carta aberta à nação brasileira o primeiro passo de uma intensa propaganda’, declara o jornal ‘O Globo’, o qual acrescenta, que a ação integralista brasileira, que no dia da vitória, fez publicação na imprensa, onde tenta se defender das responsabilidades e crimes que lhe são imputados está se ativando na tarefa de reorganizar seus quadros, e que pleiteia através da nova lei eleitoral e dá seus dispositivos, sobre a formação ou registros de partidos.<sup>267</sup>

No dia 11 de maio, poucos dias após o lançamento do documento integralista, a imprensa lembrou o sétimo aniversário do levante armado de 1938, batizado pelo Estado Novo e desde então conhecido publicamente como “Intentona Integralista”. A comparação com o nazismo volta a ser explícita, quando o ataque ao Palácio Guanabara é comparado com o golpe perpetrado pelos militantes do Partido Nazista Austríaco, em 1934. A intenção da lembrança era clara: imputar aos integralistas a pecha de “quase assassinos”:

---

<sup>266</sup> “Asapress”, 12/5/1945. Anexado em 24-Z-5-41 (pasta 1). É importante ressaltar, contudo, que havia de fato um Artur Thompson (com “H”) Filho que militou na AIB, e inclusive foi membro da importante Câmara dos 40. V. TRINDADE (1979: 309).

<sup>267</sup> “Asapress”, 11/5/1945. Anexado em 24-Z-5-42 (pasta 1). O carta aberta é datada do dia 6, mas foi divulgada no dia 7, data do despacho da Asapress. Contudo, 7 de maio foi uma segunda-feira, dia que a maioria dos jornais não circulava. Assim, o conteúdo acabou por ser divulgado na terça, dia 8 de maio, que coincidiu com o dia da rendição incondicional do III Reich aos exércitos Aliados, que ficou conhecido como o “Dia da Vitória”.

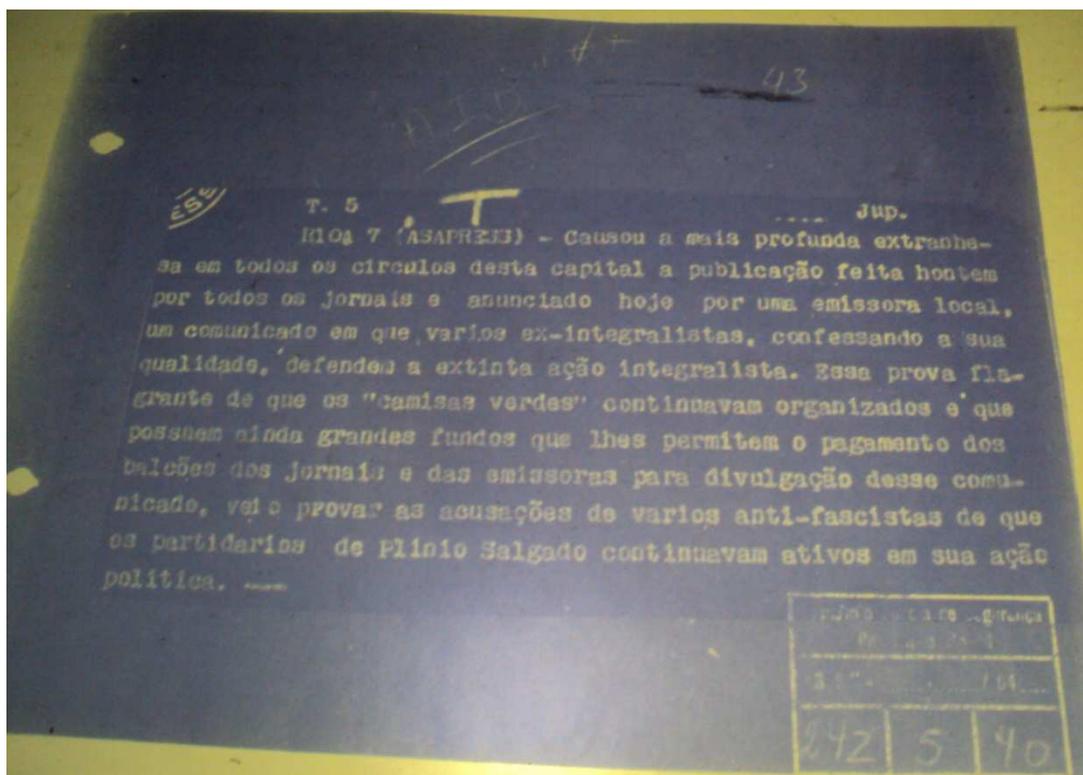


Ilustração N° 9 – Despacho da agência de notícias “Asapress”, de 07/05/1945. Anexado em 24-Z-5-40 (pasta 1). Microfilme.

Transcorre hoje, mais um aniversário do ‘putsch’ integralista de 1938 quando imitando o golpe nazista de Viena do qual resultou o assassinato do chanceler Dollfuss. Os ‘camisas verdes’ atacaram o Palácio Guanabara visando assassinar o Chefe do Governo, incendiaram vários prédios da cidade e tentaram sequestrar altas patentes do Exército e Marinha. Durante este golpe os integralistas executaram todas as medidas traçadas pelo plano conhecido como de autoria de comunistas. Agora pelas revelações do general Gois Monteiro sabe-se que tal plano muito serviu para a instalação da ditadura getuliana e foi falsificado e era de autoria dos ‘Camisas Verdes’.<sup>268</sup>

Ao mesmo tempo em que se continuava responsabilizando unicamente aos integralistas pelo levante de 1938, o texto aproveitava para inocentar o Exército da participação conjunta na elaboração e utilização do Plano Cohen com o objetivo de implantar o Estado Novo. O general Góes Monteiro, àquela altura favorável ao fim da ditadura que havia ajudado a implantar e outrora simpático ao III Reich, tinha seu depoimento utilizado como fonte fidedigna para apontar os integralistas como únicos culpados na falsificação e responsabilidade do falso plano, e conseqüentemente, a implantação da ditadura varguista.

<sup>268</sup> “Asapress”, 11/5/1945. Anexado em 24-Z-5-43 (pasta 1).

Nessa atmosfera de ridicularização e vilanização dos integralistas, os agentes do DOPS continuavam a investigá-los e tecer as suas considerações. Um relatório reservado divulgado um dia após o lançamento da Carta Aberta zomba dos seguidores de Plínio:

Os integralistas, tais como os sapos, estão trocando a pele, pretendendo voltar a coaxar. Os elementos mais destacados estão esperando a palavra de ordem do Sr. RAYMUNDO PADILHA, a fim de se rearticularem, tendo para isso dado os primeiros passos em todas as cidades onde existiu [sic] núcleos dessa agremiação. Apresentar-se-ão com nova pele, mas não deixarão nunca de ser 'sapos'. A sua grande esperança, é alimentada pelo 'possível desentendimento' dos russos com as nações unidas.<sup>269</sup>

Raimundo Padilha, ex-chefe provincial do Rio de Janeiro, era o “Representante do Chefe Nacional”, desde a partida de Plínio para o exílio, e foi um dos principais coordenadores da reorganização integralista.

Quanto ao “desentendimento” entre os aliados, esperado pelos integralistas, ocorreu, e foi, de fato, um importante fiador da existência do integralismo no pós-guerra. O início da Guerra Fria, o sempre presente anticomunismo das instituições políticas brasileiras que culminaram na cassação do PCB em 1947, e a disseminação do medo ao “perigo vermelho” nas décadas seguintes, farão que as elites relevem a um segundo plano o passado fascista dos integralistas e aceitem o PRP no jogo político nesse momento. Nesse sentido, o anticomunismo integralista será amplamente aceito e estimulado na ordem política brasileira do pós-Estado Novo.

E, de fato, os integralistas prosseguem sua reorganização ao longo daquele agitado ano de 1945, tendo grande hostilidade da sociedade em seu encalço. Porém, um dos objetivos imediatos naquele momento deveria ser a organização de um novo partido político para as eleições presidenciais e legislativas no final daquele ano. Apesar de alguns militantes desejarem a pura e simples reativação da Ação Integralista já que

---

<sup>269</sup> Relatório reservado R-6 de agente não identificado ao Delegado Chefe de Setor de Ordem Política, São Paulo, 8/5/1945, 24-Z-5-278 (pasta 2).

argumentavam que a ditadura tinha extinguido todos os partidos e não apenas a AIB em particular<sup>270</sup>.

De qualquer modo, o DOPS continua observando essa movimentação sobretudo através do material de imprensa. Assim, já em janeiro um artigo publicado no *Correio Paulistano*, sugeria que Salgado, a partir de seu exílio de Portugal, estaria se aproximando da Igreja Católica para formar um partido de orientação confessional, com o objetivo de neutralizar a indisposição política contra ele e seu movimento. Essa visão, contudo, desenvolvida antes ainda do término da guerra, defendia que Plínio fazia isso apenas como uma espécie de disfarce político e que, na verdade, seguiria ordens de Berlim:

Neste momento, o sr. Plínio Salgado, através da Emissora Nacional, de Lisboa, que, embora pertencente à nação portuguesa, não hesita em ceder o seu microfone a um exilado político mais do que fichado como amigo do Eixo, está fazendo pregação, uma falsa espécie de cristianismo, segundo a linha de propaganda de Berlim, segundo a qual a vitória das Nações Unidas será o esmagamento da civilização ocidental pelas hordas bárbaras da Rússia. Segundo Plínio Salgado, é preciso erigir a igreja em baluarte contra esta invasão. O seu pensamento é claro: o que ele quer, na verdade, é fazer com que o integralismo sobreviva sob um nome novo – o de um **Partido Católico**, por exemplo, amparado pela parte mais conservadora do clero e pela parte mais reacionária do capitalismo e da burguesia nacional. Também Plínio Salgado está procurando servir aos interesses de Berlim, cujo último recurso e cuja última esperança consiste em procurar, a todo custo, semear a desconfiança e a discórdia entre os povos que lutam contra o nazismo.<sup>271</sup>

Em maio, o jornal *O Estado de Goiás* noticiou que os integralistas daquele Estado estavam “*se arregimentando em torno de um partido ao qual vão dar o nome de Liga Progressista*”, e cujo manifesto já teria sido redigido pelo líder integralista Paulo Paulista de Ulhôa Cintra<sup>272</sup>. Não encontramos quaisquer confirmações dessa

---

<sup>270</sup> “A Ação Integralista Brasileira é já um partido legalmente registrado na justiça eleitoral, por força e disposições expressas no Decreto-Lei nº 7586 de 29 de maio de 1945”, dizia um parecer jurídico de autor não-identificado. Tal decreto revogava a extinção dos partidos políticos em dezembro de 1937. Esse documento encontra-se no Fundo Plínio Salgado, do Arquivo Público Histórico e Rio Claro, sob o número 016.010.004 (CALIL, 2010: 38, nota 82).

<sup>271</sup> MAGALHÃES Jr., R. “O integralismo a serviço dos alemães”, *Correio Paulistano*, 10/01/1945. Artigo transcrito de *A Noite* (Rio de Janeiro). Anexado em Comunicado preparado pelo setor S-1, 24-K-12-23 (pasta 1). O grifo é do DOPS. O comunicado do investigador enfatiza que uma das principais preocupações ao anexar o artigo ao dossiê era que Salgado, de Lisboa, estava “*tentando fazer renascer a sua ideologia sob a capa de um novo partido político*”.

<sup>272</sup> “Asapress”, 14/05/1945. 24-Z-5-44 (pasta 1). Sublinhado no original.

informação, sequer sobre a existência, em algum momento de uma associação com esse nome, em Goiás ou alhures. É também curioso que Cintra foi militante da AIB em São Paulo, onde foi redator do diário *Ação*, e chefe municipal na cidade de São Bernardo, e não em Goiás.<sup>273</sup>

A ideia de que o integralismo voltaria com um nome relacionado à religião parecia ganhar terreno ao longo daqueles meses. No final de julho, um comunicado do Serviço Secreto denominado “*Os integralistas em ação*” mostra atenção às tentativas de reorganização institucional dos seguidores de Salgado como uma espécie de disfarce para enganar a população, usando instituições de confiança da sociedade, como a Igreja Católica.

Como se propalava, e era mesmo esperado, os integralistas voltaram a se rearticular. Sob a denominação patriótica e atraente de ‘AÇÃO NACIONAL CATÓLICA’, e com o apoio dos meios clericais, os antigos partidários do sr. Plínio Salgado estão se arregimentando, não só para tomarem parte no próximo pleito eleitoral, como para formar fileiras ao lado dos que, no País, iniciaram o combate ao Comunismo. Em breves dias, a AÇÃO NACIONAL CATOLICA ou a AÇÃO CATOLICA NACIONAL – título em torno do qual não obtiveram certeza – lançará um claro e positivo manifesto à Nação, surgindo concomitantemente de todos os grandes centros do Brasil, chamando a atenção do povo para **o perigo que tenta invadir o País**, com a celebração oficial de **atos atentatórios aos nossos mais rígidos princípios de família, moral, religião e instituições**<sup>274</sup>.

Este trecho do comunicado do DOPS-SP mostra algumas movimentações que estavam em gestação e mais tarde se confirmariam, outras não. O excerto se refere, por exemplo, a um “*manifesto à Nação*”, que Plínio de fato escreveu em julho em seu exílio em Portugal, e que seria divulgado no Brasil a partir de 1º de setembro, que é o Manifesto-Diretiva, um dos documentos mais importantes da reestruturação do integralismo, pois ali Salgado já traça algumas metas que os integralistas deveriam seguir em seu retorno à vida política nacional e, particularmente, em relação às eleições vindouras. Contudo, ao contrário do que a nota sugere, o manifesto de Salgado não tem

---

<sup>273</sup> Cintra era advogado. Antes de sua militância na AIB, foi delegado de polícia em Santo André (na época, um bairro do município de São Bernardo, o qual abarcava todo o atual ABC Paulista), até a chamada Revolução de 1930. Enquanto era chefe municipal de São Bernardo, ele advogava em escritórios na Praça da Sé e próximo à estação ferroviária de Santo André. Foi também membro da Câmara dos Quatrocentos (DOTTA, 2003: 33).

<sup>274</sup> “Os integralistas em ação”, comunicado preparado pelo S-1 para o Serviço Secreto, São Paulo, 29/07/1945. 24-Z-5-265. Grifos meus.

menções importantes ao combate anticomunista. Não obstante esse fato, o investigador enfatizou o caráter de luta contra essa força política, dando-lhe um verniz positivo e simpático.

Quanto a “*formar fileiras ao lado dos que se batem contra o comunismo*”, provavelmente o documento policial se refere às organizações anticomunistas Cruzada Brasileira de Civismo (CBC) e União de Resistência Nacional (URN), que já deveriam estar em gestação e as quais abordaremos mais adiante. O nome da entidade que faria referência ao catolicismo é que não se concretizou, mas é compreensível que ele tenha sido abordado. Nos últimos anos do exílio, Salgado passou a escrever textos de cunho político-religioso, isto é, associando religião e política, como forma de renovar e “desfascitizar” a doutrina integralista, justamente para se tornar mais “atraente” no pós-guerra. Um de seus livros mais paradigmáticos desse período é justamente *O Conceito Cristão de Democracia*<sup>275</sup>.

Uma série de quatro despachos da Asapress, anexados aos dossiês referentes ao integralismo mostra a visão conspiratória e de inquietação por parte da grande imprensa, já referida, em relação à reorganização dos integralistas. No primeiro deles, datado do final de junho, afirma que os integralistas já tinham uma sede no centro da Capital da República, à Rua 13 de Maio, 14. Ali, “*velhos partidários dos camisas verdes começaram entregando títulos eleitorais a seus amigos e outros documentos com os quais seus chefes estão compondo o processo para requererem registro como partido nacional.*”<sup>276</sup>

Mas os termos mais duros foram publicados em despachos do início de julho. Ao mesmo tempo em que cogitam das prováveis candidaturas dos militantes, bem como sua arregimentação eleitoral, usam expressões como “*cabala subterrânea*”, “*partido traição*”, “*incompreensíveis disfarces*”, “*lobisomens verdes*”, sempre apontando para uma memória social que os integralistas desejavam superada e se esforçavam para que fosse esquecida.

---

<sup>275</sup> Publicado ainda em Portugal (Coimbra: Estudo, 1946). Nesse período, Salgado publicou uma série de livros de cunho religioso: *Vida de Jesus* (São Paulo: Panorama, 1942); *A Aliança do Sim e do Não* (Lisboa: Ultramar, 1943); *O Rei dos Reis* (Lisboa: Pro Domo, 1946); *Primeiro, Cristo!* (Porto: Figueirinhas, 1946); *A Tua Cruz, Senhor* (Lisboa: Ática, 1946). As datas se referem à primeira edição de cada obra. Para uma relação biobibliográfica detalhada do fundador do integralismo, ver: DOREA (1980).

<sup>276</sup> “Asapress”, 19/06/1945. 24-Z-5-259 (pasta 2).

A imprensa carioca diz que os integralistas terão o seu candidato, não somente à Presidência da República, mas ao parlamento, e que a cabala, embora subterrânea, tem sido intensa. Diz que o emissário que demanda a antiga capital do reino [ou seja, José Loureiro Jr., vindo de Lisboa], deverá apresentar vários nomes, que o “partido traição” oferecerá para a sagração das urnas. A imprensa comenta também que, paralelamente, acentua-se, ao lado dos trabalhos políticos, inicia-se uma campanha para a formação de fundos para o trabalho eleitoral. Para esse fim, cada um dá o que pode: diz que esses postos multiplicam-se sob os mais incompreensíveis disfarces, alojando-se em casas comerciais, nas empresas de transportes, etc., de forma a constituir uma verdadeira cadeia integralista visando proteger os saídos da prisão após a anistia, etc.<sup>277</sup>

Esta outra indica uma reportagem publicada no vespertino *O Globo*, do Rio de Janeiro, que era um grande opositor dos integralistas. É interessante notar que a própria notícia qualifica a reportagem de ser contrária ao evento relatado. Notemos também a curiosa expressão “*condottiere do fascismo índio*” para adjetivar Plínio Salgado:

Continua com amplo destaque na imprensa, as reportagens **contra** a rearticulação do integralismo. Entre os jornais todos, se destaca o “O GLOBO”, que conseguiu penetrar no reduto dos galinhas verdes. Esse vespertino, sob o título ‘Desmascarada a trama dos lobisomens verdes no Rio’, diz que os integralistas aguardam, apenas, o retorno do emissário que foi ao estrangeiro entender-se com o sr. Plínio Salgado, para reiniciarem as suas campanhas ostensivas. Acrescenta que os seus estatutos estão prontos, de forma que surgirão com partido que camuflará o integralismo, restando somente a palavra final do grande “condottiere” do fascismo índio, que deve estar chegando à Lisboa, à bordo do “DOM PEDRO I”. O referido emissário leva incumbência de apresentar ao sr. Plínio Salgado, o quadro das realidades brasileiras no domínio político.<sup>278</sup>

Há, pois, uma grande indisposição da parte da grande imprensa em relação aos integralistas, nesse momento em que os mesmos retornam à cena política, no pós-guerra. Segundo o historiador Rogério Lustosa Victor:

Nesse novo contexto, de maior abertura da imprensa e início da democratização, os integralistas começaram a articular-se para reorganizarem o velho partido. No entanto, no espaço público, o veto à memória integralista estava posto, o que estabelecia ambiente político inóspito à rearticulação dos ex-camisas-verdes. Reiniciava-se uma série de publicações de cunho pejorativo no que concerne a Salgado e à extinta AIB. Supomos que essas narrativas encontraram uma comunidade de sentido já constituída e

---

<sup>277</sup> “Asapress”, 03/07/1945. 24-Z-5-262 (pasta 2).

<sup>278</sup> “Asapress”, 03/07/1945. 24-Z-5-262 (pasta 2). Negrito meu.

corroboraram a atualização da memória social negativa que se formou em relação ao integralismo. Semelhante memória construiu-se a partir, principalmente, das narrativas publicadas pela grande imprensa durante o Estado Novo, especialmente depois do golpe de maio de 1938, atribuído aos integralistas. Depois desse último, [...] a imprensa ‘abriu fogo’ contra os integralistas que não puderam responder publicamente aos ataques de seus inimigos políticos, em função da censura imposta pelo governo [do Estado Novo]<sup>279</sup> (VICTOR, 2013: 93).

O DOPS acompanhou atentamente as tentativas integralistas de reinserção na política brasileira durante a transição do Estado Novo para o novo período pluripartidário. A atitude policial nos permitiu conhecer os passos que eles tomaram nesses momentos difíceis para eles, em que seu grupo estava fortemente estigmatizado a partir do resultado final da II Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que todos os outros partidos faziam reuniões públicas e proclamavam em alto e bom som seus projetos e propostas, inclusive os historicamente perseguidos comunistas que, naquele momento, iniciavam uma curta passagem pela legalidade institucional.

Nesse momento, a visão do DOPS-SP em relação ao integralismo também vivia uma transição. Tendo como subsídio informativo abundante material de imprensa, todo ele de teor pró-Aliados, alguns dos relatórios redigidos por seus agentes mostravam preocupação com a reorganização dos velhos camisas-verdes. Outros criticavam abertamente o que restou daquele movimento. Alguns aparentam neutralidade, mas localizamos pelo menos um investigador que, simpático ao claríssimo anticomunismo dos seguidores do Sigma, faz-lhes um discreto elogio. No que toca ao DOPS, a “comunidade de sentido” e a “memória social” faz algumas rachaduras.

## **2.2 – A Cruzada de Brasileira de Civismo (CBC) e a União de Resistência Nacional (URN)**

Alvos de duros ataques pela imprensa e por setores da sociedade, e ainda sem um partido oficialmente formado, vários integralistas fizeram parte de esforços de

---

<sup>279</sup> Segundo Victor, memória social é “*a leitura mais compartilhada do passado, oriunda de ampla rede discursiva que ocupa o espaço público,*” o qual formaria a “comunidade de sentido” (VICTOR: 2013, 30).

formar frentes políticas suprapartidárias, em torno de causas comuns que não fossem estranhas ao integralismo, juntamente com pessoas de outros agrupamentos políticos. Entre estas frentes estão a Cruzada Brasileira de Civismo (CBC), formada em agosto de 1945, e a União de Resistência Nacional (URN), criada um mês depois. Em ambas, o tema dominante foi o anticomunismo, o que é muito compreensível, devido à alta popularidade do comunismo no Brasil naquele momento, em que o PCB não era apenas legal, como seria considerado, logo após as eleições legislativas de 1946, a quarta força eleitoral nacional.

A Cruzada foi criada em 14 de agosto de 1945, no Rio de Janeiro. A constituição da diretoria da CBC era quase totalmente formada por militares das três Forças Armadas, o que mostrava ainda o desejo dos integralistas de se agregarem a instituições de prestígio como forma de melhorar sua imagem. Contudo, o jornal *Tribuna Popular*, vinculado ao PCB, e que fazia ampla campanha contra a rearticulação integralista, publicou que o major Rubem Massena, diretor do departamento de propaganda da Cruzada, pedira demissão do cargo ao se certificar de que a CBC seria uma organização com o objetivo de reviver a AIB, ou uma ala dela.<sup>280</sup> A partir de situações como essa, o semanário integralista *Reação Brasileira* rebate as acusações de que a Cruzada se trataria de um retorno da AIB:

Outro ponto que precisa ficar esclarecido é o que se refere à afirmação feita pelos jornais comunistas de que a C.B.C. nada mais é do que uma capa da Ação Integralista. O objetivo da imprensa vermelha, ao lançar esta versão falsa é claro. Pretende-se evitar que os brasileiros anticomunistas que não são integralistas apoiem a C.B.C., o que viria a impossibilitá-la de atingir o seu escopo, que é exatamente o de congregar todos os bons brasileiros, de quaisquer partidos, na tarefa comum de lutar pelos interesses superiores da Pátria.<sup>281</sup>

Desse modo, devido à repulsa quase onipresente na sociedade referente ao integralismo, o jornal integralista vê-se obrigado a rejeitar qualquer relação da entidade

---

<sup>280</sup> “Cruzada Brasileira de Civismo (CBC)”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em [www.fgv.br/cpdoc](http://www.fgv.br/cpdoc). Acessado em 29/07/2014. Segundo o *Dicionário*, “a presidência [da CBC] foi ocupada pelo capitão-de-fragata João B. de Medeiros, que teve como primeiro vice-presidente o major-aviador Osvaldo Pamplona, como segundo vice-presidente o professor Alfredo Baltazar da Silveira e como secretário-geral o major de artilharia H. Teixeira Campos.” *Op. cit.*

<sup>281</sup> “A verdade sobre a Cruzada Brasileira de Civismo”. *Reação Brasileira*, 23/08/1945, p. 1. *Apud* CALIL (2001: 141).

com a antiga doutrina do Sigma. Por outro lado, encontramos na documentação do DOPS-SP, pouquíssimas menções sobre a Cruzada Brasileira de Civismo. Uma delas foi já em setembro, num relatório policial sobre a União de Resistência Nacional: “*Essa entidade [a URN] pretende substituir-se em São Paulo á CRUZADA BRASILEIRA DE CIVISMO, cujo lançamento não foi bem aceito no Rio de Janeiro.*”<sup>282</sup>

A URN é um tema praticamente inédito na historiografia. Estudos exaustivos sobre o PRP (CALIL, 2001 e 2005; VICTOR, 2013) nem chegam a mencioná-la. Mesmo em estudos sobre anticomunismo, ela simplesmente não chega a ser abordada (MOTTA: 2005), ou é apenas citada de passagem (RODEGHERO, 2002: 72).

Ao contrário da Cruzada, a URN foi importante alvo de investigação do DOPS-SP. Investigadores estiveram presentes na solenidade de fundação da entidade no Teatro Municipal da capital paulista, no dia 16 de setembro de 1945. Um agente identificado apenas como “J. N.”, depois de escrever que a nova entidade não foi “*bem aceita*”, relativizou o entusiasmo e o número de pessoas presentes na cerimônia: “*A assistência que compareceu ao teatro era grande mas não deu para lotar o grande teatro, notando-se ainda muitas vagas nos camarotes e às portas de acesso. Havia, incomparavelmente muito mais gente no Comício da Liga Eleitoral Católica, realizado no mesmo local há poucos dias.*”<sup>283</sup>

Entre os presentes estavam Gofredo da Silva Telles Jr., que pertenceu à AIB, e era professor da Faculdade de Direito<sup>284</sup>; Mario de Souza Lima, também professor daquela instituição; Mario Moura de Albuquerque, do Ministério Público da Capital;

---

<sup>282</sup> Comunicado preparado por S-4. São Paulo, 18/09/1945, 20-Z-22-4. A outra foi no dossiê do PRP, em que o nome da associação foi escrito de forma incorreta: “*Naturalmente, nessa entidade política [o PRP] devem encontrar-se os adeptos da U.R.N. (União de Resistência Nacional, Cruzada Cívica de Cultura [sic], etc.)*”. Comunicado preparado por S-1, 17/11/1945. 24-J-2-2. Não encontramos menção ao encerramento de atividades da CBC, mas no início de 1946, ela ainda deveria ser formalmente ativa, pois foi alvo de protesto do Movimento Unificador dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo (MUSP), o qual enviou “*telegramas de protesto contra a rearticulação do integralismo, sob o nome de Partido de Representação Popular, Cruzada Brasileira de Civismo, [e] União de Resistência Nacional*”. “*Telegramas de protesto contra a rearticulação integralista*”. *Folha da Noite* (São Paulo), 16/02/1945, p. 8. Disponível em [acervo.folha.com.br](http://acervo.folha.com.br).

<sup>283</sup> Comunicado preparado por S-4, assinado por J.N. São Paulo, 18/09/1945, 20-Z-22-4.

<sup>284</sup> Gofredo da Silva Telles Jr. será mais tarde militante do PRP, e seria eleito nas eleições legislativas de 1945 como deputado federal constituinte por São Paulo. Apoiou o golpe de 1964, mas mais tarde rompeu com o regime militar, sendo autor da “*Carta aos Brasileiros*”, de 1977, documento que repudiava o regime. Depois da redemocratização, tornou-se simpatizante da esquerda e do Partido dos Trabalhadores (PT). Ver entrevista na revista *Teoria e Debate*, de 01/10/1990, na qual relativiza e reelabora seu passado integralista. BUCCI, Eugênio. “*Goffredo Telles Jr.*” Disponível em <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/goffredo-telles-jr?page=0.0>. Acessada em 29/07/2014.

Plínio Correa de Oliveira, jornalista responsável pelo órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo, *O Legionário*;<sup>285</sup> diversos militares, inclusive o Capitão de Fragata João B. de Medeiros Guimarães Roxo, “*comandante do navio ‘Vital de Oliveira’, posto a pique pelos alemães*”<sup>286</sup>, o Coronel Inácio José Veríssimo, diretor de artilharia de costa da Praia Vermelha<sup>287</sup>, no Rio de Janeiro, e o Major Hortolino Teixeira Campos, secretário da Cruzada Brasileira de Civismo do Rio de Janeiro<sup>288</sup>. Além destes, estavam Gilberto Domingues da Silva, aluno do quinto ano da Faculdade de Direito; Galdino Ramos, “*operário da indústria de Santo André*”<sup>289</sup>, Wilson José de Castro Silva, que foi militante da AIB e pracinha da Força Expedicionária Brasileira (FEB)<sup>290</sup>, um representante do Secretário da Justiça e Segurança Pública do Estado e representantes do clero católico. O evento, iniciado às 21 horas, foi transmitido ao vivo pela Rádio Panamericana (atual Jovem Pan).

Os agentes do DOPS-SP tinham conhecimento da presença de integralistas na URN:

A União de Resistência Nacional, segundo se sabe, mantém ligações com todas as entidades existentes com o fito de combater o comunismo e com os **antigos componentes da Ação Integralista Brasileira, muitos dos quais estiveram presentes à instalação desse partido**, na solenidade havida no Teatro Municipal, em 16 de setembro p. findo.<sup>291</sup>

---

<sup>285</sup> Plínio Correia de Oliveira nunca foi da AIB, mas pertenceu à Sociedade de Estudos Políticos (SEP), entidade criada em fevereiro de 1932, da qual surgiu a Ação Integralista em outubro daquele ano. Ficaria mais conhecido por ter fundado e presidido a partir de 1960 a Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), associação que tinha o anticomunismo como uma de suas principais características. Sobre a TFP, ver ZANOTTO (2012), e sobre Oliveira há uma biografia oficial escrita por MATTEI (s/d).

<sup>286</sup> Comunicado preparado por S-4, São Paulo, 18/09/1945, 20-Z-22-4.

<sup>287</sup> Onde ocorreu um dos levantes militares inspirados pela Aliança Nacional Libertadora, em novembro de 1935.

<sup>288</sup> De acordo com outro relatório, escrito pelo chefe do policiamento daquele evento. Documento assinado por João Guedes Tavares, Delegado-Chefe do Setor de Ordem Social. São Paulo, 16/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fls. 2 e 3. Há poucas diferenças entre este relatório feito pelo chefe do policiamento e o outro, encontrado no dossiê, citado. Os outros militares presentes, segundo o comunicado eram: o tenente-coronel Correia de Lima, o capitão Teodomiro Gaspar de Almeida, o capitão Nysio Cardoso e o tenente Francisco Assis Lopes.

<sup>289</sup> Comunicado preparado por S-4, São Paulo, 18/09/1945, 20-Z-22-4.

<sup>290</sup> Documento assinado por João Guedes Tavares, Delegado-Chefe do Setor de Ordem Social. São Paulo, 16/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fls. 2 e 3.

<sup>291</sup> Comunicado preparado por S-1, sobre a União de Resistência Nacional, 7/11/1945, 20-Z-22-11. Grifo meu.

Deve-se notar o simbolismo da presença de pelo menos três pessoas nessa mesa: o Coronel Veríssimo, como um representante de um local onde ocorreu o levante militar aliancista de novembro de 1935, dito “comunista” (sua presença representaria a reação a um momento em que os comunistas teriam agido de forma violenta na história recente do país); o operário Ramos, vindo de uma cidade que já naquele momento era sinônimo de uma grande população operária, como um convite para que outros operários – o público-alvo por excelência da propaganda do PCB – fossem igualmente anticomunistas; e o expedicionário Castro e Silva, como ex-combatente que ajudou a derrotar o nazismo na Europa funcionava como um álibi do suposto caráter “democrático e antitotalitário” da entidade, e por extensão, do integralismo.

A presença dos pracinhas da FEB era muito valorizada nos eventos integralistas. De acordo com um historiador: “*Os poucos integralistas que combateram com a FEB tiveram sua trajetória muito explorada pelo partido [PRP]. O capitão Mário Montanha, que comandou um pelotão e recebeu condecorações por bravura, percorreu diversas regiões do Brasil defendendo o integralismo e desmentindo as denúncias*” (CALIL, 2001: 93).

Em discurso, Castro e Silva foi contundente ao fazer uma relação entre a guerra contra o nazismo na Europa e a “nova trincheira” contra o comunismo no Brasil ao declarar “*que a U.R.N. é uma nova trincheira para os expedicionários, que nunca mais poderão deixar de lutar, sempre que a Nação esteja em perigo, sempre que o Brasil sofra a ameaça de forças inimigas da sua independência e da sua grandeza.*”<sup>292</sup> A presença de Castro e Silva, bem como a de Veríssimo e Ramos, objetivavam fixar e ampliar o significado daquele momento e da entidade que era então fundada, como um momento chave da luta contra o comunismo no Brasil.

---

<sup>292</sup> Recorte de artigo do jornal *A Noite*, de 17/09/1945, sem título, anexado em 20-Z-22-9. Castro e Silva suicidou-se um ano depois. Quando de seu falecimento, o jornal integralista *Páginas de Combate* dedicou matéria de capa ao passamento (sem informar a *causa mortis*), inclusive com foto do pracinha discursando na cerimônia de instalação da URN. Diz o texto: “*É interessante notar que o nosso expedicionário – um dos inúmeros expedicionários integralistas que, como Frei Orlando, capelão da F.E.B. aceitaram com prazer o supremo sacrifício pedido pela Pátria – ao voltar a São Paulo encontrou em franca organização a ‘União de Resistência Nacional’, movimento nacionalista de combate às ideologias que, como o comunismo, dissolvem os sentimentos de brasilidade e destroem o caráter individual. Pois bem: não teve dúvidas o ‘pracinha’ em alistar-se na ‘U.R.N.’.*” Ainda segundo o texto, Silva entrou depois no PRP. “*Morre um ‘pracinha’ integralista que honrou na Europa a camisa-verde do exército brasileiro*”. *Páginas de Combate*, nº 9, 14/09/1946, pp. 1 e 3. Castro e Silva foi ainda “*auxiliar da secretaria*” no diretório paulista do PRP, e foi homenageado numa reunião do partido quando de sua morte. Ver “Comunicado preparado por S-OP”, São Paulo, 24/09/1946, 20-Z-34.

Havia no local um grande policiamento, pedido pela organização do evento, e um grande número de investigadores<sup>293</sup>. Deveriam estar presentes desde as 20 horas **dois delegados, dez agentes de investigação, doze guardas civis para policiamento interno, dez guardas civis para policiamento externo**, além da “turma de choque” do DOPS.<sup>294</sup> É compreensível que o policiamento pedido visava evitar confrontos com militantes comunistas e seus simpatizantes, mas não deixa de ser surpreendente o grande número de investigadores para um evento anticomunista e com a presença de militares e membros do governo estadual, pelo menos, supondo-se que tais investigadores estavam fazendo seus serviços de praxe, isto é, investigando. De todo modo, o evento não teve incidentes.

Em seu discurso durante a cerimônia, Goffredo da Silva Telles, declarou, de acordo com o investigador J. N., o caráter anticomunista da URN, enfatizando a ideia de que os destinos do Brasil e de todo o continente americano deveriam ter os EUA como seus guardiões:

Estamos presentemente num mundo diferente, que se entrelaça de tal forma que os problemas brasileiros de anos atrás se tornaram completamente anacrônicos e os problemas atuais deixaram de ser problemas brasileiros para serem problemas americanos.

Num mundo cada vez menor como aquele em que vivemos, não podemos ser apenas brasileiros, mas também americanos e os nossos problemas não são de existência, mas de co-existência.

A América se constitui hoje em polo arbitral da política de hoje, e nós nos achamos encerrados na vertente americana.

O orador se refere a seguir aos postulados da Carta do Atlântico.

Afirma depois que da América do Norte nos vem as diretrizes da democracia política, ameaçada agora por uma nova força política internacional – o Partido Comunista – que, através dos discursos dos seus líderes, revela um desdém pelo quessomos [sic], quer como brasileiros, quer como americanos, opondo à política existente, uma política estranha, exótica, soviética.

Pretende essa força, de aparência sedutora e hipócrita e mentirosa nas suas pretensões, resolver impiricamente [sic] um problema de nossa vida agrária e industrial, com uma solução anti-brasileira e anti-americana, pretendendo aplicar-lhe normas de domínio internacional.

Contra essas forças exploradoras da paixão nazista da guerra [sic], é preciso advertir a nação, pois o princípio da doutrina comunista, sob o rótulo de União Nacional, dentro

---

<sup>293</sup> Toda organização de evento público deveria ser requerida mediante pedido oficial ao DOPS-SP (PEDROSO: 2005).

<sup>294</sup> “Escala de policiamento extraordinário de Ordem Política e Social, para uma Sessão da União de Resistência Nacional, a realizar-se no próximo dia 16/9/1945”. Relatório assinado por Venâncio Ayres, Delegado Auxiliar Chefe do Departamento de Ordem Política e Social. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. Grifo meu.

do quadro das nações, tão contrária à índole, à nossa tradição, contrária à nossa ética nacional e americana.

Afirmamos poder resolver o problema econômico nacional, atendendo às justas reivindicações das nossas classes, dentro do quadro do Brasil. Os que pensam como nós e querem lutar, devem se agrupar sob a égide dessa União, que não pertence a nenhum partido, mas a todas as nações para que o Brasil resista e vença, sem apego a doutrinas impraticáveis, e ao mesmo tempo elegendo os seus governantes em função das suas necessidades e das suas realidades.

A União de Resistencia Nacional se constitui em baluarte da União Nacional. Nela se unirão brasileiros de todas as crenças, de todas as profissões. Este núcleo de resistência e de afirmação do Brasil nos dará a garantia de restauração de uma vida democrática.

Que o nosso protesto ecoe no coração de todos os homens e mulheres do Brasil.

Que se instale urgentemente a U.R.N.<sup>295</sup>

Indo além do anticomunismo integralista dos anos 30, que tinha o nacionalismo e as pretensas “tradições brasileiras” como sua matriz, o discurso anticomunista da URN, tinha uma dimensão geopolítica mais ampla, que abarcaria todo o Hemisfério Ocidental, supostamente capitaneado pela democracia liberal dos Estados Unidos. Assim, nesta visão, os comunistas, longe de querer resolver os problemas sociais brasileiros, pretendiam impor ao Brasil “*uma política estranha, exótica, soviética*”, e portanto, “*antibrasileira e antiamericana*”.<sup>296</sup> Tal concepção geopolítica está estreitamente relacionada com a realidade internacional de então, o imediato pós-guerra. De acordo com Rodrigo Motta:

No bojo da Guerra Fria, o bloco anticomunista era capitaneado pelos EUA, nação tradicionalmente comprometida com os valores democráticos. Na ótica dos norte-americanos e de seus aliados europeus ocidentais, a luta contra os países ligava-se ao objetivo de afirmar a democracia contra a tirania. Nada mais natural que os anticomunistas brasileiros procurassem apoio externo para sua causa vinculando-se ao mundo ‘livre, ocidental e cristão’, o que conduzia a uma identificação com os valores propugnados pelas ‘nações democráticas’ (MOTTA, 2002: 41).

A URN instalou sua sede no 24º andar do Edifício Martinelli, no centro de São Paulo. Tinha pretensões de se espalhar pelo interior do Estado e pelos bairros da capital, inclusive em bairros operários, até a periferia mais distante. Seu objetivo tático era bem

---

<sup>295</sup> Comunicado preparado por S-4, São Paulo, 21/09/1945. 20-Z-22-5.

<sup>296</sup> Era um pan-americanismo anticomunista, que veio a ser a base ideológica da Escola das Américas, centro de treinamento militar norte-americano localizado no Panamá, voltado para a instrução de militares latino-americanos, os quais teriam papel determinante das ditaduras que seriam apoiadas por Washington no continente.

claro: “*Pretende a União criar Comitês em todo o Estado, promovendo a união de elementos de todas as classes e partidos, em função dos princípios cristãos e nacionais, em oposição aos Comitês Democráticos Populares criados pelo Partido Comunista do Brasil.*”<sup>297</sup>

Nesse sentido, cabe aqui um destaque às reuniões promovidas em São Miguel Paulista, registradas pelo DOPS-SP, na época apenas um distante povoado no extremo leste do município de São Paulo. Havia, ali, um grande número de operários da Nitroquímica, empresa de produtos químicos. A grande maioria, migrantes nordestinos. Duas reuniões da União foram registradas pela polícia política. Segundo esta, havia “*em São Miguel, um dos mais numerosos núcleos comunistas*”.<sup>298</sup>

A primeira, em 16 de outubro, foi realizada no Cine-Teatro São Miguel e reuniu oitocentas pessoas, além de “*nos corredores e em frente ao teatro, outras trezentas ou quatrocentas pessoas*”, o que não deixa de surpreender, pois a solenidade de inauguração no Teatro Municipal congregou oitocentos e cinquenta espectadores, sempre segundo os cálculos policiais. E o universo populacional de São Miguel era de cerca de quinze mil moradores.<sup>299</sup>

Ao relatar a reunião, iniciada por volta das 20 horas, o delegado adjunto Teóphilo Mesquita não escondeu seu entusiasmo com o clima reinante:

Ao que parece, a ‘União de Resistência Nacional’ está destinada a obter grandes sucessos em sua campanha de combate aos extremistas da ala russa. Falaram, com entusiasmo e habilidade, a Senhora Maria Elisa Moura Rosa e os senhores dr. Lima Neto, José Mayrink, Humberto Marcondes Pereira e Helio Panaiol. José Mayrink e Dr. Lima Neto conseguiram empolgar a assistência, mantendo-a sempre atenta aos argumentos bem concatenados com que demonstraram que o Brasil não precisa nem deve importar teorias políticas que desgraçaram outros países, arruinando a Itália e a Alemanha [sic] e escravizando o povo eslavo dominado pelo totalitarismo de Stalin. Defenderam nossas tradições religiosas e democráticas; fizeram sentir que, por mais que a Rússia, como nobre aliada, fizesse para resistir aos exércitos alemães, seria

---

<sup>297</sup> “Instalou-se nesta capital a União de Resistência Nacional”. *Folha da Manhã*, 18/09/1945, p. 20. Segundo matéria paga (“a pedido”) no mesmo jornal, entre o final de setembro e o início de outubro foram “*instalados grupos da URN em Jundiaí, Avaré, Santos e no bairro do Ipiranga*” (bairro operário da Capital), onde teria contado “*com centenas de adesões*”. “Grupos da U.R.N. em todas as cidades do Estado”. *Folha da Manhã*, 5/10/1945, p. 12. Disponível em [acervo.folha.uol.com.br](http://acervo.folha.uol.com.br). Acessado em 03/08/2014.

<sup>298</sup> Relatório de Teóphilo Mesquita, Delegado Adjunto. São Paulo, 17/10/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fl. 14.

<sup>299</sup> “(...) dos quais quatro mil e quinhentos são operários da Nitro-Química.” *Id.*

esmagada si não tivesse tido o amparo da democracia norte-americana. Isso confessado, reconhecido pelo próprio Stalin, ao se referir á defesa de Stalingrado.<sup>300</sup>

É de se notar na argumentação dos palestrantes a relação um tanto estranha que fazem entre os regimes fascista e nazista de um lado e o soviético, de outro, como se fossem da mesma natureza. Soa ainda mais estranha quando sabemos vinda de dois antigos militantes integralistas, os quais tinham clara simpatia pelos regimes fascistas italiano e alemão, nos anos 30. Contudo, como a situação era agora diferente, com os fascismos anatematizados com o resultado final da guerra, era estratégico associá-los ao seu inimigo de sempre, o comunismo. Assim, nesse caso em particular, os palestrantes queriam dizer que todos aqueles regimes e ideologias – fascismo, nazismo e comunismo – eram estrangeiros, e portanto, não pertenciam à realidade brasileira, a qual possui “*tradições religiosas e democráticas*” próprias. Esse argumento será desenvolvido mais tarde também pelo Partido de Representação Popular.<sup>301</sup>

O segundo comício da URN em São Miguel Paulista (localidade então chamada Baquirivu), ocorreu um mês depois, no dia 15 de novembro, alguns dias após a visita do líder comunista Luiz Carlos Prestes. Por conta disso, parece evidente que a URN tenha convocado tal *meeting* para demarcar território político. Perante uma audiência de cerca de 500 pessoas, falou entre outros, outro ex-membro da AIB, Roland Corbisier, o qual foi aplaudido “*entusiasticamente*”. O tema, mais uma vez, foi o combate ao comunismo. O relatório da reunião foi escrito também por Teophilo Mesquita, o qual contou com a ajuda de nove investigadores e quinze guardas-civis.<sup>302</sup>

---

<sup>300</sup> *Id.*, *ibid.* Lima Neto e Mayrink foram militantes da AIB.

<sup>301</sup> No *Manifesto-Diretiva*, escrito em julho de 1945 por Plínio Salgado ainda no exílio, e que já circulava entre os integralistas naquele momento, já está posto: “*Ora, do mesmo modo como a Inglaterra esteve ameaçada por inimigos estrangeiros, também o Brasil o esteve de 1932 a 1937, tanto pelos planos racistas do nazismo como pelos deliberados desígnios do comunismo totalitário, e essa situação justificava a atitude integralista naquele momento, atitude que mais ainda se justificou quando, em setembro de 1939, nazistas e comunistas se identificavam no mesmo pacto.*” SALGADO, Plínio. *O Integralismo perante a Nação* (1955: 365-6). Uma edição do *Manifesto-Diretiva* foi anexado em 24-J-2-22.

<sup>302</sup> Relatório de Teóphilo Mesquita, Delegado Adjunto. São Paulo, 16/11/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. É muito interessante notar que, integralista e anticomunista apaixonado na juventude, Roland Corbisier se converte ao marxismo e militante do PC do B até o fim de seus dias, em 2005. Antes disso, foi um dos fundadores do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), espécie de *think-tank* do nacional-desenvolvimentismo do governo JK (CORBISIER: 1978; CASTANHO: 1993). Sua irmã, Margarida Corbisier, contudo, continuará integralista no pós-guerra, sendo uma das principais lideranças femininas do PRP.

A ação em São Miguel parece ter sido bem sucedida, pois encorajou os membros da URN a criar uma sede no distante distrito paulistano, alguns meses depois. No dia 16 de março de 1946, foi instalada a sede local da URN. Naquela noite, houve uma sessão doutrinária, na qual compareceram cerca de trezentas pessoas. Os oradores foram Corbisier (que o investigador grafou “Rolando Carlessier”), além de Mário Cabral e Angelo Simões de Arruda, ambos antigos militantes da Ação Integralista Brasileira e que também seguiriam para o PRP. Ao final da sessão, cujo tema central foi o comunismo, foi constituída uma diretoria local.<sup>303</sup>

Além de organizar comícios e sessões doutrinárias, a URN tinha intenção de participar de enfrentamentos políticos com a esquerda. Em 2 de outubro de 1945, um relatório de investigação não assinado informa que:

Consta, que elementos pertencentes á União de Resistência Nacional e outras organizações anti-comunistas, pretendem perturbar o comício “Queremista”, que se realizará amanhã, dia 3, na Praça da Sé. Ao que se diz, esses elementos estão preparados para entrar em ação, **pois contam com o apoio de pessoas de grande influência nos meios políticos e no cléro.**<sup>304</sup>

O comício ocorreu sem incidentes<sup>305</sup>, apesar da intenção – atribuída pelo agente - de se contrapor ao movimento quememista, dado o apoio declarado do PCB à permanência de Getúlio Vargas no poder, com uma Assembleia Constituinte. A presença de integralistas na URN justificaria ainda mais essa ação, dada a repulsa com que os antigos membros da AIB passaram a tratar o presidente, devido à perseguição promovida por Vargas a eles durante o Estado Novo. O relatório policial indica “o

---

<sup>303</sup> “Relatório da Secção de Policiamento da Ordem Política – Obj.: Instalação da sede do Partido de Resistencia Nacional, em Baquerivú”. Relatório assinado pelo encarregado Aristides Lopes, 18/03/1946. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. O investigador chama a entidade de “partido” ao longo de todo o relatório. Certamente se trata de algum equívoco ou um termo genérico (como sinônimo de “entidade política”), pois num pedido de autorização enviado pela URN um mês depois para outra reunião em São Miguel, o termo usado é o mesmo, além de denominar-se como “*entidade super-partidária*”. Documento sem título assinado por Luiz Barros Ulhôa Cintra. São Paulo, 22/03/1946. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. A diretoria foi composta por Otavio Pupo Silveira, diretor; Manoel da Costa e Silva, secretário; e José Ferraz da Silva, tesoureiro. “Relatório da Secção...”, citado.

<sup>304</sup> “Obj.: Política paulista. F-1”. São Paulo, 2/10/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. O sublinhado é do original, o negrito é meu. Não foi possível verificar se “F-1” é o código do agente ou da seção, ou outra coisa.

<sup>305</sup> “O comício de ontem pró-‘Constituinte com Getúlio Vargas’”. *Folha da Manhã*, 4/10/1945, p. 18. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1945/10/04/1/>. Acessado em 02/08/2014.

*apoio de pessoas de grande influência nos meios políticos*”, o qual certamente se refere ao poder dos militares envolvidos na URN, e/ou ao apoio de personalidades importantes (não só políticos), que não implicava necessariamente numa participação presencial dessas em suas fileiras e comícios.<sup>306</sup>

Cabem agora algumas observações sobre o funcionamento das investigações. No prontuário da URN, para além dos pedidos de autorização ao DOPS para a realização dos comícios, encontra-se a transcrição de um pedido de policiamento para o primeiro deles, ocorrido no Teatro Municipal de São Paulo, em 16 de setembro de 1945. O texto manuscrito foi redigido em papel timbrado do gabinete da Secretaria da Segurança Pública:

Senhor Delegado Auxiliar de Ordem Política e Social

Atendendo solicitação do Professor Goffredo da Silva Telles Júnior, recomenda o Senhor Secretário seja providenciado policiamento para o próximo domingo – dia 16 do corrente -, a partir das 21 horas, no Teatro Municipal, onde se realiza, então, uma sessão da União de Resistência Nacional.

Attenciosamente  
(Assinatura ilegível)  
SP, 10-IX-45<sup>307</sup>

Logo abaixo, está redigido a lápis o número e os tipos de agentes, que devem estar presentes no evento, bem como a localização e o horário:

19 h     Int. – 12 g. civis  
           Ext. – 10 - “ –  
           10 invest.<sup>308</sup>

---

<sup>306</sup> Quanto a presença de membros do clero, um nome que aparece na documentação policial, vinculado à URN, é o padre José Bálint, uma das principais lideranças dos Círculos Operários Católicos de São Paulo. Comunicado preparado por S-1, sobre a União de Resistência Nacional, 7/11/1945. 20-Z-22-12.

<sup>307</sup> Memorando manuscrito em papel timbrado do Gabinete do Secretário da Segurança Pública de São Paulo. Assinatura ilegível. São Paulo, 10/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. Sublinhado no original.

<sup>308</sup> *Id.*

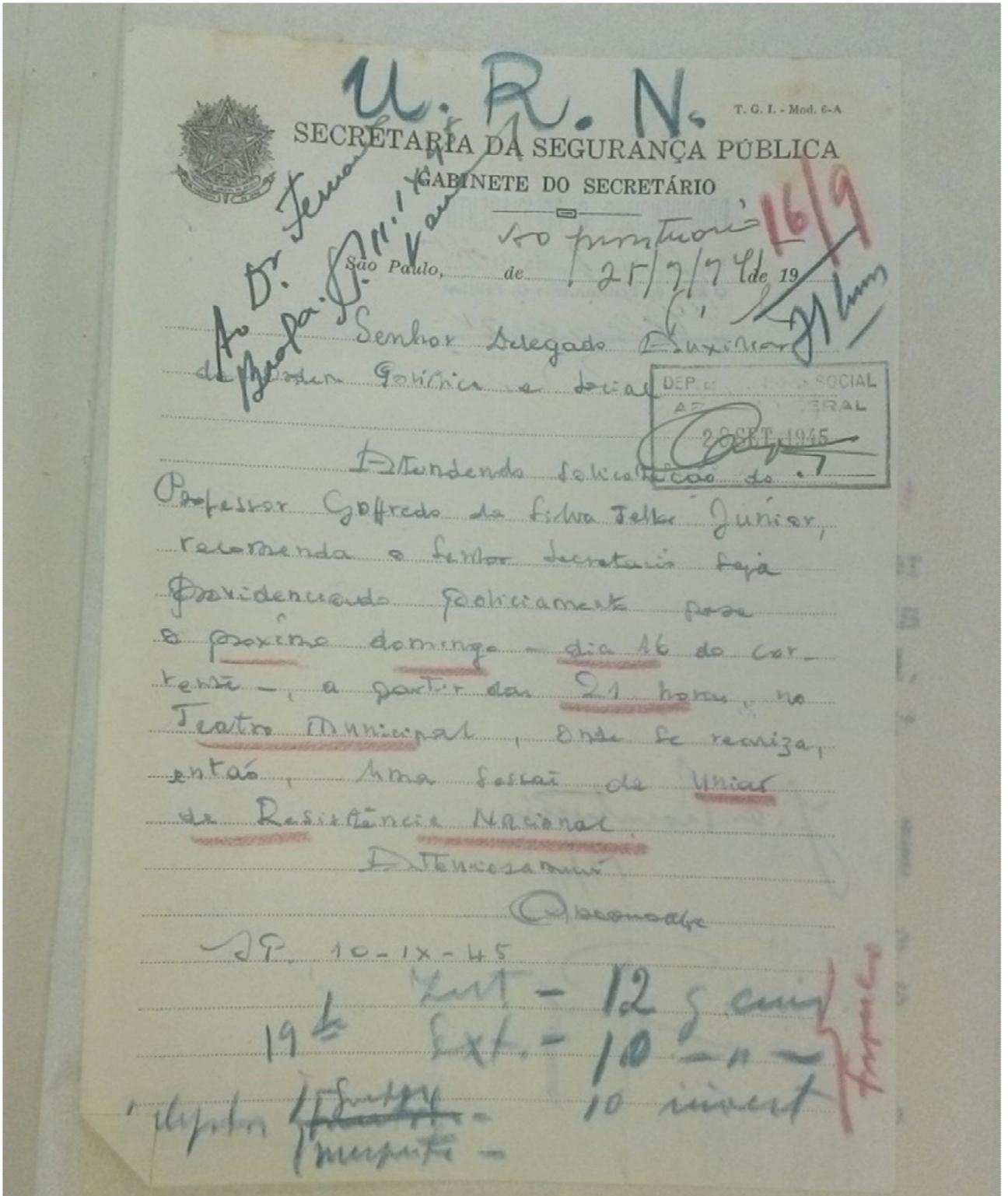


Ilustração N° 10 - Memorando manuscrito em papel timbrado do Gabinete do Secretário da Segurança Pública de São Paulo. Abaixo, as indicações de policiamento. Prontuário 6691, União de Resistência Nacional.

Ou seja: já às 19 horas, portanto duas horas antes de iniciar o comício, deveria haver no interior do Teatro, doze guardas civis; no lado de fora, dez guardas civis e dez investigadores<sup>309</sup>. Evidentemente, o pedido de policiamento era para evitar algum tipo de enfrentamento com opositores da URN, os quais chamavam a mesma, jocosamente, de “*União de Reacionários Nazifascistas*”<sup>310</sup> ou ainda “*Último Reduto Nazista*”<sup>311</sup>.

Três dias depois, foi redigida pelo Delegado Chefe do DOPS, Venancio Ayres, uma “escala de policiamento extraordinário”, com os nomes de todos os que deveriam estar presentes e respectivas funções: “autoridades” (constavam os nomes de João Guedes Tavares e Coriolano Nogueira Cobra), o encarregado dos agentes (Florianio Batista do Nascimento), bem como o nome de todos os guardas civis presentes. Abaixo, mais uma informação relevante: “*Reforço nesta D.O.P.S. – Turma de Choque*”, demonstrando que a Delegacia estava preparada para possíveis enfrentamentos que, por fim, não ocorreram, pois a lápis estava escrito: “*sem incidentes*”.<sup>312</sup>

Com a data do mesmo dia, possivelmente redigido imediatamente após a solenidade de instalação, uma das “autoridades” acima referidas, o Delegado-Chefe do Setor de Ordem Social, João Guedes Tavares, datilografou um relatório do comício, iniciando-o como posto abaixo:

Senhor Doutor Delegado Auxiliar, Chefe do Departamento de Ordem Política e Social,

Cumprindo determinações de V.S., compareci em data de ontem ao Teatro Municipal, a-fim de presidir ao policiamento da solenidade da instalação da ‘UNIÃO DE RESISTENCIA NACIONAL’, solenidade essa que se realizou às 21 horas no referido local, sob a presidência do professor Mario de Souza Lima.<sup>313</sup>

---

<sup>309</sup> Sobre o elevado número de investigadores, diz uma historiadora: “*O objetivo da polícia política era vigiar todos os espaços e ações da sociedade, razão que justificava o elevado número de funcionários do DEOPS, assemelhando-se a um ‘cabide de empregos’.* Havia tantos investigadores que muitos ficavam diariamente sem ter o que fazer. Prado Marcondes [ex-agente do DOPS] nos contou, por exemplo, que cerca de cinquenta investigadores ficavam num grande salão, no 1º andar do DEOPS, jogando damas ou xadrez, enquanto aguardavam ordens por tempo indeterminado” (SANTOS, 2008: 78).

<sup>310</sup> Comunicado preparado por S-4. São Paulo, 16/09/1945. 20-Z-22-4.

<sup>311</sup> Comunicado preparado por S-1. São Paulo, 07/11/1945. 20-Z-22-11.

<sup>312</sup> “Escala de Policiamento Extraordinário de Ordem Política e Social para uma Sessão da União de Resistência nacional a realizar-se [sic] no próximo dia 16/09/1945”. Assinado por Venancio Ayres, Delegado Auxiliar e Chefe do Departamento de Ordem Política e Social. São Paulo, 13/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*.

<sup>313</sup> Relatório assinado por João Guedes Tavares ao Delegado Auxiliar, Chefe do Departamento de Ordem Política e Social. São Paulo, 16/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*.

E seguiu-se um relatório da reunião. Ora, o que podemos concluir da documentação aqui exposta? As investigações são feitas independentemente dos pedidos de policiamento, sem dúvida; mas o policiamento pedido traz junto consigo vários investigadores, ou os próprios encarregados do policiamento também desenvolvem relatórios de investigação. No prontuário da URN, existem dois relatórios sobre a reunião, escritos por agentes diferentes: o citado acima, de autoria de Tavares, e um outro, assinado por Celso Cruz<sup>314</sup>, cujo nome não está na escala que mencionamos. Acreditamos que isso ocorria com o objetivo de acúmulo de informações e para se ter a visão mais ampla possível, já que, dois relatores diferentes poderiam ter visões diversas do mesmo evento: o que um vê, para o outro pode passar despercebido.

Além do pedido de policiamento para a cerimônia de inauguração, houve ainda pedidos de autorização para os comícios e reuniões, como este, a ser realizado no bairro do Ipiranga:

Exmo. Snr. Dr. Delegado de Ordem Política e Social.

S. Paulo.

A “UNIÃO DE RESISTÊNCIA NACIONAL”, organização superpartidária, de afirmação dos valores Moraes e espirituais da Nação Brasileira, que já fez realizar, em dias do mez de Setembro p. findo, no Theatro Municipal desta cidade, a sua sessão de instalação, conforme é do conhecimento dessa Delegacia, pelo seu Secretario infra-assinado vem requerer de V. Ex. permissão para levar a efeito, no próximo dia 15, ás 20 horas, de acordo com o programa anexo, uma reunião festiva, no pavilhão theatro Monumento, Bairro do Ipiranga, também nesta Capital.

Certo de que V. Exa. acolherá seu pedido, subscrevo respeitosamente, aguardando DEFERIMENTO.

São Paulo, 11 de outubro de 1945

Cássio Lanari do Val<sup>315</sup>

Na mesma folha, em manuscrito, está grafada a autorização do Delegado de Ordem Política, com data de dois dias depois. Um pouco acima, outra inscrição diz: “25

---

<sup>314</sup> “Obj.: União de Resistência Nacional, com sede no 24º andar do Prédio Martinelli, sala 2.406 – Relatório da Secção de Investigações de O. Política. – Investigador Celso Cruz”. Dirigido ao Delegado Especializado de Ordem Política. [São Paulo], 17/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*.

<sup>315</sup> Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fl. 20. Sublinhados feitos pelo DOPS-SP.

*guardas civis*” e “20 investigadores”. Atrás da folha o carimbo devidamente assinado: “*Providenciado o policiamento*”,<sup>316</sup> o qual foi pormenorizado na “*Escala de Policiamento Extraordinario*”, do mesmo dia do evento.<sup>317</sup>

É lícito que nos indaguemos se os membros da URN sabiam ou não sobre essas investigações. É possível que sim, e deviam achar que era parte do jogo político-institucional. Também é provável que, mesmo sabendo que eram espionados, se sentissem mais seguros, afinal os maiores alvos do DOPS-SP eram sabidamente, os comunistas. E, talvez o interesse do DOPS em vigiar com tamanho número de agentes uma entidade anticomunista, além de ter o controle completo sobre todas as organizações da sociedade (inclusive as que comungavam de ideais semelhantes aos da polícia política), era a possibilidade de apanhar alguns comunistas, em caso de algum tipo de enfrentamento que pudesse vir a ocorrer.<sup>318</sup>

Apesar de toda essa movimentação e expansão, a URN, assim como sua congênere Cruzada Brasileira de Civismo, não parece ter tido atividades para além do segundo semestre de 1946, de acordo com a documentação consultada. Os motivos disso não estão claros, mas a deposição de Vargas e o conseqüente fim do movimento queremista, que reunia e era ostensivamente apoiado pelos comunistas, a consolidação dos partidos como principais entidades atuantes na vida política brasileira a partir das eleições presidenciais de dezembro de 1945 e das eleições legislativas para a Assembleia Nacional Constituinte em 1946 (inclusive o Partido de Representação Popular) e o crescente cerco político-institucional que culminará com a cassação do PCB em 1947, certamente contribuíram para o fim dessas associações para as quais praticamente a única razão de existir era o anticomunismo. E, a partir do momento em

---

<sup>316</sup> *Id.* A data do carimbo é posterior ao comício: 16/10/1945.

<sup>317</sup> Logo abaixo do título estavam o local, o nome da “autoridade” (Dr. Leopoldo Mendes da Costa); o encarregado dos investigadores (Evaristo Braga); que chefiava outros 19 investigadores, cujos nomes estavam todos discriminados. Abaixo, estava escrito: “25 *guardas civis*”, cujos nomes não estavam discriminados. Abaixo o local da assinatura continha o nome de Venancio Ayres, como Delegado Auxiliar da 5ª Divisão Policial, mas estava em branco. “Escala de Policiamento Extraordinario de Ordem Política e Social para o Comício da União de Resistencia Nacional, a realizar-se [sic] hoje, dia 15, às 19 horas.” Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fl. 22.

<sup>318</sup> De acordo com uma publicação oficial do DOPS, o Serviço Secreto (SS), “*infiltra-se nos meios revolucionários e conspirativos do Partido Comunista, a fim de colher as informações tão necessárias para rechaçar as investidas do inimigo oculto; desfazer seus planos; evitar a progressão do trabalho de propaganda; não fazer alarde de seus misteres; descobrir os planos revolucionários, para resguardar a tranquilidade e a ordem pública*”. SÃO PAULO (ESTADO): *Resumo Histórico do DOPS*. Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Departamento de Ordem Política e Social, 1953, p. 43, citado em POMAR (2002:56).

que os integralistas dispunham de seu novo partido, essas entidades não se faziam mais necessárias.

A União de Resistência Nacional se constituiu de uma frente suprapartidária de combate ao comunismo no Brasil, ou mais exatamente, no Estado de São Paulo. Apesar desse caráter suprapartidário, era inegável a importante presença dos integralistas, os quais, como tais, ainda tinham sua aparência pública fragilizada por conta das associações feitas a partir de seu passado recente, bem como da propaganda estadonovista, que os identificava com os regimes fascistas europeus derrotados na guerra recém-terminada. Apesar da sua desconfiança em relação aos integralistas, o DOPS tinha conhecimento da presença destes na União, embora não fosse este o motivo que o levava a investigá-la, já que não havia propaganda da velha doutrina do Sigma nos comícios, e a menção ao caráter integralista de alguns de seus militantes raramente era discriminada na documentação.

Resta falar sobre as duas pastas analisadas sobre a URN. Quais as diferenças e semelhanças entre o prontuário 6691 e o dossiê 20-Z-22, ambos sobre a União de Resistência Nacional? Ambos possuem documentos originais da entidade, como os manifestos e panfletos anticomunistas recolhidos pelos agentes, bem como relatórios de reuniões e comícios. Mas o prontuário, neste caso, tende a ser mais abrangente: além dos comícios no centro de São Paulo, há relatórios sobre outros bairros, com destaque para o de São Miguel Paulista, na periferia da cidade, onde havia forte núcleo comunista; um pedido de policiamento, e pedidos de autorização, que por sua vez geraram documentos internos do DOPS, sobre número de agentes a ser enviados aos eventos, o que deu uma melhor ideia sobre a dimensão da vigilância do DOPS sobre a entidade.

Outro elemento digno de nota: não há “diálogo” entre o prontuário e o dossiê, apesar de ambos serem produção interna do DOPS-SP. Ao se analisar os relatórios referentes à solenidade de inauguração em ambas as pastas, nota-se os conteúdos semelhantes. Mas assinaturas diversas indicam que são investigadores diferentes, e não há referências mútuas. Ao que parece os setores responsáveis eram estanques, não trocando informações entre si, pelo menos nesse caso.

## 2.3 – Os primeiros anos do PRP (1945 – 1946)

### 2.3.1 - A criação dos diretórios

O Partido de Representação Popular foi fundado no Rio de Janeiro em setembro de 1945, pouco mais de dois meses antes da eleição presidencial de dezembro daquele ano. A documentação do DOPS-SP sobre o partido se concentrou nas reuniões do partido e comícios de rua. Havia atenção especial para as campanhas eleitorais e a criação e divulgação de jornais.

O nascimento do PRP nacional foi assinalado pela polícia política paulista. Em comunicado de novembro de 1945, é feito um resumo sobre a nova organização partidária. Embora sucinto, o comunicado aborda vários aspectos de interesse da polícia política:

O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR tem seu diretório nacional provisório composto dos seguintes elementos: DR. ADAUTO DE ALENCAR FERNANDES, res. à r. Conde Bonfim, 674, casa 2 (38-7204) e esc. [escritório] à r. do Ouvidor, 183 (43-5290), Rio de Janeiro; DR. HERMES DA MATA BARCELOS, secretário-geral, res. à Trav. Dr. Afonso Viana, 27 (4873), Niterói; e DR. FRANCISCO CORRÊA DE FIGUEIREDO, com esc. e res. à Av. Rio Branco, 137 (23-2275), consultor jurídico.

O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR vem fazendo, pela imprensa e por meio de boletins, ampla propaganda contra o comunismo. Seus elementos, na sua maioria, pertenceram ao extinto integralismo.

As ligações dessa entidade com a Liga Eleitoral Católica, que também combate o comunismo, são conhecidas.

Ainda agora, o Partido de Representação Popular acaba de aderir à candidatura do General Eurico Gaspar Dutra. Isso quer dizer que os elementos contrários ao comunismo, votarão, desta vez, com o ex-Ministro da Guerra.

Desde o aparecimento desse partido que os comunistas, quer pela imprensa, quer por folhetos, combatem-no sistematicamente.

Naturalmente, nessa entidade política, também devem encontrar-se os adeptos da U.R.N. (União de Resistência Nacional, Cruzada Cívica de Cultura, etc).

O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR já se acha registrado definitivamente no Superior Tribunal Eleitoral, sendo que seu pedido de registro continha cerca de 17.000 assinaturas.

A posição política dos integralistas na hora atual, em torno do Partido de Representação Popular, acaba de ser definida pelo sr. RAIMUNDO PADILHA, conhecido líder integralista, o qual, em recente manifesto, aconselha seus partidários a participarem do P.R.P., “embora esse partido não seja integralista”.

Aconselha, ademais, esse cidadão, que “onde quer que se constitua uma sede daquela instituição partidária (refere-se ao Partido de Representação Popular) para ela devem

acorrer os integralistas, levando-lhes o concurso abnegado de sua inteligência e de suas disponibilidades materiais.”<sup>319</sup>

Quais as informações que podemos perceber que são consideradas importantes para a Delegacia de Ordem Política e Social paulista, que evidenciariam sua obsessão pelo pleno controle das informações?

- A começar pelos nomes, endereços residenciais e de trabalho, bem como telefones dos principais líderes da nova organização;

- o posicionamento ideológico do partido, sobretudo em relação ao comunismo, o alvo preferencial da polícia política;

- relações do PRP com outros grupos políticos: a LEC (cujo anticomunismo é lembrado pela anotação policial) e a URN, bem como sua relação com a antiga AIB, sua posição nas eleições presidenciais do mês seguinte, e a oposição aberta dos militantes comunistas;

- a inserção social do novo partido, através da sua alegada presença na imprensa e de sua aceitação institucional através do TSE, bem como o expressivo número de assinaturas;

- as perspectivas de crescimento, a partir da palavra de ordem da maior autoridade reconhecida do integralismo no Brasil, já que representante oficial de Salgado, o qual ainda naquele momento permanecia exilado.

É importante ainda citar o pensamento de Padilha, destacado pelo DOPS, de que o PRP não era integralista, apesar do forte estímulo para que os antigos militantes da AIB nele entrassem. Por que Padilha disse que o seu partido não era integralista, sendo claramente organizado por antigos membros da AIB? Tratava-se de uma estratégia de discurso, devida à alta rejeição ao integralismo naquele momento inicial da redemocratização brasileira e, pouco após a II Guerra, conforme já mencionado. Segundo Victor:

---

<sup>319</sup> “Informes sobre o Partido de Representação Popular, com sede central à Rua São Bento, 405, 16º andar, sala 1626 (São Paulo) e sede central no Rio à Avenida Presidente Wilson, 210”. São Paulo, 17/11/1945, 24-J-2-2.

Mediante o risco de uma sigla integralista não ser aceita pelo TSE, a fundação do partido integralista deu-se cautelosamente e sem a explicitação de tratar-se de partido integralista. É nesse processo que se funda o PRP. (...) E foi somente em 9 de novembro, depois da obtenção de seu registro provisório, que o representante de Salgado no Brasil, Raymundo Padilha, fez discurso na rádio Mayrink Veiga conclamando os integralistas a entrarem naquele partido (2013: 208).<sup>320</sup>

Alguns meses depois, os agentes do DOPS paulista registraram as eleições do diretório estadual e do diretório municipal da cidade de São Paulo. Em comunicado de 28 de março de 1946, o DOPS cita a Convenção Estadual do partido, ocorrida no dia 25 de janeiro daquele ano e que elegeu o seguinte diretório: Renato Egídio de Souza Aranha, presidente; o ferroviário Mário Cabral Jr., vice-presidente; e José Loureiro Jr., genro de Plínio Salgado, como consultor jurídico.<sup>321</sup>

No conselho, foram eleitos pelo mandato de três anos: Marcel da Silva Telles, antigo chefe provincial da AIB; o brigadeiro Newton Braga; e o ex-deputado estadual integralista João Carlos Fairbanks. Para o mandato de dois anos: Renato Guimarães Bastos, Mário Penteado de Faria e Silva e o ex-chefe provincial de Minas Gerais, Olbiano de Mello. Por um ano, foram escolhidos: Antonio de Toledo Piza, Alpinolo Lopes Casale e José Cyrillo, que foi vereador na capital paulista pela AIB. Percebe-se, pois, que a maioria é de militantes que tinham participação de alguma importância no movimento na década anterior. O próprio investigador faz notar que “*como se depreende, esse diretório é formado, na sua totalidade, de elementos antigos integralistas*”,<sup>322</sup> o que já inviabilizava a explicação de Padilha de que não se tratava de um partido integralista. O evento ocorreu na sede do PRP, localizada na sala 1626, no

---

<sup>320</sup> O discurso de Padilha foi publicado também no jornal integralista *Reação Brasileira*, de 15/11/1945 (VICTOR, 2013: 209).

<sup>321</sup> “Alguns informes sobre o PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR que, no último pleito, apoiou a candidatura do General Dutra à presidência da República”. São Paulo, SS, DOPS, Secretaria de Segurança Pública, 28/03/1946, 24-J-2-11.

<sup>322</sup> Id. Além destes compareceram à convenção os seguintes veteranos integralistas: Rui de Arruda, antigo secretário de Salgado nos tempos da AIB; Cleóbulo Amazonas Duarte, ex-chefe municipal da AIB em Santos; José Eugênio de Lima Neto e o jovem bacharelado Genésio Pereira Filho, sobrinho de Plínio Salgado, que teria vida longa e atuante na seção paulista do partido.

16º andar do então Edifício das Américas (Martinelli)<sup>323</sup>, na Rua São Bento, 405, no centro de São Paulo.

A eleição do diretório municipal da capital se deu em 5 de maio de 1946. O DOPS esteve presente nesta e em pelo menos mais duas reuniões preparatórias. Um dos comunicados é encimado pelos dizeres: “*Escreve o QF Hallebeck*”, seguindo-se o texto referente à reunião do diretório. Ao final deste texto, há uma “nota”, que diz: “*Este comunicado foi feito de acordo com o original, respeitando-se também, a ortografia do sr. Hallebeck.*” Acredito que “QF” se refira ao tipo de agente que fez a investigação. A nota final indica que, provavelmente, o investigador deve ter redigido o conteúdo, possivelmente de forma manuscrita, para que outro agente o transcreva datilograficamente para melhor entendimento do SS e sua chefia. Consideramos ainda a probabilidade que o nome “Hallebeck” seja um pseudônimo.<sup>324</sup>

Outra característica do relatório no que tange a redação é um certo preconceito etário e de gênero por parte do agente. Em dado momento, ao caracterizar a audiência do evento, afirma: “*Estiveram presentes cerca de 60 pessoas inclusive 4 mulheres, **uma meio can-can** [sic], **as outras velhucas.**”<sup>325</sup>*

O diretório deveria ser composto por três cargos: presidente, secretário e tesoureiro. Estes teriam as atribuições de dirigir as ações do partido dentro da cidade de São Paulo, bem como nomear os dirigentes dos diretórios distritais, nos bairros. Os membros do diretório municipal ainda fariam necessariamente, segundo palestrou Mário Cabral Jr. em uma das reuniões preparatórias da eleição, “*parte do directorio nacional*”. Uma pessoa na audiência demonstrou ainda a preocupação de “*que nas*

---

<sup>323</sup> O Edifício Martinelli, um dos primeiros arranha-céus de São Paulo e símbolo da modernidade paulistana na primeira metade do século XX, foi inaugurado em 1929, pelo comendador italiano Giuseppe Martinelli. Segundo o site oficial do Edifício, estavam “*entre os inquilinos do prédio, partidos políticos como o PRP [nesse caso, o Partido Republicano Paulista], jornais, clubes (entre eles o Palmeiras e a Portuguesa), sindicatos, restaurantes, confeitarias, boates, um hotel (São Bento), o cine Rosário, a escola de dança do professor Patrizi*”. Em 1943, após o Brasil declarar guerra aos países do Eixo, e o confisco de todos os bens italianos, o Martinelli passa a ser bem da União, sendo batizado de Edifício das Américas. Alguns anos depois do fim do conflito, o edifício é devolvido aos seus antigos proprietários e seu nome restaurado. “História”, *Condomínio do Edifício Martinelli*, <http://www.prediomartinelli.com.br/historia.php>, 2010. Acessado em 09/09/2014.

<sup>324</sup> “Uma reunião havida ontem na sede do Partido de Representação Popular, segundo informa elemento reservado”. São Paulo, 25/04/1946, 24-J-2-15.

<sup>325</sup> *Id.* Grifo meu.

*chapas a serem disputadas, só figurem gente moça, corajosos para aguentarem os trancos em qualquer hora h.*”<sup>326</sup>

A eleição para o diretório começou ao meio-dia de 5 de maio, um domingo, prolongando-se até às 8 da noite. Segundo o investigador presente na votação “*durante estas horas, foi um vae-vem, de inscriptos e curiosos. Dando por baixa a affluencia, foi de cerca de 400 pessoas entre as quais muitas moças e velhas.*”<sup>327</sup>

Duas chapas se candidataram, tendo uma recebido 184 votos e a outra, apenas 15 sufrágios. A chapa vencedora era composta por Marcel da Silva Telles, presidente (já eleito para a direção estadual; não há informação se Telles acumulou os cargos, ou renunciou o primeiro para assumir este); Eurico Guedes de Araújo, chefe da milícia provincial nos tempos da AIB, como secretário; e Arthur Mello, ferroviário da E. F. Sorocabana (como Mário Cabral Jr.), no cargo de tesoureiro. Estava prevista a posse solene de todos no Teatro Municipal.

Sem se preocupar com Silva Telles, já conhecido dos investigadores, o comunicado fez uma breve característica de Guedes, “*do qual disseram-me ser de grande influencia no alto commercio e nas industrias da Capital. Que é o principal cabeça do trabalho mechanizado da ‘Olerite’, da qual fazem parte todas as industrias, dentre as quais a Light.*”<sup>328</sup>

Já sobre Arthur Mello houve uma investigação à parte, concluída cerca de um mês depois. O motivo de tal iniciativa não fica claro através da documentação, mas é muito provável que seja pelo fato de o mesmo ser ferroviário, cuja categoria e sindicato eram muito combativos. Talvez a informação que consta no relatório sobre a eleição, de que havia 1500 funcionários a ele subordinados na ferrovia, tenha chamado a atenção da chefia do DOPS.<sup>329</sup> Em relatório endereçado ao Delegado Especializado de Ordem Política, o investigador Celso Cruz declarou:

---

<sup>326</sup> *Id.* Grifo original.

<sup>327</sup> “As atividades do Partido de Representação Popular, segundo informa um nosso elemento reservado”. São Paulo, 07/05/1946, 24-J-2-17 e 16. Grifo no original. Das cerca de 400 votaram apenas 199, que estavam “*quites com o cofre do partido*”.

<sup>328</sup> *Id.*, 24-J-2-16.

<sup>329</sup> *Id.* O relatório, contudo, é inequívoco quanto à suposta orientação ideológica dos empregados: “*Um dos eleitos – Arthur de Mello – ferroviário da Sorocabana tem sobre sua jurisdição 1500 e tantos*

Procedidas minuciosas investigações em torno de ARTHUR MELLO, esta Secção conseguiu apurar o seguinte:

Reside êle á Rua Duarte Costa, 59. É muito relacionado nesta Capital e chefe da Estação da Barra Funda.

É proprietário da casa onde reside e de um sitio no município de Mogy das Cruzes, onde está sendo plantada grande quantidade de eucaliptos. Seu sitio está sendo melhorado, além de existir boa casa residencial, possui ainda plantações e criação de carpas, sendo avaliado em Cr\$ 200.000,00 [duzentos mil cruzeiros].

Além da casa em que reside, possui outra no bairro das Perdizes, comprada a prazo. Sua fortuna está avaliada, aproximadamente, em Cr\$ 400.000,00 [quatrocentos mil cruzeiros].

O Sr. ARTHUR MELLO é uma pessoa muito ativa e ajudado em seus negócios pelo Sr. Renato Marco Antonio, que também é ferroviário e lhe empresta dinheiro a juros.

Não é comunista e, **por ocasião da greve da Estrada de Ferro Sorocabana, teve papel saliente no combate á mesma, dando todo seu apoio ao Delegado de serviço na ocasião, Dr. Leopoldo Mendes da Costa.**

Saudações.<sup>330</sup>

A conclusão de um segundo relatório era “*nada tendo sido apurado contra o mesmo.*”<sup>331</sup> Ou seja, a partir do momento que se constata que o investigado é um “pacato” sujeito da classe média, que goza de uma vida confortável, que não é comunista, e principalmente, colaborou ativamente com as autoridades policiais opondo-se a uma greve, nada há que se opor ao investigado. Mesmo assim, não deixa de ser curioso que mesmo com o investigado tendo se declarado como integralista e, portanto, anticomunista, o DOPS-SP tenha colocado agentes em seu encalço.

### 2.3.2 - *Temas observados nas reuniões do partido*

Os agentes do DOPS estiveram presentes em inúmeras reuniões da sede estadual/municipal do partido em São Paulo, e anotaram a movimentação, o conteúdo dos discursos, a presença de cartazes, panfletos e jornais, além de outros detalhes que

---

*colegas, que são companheiros dedicados e com a mesma ‘fé de officio’ – ‘integralista’.* Grifos no original.

<sup>330</sup> “Obj.: - ARTUR MELLO – RELATÓRIO DA SECÇÃO DE CAPTURAS – INVESTIGADOR: CELSO CRUZ”. São Paulo, 14/06/1946, 24-J-2-16-B e 16-C. Grifo meu.

<sup>331</sup> “Investigações procedidas em torno de ARTHUR MELLO, um dos Agentes da E.F.S., na Barra Funda, nada tendo sido apurado contra o mesmo”. 14/06/1946, 24-J-2-16-A. Em outro trecho, diz este relatório: “*Durante dois dias observamos a sua casa, sendo seguido duas vezes, quando saiu a pé, porém, nada verificamos contra sua pessoa.*”

considerassem relevantes. Dentre as discussões e situações levantadas pelos policiais ao longo dos primeiros anos de funcionamento do partido, consideramos importantes cinco temas principais: o anticomunismo; as propaladas vantagens do integralismo; o retorno de Plínio Salgado do exílio; a presença de um segurança com consideráveis poderes nas reuniões partidárias; e temas considerados incômodos ao partido, como o nazismo e o antisemitismo.

*a) O anticomunismo*

Dentre os temas presentes nas reuniões do diretório estadual de São Paulo do Partido de Representação Popular nos primeiros anos de seu funcionamento, um praticamente onipresente era o anticomunismo, mormente nesses dois primeiros anos pós-queda do Estado Novo, quando o PCB funcionava legalmente e gozava de grande popularidade.

Aliás, diante desse cenário de prestígio do comunismo e da URSS, angariado a partir das vitórias políticas e militares da II Guerra Mundial:

Os principais partidos conservadores eram sensíveis ao novo contexto e colocaram a pregação anticomunista em segundo plano, ainda que não a abandonassem, o que reforçou a estratégia adotada pelo PRP, apresentando-se como principal baluarte na resistência ao comunismo. Mesmo que os demais partidos se proclamassem anticomunistas, os perrepistas acusavam-nos de não opor uma resistência mais efetiva ao comunismo (CALIL: 2001: 284).

Num comício feito no Largo de Pinheiros, em São Paulo, em setembro de 1946, um dos oradores disse que o PCB era “*uma ilusão dos operários analfabetos*”.<sup>332</sup> Um militante que se dizia “*renitente integralista*” falou numa das reuniões do partido que teve um entrevero com um major do Exército num quartel de Pindamonhangaba, interior do Estado:

---

<sup>332</sup> “Observação em torno do comício realizado no dia 28 próximo passado, no Largo Pinheiro [sic]”. São Paulo, 30/09/1946, 24-J-2-36.

(...) visto que esse oficial permitira que ali entrasse[m] boletins de espírito comunista, fato que comunicara por telegrama ao Ministro da Guerra; que devido a isso, foi detido e encaminhado à Ordem Política de São Paulo, onde esteve preso por muitos dias.<sup>333</sup>

Um jornal interno do partido, provavelmente de vida efêmera, trazia em seu primeiro número, em edição de março de 1946, um verdadeiro mapeamento do que era visto como ramificações de uma suposta ofensiva comunista no Brasil. Segundo o DOPS, “*é óbvio dizer que esse órgão, que tem o nome de ‘O POPULAR’, ataca veementemente o comunismo e o aponta à execração pública.*”<sup>334</sup> Assim, na primeira edição do jornal, estava estampada uma lista de organizações, periódicos e editoras que, segundo o jornal integralista, teriam vínculos com os comunistas:

“ALERTA! TENTACULOS DO POLVO COMUNISTA NO BRASIL: 1) Partido Comunista do Brasil (P.C.B.). 2) ‘Movimento Unificador dos Trabalhadores’ (M.U.T.) (age no meio sindical). 3) ‘Liga Afro-Brasileira’ (opera entre os homens de cor). Revistas e jornais comunistas: 1) ‘Tribuna Popular’ (diário matutino, Rio de Janeiro). 2) ‘Hoje’ (diário vespertino, São Paulo). 3) ‘Diretrizes’ (diário, Rio de Janeiro). 4) ‘A Vanguarda Socialista’ (semanário trotskysta, Rio de Janeiro). 5) ‘Folha do Povo’ (de Recife, Pernambuco). 6) ‘Unitário’ (semanário, Rio de Janeiro). ‘A Hora’ (diário vespertino, São Paulo). 8) ‘Leitura’ (revista mensal, Rio de Janeiro). 9) ‘A Classe Operária’ (este órgão circulou clandestinamente durante a ilegalidade do P.C.B.). 10) ‘Revista do Povo’ (Rio de Janeiro). Editoras Comunistas: 1) ‘Horizonte Limitada’. 2) ‘Leitura’ (Editora – Rio de Janeiro). 3) ‘Editorial Vitória Ltd.’. 4) ‘Editorial Calvino Ltda.’, Rio de Janeiro.”<sup>335</sup>

Numa reunião do partido no mesmo mês, o editor do jornal clamou perante a audiência:

Não há comunismo brasileiro; existe um comunismo no Brasil. Seus jornais não são brasileiros, são ecos das estepes. Assim sendo, desde que reconhecemos o erro crasso de

---

<sup>333</sup> “As atividades do Partido de Representação Popular ultimamente nesta Capital”. São Paulo, 02/09/1946, 24-J-2-32.

<sup>334</sup> “Alguns informes sobre o PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR que, no ultimo pleito, apoiou a candidatura do General Dutra à presidência da República”. São Paulo, 26/03/1946, 24-J-2-11. Seu diretor era o sobrinho de Plínio Salgado, o então bacharelado Genésio Pereira Filho.

<sup>335</sup> *Id.* Este trecho do jornal foi transcrito. O jornal não estava anexado. Dada a riqueza de informações, acreditamos que o investigador a transcreveu inclusive para uso do DOPS na luta contra o comunismo, seu principal alvo.

que incorre o comunismo, materialista e ateu, precisamos opor-lhe barreiras. Levantar-lhe barricadas, onde possamos lutar e gastar a própria vida!<sup>336</sup>

O orador usa aqui de uma representação muito comum do imaginário anticomunista: a ideia de que o comunismo era uma “planta exótica” que estaria sendo “infiltrada” no Brasil por “potências estrangeiras”. Aqui, os “*ecos das estepes*” são uma referência muito clara à União Soviética, que seria vista como quartel-general do “comunismo internacional”. Assim, segundo Motta, para os anticomunistas:

Por trás das generosas promessas de redenção da humanidade estaria escondido um objetivo oculto, inconfessável, de conquista do mundo. A denúncia de que o comunismo serviria de cobertura para o imperialismo soviético foi mais intensa no período da guerra fria. Nesse quadro, o Brasil aparecia como uma das metas na estratégia mundial dos imperialistas ‘vermelhos’ (MOTTA, 2002: 55).

No imaginário do anticomunismo brasileiro, dentro do qual os integralistas são representantes importantes, três temas são muito recorrentes: o ataque sistemático à figura de Luís Carlos Prestes, principal liderança da história do comunismo brasileiro; a ideia de que os comunistas não têm moral, sobretudo no que tange à vida sexual; e a suposição de que os líderes viveriam de forma nababesca, explorando a miséria dos mais pobres e militantes de base.<sup>337</sup> Numa conversa ouvida imediatamente após o final de uma das reuniões na sede do PRP, o reservado registrou: “*Foi também contada a vida íntima de Luis Carlos Prestes. Mora no Rio, num apartamento luxuoso. Além de um rico automóvel ainda uma ‘baratinha’. Mulheres bonitas. Orgias e escandalosas farras. E que o seu fim é levar o Brasil á uma revolução civil.*”<sup>338</sup>

Folhetos de outros grupos e organizações eram eventualmente distribuídos nas reuniões, desde que tivessem princípios comuns à ideologia do partido. Um panfleto de uma igreja protestante foi entregue aos participantes de uma das sessões do partido. O trecho destacado abaixo mostra bem o conservadorismo do grupo em questão, para além do seu anticomunismo:

---

<sup>336</sup> *Id.* Sublinhado no original.

<sup>337</sup> Sobre esses temas, dentre diversos outros, ver: MOTTA (2002: 62-69 e 84-88).

<sup>338</sup> “As atividades do Partido de Representação Popular ultimamente nesta Capital”. São Paulo, 25/04/1946, 24-J-2-32.

Para Lenine “a religião foi o ópio que entorpeceu a humanidade”. E, que êle tem essa concepção atea se verifica na legislação das republicas soviéticas cujos códigos civis contrariam o pensamento cristão, como em relação ao Casamento pode terminar em vida dos cônjuges, quer pelo consentimento de ambos, quer pelo *desejo unilateral* de qualquer um deles (*Códigos Civis dos Soviets*) (Legislação da U.R.S.S.), versão de R. Nonato Cruz, art. 18. Esse mesmo sistema ateu contraria os princípios básicos da ordem cristã no lar, **tirando a mulher daquela relação de dependência em que deve estar para com o marido, relação imposta por Deus, quando disse: “O teu desejo será para o teu marido e ele te dominará” (Gen. 3:) principio desenvolvido por São Paulo, quando ensinou que o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja, e que a mulher deve obedecer ao marido, como a Igreja deve obedecer a Cristo.** No Comunismo, porém, a mulher não se subordina ao marido sem sua determinação do domicilio. Ela pode ir morar longe dele, quando lhe aprouver, e ai casar com quem quiser, anulando o casamento anterior por simples *desejo unilateral*, contanto que contribua para manutenção e educação dos filhos que tenha havido de matrimônios anteriores.<sup>339</sup>

Nesse excerto fica evidente o temor que o comunismo causava, sobretudo como ameaça à estrutura patriarcal, ancorada na religiosidade cristã. Mesmo que a submissão da mulher na sociedade brasileira dos anos 1940 não corresponda exatamente à descrição bíblica acima, o texto não deixa de ser perturbador em seu conservadorismo. Por outro lado, como o folheto é de uma organização sem vínculos com o PRP, não podemos atribuir automaticamente tal mensagem à linha oficial do partido. Mesmo assim, o fato de tal folheto ter circulado dentro de uma reunião do mesmo sem maiores problemas, mostra que seu conteúdo não só encontrava eco dentre alguns de seus frequentadores, como também tal linha de pensamento era minimamente tolerada junto ao partido.

O anticomunismo continuava a ser uma das mais importantes características dos integralistas, potencializada pela polarização gerada pela Guerra Fria, então nascente. Acompanhando e anotando sinais desse traço ideológico nas reuniões do novo partido – traço esse em harmonia com a ideologia do DOPS – mesmo assim, a polícia política continuará a investigar os “elementos verdes” com grande interesse.

---

<sup>339</sup> “Os Protestantes levantam-se contra o Comunismo – Resoluções da Comissão Executiva do Sínodo Setentrional” (folheto). 24-J-2-29, arquivado em 03/09/1946. Grifo meu.

# Os Protestantes levantam-se contra o Comunismo

## RESOLUÇÕES DA COMISSÃO EXECUTIVA DO SINODO SETENTRIONAL

A mesma Comissão Executiva do Sinodo pediu, respeitosamente, a esclarecida atenção do Supremo Concílio para o fato alarmante de alguns crentes em comunhão e até ministros estarem cooperando, abertamente e oficialmente, nas fileiras partidárias do Comunismo, sob a alegação de que este evoluiu e admite, hoje, em seu seio, adeptos de todas as religiões. Julga esta Comissão que é preciso tornar público, oficialmente, que o Comunismo não é apenas um partido político, mas uma ideologia materialista que tem uma concepção do mundo e da vida contrária ao Cristianismo, ou como acaba de ser dito no órgão oficial do Comunismo, no Rio — uma "concepção marxista e leninista" (Para Lenine "a religião foi o ópio que entorpecceu a humanidade"). E que ele tem essa concepção atea se verifica na legislação das repúblicas soviéticas cujos códigos civis contrariam o pensamento cristão, como em relação ao Casamento pode terminar em vida dos conjuges, quer pelo consentimento de ambos, que pelo desejo unilateral de qualquer um deles" (Códigos Civis dos Soviets) (Legislação da U. R. S. S.), versão de R. Nonato Cruz, art. 18. Esse mesmo sistema ateu contraria os princípios básicos da ordem cristã no lar, tirando a mulher daquela relação de dependência em que deve estar para com o marido, relação imposta por Deus, quando disse: "O teu desejo será para o teu marido e ele te dominará" (Gen. 3:) princípio desenvolvido por São Paulo, quando ensinou que o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja, e que a mulher deve obedecer ao marido, como a Igreja deve obedecer a Cristo. No Comunismo, porém, a mulher não se subordina ao marido nem na determinação do domicílio. Ela pode ir morar longe dele, quando lhe aprouver, e aí casar com quem quiser, anulando o casamento anterior por simples desejo unilateral, contanto que contribua para manutenção e educação dos filhos que tenha havido de matrimônios anteriores.

Considerando Lenine, cuja ideologia é mantida pelo Comunismo brasileiro a religião como o ópio que entorpecceu a humanidade, não permite que a religião cristã ponha em prática a doutrina que São Paulo pregou nestes termos: "Ninguém que milita para Deus se embarça com os negócios deste sécu..." E ainda: "O Senhor ordenou aos que prégam o Evangelho, que vivam do Evangelho" (I Cor. 9: 14). Nas repúblicas soviéticas, apesar de sua atual to'erância religiosa, nenhum ministro pode militar só para Deus, ou deixar de se embarçar com os negócios do século. Ele pode dirigir um rebanho espiritual, mas nas sobras do seu tempo de *operário* do Estado Comunista, pois quem aí não for *operário* é considerado *parasita* e elemento pernicioso à prosperidade econômica do Estado — preocupação suprema do Comunismo que, no seu ateísmo, não se preocupa com os valores espirituais de nossa personalidade, nem admite o princípio de Cristo: "Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus". "Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça..."

### SÔBRE A DANSA MODERNA

Verificando que se alastra o mundanismo nas Igrejas por influência das liberdades da dança moderna, já defendida por alguns pastores e presbíteros modernistas e próceres de auxiliadoras femininas, contaminadas por maus exemplos de igrejas espiritualmente decadentes de outras terras, a Comissão Executiva resolveu advertir as Igrejas contra a influência de uma corporação que inicia as moças nos bailes e que anuncia sua próxima instalação no Recife, decando-se "cristã feminina", mas dizendo que não faz questão de religião..."

(Extraído do "Norte Evangelico" — Garanhuns,  
Pernambuco, 15 de Maio de 1946).

Ilustração N°11: Panfleto "Os Protestantes levantam-se contra o Comunismo", distribuído numa das reuniões do PRP. 24-J-2-29. Microfilme.

b) *A divulgação das supostas vantagens do integralismo*

Como nos tempos da AIB, o melhor antídoto contra o comunismo nos tempos do PRP era, naturalmente, o integralismo. Contra a luta de classes, as falsas promessas aos operários, a devassidão, a submissão aos interesses da Rússia Soviética, supostamente pregados pelos comunistas brasileiros, só o culto às tradições patrióticas e cristãs e a união nacional defendidas pelos integralistas salvariam o Brasil do caos a que o marxismo-leninismo inexoravelmente levaria. Assim, numa reunião em maio de 1946, o orador Raymundo Silva desenvolveu essa correlação entre comunismo e integralismo:

Comparou o “comunismo” versus christianismo [sic] como verdadeira negação da índole do povo brasileiro. E que a finalidade do “integralismo” é uma escola de civismo patriótico, pois está falhando entre o povo brasileiro as instruções sobre moral e o esquecimento do amor da pátria, devido ao aumento das promessas mentirosas dos “comunistas” o que está pedindo urgência do ensinamento puramente cristão. Para isto exemplificou o pavilhão brasileiro sobre a heráldica das 21 estrelas como unificação dos Estados do Brasil, cada vez mais fortes, a par com o dístico: “Ordem e Progresso” e nunca desordem e Regresso, sentido evidente forjado pelo partido “comunista”, com um desrespeito ao sentimentalismo da maioria do povo brasileiro. Assim parou com acaloradas palmas da assistência.

Em relação aos outros partidos de orientação “burguesa”, que na visão integralista eram tão materialistas quanto o PCB, o PRP também se diferenciava, devido à sua orientação “espiritualista”. Contudo, numa linguagem mais cotidiana, a diferença entre o partido dos integralistas e os demais era, eventualmente, visto como altruísmo X egoísmo. Num comício em Pinheiros em setembro de 1946:

Os temas das orações versaram sobre os demais partidos, alegando que estes somente interessam pelos votos do povo e interesse próprio, ao passo que o PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR trabalha para dar sempre o necessário ao povo, ou seja, educação, escolas, higiene, etc.<sup>340</sup>

---

<sup>340</sup> “Observação em torno do comício realizado no dia 28 próximo passado, no Largo Pinheiro [sic]”, 30/09/1946, 24-J-2-36. Entre os oradores estavam Antonio Toledo Piza, José Batista Vilar, “Vicente Euclides Larine, de Ribeirão Preto, Telmo Eurípede Bartolomeu Silva, acadêmico de direito [e], sta. Benedita Valéria de Jesus, *operária do Moinho Santista*” (grifo meu). Id. Larine foi dirigente municipal da AIB em Ribeirão Preto.

O integralismo tem outro diferencial em relação às outras forças políticas: o seu “chefe”. Durante o período da AIB, Salgado criou em torno de si um verdadeiro culto à personalidade, que lhe atribuiu uma estatura sobre-humana na sua relação com os demais militantes (TRINDADE, 1979: 164-171). Com o fim da AIB, o exílio de Plínio e a condenação dos aspectos para-fascistas, esse culto diminuiu um pouco, mas esteve longe de desaparecer.

Para todos os efeitos, o prestígio de Salgado continuava inabalado entre os que permaneceram nas fileiras integralistas. Assim, um orador do partido, o bancário e estudante da Faculdade de Direito Herbert Americano da Silva chegou a comparar Salgado “ao jurista alemão Hans Kellsner [Kelsen] e ao escritor místico germano Thomas Kenepis [Thomas de Kempis], atribuindo a este a ‘Imitação de Jesus’(1379 – 1471)”. Silva teria declarado em seguida que não idolatrava Salgado, “como homem, mas [tinha], sim, ardente adoração pela sua ideia”.<sup>341</sup>

E para gáudio dos integralistas, naquele ano terminaria o longo exílio de Plínio Salgado, outro tema registrado pelos investigadores do DOPS-SP.

### c) *O retorno de Plínio Salgado do exílio*

Em agosto de 1946, depois de sete anos de exílio em Portugal, e mais de um ano após a anistia política do fim do Estado Novo, Plínio Salgado estava prestes a retornar ao Brasil, e seus correligionários aguardavam ardentemente o seu retorno. Para o historiador João Fábio Bertonha, o chefe dos velhos camisas-verdes só retornou ao país, depois que se sentiu seguro de que o ditador com que outrora disputou espaço político estaria longe do poder, e não haveria riscos de retrocesso do Estado Novo:

Com efeito, a demora de Plínio em retornar ao Brasil e sua hesitação em assumir-se como o líder do PRP refletem, mais uma vez, sua relutância em assumir riscos, tanto que ele só colocou os pés no Brasil após o partido ser formalmente aceito no sistema político, de Vargas ser formalmente deposto e dos potenciais riscos pessoais e políticos estarem, pois, amenizados (BERTONHA, 2013: 239).

---

<sup>341</sup> “As atividades do Partido de Representação Popular ultimamente nesta Capital”. São Paulo, 02/09/1946, 24-J-2-32. Curiosamente, Salgado assinaria anos depois uma tradução da *Imitação de Cristo*, lançada pela editora Verbo, de Lisboa, em 1963 (DOREA, 1980: XVIII).

De qualquer modo, aproveitando a oportunidade do retorno do velho chefe, o seu genro e um dos principais líderes do PRP, José Loureiro Jr., protestou em nome de uma situação que afligia o partido. Segundo o investigador F.H., Loureiro “*criticou, então, a maioria dos sócios do P.R.P. ‘que estão com suas fichas falidas, pois nem sequer pagam as mensalidades!’*. Emendou, indignado: “*Como vamos recebe-lo [isto é, a Plínio], se o Partido está exausto, sem dinheiro?*”<sup>342</sup>

Os integralistas depositavam grande esperança na volta de Salgado ao Brasil, acreditando que sua presença faria o integralismo – através do PRP - voltar a ter uma posição de destaque na política nacional. O dirigente local do partido, Eurico Guedes de Araújo, foi ao encontro de Plínio quando de sua chegada ao Rio, e deu seu relato em uma das reuniões partidárias, segundo o investigador F.H.:

[Guedes] descreveu o fato como tendo sido de apoteose para o chefe integralista. Disse que, diante do que vira, a ascensão no partido não pode falhar jamais. Alegou que, diante da multidão que se comprimia no aeroporto e nas proximidades da residência do sr. Raimundo Padilha, onde iria ser alojado “o maior dos brasileiros”, não pudera avistar-se com o sr. Plínio Salgado. Que, todavia, tendo novamente ido ao Rio dois dias depois, falara com o “chefe”. Achara-o “manifestamente convito da integral reforma do Brasil, num melhor Brasil. E que na boca do carioca correu a notícia: “Aparentemente não resta duvida, é um tanto velado, mas o “nosso chefe” foi recebido oficialmente pelo presidente da República, Gen. Dutra, disfarçadamente com as honras de Chefe de Estado, etc. etc.” Grandes aplausos foram então ouvidos.<sup>343</sup>

Na chegada do chefe integralista a São Paulo, havia um agente na estação ferroviária do Brás, o qual documentou a sua chegada da capital da República, juntamente com outro líder paulista do movimento, Machado Florence. Na chegada de ambos pelo trem “Cruzeiro do Sul”, o investigador verificou que nem tudo eram flores para Salgado em seu retorno, pois teria havido “*um atrito entre o mesmo e um senhor*

---

<sup>342</sup> “As atividades do Partido de Representação Popular ultimamente nesta Capital”. São Paulo, 02/09/1946, 24-J-2-32.

<sup>343</sup> “O Partido de Representação Popular e suas atividades no presente momento, segundo informa elemento reservado”. São Paulo, 26/08/1946, 24-J-2-27. Apesar de terem abolido várias manifestações simbólicas do tempo da AIB, o tratamento, pelo menos em nível informal, de “Chefe”, para Plínio Salgado persistiu. O ex-dirigente estudantil do PRP, José Baptista de Carvalho, declarou em depoimento no I Encontro dos Pesquisadores do Integralismo, organizado pelo GEINT em Rio Claro, em outubro de 2002: “*Nós o chamávamos de ‘chefe’. Não tinha como chamá-lo de ‘seu Plínio’*”. Quanto à deferência de Dutra a Salgado, ela se deve ao apoio que o PRP deu à sua candidatura nas eleições de 1945.

que se encontrava na Estação Roosevelt, sem maiores consequências.”<sup>344</sup> O DOPS continuava seguindo-o e anotando seus passos.

d) *Saulo Navarro: o “guarda avançado do integralismo”*

Para além dos assuntos abordados nas reuniões, os investigadores do DOPS-SP estavam atentos para os frequentadores das mesmas. As pessoas mais observadas eram, normalmente, os oradores das reuniões, aos quais o investigador nomeava sempre que possível (e geralmente o eram). Mas um outro tipo de frequentador chamou a atenção dos agentes policiais que investigavam a sede do diretório estadual do PRP: um segurança. Saulo Navarro foi chamado de “*guarda avançado do integralismo*”<sup>345</sup> pelo agente identificado simplesmente pelas iniciais “FH”, e que esteve presente em várias reuniões.

Navarro chamou a atenção do agente policial logo após o encerramento de uma das sessões partidárias:

Pelo chefe da policia do Partido – SAULO NAVARRO, foi anunciado que a sede ficaria aberta dia e noite por oito dias, para qualquer eventualidade. Passou, então, a fazer a chamada do pessoal de seu **regimento, homens de espirito fanático. Autoritariamente**, Saulo clamou que os não chamados deveriam retirar-se. Foi, então, que deu as instruções ao **seu corpo de policia**.<sup>346</sup>

Causou preocupação ao agente do DOPS que o partido tivesse uma espécie de polícia organizada. Em sua visão, os comandados de Navarro, que formariam um “*regimento*” eram “*homens de espírito fanático*” e, de maneira autoritária, este excluiu aqueles que não estavam diretamente sob suas ordens.

---

<sup>344</sup> “As atividades do Partido de Representação Popular ultimamente nesta Capital”. São Paulo, 08/11/1946, 24-J-2-32. Nesta época, a estação Brás se chamava Roosevelt.

<sup>345</sup> “O Partido de Representação Popular e suas atividades no presente momento, segundo informa elemento reservado”. São Paulo, 26/08/1946, 24-J-2-27. Segundo pesquisa de João Fábio Bertonha, havia um Antonio Navarro indicado como “chefe da guarda pessoal” de Plínio Salgado quando este permanecia em São Paulo. A informação foi retirada de um recorte de jornal do Fundo Plínio Salgado, no Arquivo de Rio Claro (Caixa 112, E6), que segundo o historiador, está “*sem identificação, mas parece ser da ‘Tribuna da Imprensa’ de 1955*” (BERTONHA: 2013, 260). Nesse sentido, dado o perfil de Navarro descrito aqui, acredito que são a mesma pessoa, e se trata de uma grafia incorreta do jornal.

<sup>346</sup> “As atividades do Partido de Representação Popular ultimamente nesta Capital”. São Paulo, 02/09/1946, 24-J-2-31. Sublinhado no original. Grifo meu.

A esposa de Navarro, Nadir, também era *habitué* das sessões partidárias. Foi inclusive oradora: em uma delas “*concitou as mulheres a trabalhar pelo Partido. Terminou por pedir que todos contribuíssem com fundos para a compra de agasalhos para as crianças pobres, agasalhos esses que deverão ser distribuídos no Natal.*”<sup>347</sup> Em outra reunião, ela declamou poemas.<sup>348</sup>

No final de outra sessão, após os presentes terem cantado o Hino Nacional, como era praxe, o agente FH anotou que “*Navarro fez em seguida a chamada de alguns membros, afim de permanecerem na sede para confabulações, sobre serviços a serem executados com urgência.*”<sup>349</sup>

Contudo, o “reinado” de Saulo Navarro parece ter durado pouco, pelo menos nesse primeiro momento, e isso não passou despercebido pelo investigador. Numa reunião de janeiro de 1947, o agente notou a ausência de “*guarda avançado do integralismo*”: “*não tem aparecido à sede SAUL [sic] NAVARRO, o ‘homem das ideias despóticas’ do Partido. Teria havido alguma coisa com o mesmo?*”<sup>350</sup> E o assunto simplesmente desaparece dos relatórios subsequentes.

Não deixa de chamar atenção o qualificativo que o DOPS dá ao investigado: “*homens das ideias despóticas*”. De fato, o caráter autoritário do segurança tinha sido observado e sublinhado nas investigações. Contudo, suas “*ideias*” não foram expostas. Teria ele tentado impor algumas ideias dentro do diretório, sem sucesso? Ou sua atividade policial encontrou algum entrave junto aos dirigentes? A verdade é que tanto Saulo como Nadir não são mais citados nas reuniões seguintes.<sup>351</sup>

---

<sup>347</sup> “O Partido de Representação Popular e suas atividades no presente momento, segundo informa elemento reservado”. São Paulo, 26/08/1946, 24-J-2-27. As ações de caridade eram comuns na época da AIB, e persistiram no PRP. Seus principais responsáveis eram mulheres, normalmente esposas de dirigentes e militantes.

<sup>348</sup> “O que ocorre no Partido de Representação Popular – O Natal dos Pobres do Partido – Reuniões havidas – Outros informes de interesse”. São Paulo, 24/09/1946, 24-J-2-33.

<sup>349</sup> *Id.*

<sup>350</sup> “Está em grande atividade política o Partido de Representação Popular – A campanha financeira do partido – As reuniões havidas - Várias”. São Paulo, 14/01/1947, 24-J-2-42.

<sup>351</sup> Mesmo que Navarro tenha deixado de frequentar as reuniões, ele não se afastou completamente do partido, fazendo parte da segurança pessoal de Plínio (BERTONHA: 260).

e) *Temas incômodos: nazismo e antissemitismo*

Os agentes do DOPS captaram, em suas investigações nos meios perreperistas, ecos discursivos da época da AIB, que naquele momento eram incômodos para a linha oficial da nova roupagem do integralismo, como o antissemitismo e a antiga simpatia aos movimentos fascistas de outros países, sobretudo o nazismo.

Assim, ao relatar uma das reuniões na sede estadual do partido em 1946, ainda em seus primeiros meses de funcionamento, o investigador anotou de forma pouco clara, embora o suficiente para se perceber de que um assunto incômodo foi mencionado: “*Houve polêmica, que: - ‘ao partido só interessa o Direito Internacional, relativo ao problema de eficiência na **campanha ‘anti-judaica’**’*”<sup>352</sup>. A frase teria sido dita durante palestra pelo militante Adelino Paz Vidal. Podemos imaginar o impacto de tal afirmação, pronunciada por um militante desatento e, mesmo que pouco clara, durante uma reunião oficial de um partido que lutava para se livrar da pecha de “nazi-fascista”, num mundo ainda impactado pelas consequências da II Guerra Mundial e do Holocausto.

Outra constatação nesse sentido foi após uma reunião partidária em agosto de 1946:

Fóra da reunião, entre alguns mais graduados, ouviu o reservado o seguinte: “que existe um cadastro contendo, só em São Paulo, **cerca de 3.000 nazistas inscritos**, fora muitos outros simpatizantes não registrados, **os quais secretamente vão passar a pertencer ao Partido Integralista** de São Paulo, e assim outros no Rio e demais Estados do Brasil: que esse conchavo está em vias de realização”.<sup>353</sup>

Tal afirmação certamente não era verdadeira, pelo menos da maneira como foi apresentada. Quem seriam esses nazistas? Se eles entrassem no PRP, o que aconteceria?

---

<sup>352</sup> “Uma reunião ontem havida na sede do Partido de Representação Popular, segundo informa elemento reservado”. São Paulo, 25/04/1946, 24-J-2-14. Grifo meu. Apesar de nunca ter sido um consenso no movimento integralista nos anos 30, o antissemitismo foi importante fator de mobilização para o mesmo. O principal divulgador do ódio aos judeus no Brasil, Gustavo Barroso, foi o número 2 na hierarquia da AIB. Contudo, depois da ampla divulgação do Holocausto ocorrido na II Guerra Mundial, seria proibitiva uma continuidade do antissemitismo para qualquer grupo político no pós-guerra. Sobre um balanço historiográfico do antissemitismo integralista, ver: BERTONHA (2014: 233-242).

<sup>353</sup> “O Partido de Representação Popular e suas atividades no presente momento, segundo informa elemento reservado”. São Paulo, 26/08/1946, 24-J-2-27 e 26.

Eles dominariam o partido? Como, considerando-se o repúdio ao nazismo no mundo e no Brasil pós-guerra?

É bem possível que o agente tenha de fato ouvido isso, ou algo muito parecido. E qual a importância disso? O boato, muitas vezes, representa um desejo de um grupo ou comunidade. Como não tem autoria determinada, não precisa ter maior compromisso com a realidade. Apesar da mudança de estratégia dos integralistas no pós-guerra, no sentido de renegar as identificações com o fascismo, tão comuns nos anos 30, parte considerável da militância não o fez. Muitos integralistas estavam insatisfeitos com o abandono das exterioridades, a simbologia, o Sigma e o “anauê”.

Igualmente, um dos pressupostos básicos do integralismo nos anos 30 era o repúdio aos partidos políticos. Como ficou para boa parte da militância, agora que os integralistas foram obrigados, eles próprios a formar um partido? Segundo Calil (2010: 169), “*as manifestações de descontentamento aberto se tornaram constantes desde o início dos anos 50, mas já se expressavam desde a formação do partido.*” Tal descontentamento fez com que muitos simplesmente abandonassem o partido.<sup>354</sup>

Há que se fazer uma ressalva, contudo: a autoidentificação dos integralistas com os fascismos em geral, e com o nazismo em particular, era uma prática comum nos anos 1930, embora isso nunca tenha sido um traço doutrinário do integralismo. Hélio Trindade, ao analisar através de questionários as atitudes ideológicas dos militantes integralistas, constatou que nada menos que 90% dos integralistas entrevistados “*concordavam muito*” com a solidariedade do integralismo face ao fascismo europeu (TRINDADE: 1979, 268-269).

Quanto ao antissemitismo observado acima diz Trindade, ainda na observação de seu universo de militantes entrevistados:

Os resultados demonstram que os preconceitos antissemitas e antimacônicos são profundamente enraizados nos antigos integralistas, o mesmo quando o medo do judeu

---

<sup>354</sup> Para estancar esse descontentamento e o abandono crescente pelos militantes, o partido vai desenvolver a partir de 1957, quando do 25º aniversário do integralismo, um crescente retorno à simbologia da AIB: o Sigma, o “anauê”, as marchas etc. apesar de continuar a repudiar a identificação passada com os fascismos. Sobre isso, ver: CALIL (2010: 168–189) e, principalmente, CRISTOFOLETTI (2002).

considerado como uma ameaça seja menos forte do que a ideia de uma conspiração judaica (TRINDADE: 1979, 264-265).

Acreditamos, pois, que esses dois flagrantes detectados pelos agentes do DOPS-SP, flagrantes que negavam todo o esforço do PRP em se adequar à nova ordem do pós-guerra, demonstram uma insatisfação de parte da militância em relação aos novos rumos adotados pelos dirigentes partidários.<sup>355</sup>

Tão logo os integralistas voltam a exercer atividades políticas dentro da legalidade, o DOPS-SP coloca agentes atrás de seu novo partido. Infiltrando-se nas reuniões, esses investigadores registram os endereços das suas sedes, nomes dos envolvidos, relações políticas, características dos participantes, temas abordados, jornais e folhetos que por ali passavam. Um dos assuntos registrados com maior frequência é o anticomunismo, não apenas pela importância desse pensamento para os integralistas, mas pelo fato de a polícia também com ele se identificar, recolhendo informações que consideravam relevantes para si.

#### **2.4 – A resistência contra a rearticulação integralista**

O DOPS estava atento também para as movimentações populares contrárias a rearticulação dos integralistas. Apesar de muitos liberais se oporem a essa rearticulação, as pessoas que realmente fizeram abaixo-assinados e mobilizações contra a volta do integralismo ao cenário político foram grupos vinculados à esquerda, como sindicatos, estudantes ou militantes do PCB, ou independentes. Um comunicado interno de setembro de 1945 informava a realização dali a dois dias de “*grande reunião contra o Integralismo*”, num tradicional ponto de manifestações do centro de São Paulo, a qual estava sendo amplamente divulgada à população paulistana:

---

<sup>355</sup> Numa reunião posterior, o dirigente local Lima Netto, “*taxou*”, segundo o investigador de plantão “*Mussolini e Hitler de falsos profetas e engrandeceu a trilogia ‘Deus-Pátria-Família’*”. “Está em grande atividade política o Partido de Representação Popular – A campanha financeira do partido – As reuniões havidas - Várias”. São Paulo, 13/01/1947. 24-J-2-42. Provavelmente, é uma sutil resposta à militância local, parte dela saudosa da solidariedade com os regimes fascistas europeus.

Grande reunião contra o integralismo no dia 23. Na praça João Mendes, no largo São Francisco, no parque Anhangabaú e em outros logradouros públicos acha-se exposto um cavalete-reclame com um convite ao povo para comparecer no dia 23 do corrente (domingo) às 20 horas, no Parque Anhangabaú, onde será feito um grande comício contra a rearticulação do Integralismo, e onde serão queimadas as insígnias do Sigma e da Suástica.<sup>356</sup>

O evento não foi marcado nesta data por acaso, pois três dias depois, no dia 26 de setembro, em Assembleia Geral no Rio de Janeiro, seria fundado oficialmente o Partido de Representação Popular.

Em janeiro de 1946, sindicalistas e militantes comunistas chegaram a se dirigir ao Secretário estadual da Segurança Pública contra a organização do Congresso estadual do PRP na capital paulista. O DOPS reuniu, em cópia, num só documento, as várias representações contrárias à reunião do novo partido dos integralistas. Por exemplo, o Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT), central sindical vinculada ao PCB, enviou um telegrama protestando:

Exmo Snr. Dr. Pedro Oliveira Sobrinho

DD. Secretario da Segurança Pública.

Movimento Unificador Trabalhadores considera insulto consciência democrática nosso povo realização dia 25 do corrente pseudo congresso Partido Representação Popular cínico disfarce antiga Ação Integralista pt Interpretando sentimentos democráticos proletariado e povo paulista protesta energicamente contra rearticulação desses traidores da pátria a serviço capital colonizador vg responsáveis perdas centenas vidas brasileiras vg afundamentos navios vg agora tentam por todas as formas perturbar marcha pacífica democrática nossa terra escarnecendo memoria daqueles tombaram campos Pistoia lutando contra nazi-fascistas inimigos da humanidade pt Respts. Sauds. Comissão Executiva.<sup>357</sup>

---

<sup>356</sup> “Informamos no presente sobre realização de grande reunião contra o Integralismo no dia 23, às 20 horas, no Parque Anhangabaú”. Comunicado preparado por S-4, São Paulo, 21/09/1945. 24-Z-5-297 (pasta 2).

<sup>357</sup> “Extrato do protocolado Nº 2.843, da Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública, encaminhado à representação do Sindicato dos Condutores Veículos Rodoviários, e outros, contra o Congresso realizado em 25-1-946, pelo “Partido de Representação Popular”. 24-J-2-8, arquivado em 04/02/1946. Há uma inscrição manuscrita que indica que o telegrama foi enviado em 23/01. No original, o texto está todo em caixa alta (maiúsculas). Não mantive aqui por questões meramente estéticas. A grafia, contudo, mantém-se como no original.

Esse mesmo tom duro, com os mesmos elementos imagéticos (“nazi-fascistas”, “traidores”, “pseudo-congresso” etc.), foi aplicado nas outras mensagens ao Secretário de Segurança Pública, compiladas no mesmo documento do DOPS-SP.<sup>358</sup> Por exemplo, um abaixo-assinado de Jundiáí, transcrito no mesmo documento policial, declara:

Os abaixo-assinados, representantes de varias profissões e camadas sociais de Jundiai, vem por meio deste protestar perante V. Ex. contra rearticulação Integralista, sob a mascara do Partido de Representação Popular, anunciando um Congresso no dia 25, constituindo vergonhoso ultraje, á memoria de nossos companheiros tombados nos campos da Italia, onde lutamos de armas nas mãos, a fim de livrar o mundo da opressão facista. Respeitosas Saudações.<sup>359</sup>

Além disso, no próprio dia de realização do Congresso, 25 de janeiro, onze funcionários de instituições de ensino diversas, se dirigiram pessoalmente ao Secretário de Segurança Pública, que os recebeu. O motivo também era de protesto contra a realização do evento integralista. O DOPS-SP fez uma relação com os nomes dessas pessoas e respectivas instituições de ensino. Em nota manuscrita, um agente declara que esse “*protesto foi feito em consonância com o manifesto dos intelectuais, sobre o assunto, publicado pela imprensa.*”<sup>360</sup>

Esse manifesto acima mencionado ao qual o documento policial se refere foi lançado nesse mesmo dia, também em protesto contra a volta organizada dos integralistas na vida política nacional. Encabeçado por Monteiro Lobato, à época

---

<sup>358</sup> *Id.* As outras representações provinham do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários de São Paulo (conforme está no título do documento), do Comitê Democrático Popular de Pinheiros (São Paulo), do Comissão Permanente do 1º Congresso Sindical dos Trabalhadores do Estado de São Paulo, “Sub Célula” Comunista Luiz Carlos Prestes (Porto Ferreira, SP). Outras mensagens foram feitas como abaixo-assinados espontâneos, não institucionais.

<sup>359</sup> *Id.* 24-J-2-7. Segue-se uma relação de quase sessenta nomes, incluindo um que se identificou como “ex-expedicionário”. Na relação, três nomes foram sublinhados pelo DOPS.

<sup>360</sup> “Relação das pessoas que foram recebidas ontem à noite pelo Sr. Secretário e que vieram protestar contra o Congresso que está sendo realizado pelo Partido de Representação Popular, no Martinelli, partido que acusam de ser uma rearticulação do Integralismo (...).” Secretaria de Segurança Pública – Gabinete do Secretário. Arquivado em 28/01/1946, 24-J-2-6. O documento está assinado, mas a assinatura é ilegível. A relação de pessoas é a seguinte, com os respectivos estabelecimentos de ensino: Luiz Hildebrando Pereira da Silva, Silvio Saraiva e Victor Nussensveig – Ginásio do Estado; Mario Galafassi – Faculdade de Direito; Luiz Paulo Gnecco – Colégio Paulistano; Alberto Mauro – “Ciências e Letras” (provavelmente a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo); Arí Apa – Colégio Anglo Latino; Paulo Cretula Sobrinho – Faculdade de Filosofia (provavelmente da USP); Vilvanita Guanais Dourado – Mackenzie College; José Ferreira dos Santos – Escola Livre de Sociologia; Hovannes Israelin – Escola Politécnica.

membro do PCB, o manifesto, aliás, parece ter sido o vetor daquelas mobilizações acima relatadas e documentadas pelo DOPS-SP.<sup>361</sup>

Com a legalização do PRP, os comunistas chegaram a enfrentar – em geral, verbalmente - os integralistas em seus próprios comícios. Isso ocorreu pelo menos duas vezes em Santo André, próximo à capital. Num comício do partido em dezembro de 1946, no qual estavam presentes Antonio Vicente Lorini, Angelo Simões de Arruda, Wilson José de Melo e Renato Egydio de Souza Aranha - este último candidato a deputado estadual - em sua cantilena anticomunista habitual atacaram o PCB (ainda na legalidade), argumentando que esse partido “*só visa ludibriar o povo, [e] procura-o afastar da fé cristã.*” Logo em seguida, contudo:

Elementos do Partido Comunista do Brasil que ali se achavam começaram a pronunciar em altas vozes o nome de Prestes, ao que os do Partido de Representação Popular responderam gritando Brasil, Brasil, Brasil. Houve certa discussão entre ambos, nada sucedendo de anormal, com a dispersão dos elementos do P.C.B.<sup>362</sup>

Mais adiante no mesmo comunicado, porém, os agentes da polícia deixaram claro que a dispersão dos comunistas não foi voluntária: “*Elementos do Partido Comunista do Brasil, tentaram acabar com o referido comício, gritando o nome de Prestes... Prestes... não sendo levado ao fim, devido a intervenção dos investigadores ali de serviço.*”<sup>363</sup>

Em outro comício, na mesma cidade, e também para a campanha eleitoral de 1947, um dos oradores tentou uma espécie de conciliação com seus oponentes ideológicos. O jornalista Dagoberto de Almeida “*notando a presença de comunistas no comício do seu partido, disse que este [Almeida] ainda terá o prazer de receber muitos*

---

<sup>361</sup> “Veemente protesto contra o congresso do Partido de Representação Popular - Em manifesto ao povo, intelectuais paulistas apelam para a intervenção das autoridades”. *Folha da Manhã*, 24/01/1946, p. 8. Disponível em [acervo.folha.uol.com.br](http://acervo.folha.uol.com.br). O jornal publica o texto do manifesto na íntegra. É curioso lembrar que quase dez anos antes, em 1936, quando entrevistado pelo jornal integralista *Acção*, Lobato foi ligeiramente simpático ao movimento que condenaria anos depois: “*A minha única esperança está em vocês integralistas. A verdade sobre a nossa economia está nos livros de Gustavo Barroso.*” “Continua o escândalo do petróleo...”. *Acção*, 15/09/1936, p. 6.

<sup>362</sup> “Comício do Partido de Representação Popular, em Santo André – Relatório da Secção de Policiamento de O. Política”. São Paulo, 02/12/1946. *Prontuário 72852 – Partido de Representação Popular*”.

<sup>363</sup> *Id.* O relatório lista os nomes de oito investigadores presentes.

*elementos do Partido Comunista para, juntos, tratarem do bem estar da classe operária e de sua família, bem como a melhoria dos salários, casa própria, etc.*<sup>364</sup>

Não obstante, esta é uma proposta de conciliação que, na verdade, preconiza a anulação da ideologia comunista e a absorção do militante. Os integralistas adotavam, para o militante comunista a ideia dogmática católica de que “o pecador deve ser perdoado, mas o pecado, não”. Assim, o comunista seria um iludido, uma pessoa que compreensivelmente anseia por mudanças diante de um mundo cruel, mas que estaria perdido, manipulado por uma ideologia perversa. Na mentalidade integralista adotada pelo jornalista, o militante comunista seria resgatado de sua ilusão, seu ardor político seria aproveitado pelo integralismo, a partir do momento em que aquele militante - desde que sincero - se convencesse de que seu maior anseio, a justiça social, seria atendido pelo integralismo.

Após a ilegalidade do PCB, a partir de 1947, as manifestações comunistas contra o integralismo prosseguem e continuam a ser registradas pela polícia, embora em escala cada vez menor. Quanto ao anticomunismo integralista, este permanece um tema onipresente nos discursos e documentos do PRP, tornando-se a principal *raison d'être* do partido.

De uma forma geral, o DOPS permaneceu como observador nos confrontos entre comunistas e integralistas, além de guardar as informações, como é seu hábito. No episódio do abaixo-assinado contra a formação do PRP nota-se a indiferença policial, já que os argumentos antifascistas não eram suficientes para o DOPS reprimir os integralistas, pois a reorganização dos ex-camisas-verdes era amparada pela lei para sua reorganização, e tendo terminado a guerra, estes não eram mais vistos pelos policiais com desconfiança. Contudo, eventualmente, em um enfrentamento ocorrido num comício, os agentes acabaram se portando como tropa de choque, e defenderam os integralistas.

---

<sup>364</sup> “Comício do Partido de Representação Popular, em Santo André – Relatório da Secção de Policiamento de O. Política”. São Paulo, 18/12/1946. *Prontuário 72852 – Partido de Representação Popular*. Santo André – que naquele momento incorporava mais quatro outras cidade do ABC (Mauá, São Caetano do Sul, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra) - foi um forte bastião do PCB durante o seu curto período de legalidade. Tanto que nas eleições de 1947, os comunistas elegeram a maior bancada na Câmara Municipal e o prefeito, Armando Mazzo. Com a cassação do Partido Comunista, seus diplomas também foram anulados e os eleitos impedidos de tomar posse (MEDICI: 1999).

## 2.5 – As campanhas eleitorais de 1947

Na campanha presidencial e legislativa de 1945, o PRP pouco participou, pois o partido foi fundado oficialmente pouco mais de um mês antes do dia do pleito. O único deputado integralista eleito naquela eleição, Goffredo da Silva Telles Jr., o foi pelo PSD, o partido de Dutra, candidato que o integralismo, em sua nova roupagem, apoiou. Desse modo, não há material sobre a campanha eleitoral perrepista nos arquivos do DOPS-SP, provavelmente por falta de tempo hábil e/ou interesse dos investigadores.

Já nas campanhas seguintes foi diferente. Em 1947, ocorreram duas eleições: uma, em 19 de janeiro, foi a primeira a escolher o governador do estado após o fim do Estado Novo, bem como para a escolha da Assembleia Legislativa estadual, com poderes constituintes. Em novembro, foi a vez das eleições municipais, as primeiras desde 1936. O PRP participou intensamente de ambas, e sua atividade se viu refletida nos papéis do DOPS-SP.

A campanha do primeiro pleito começou já em setembro do ano anterior. Repetindo a aliança nas eleições presidenciais de 1945, o PRP apoiou o PSD na campanha em São Paulo, que lançou o candidato Mário Tavares ao governo do estado. Os integralistas lançaram trinta e seis candidatos à Assembleia Legislativa estadual, provindos de várias partes do estado.<sup>365</sup>

Na documentação apreendida pelo DOPS-SP, um candidato que teve certo destaque foi Angelo Simões de Arruda. Arruda era advogado da capital e militou na AIB desde o seu início, em 1932. Seu nome já consta no expediente do primeiro jornal integralista que se tem registro, *O Integralista*, de dezembro de 1932, quando ainda era estudante da Faculdade de Direito de São Paulo.<sup>366</sup> Uma folha de um jornal não

---

<sup>365</sup> “Candidatos Populistas á Assembléia Constituinte de S. Paulo”. Folha de jornal não identificado arquivada sob o código 24-J-2-40, em 07/01/1947. Entre os candidatos estavam João Carlos Fairbanks, deputado estadual pela AIB em 1935-37; José Loureiro Jr., genro de Plínio Salgado; Marcel da Silva Telles, ex-chefe da AIB no Estado de São Paulo; e Paulo Paulista de Ulhoa Cintra, que foi secretário do jornal *Ação*.

<sup>366</sup> Ver *O Integralista*, nº 1, novembro de 1932, p. 1. Apesar da circulação irregular, o jornal se assumia como “*Órgão da Ação Integralista Universitaria de São Paulo*”. Outro candidato às eleições de 1947,

identificado anexado ao dossiê dedicado ao PRP traz mais algumas informações sobre Arruda:

O sr. Angelo Arruda, que é natural de Campinas, onde nasceu a 4 de março de 1914, descendente de antiga família paulista, cursou o Ginásio São Bento e a Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1934.

Desde 1941 é consultor jurídico do Conselho Administrativo do Estado, tendo sido oficial de Gabinete da Presidência e assistente de Miguel Reale, de 1942 a 1945.

Quando a demagogia comunista começou a assumir feição ameaçadora, o sr. Angelo Arruda, com um grupo de amigos de vários partidos, organizou a “União de Resistência Nacional”, destinada à vigilância democrática contra a invasão imperialista russa. Em agosto de 1945, publicou o panfleto “O comunismo contra o Brasil”, sob o pseudônimo de Roberto Dutra, largamente difundido em todo o país.<sup>367</sup>

Arruda tinha uma biografia típica de vários líderes regionais do PRP: origens supostamente ilustres, bacharel em direito, passado de militante na AIB, anticomunista contumaz. Como todos os integralistas naquele momento, Arruda estava extremamente preocupado com a iminente vitória de Adhemar de Barros para o governo do Estado, pois este era aliado do PCB. Assim sendo, foi responsável por um discurso anticomunista, transmitido pelo rádio, em tons apocalípticos, para sua campanha:

Se vier esta guerra [a Terceira Guerra Mundial] de que todos falam, mas que ninguém deseja, entre o imperialismo totalitário soviético e o mundo democrático, o mundo cristão, onde estará essa parcela de patrícios que se imbecilizou ao canto da sereia marxista? Teremos a infelicidade de assistir à formação da quinta-coluna da traição a serviço de Stalin, como quer, como promete, como proclama aquele líder melancólico cujo desespero diante da miserável política nacional arrastou-o ao servilismo em face uma potencia estrangeira não percebem que a guerra já começou, de certa forma, pois os anglo-americanos enfrentam o ataque russo no Irã, na China, em Trieste, nos Dardanelos?

Moços do Brasil, a verdade é que vivemos a hora culminante da crise brasileira e mundial. Enfrentamos incertezas, perigos e ciladas. Não haverá tréguas nesta luta que o destino nos impõe. (...) O problema é repelir a invasão russa em nossa Pátria. Não seremos mais um campo de concentração da gestapo de Stalin.<sup>368</sup>

---

Antonio de Toledo Piza, também foi redator do jornal. Sobre esse periódico, ver CARNEIRO & KOSSOY (2003: 190-3).

<sup>367</sup> “A Candidatura Angelo Simões de Arruda”. Folha de jornal não identificado arquivada sob o código 24-J-2-40, em 07/01/1947. Não deixa de ser curioso notar que Arruda, tendo pertencido a AIB, trabalhou no Conselho Administrativo estadual, subordinado, pois, a Reale, durante o Estado Novo.

<sup>368</sup> ARRUDA, Angelo Simões de. “Apelo á mocidade de São Paulo irradiado pela Radio Difusora na véspera do Natal – II”. Folha de jornal não identificado arquivada sob o código 24-J-2-40, em 07/01/1947. O “líder melancólico” a que Arruda se refere é Luís Carlos Prestes.

Apesar do grande número de votos que os comunistas estavam na iminência de receber, o candidato do PRP ainda tinha esperanças, pois, para ele:

95 % dos que se dizem comunistas, não são comunistas. Não querem a escravidão totalitária soviética, nem a espoliação, nem o policialismo, nem o domínio russo, nem a ditadura stalinista. O que há é a inflação e o desespero que os líderes vermelhos parasitam cinicamente. A maioria é de bem intencionados, miseravelmente iludida pela organização modelar do PCB, num país onde os partidos costumam ser oligarquias ou ficções.<sup>369</sup>

Por isso, a importância das eleições daquele ano ia além da escolha de um governador e de uma assembleia legislativa: *“Está em jogo o destino da nação. O problema político colocado pelas eleições de 19 de janeiro é o seguinte: defender o patrimônio e o futuro de São Paulo do assalto dos aventureiros e dos nazi-comunistas [sic].*<sup>370</sup>

Após pintar nos comunistas brasileiros e do mundo o retrato mais diabólico possível, Arruda dá a solução de momento: votar no PRP, e confiar no seu líder.

Procurem, portanto, o movimento que mereça o vosso fervor e a vossa paixão, de moços, que corresponda à vossa cultura, e à vossa compreensão da época terrível que viveis.

Com inumeráveis companheiros de geração, preferi o P. R. Popular porque concilia a mentalidade cristã e democrática do nosso povo com os imperativos atuais de transformação e de justiça. Não vejo no cenário político maior figura humana, afirmação mais pura de consciência e de capacidade de luta do que o meu líder Plínio Salgado. O meu partido é um movimento corajoso, combativo, moderno, verdadeiramente democrático e trabalhista, aberto à cultura, em permanente vigilância pela defesa do Brasil.<sup>371</sup>

A candidatura de Angelo Simões de Arruda não parece diferir de um integralista/perrepista mediano. Muito ao contrário, ele parece ser um verdadeiro membro típico de seu partido, sobretudo ao utilizar seu poder de fogo contra os

---

<sup>369</sup> *Id.*

<sup>370</sup> *Id.*

<sup>371</sup> *Id.* A página onde foi publicado este discurso, provavelmente tinha sido paga pelo partido. Além da plataforma partidária, havia textos e notícias de forte teor anticomunista. Alguns exemplos: “Será derrotado em Pernambuco o candidato que for apoiado pelos comunistas”; “Por que Stalin mandou assassinar 90 % dos chefes e fundadores do Bolchevismo Russo, desde Trotzky até Bukarine?”; ou ainda “Um deputado comunista condenado a 6 anos de prisão como espião nazi-russo”, sobre caso ocorrido no Canadá.

comunistas em discurso eleitoral. O interesse do DOPS de manter informações sobre ele provavelmente jaz na questão de um mero controle, como de resto, parece repousar a investigação sobre o próprio PRP. Nesse sentido do controle de informações, acaba sendo conveniente para a polícia que também haja na folha de jornal indicada, um resumo biográfico do candidato - de resto citado com certa frequência na documentação da polícia política paulista – o qual possui, conforme já dito, uma biografia típica de um militante integralista/perrepista.

Assim como no período do Estado Novo, o DOPS, através de várias delegacias regionais, realizou um controle sobre as manifestações integralistas pelo interior do estado de São Paulo. A “*geopolítica do controle policial*”, conforme apontada por Brusantín (2003: 25) durante o Estado Novo, continua após a queda do regime autoritário. Assim, nas eleições de 1947, a polícia política estadual realizou um grande mapeamento das atividades do PRP.

Através de radiotelegramas enviados de diversas cidades do interior, os delegados locais informavam a respeito de comícios do Partido de Representação Popular em vários pontos do Estado. Vejamos, como exemplo, uma mensagem enviada pelo delegado regional de Jaú para o DOPS, no dia 7 de janeiro:

Comunico vossencia que ontem ás 20 30 horas vg na Praça da Matriz desta cidade vg realizou-se um comício de propaganda politica doutrinaria promovido pelo Partido de Representação Popular tendo decorrido na mais perfeita ordem pt Discursaram o deputado Gofredo da Silva Teles Junior vg Dr José Loureiro Junior e o acadêmico Genésio Pires de Arruda pt Ats Sds

Francolino Machado Filho

Deleg Adj Resp pelo Exp da Reg.<sup>372</sup>

---

<sup>372</sup> Radiotelegrama enviado pelo Delegado Regional de Jaú à Delegacia de Ordem Política e Social, São Paulo, 07/01/1947. Secretaria de Segurança Pública, Departamento de Comunicações e Serviço de Rádio Patrulha. Prontuário 72852 – “*Partido de Representação Popular*”. Grifo no original. Os textos são escritos originalmente em caixa alta (totalmente maiúsculas), transcritos aqui dessa forma por questões estéticas. Os radiotelegramas tinham o nome do partido sublinhado com lápis vermelho no corpo do texto, bem como também estava escrito em vermelho com letras grandes a sigla PRP, como que para uma rápida identificação. Nos comícios nos quais Plínio Salgado esteve presente, o nome dele também era sublinhado. Ver, por exemplo, radiotelegrama enviado pelo Delegado Regional de Ribeirão Preto à Delegacia de Ordem Política e Social, São Paulo, 13/01/1947. Secretaria de Segurança Pública, Departamento de Comunicações e Serviço de Rádio Patrulha. Prontuário 72852 – “*Partido de Representação Popular*”.

A maioria dos radiotelegramas enviados pelos delegados locais e regionais do interior continham mais ou menos esse conteúdo: horário e local dos comícios, nome dos oradores, eventualmente o conteúdo político-ideológico, além do fato de ter tido algum tipo de tumulto, comoção etc. Foram endereçados ao DOPS telegramas das seguintes cidades nessas eleições: Barretos, Bauru, Campinas, Piracicaba, Botucatu, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Araraquara e Marília. Assim como no tempo do Estado Novo, algumas dessas cidades tinham delegacias regionais que centralizavam informações que vinham de cidades menores mais próximas. Assim foi o caso de um radiotelegrama gerado na Delegacia Regional de Ribeirão Preto, que relatava sobre um comício do PRP ocorrido em Batatais:

No dia três do corrente mês vg o Partido de Representação Popular realizou na cidade de Batatais vg desta região vg um comício em praça publica vg que teve inicio as 20,30 horas mais ou menos pt Falaram os seguintes oradores: doutorando Francisco Spadaro Junior vg Dona Maria Aparicida [sic] Aleixo de Paula vg dr. Joaquim Aleixo de Paula vg candidato a deputado estadual pelo Partido vg encerrando o comício o sr. Guilherme Milani pt Os discursos versaram sobre propaganda do programa do Partido e de seus candidatos vg sendo o comunismo de bastante atacado vg como ideologia estranha pt tudo decorreu em ordem pt Atencs. sauds.

Jose Carlos Franco

Deleg. Reg. de Policia<sup>373</sup>

O DOPS recebeu ainda um radiotelegrama sobre comício suprapartidário realizado em Botucatu no dia 16 de janeiro. O foco central, nesse caso, era a Liga Eleitoral Católica (LEC), e tinha como oradores integrantes não só da organização católica e do PRP como de outros “*partidos não comunistas*”. O tema que os unia a todos era justamente o anticomunismo.

Comunico VS que ontem 15 vg as 20,30 hrs, na praça Olavo Bilac desta cidade, houve uma manifestação cívico-religiosa da Liga Eleitoral Católica local, em colaboração com os partidos não comunistas, tendo orado Benedito Luiz Sansson vg do Partido de Representação Popular, o qual espendeu elogios a proclamação ao eleitorado feita há dias pelo Exmo snr arcebispo de S. Paulo ptvg dr Rubens Torres, do P.S.D. e que falou sobre a origem e evolução do comunismo na Russia pt vg dr Joaquim do Amaral

---

<sup>373</sup> Radiotelegrama enviado pelo Delegado Regional de Ribeirão Preto à Delegacia de Ordem Política e Social, São Paulo, 08/01/1947. Secretaria de Segurança Pública, Departamento de Comunicações e Serviço de Rádio Patrulha. Prontuário 72852 – “*Partido de Representação Popular*”.

Gurgel, do P.R., dando sua solidariedade a manifestação cívico-religiosa ptvg monsenhor José Melhado de Campos, vigário capitular, o qual justificou a ação do clero em esclarecer o eleitorado, disse que o comunismo é ateu e materialista não podendo ter o apoio dos católicos como eles desejam, pedindo afinal que votem somente em católicos pt não houve anormalidade durante o mesmo pt

Sds – Ildefonso Pinto Nogueira  
Deleg Reg Policia<sup>374</sup>

Provavelmente na pressa ou pouco motivados diante de um trabalho tedioso, os organizadores dos prontuários eventualmente cometiam equívocos e se confundiam com as siglas partidárias. O delegado de Botucatu, Ildefonso Pinto Nogueira, registrou um comício do Partido Republicano Progressista, e a mensagem foi parar no prontuário do Partido de Representação Popular (ambos tinham a mesma sigla, PRP):

Comunico a V. S. que ontem as 17,30 se realizou um comício do Partido Republicano Progressista na vila de Victoriana neste município vg tendo falado por essa ocasião Vitorio Martorelli e Jose Damiao Pinheiro Machado vg ambos comunistas e que fizeram propaganda da candidatura Adhemar de Barros e candidatos a deputados do Partido Comunista pt Durante o mesmo não houve anormalidade pt

Saudações  
Ildefonso Pinto Nogueira  
Regional Policia<sup>375</sup>

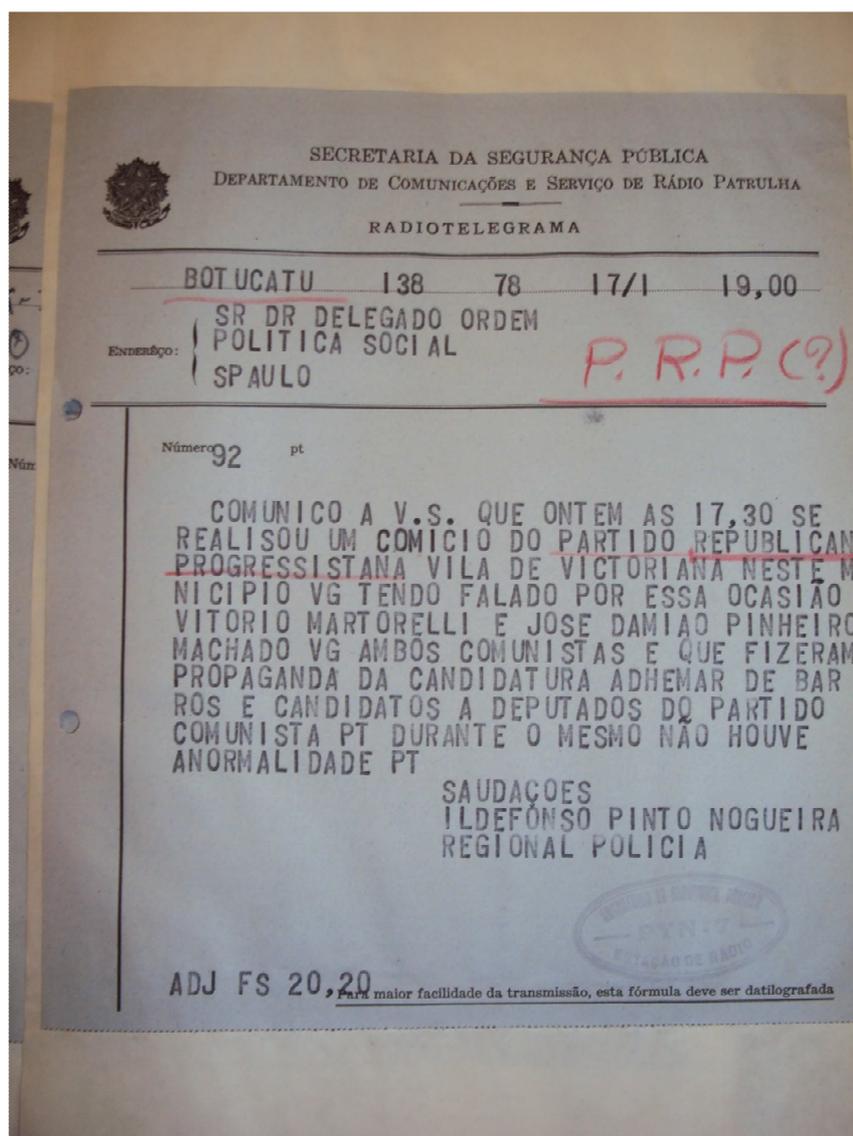
Assim, um comício de Adhemar de Barros, adversário do candidato Mario Tavares, e que tinha o apoio dos comunistas, foi parar no prontuário de um partido notadamente anticomunista. Na inscrição em lápis vermelho colocada em letras grandes com a sigla do partido, foi colocado um ponto de interrogação, demonstrando que a pessoa que organizou o prontuário ficou na dúvida sobre se era o mesmo partido: “P.R.P.(?)”.<sup>376</sup>

---

<sup>374</sup> Radiotelegrama enviado pelo Delegado Regional de Botucatu à Delegacia de Ordem Política e Social, São Paulo, 07/01/1947. Secretaria de Segurança Pública, Departamento de Comunicações e Serviço de Rádio Patrulha. Prontuário 72852 – “Partido de Representação Popular”. Grifo no original. O único nome grifado na mensagem é o da LEC. Apesar de a mesma estar em prontuário do PRP, a sigla escrita em vermelho em letras grandes é “L.E.C.” (e não “P.R.P.”).

<sup>375</sup> Radiotelegrama enviado pelo Delegado Regional de Botucatu à Delegacia de Ordem Política e Social, São Paulo, 17/01/1947. Secretaria de Segurança Pública, Departamento de Comunicações e Serviço de Rádio Patrulha. Prontuário 72852 – “Partido de Representação Popular”.

<sup>376</sup> *Id.* É possível que o delegado também tenha se equivocado quanto ao nome do partido. O Partido Republicano Progressista foi criado por Adhemar de Barros em setembro de 1945, mas se fundiu com o Partido Popular Sindicalista e o Partido Agrário Nacional para formar o Partido Social Progressista (PSP) já em 1946. Nesse momento, pois, o partido já se chamava PSP. Ver o verbete “Partido Republicano



**Ilustração Nº 12 – Rádiatelegrama do delegado regional de Botucatu com referência ao Partido Republicano Progressista. Prontuário 72852 “Partido de Representação Popular”.**

Sempre atentos às reuniões do partido na sede estadual, os agentes da polícia política paulista, também anotavam os preparativos e dificuldades da campanha dos integralistas. Muitos partidários, apesar do entusiasmo ideológico, simplesmente não se dispunham a sair à rua para fazer campanha. Quem presidiu a sessão da noite do dia 14, que contou com cerca de oitenta militantes, foi Eurico Guedes:

---

Progressista” no site do CPDOC-FGV: [www.fgv.br/cpdoc](http://www.fgv.br/cpdoc). Acessado em 23/10/2014. E quanto à presença dos comunistas, nesta eleição o PSP de fato se aliou ao PCB, pouco antes de este ser posto na ilegalidade. Sobre isto v. FRENCH (1995: 193-215).

A todos foi dada a seguinte palavra de ordem: “Trabalharem com afinco, na conquista de eleitores para o Partido”. (...)

Do Rio, o Partido recebeu 3.500 cartazes de dois tamanhos, litografados em vermelho e com os seguintes dizeres: - “Desperta e constrói a grandeza de tua Patria no Partido de Representação Popular”.

Referidos cartazes ficaram à disposição de 11 dos coordenadores para serem colocados nas paredes de diversos bairros da cidade, o mais urgentemente possível. Alguns, todavia, alegaram dificuldades, por ser necessário cola, brocha, escadas, etc.

Para casas com postos de cédulas, só se ofereceram três pessoas, isso mesmo longe da secções eleitorais.

Convocados todos para serem fiscais de mesas eleitorais, só aceitaram o convite 16 membros do Partido, sem nenhuma noção do assunto.<sup>377</sup>

E, dos que saíram em campanha numa dada madrugada, o DOPS acabou detendo quinze militantes, “*por estarem pixando [sic] fachadas de prédios, paredes e logradouros públicos, como também afixando cartazes em logares não permitidos, infringindo a Circular nº 29, do Exmo. Sr. Dr. Secretário de Segurança Pública e Ato Municipal nº 970, de 10 de dezembro de 1935*”.<sup>378</sup>

Apesar dos esforços empreendidos, o candidato Mário Tavares, apoiado pelos perrepistas não logrou êxito para chegar ao Palácio dos Campos Elíseos, ficando em terceiro lugar na eleição. Adhemar de Barros, apoiado pelos comunistas, foi o vencedor. O único candidato eleito do PRP foi o advogado José Loureiro Jr.<sup>379</sup>

Nesse mesmo ano de 1947, houve outra eleição, marcada para 9 de novembro, dessa vez para prefeitos e Câmaras Municipais (com exceção da capital paulista, onde o pleito foi somente para a eleição dos vereadores). Nesta, houve uma atenção menor por parte do DOPS, voltada quase exclusivamente para as atividades eleitorais dos integralistas na capital.

Uma das preocupações demonstradas pelos perrepistas, e que foi anotada pelo investigador Oscar Marcondes Vieira, era a “*fundação de sedes nos bairros e do estudo*

---

<sup>377</sup> “Comunicado preparado por S-OP”, São Paulo, 14/01/1947. 24-J-2-44.

<sup>378</sup> “Comunicado” (cópia). 14/01/1947, 24-J-2-43. Na relação do DOPS-SP, constam entre os 15 detidos dois professores e dois advogados.

<sup>379</sup> Não há documentos sobre o resultado da eleição na documentação analisada. A confirmação da eleição de Loureiro consegui em “Proclamado o governador de S. Paulo”, *Folha da Noite*, 11/03/1947, p. 3. Disponível em [acervo.folha.com.br](http://acervo.folha.com.br). Acessado em 06/11/2014.

*de problemas referentes a cada bairro que são de muita importância para as próximas eleições municipais*".<sup>380</sup>

Um dos poucos comícios observados pelo DOPS (que contou com nada menos do que dez investigadores<sup>381</sup>) foi um em São Miguel Paulista, na periferia paulistana. O comício contou com a presença de Cícero de Araújo Paula, que apresentou os candidatos do partido à eleição municipal; com agora deputado José Loureiro Jr, o qual fez o habitual discurso de ataque aos comunistas; e o presidente do partido, Plínio Salgado, ao qual o redator do relatório dedicou mais atenção:

[Salgado] Disse de início que, em vésperas de eleições, todos os partidos muito prometem e dificilmente cumprem, e que o Partido de Representação Popular é [o] único que cumpre o que promete. Passou depois a falar sobre a situação do país, dizendo que atualmente o Brasil atravessa um período difícil, estando em verdadeira decadência, em situação de perfeita miséria. Atacou o sr. Getúlio Vargas, culpando-o dessa situação.<sup>382</sup>

Na documentação analisada, não há praticamente nada sobre as eleições municipais no interior do estado, com exceção de uma relação de candidatos a vereador em Guaratinguetá, na qual consta somente os postulantes locais da União Democrática Nacional (onze candidatos) junto aos do Partido de Representação Popular (dez)<sup>383</sup>. É provável que haja em outros dossiês do DOPS, outros documentos sobre este pleito, mas acreditamos que tal documentação não faça maiores referências ao partido que aqui me disponho a estudar.

---

<sup>380</sup> "Atividades do P.R.P.: - Relatório do investigador OSCAR MARCONDES VIEIRA – Sub-Chefia de Pol. Ordem Política". São Paulo, 28/05/1947, 24-J-2-58.

<sup>381</sup> No relatório consta o nome de todos: Benjamin Antonio Carvalho Neto, Alberto I. Pinto Paca, Manoel Inocêncio de Araujo, Paschoal Sapienza, Antonio Perroti, Paulo Caluete Ribeiro, Paulo Carezato, Jacomo Labate, Waldomiro Mendes de Barros e Balthazar Lopes de Lima. "Comício do Partido de Representação Popular em Baquirivú – Relatório da Sub-Chefia de O. Política", dirigido a Manoel Ribeiro da Cruz, Delegado Especializado de Ordem Política. Prontuário 72.852 "*Partido de Representação Popular*".

<sup>382</sup> *Id.*

<sup>383</sup> "Relatório feito pela Sub-Chefia da Ordem Política. Relação dos candidatos a 'vereadores', apresentados pelos partidos da U.D.N. e do Partido de Representação Popular, sediados em Guaratinguetá". Arquivado no S.S. em 20/10/1947, 24-J-2-58. Apenas na relação dos candidatos do PRP constam as profissões dos mesmos: um "*contador bancário*", um estudante, um "*jornalista e professor*", um "*tipógrafo e esportista*", um "*fazendeiro e acadêmico de direito*", dois comerciantes, um "*agricultor e lente do Ginásio Nogueira Gama*" e dois contadores. *Id.*

Ao final, assim como no pleito estadual, os integralistas conseguiram fazer eleger um candidato seu na capital do Estado: João Carlos Fairbanks, que havia sido deputado estadual pela AIB em 1935 e teve então seu mandato interrompido pelo Estado Novo. O nome de Fairbanks aparece numa relação dos vereadores eleitos na capital paulista<sup>384</sup>. A posse da nova Câmara Municipal paulistana, a primeira eleita desde 1936, se deu no dia 3 de janeiro de 1948.

O resultado também parece ter sido favorável em várias partes do Estado, pois motivou os integralistas a realizarem um congresso estadual de vereadores do PRP, ainda no mês de janeiro. O DOPS-SP transcreveu uma notícia da *Folha da Manhã* sobre a realização do evento, que se daria numa nova sede estadual do partido, na Rua da Glória, 146, também no centro de São Paulo, sede que permaneceu ali por muitos anos.<sup>385</sup>

Como sempre, o DOPS mandou um investigador para acompanhar o conclave de vereadores, realizado inteiramente na tarde do dia 24 de janeiro. Como provavelmente se tratou da primeira vez em que o partido elege candidatos em cargos públicos dentro do Estado, a direção estadual do PRP achou que seria importante traçar algumas regras de como os vereadores perrepistas deveriam se comportar nas respectivas Câmaras Municipais, com o objetivo de consolidar, criar uma identidade comum e fazer o partido crescer. O congresso contou com cerca de quarenta vereadores e foi presidido por Ruy Albuquerque.

Esse cidadão fez sentir aos vereadores a necessidade dos mesmos se conduzirem com alto critério nas Camaras Municipais, afirmando, mesmo, “que só deveriam propor medidas que contassem com 80 % de probabilidades de serem aprovadas”. “Assim, - afirma o Dr. Ruy - as medidas que por circunstâncias políticas estivessem sujeitas à impossibilidade de aprovação, devem ser abandonadas pelos verdadeiros populistas”. O objetivo - afirmou também o Dr. Ruy - “é tornar o Partido de Representação Popular mais forte, pois se os vereadores populistas lograram vêr seus projetos sempre aprovados, evidentemente correligionários de outros partidos virão engrossar as fileiras do PRP”.

---

<sup>384</sup> “Relação dos Vereadores Eleitos na Câmara Municipal de São Paulo”, assinado por Doracy Francisco da Silva. Na relação constam os vereadores e seus partidos: 17 eram do PSP (partido de Adhemar de Barros), 7 da UDN, 4 do PSD, 4 do PTB, 4 do PDC (entre eles, o então iniciante Jânio Quadros), 3 do PR, 3 do PTN, 2 do PSB e 1 do PRP. São Paulo, 03/01/1948, 24-J-2-59.

<sup>385</sup> “O jornal “Folha da Manhã” publica [em] 24-1-1948 [sob o] título Convenção dos vereadores paulistas do ‘P.R.P.’”. “Boletim D.O.P.S.” enviado ao Arquivo do “SS”. Arquivado em 24/01/1948, 24-J-2-60. Na lateral há um carimbo escrito “SS- Seção de recortes”.

Aconselhou ainda grande calma aos vereadores e absoluta obediência aos poderes constituídos, afirmando, mesmo, “que na época em que vivemos só o voto deve ser a arma usada pelos integralistas”, salientando que os comunistas se incumbirão, dentro em breve, de provar que os meios violentos para a tomada do poder estão fadados a fracasso certo.

Fez um apelo para que todos os diretórios do Interior tivessem sede e organização e se esforçassem no sentido de angariar fundos para o Diretorio Nacional, “que se encontra em estado de penúria”.

Falou em seguida o DR. JOÃO CARLOS FAIRBANCKS [sic], vereador eleito pelo PSD [sic], que discorreu por mais de uma hora, sempre sobre assuntos de ordem técnica, tais como organização das Camaras, serviços de agua e exgotos, calçamento, etc.

A nota pitoresca da reunião foi a expressão “integralistas”, usada constantemente pelo Dr. Albuquerque, em vez de “populistas”.<sup>386</sup>

Mais uma vez fica evidente aqui a nova estratégia dos integralistas no pós-guerra de - ao contrário de antes do Estado Novo, quando o movimento tinha um direcionamento de caráter fascista e antiliberal – indicação de que os vereadores do PRP teriam que ter não apenas uma convivência harmoniosa com outros partidos políticos (contra os quais a AIB era veementemente contra), mas ainda que os edis deveriam ter certeza que suas proposições seriam aprovadas, para que fossem melhor aceitos no jogo político de então. De acordo com Gilberto Calil:

As alianças eleitorais e parlamentares com todos os partidos (à exceção do comunista e do socialista) eram parte da nova orientação. Em outras palavras, o abandono da radicalidade de seu projeto político foi o preço que os integralistas pagaram por uma inserção harmônica no sistema partidário. A vida institucional deste momento não dispensava uma ampla política de alianças – impensável na Ação Integralista Brasileira -, o exercício de mandatos parlamentares e de cargos no executivo em aliança com os diversos partidos, e possibilitava que o partido detivesse algumas prefeituras (CALIL, 2001: 120).

Ainda no discurso de Albuquerque anotado pelo agente, não deixa de chamar à atenção a estratégia de pedir “*grande calma*” aos vereadores do PRP, na “*absoluta obediência aos poderes constituídos*”, enfatizando que a “*única arma usada pelos integralistas deve ser o voto*”. Fica evidente aqui o possível desalento de alguns integralistas mais radicais, que talvez não se conformassem com a mudança de estratégia para os novos tempos. Afinal, “*os meios violentos para a tomada de poder*”, outrora justificados pela AIB, “*estão fadados a fracasso certo*”, pois só poderiam,

---

<sup>386</sup> “Congresso dos Vereadores Populistas, realizado à Rua da Glória 146.” São Paulo, 26/01/1948, 24-J-2-62 e 63. Grifos no original.

naquele momento, ser usados pelos comunistas, seus eternos arquiinimigos, de acordo com o orador integralista.

No que toca ao ponto de vista do DOPS é evidente que tal diretiva é geradora de grande alívio, pois além de continuarem assegurando o seu anticomunismo, a renúncia à violência e a aceitação das normas parlamentares garantiria que os integralistas não gerariam dores de cabeça à ordem instituída como no passado recente.

Além disso, chama a atenção o estranhamento do agente quando o orador do evento se refere aos participantes do conclave como “integralistas” e não “populistas”, já que se tratava do Partido de Representação Popular, o que mostra o pouco conhecimento do agente policial em relação ao passado político recente do país. Segundo um ex-investigador do DOPS, o despreparo e o desconhecimento generalizados imperavam entre os agentes da polícia política paulista: “*as pessoas não eram preparadas especialmente para esse trabalho de investigador (...), a maioria não tinha nem ginásio (...) e os investigadores mais velhos eram quase semi-analfabetos*”<sup>387</sup>.

Os períodos eleitorais estavam entre os momentos mais investigados pelo DOPS. Estas eram as ocasiões de maior vitalidade e mobilização do sistema partidário, o que aumentava sua visibilidade social, permitindo analisar a movimentação espacial e social de seus membros e candidatos, bem como suas tendências políticas e de aliança, assim como suas perspectivas de poder.

## **2.6 – O I Congresso dos Estudantes do PRP**

A juventude<sup>388</sup> e, de um modo particular, os estudantes, foram sempre um dos principais alvos propagandísticos do integralismo, desde os anos 30. Mais que isso, inúmeros estudantes, sobretudo os bacharelados de direito, estiveram entre seus adeptos mais aguerridos. Vários de seus líderes e militantes destacados começaram no

---

<sup>387</sup> Depoimento de Miguel Ângelo Prado Marcondes a Viviane Teresinha dos Santos, em 1997 (SANTOS, 2008: 96).

<sup>388</sup> Sobre a questão da juventude nos vários períodos do integralismo, ver CARNEIRO (2011).

movimento ainda como universitários, como Miguel Reale, José Loureiro Jr., Angelo Simões de Arruda, Antonio de Toledo Piza, na Faculdade de Direito de São Paulo. Em outubro de 1934, foi fundado o núcleo integralista da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, por entre outros, Herberto Dutra, A. B. Cotrim Neto e Aben-Attar Neto<sup>389</sup>. O principal polo impulsionador da AIB no Nordeste em seus inícios foi a Faculdade de Direito do Recife, com Andrade Lima Filho, Álvaro Lins e José Carlos Dias<sup>390</sup>. Em 1935, foi criado o Departamento Nacional Universitário da AIB. No ano seguinte, os integralistas realizaram um congresso de estudantes em São João Del Rey (MG).

No Partido de Representação Popular não foi diferente. Desde as primeiras reuniões, destacavam-se os estudantes, não só universitários como, eventualmente, secundaristas (alunos que correspondem aos do atual Ensino Médio). Assim como no período anterior, os integralistas se dispuseram a organizar esse segmento. Da mesma forma que os outros partidos já o haviam feito, os populistas/perrepistas/integralistas também tinham a intenção de desenvolver sua ala estudantil. E a primeira coisa a fazer foi organizar um congresso nacional de estudantes. O Congresso foi marcado para os dias 1º a 4 de julho de 1948, na cidade de Campinas.

A importância desse congresso para os integralistas do pós-guerra é enorme. Segundo um ex-líder estudantil do PRP, Gumercindo Rocha Dórea, essa foi a semente da “terceira geração integralista”, sendo a primeira, a dos militantes da AIB e a segunda, a dos membros “adultos” do PRP. A terceira geração, consolidada em 1952, com a criação da Confederação dos Centros Culturais da Juventude (mais conhecida como “Movimento Águia Branca”) seria a que manteria a existência do integralismo, caso o PRP fosse fechado, como acontecera anteriormente com a AIB.<sup>391</sup>

---

<sup>389</sup> “Seção Universitária – O Núcleo Integralista da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro – Os Fundadores – Os Estatutos”. *A Offensiva*, 25/10/1934. Republicado em *Enciclopédia do Integralismo*, vol. IX (s/d: 160–167).

<sup>390</sup> “O Manifesto de Recife”. *Anauê*, janeiro de 1935, sem indicação de página.

<sup>391</sup> Depoimento de Gumercindo Rocha Dórea a este autor em 23/12/2014, São Paulo. Dórea foi presidente da Confederação. Em 1956, criou uma editora, a GRD, e tem publicado obras integralistas até hoje, com curtas tiragens. Ele esboça essa visão de três gerações na sua *Enciclopédia do Integralismo* (veja-se, por exemplo, o prefácio a um dos volumes, “Nota inicial”, volume VIII, [1959]: 7-9), uma de suas principais obras. Sobre Dórea e a GRD, v. CHRISTOFOLETTI (2010). Márcia Carneiro (2011: 221), diferentemente, afirma que os estudantes vinculados ao PRP fariam parte da “segunda geração” integralista, junto com os demais membros do partido. A terceira geração seria, em sua visão, “a que surgiria a partir da morte de Salgado” (1975).

Um ano antes do congresso, em 1947, ocorreu um Conclave dos Estudantes Populistas no Rio de Janeiro, “*que fixou os planos para o Congresso deste ano [1948]*”. Neste conclave, inclusive, foi preparado um “Código de Ética do Estudante”, profusamente difundido então e depois, e do qual o DOPS recolheu cópias. O código, formado por quarenta preceitos de como deve se portar na vida pública o estudante vinculado ao partido, era considerado “*a síntese perfeita de uma vida estudantil exata, fundada na realidade da própria existência e não em elucubrações metafísicas que ficassem depois jazendo no papel*”.<sup>392</sup>

No primeiro semestre de 1948, a máquina partidária se pôs em marcha para divulgar e promover o congresso. Em abril, o jornal *O Populista*, órgão oficial do PRP no Distrito Federal, publicou uma convocatória com instruções para participação do evento.<sup>393</sup>

Buscando mobilizar os estudantes do Estado, a Secretaria Estadual de Arregimentação de Estudantes do partido fez convocatórias em algumas cidades, como Piracicaba. Ali, no dia 29 de maio, o diretório municipal do partido convidou o alunato local para uma sabatina no Teatro Santo Estevão, um dos principais da cidade. Uma caravana de estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, vinculados à Secretaria Estadual de Arregimentação dos Estudantes do PRP, veio especialmente para a sabatina. Panfletos distribuídos por toda a cidade e anúncios nos jornais locais divulgaram o evento.

Estudantes de todas as escolas, quereis resolver vossas dúvidas em relação ao programa e a personalidade do Partido de Representação Popular? Eis chegada uma esplendida oportunidade. Oradores dos mais brilhantes e de reconhecidos predicados aqui estarão para atender a todas as perguntas que vós, estudantes lhes quiserdes fazer.<sup>394</sup>

---

<sup>392</sup> PEREIRA Filho, Genésio. “As vésperas do 1º Congresso”. *O Arauto* (Órgão da Secretaria Estadual de Estudantes do PRP de São Paulo), junho de 1948, nº 1, p. 3. Há dois exemplares do “Código de Ética do Estudante” anexados no dossiê 24-J-2, sem numeração.

<sup>393</sup> “Congresso de julho de 1948 – Instruções aos estudantes cariocas”. *O Populista*, abril de 1948, nº 5, p. 4. Além dos estudantes regularmente matriculados em instituições de ensino, “*todos aqueles que hajam terminado, no máximo, há dois anos o Curso Superior, são considerados estudantes e, portanto, podem tomar parte ativa do Congresso.*” Id.

<sup>394</sup> “Estudantes de Piracicaba – A postos”. Folheto anexado no dossiê 24-J-2, sem numeração.

O grupo de estudantes vindos da capital foi recebido não só por membros do Diretório local do PRP, como ainda pelo líder da bancada da UDN na Câmara Municipal, “*que representou o sr. Prefeito Municipal e em automóvel da Prefeitura transportou para o Grande Hotel, ex-Roxy-Hotel, parte da caravana.*”<sup>395</sup> Apesar disso, a sabatina não ocorreu, pois não apareceu nenhum estudante da cidade no horário marcado.

O Congresso seria uma espécie de vetor geracional no qual os jovens vinculados ao PRP de todo o país veriam e compreenderiam os problemas brasileiros de acordo com a visão do partido e da doutrina integralista. Assim, estaria lançada a semente das futuras gerações integralistas que, esperavam seus dirigentes, viriam a governar o país. Isso se daria através da:

“(...) apresentação e discussão de teses sobre os mais relevantes problemas brasileiros. Pretendem, com isso, os estudantes populistas, formar na mocidade patricia um verdadeiro espírito público, criando centros de interesses nos diversos ramos das atividades culturais, capazes de afastar os jovens, que devem ter no futuro um papel a desempenhar no país, da hoje tão lamentável e generalizada apatia ou indisposição para os assuntos superiores às preocupações partidárias, atraindo-os para uma vida de sadio idealismo em que se forjarão as personalidades que tanto o Brasil precisa para sobreviver.”<sup>396</sup>

No mês anterior ao Congresso, foi lançado o jornal *O Arauto*, órgão oficial da Secretaria Estadual dos Estudantes do PRP de São Paulo, com quatro páginas, e com quase todas as suas matérias para divulgação do evento. A redação do jornal era na própria sede estadual do partido e sua equipe era quase que totalmente composta por membros da comissão organizadora do congresso.<sup>397</sup>

---

<sup>395</sup> “Relatório do Investigador 788 – D.O.P.S. – Obj.: Partido de Representação Popular – Conferência do Deputado Estadual Dr. José Loureiro Junior no Teatro Santo Estevão”. Piracicaba, 31/05/1948. O PRP se aliou à UDN na eleição municipal do ano anterior, na cidade.

<sup>396</sup> “1º Congresso Nacional do Estudante Populista – Convite”. Anexado em 24-J-2-79.

<sup>397</sup> “O Arauto (Órgão da Secretaria de Estudantes de S. Paulo)”. *O Arauto*, junho de 1948, p. 2. O diretor do jornal era José Dias Pacheco, estudante da Faculdade de Direito da Universidade Católica (uma das unidades que formará mais tarde a PUC-SP) e membro do conselho municipal do PRP na capital paulista. O conselho de redação era formado por sete outros componentes, a maioria de universitários, e membros do conselho municipal paulistano do partido. “Estudantes populistas”. *O Arauto*, junho de 1948, p. 3. A edição que citamos aqui está anexada no dossiê 24-J-2 (pasta 1), sem numeração.

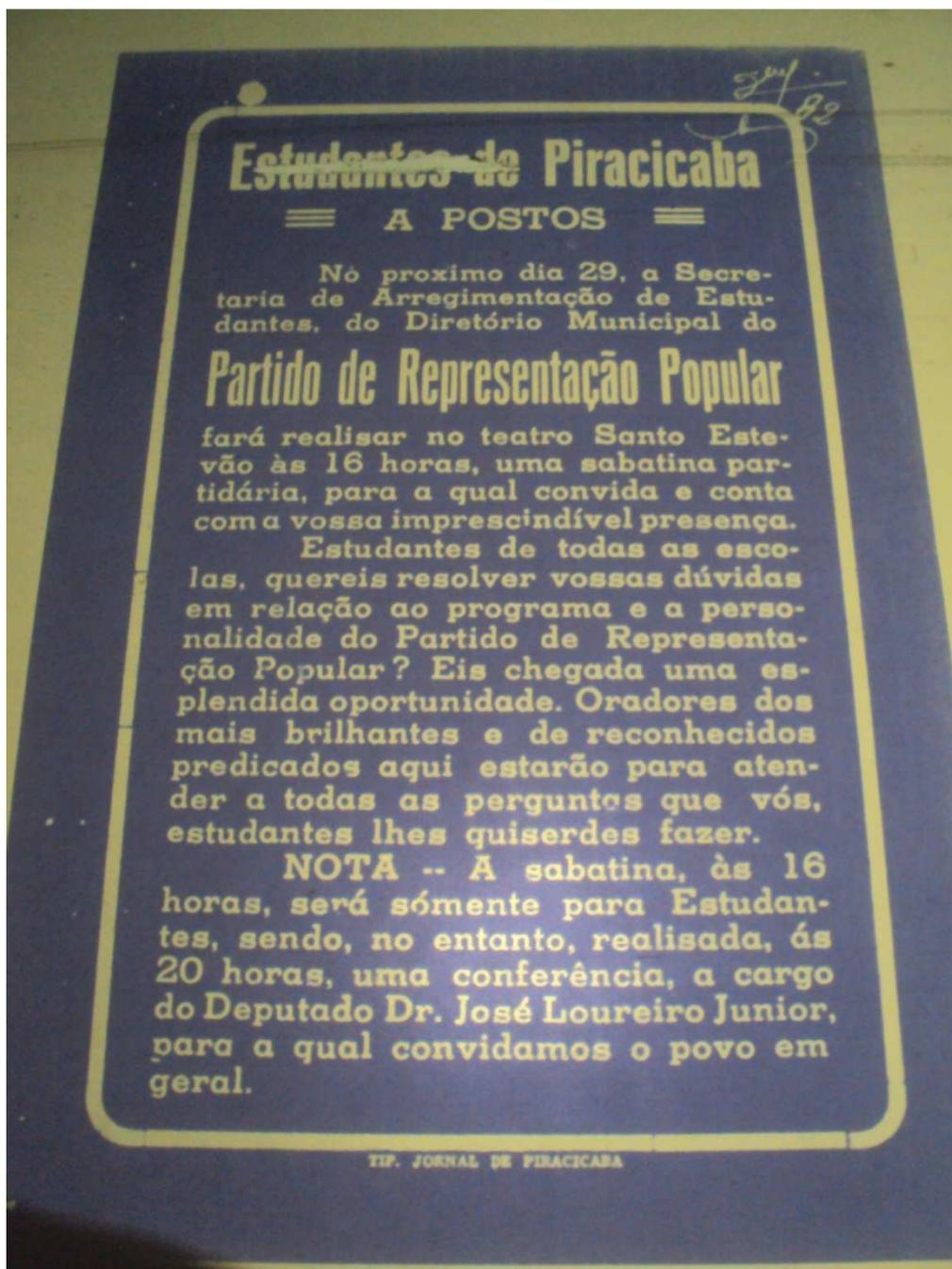


Ilustração N°13 – Folheto do PRP distribuído em Piracicaba, maio de 1948. Dossiê 24-J-2 (pasta 1). Microfilme.

Na primeira página, o jornal já divulga, de forma entusiástica, qual a sua missão, totalmente vinculada à ideologia integralista:

Este pequeno jornal é o depoimento de uma nova geração de moços. De moços que decidiram reagir contra um estado de coisas incompatível com as tradições de luta da mocidade brasileira. De moços que resolveram romper em definitivo com o indiferentismo desfibrador que corroi a alma da nossa juventude. De moços que se ergueram em torno de um ideal sublime empunhando a bandeira de salvação nacional! Esse ideal é a doutrina nacionalista, brasileiríssima e cristã de PLÍNIO SALGADO! E a bandeira chama-se PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR!<sup>398</sup>

Também na página de rosto, um artigo de saudação de Plínio Salgado, presidente nacional do partido, aos congressistas, no qual deposita toda sua esperança em torno dos estudantes de seu partido contra os males que afligiriam o país de então, o que mostra a importância do congresso para o partido:

Dir-vos-ei em poucas palavras, às vésperas da reunião da grande assembléa de Campinas, à qual deverão comparecer delegações de estudantes de todo o Brasil. Nesta hora tão triste para a Nacionalidade, representais a Esperança que não morre, o anúncio do Futuro a garantir que a Patria subsistirá. Sois a Permanencia e a Sobrevivencia. A Permanencia dos valores tradicionais da Nacionalidade. A Sobrevivencia das energias puras do Brasil. Sois a Tradição e a Renovação. A Tradição da grandeza do Passado, a Renovação constante sem a qual a Tradição é uma coisa morta. Caiu sobre o Brasil a imensa melancolia dos desiludidos, a indiferença dos egoístas, o desânimo dos que se deixaram abater á beira do caminho, o desespero dos revoltados e o terror dos covardes. Mas vós surgis com a alegria dos que têm Fé, a nobreza dos altruístas, o esplendor dos combatentes irreduzíveis, a esperança dos idealistas, a coragem dos fortes.<sup>399</sup>

E conclui em tom apoteótico e grandiloquente:

Eu vos felicito pelo Congresso. Ele influirá na vida nacional e terá repercussão continental. Homens novos da América, ofereceis uma Bandeira ao Novo Mundo. Atingireis aquela universalidade que procede das raízes profundas de um povo especificamente diferenciado para cumprir uma missão na Historia. Eu vos saúdo, estudantes populistas, como saúdo no Vosso Congresso a própria imagem do Brasil que sonho há tantos anos e que um dia, por vosso esforço, inevitavelmente se realizará.<sup>400</sup>

O jornal também divulgou uma imagem de grande expectativa nos preparativos do congresso em vários pontos do Estado:

---

<sup>398</sup> ACADEMICUS. “Mais uma tribuna de brasilidade”. *O Arauto*, junho de 1948, p. 1. Maiúsculas no original.

<sup>399</sup> SALGADO, Plínio. “Palavras ao Congresso de Estudantes Populistas”. *O Arauto*, junho de 1948, p. 1.

<sup>400</sup> *Id.*

No interior reina o maior entusiasmo. Quase todas as grandes cidades enviarão representações. Encontram-se a postos as delegações de Jaú, de Araraguara [sic], de Piracicaba, de [São José do] Rio Preto, de Taubaté, de Ribeirão Preto e outras cidades progressistas, preparando ativamente as diversas comissões.

Além da comissão encarregada do estudo e da apresentação de teses sobre o Petróleo, outras existem, às quais estão afetas outras questões de grande importância. Na sede do P. R. P. da capital, movimentam-se diuturnamente grupos de estudantes, trabalhando com entusiasmo. Pelo interior tem saído nos últimos meses muitas caravanas de acadêmicos, doutrinando e pregando as idéias básicas que nos inspiram e arrematando os colegas de todos os municípios para o próximo congresso.<sup>401</sup>

Como já era hábito nos eventos integralistas, este também atraiu opositores, que fizeram considerável campanha contrária à realização do congresso de estudantes. Nos documentos presentes no dossiê do PRP, podemos vislumbrar uma verdadeira batalha de folhetos entre opositores e defensores da realização do congresso de estudantes, recolhidos nos dias que antecederam ou ao longo da realização do mesmo.

A sucessão de panfletos e folhetos apreendidos pelo DOPS-SP nos dias anteriores ao congresso nos permitiu, a despeito de suas intenções de cerceamento das liberdades (ou exatamente por conta delas), reconstituir parte do debate público ocorrido em torno do Congresso de Estudantes do PRP de uma forma relativamente simples que, de outro modo, nos obrigaria a procurar documentos de tendências divergentes em arquivos diversos.<sup>402</sup>

O mote principal dos opositores do congresso estudantil é a insistência na equivalência do integralismo com o nazismo, mesmo anos depois do fim da II Guerra Mundial. Termos como “traidores” e “quinta-colunas” também retornaram para qualificar os ex-camisas-verdes. Por exemplo, num dos panfletos pode-se ler em cabeçalho:

---

<sup>401</sup> “Vibra a Mocidade Populista á vespera do seu 1º Congresso”. *O Arauto*, junho de 1948, p. 3.

<sup>402</sup> O interesse do DOPS no conteúdo dos panfletos está diretamente relacionado às tentativas da polícia de controle social e, nesse caso específico, do debate público. Quanto a importância social dos folhetos ou panfletos, estes se tornaram comuns, sobretudo, a partir do século XVIII, quando a difusão das ideias se desprendia de ambientes aristocráticos e fechados como cafés, academias e livrarias: “*Sob a forma manuscrita ou impressa, os panfletos transformaram-se em instrumentos eficazes de promoção do debate e, mais ainda, da ampliação de seu alcance, graças à prática da leitura coletiva em voz alta. Surgia a possibilidade de intervenção do indivíduo comum na condução dos destinos coletivos*” (CARVALHO; BASTOS; BASILE, 2012: 9).

O integralismo é a alma da 5ª Coluna, o braço direito do imperialismo e a brigada de choque da reação contra os tralhadadores [sic] e o povo em geral.  
A realização do Congresso Nacional dos Estudantes Populistas em Campinas, é uma cínica afronta aos brios patrióticos dos campineiros que não se esqueceram o heroísmo e o sacrifício da gloriosa F. E. B.<sup>403</sup>

Logo abaixo, uma série de três citações ao “Livro Azul”, documento do Departamento de Estado norte-americano que divulgou os contatos de espões sul-americanos com o Eixo e seus aliados. As citações, retiradas da imprensa brasileira, mencionavam relações secretas que integralistas tiveram em Buenos Aires com militares argentinos, intermediários de interesses dos nazistas na América do Sul. Segue uma delas:

#### REVELAÇÕES DO “LIVRO AZUL”

Washington, 13 (U.P.) – O “Livro Azul” editado pelo Departamento de Estado faz a sensacional revelação de que os coronéis Perón e Gonzales combinaram com o comandante Jaime Ferreira da Silva, emissário especial do Dr. Raimundo Padilha, o seguinte:

- a) – A Argentina transmitirá pelo rádio propaganda eixista em português especialmente dirigida ao Brasil;
- b) – O adido militar argentino no Rio de Janeiro seria substituído por outro em condições de prestar maior colaboração;
- c) – Seriam estabelecidas boas relações entre o novo adido militar e o Dr. Raimundo Padilha;
- d) – A transmissão de mensagens em código, pelas vias diplomáticas;
- e) – O estabelecimento no Rio de Janeiro, de um agente secreto civil argentino, aparentemente amparado pela Camara do Comércio Argentina e;
- f) – O Manifesto da Propaganda da Alemanha seria informado de que um dos meios mais eficientes que podiam ser empregados pela emissora alemã era de informar, pela difusora nazista que os afundamentos de navios-mercantes brasileiros não teriam sido obra de submarinos alemães.<sup>404</sup>

Assim, a pecha de colaboradores dos nazistas continuava, anos depois da reinserção dos integralistas na vida política brasileira, e inclusive após a eleição de membros do PRP para cargos públicos, ainda mantendo a circularidade que adquiriu ao longo do Estado Novo, tendo essa imagem atualizada perante a população pelos seus adversários políticos (VICTOR: 2013).

---

<sup>403</sup> Folheto anexado no dossiê 24-J-2 (pasta 1). Apesar de não ter uma codificação padrão de classificação, há um número anotado no campo superior direito do folheto: “99”.

<sup>404</sup> *Id.* A fonte imediata que o folheto citado dá para as notícias referentes ao Livro Azul nele transcritas é a edição de 25/06/1948 do jornal campineiro *Diário do Povo*. Sobre a questão das relações de agentes integralistas na Argentina durante a II Guerra Mundial, ver COSTA (2004).

Um panfleto integralista distribuído por ocasião do evento procurou, sem responder às acusações feitas, combater essa imagem de colaboracionismo com afirmações e a supervalorização da presença de integralistas nas tropas da FEB durante a guerra na Europa.

Brasileiro! Você sabia...

Que o bravo Gerson de Macedo Soares, comandante do patrulhamento do Atlântico na luta contra o Eixo, é integralista?

Que muitos outros valorosos oficiais, sub-oficiais, sargentos e marinheiros, que integram aquele patrulhamento, são integralistas?

Que os comandantes dos navios “Araraquara”, “Bagé”, “Itagiba”, “Baependi” e “Cabedelo”, torpedeados pelos alemães, eram integralistas?

Que, além desses, em vários outros navios torpedeados, inúmeros membros das tripulações e passageiros mortos, eram integralistas?

Que Frei Orlando, único capelão brasileiro morto nas operações da Itália, era integralista?

Que entre os que foram condecorados, por atos de bravura, nas fileiras da FEB, vários são integralistas?

Que no cemitério de Pistóia jazem 27 patrícios, que eram integralistas?

Que logo após nossa declaração de guerra ao Eixo, Plínio Salgado determinou do exílio aos seus companheiros telegrafassem ao Chefe de Governo colocando-se à disposição para defesa da Pátria, sendo o único Chefe de Partido que teve êsse gesto?<sup>405</sup>

No mesmo panfleto de resposta, os perrepistas não perderam a oportunidade de, ao mesmo tempo em que se vitimizavam, atacar os seus velhos desafetos comunistas, supostamente autores do folheto contrário ao congresso.

Que as calúnias que se espalham sobre o integralismo e os seus chefes obedecem a uma ordem do Komintern, datada de 1936, em documento que já foi publicado e consta do livro “O integralismo perante a Nação”?

(...) Que há brasileiros que, de má fé ou inconscientemente, negam o patriotismo desses patrícios, cuja finalidade é servir a Cristo e ao Brasil?<sup>406</sup>

---

<sup>405</sup> “Brasileiro! Você sabia...”. Folheto anexado no dossiê 24-J-2 (pasta 1). O número anotado no campo superior direito do folheto é 110.

<sup>406</sup> *Id.*



Ilustração Nº14 - Folheto de autoria de estudantes contrários ao congresso estudantil do PRP, assinado por representantes de várias entidades de ensino do estado. 24-J-2 (pasta 1). Microfilme.

Os opositores à realização do congresso de estudantes do PRP também divulgaram sob a forma de panfleto um protesto dos centros acadêmicos das instituições de ensino da capital. O protesto também foi publicado nas páginas da grande imprensa.

Ao povo de São Paulo – Os estudantes paulistas vêm a público definir a sua posição diante do **pseudo** I Congresso Nacional de Estudantes patrocinado pelo Partido de Representação Popular, a realizar-se na cidade de Campinas nos primeiros dias de julho; I – Surpreendidos com a propaganda de cartazes levada a efeito por aquele partido, temos a declarar não caber, em hipótese alguma, autoridade àquela agremiação partidária para realizar quaisquer congressos de estudantes, atribuição exclusiva, em se tratando de congresso nacional, do órgão máximo da classe universitária, que é a União Nacional dos Estudantes;

II – Tendo em vista que tal medida poderá causar desagradáveis confusões no espírito popular, esclarecemos que a nossa entidade, a UNE, fará realizar o seu XI Congresso na segunda quinzena de julho próximo, na Capital Federal;

III – Aproveitamos o ensejo para reafirmar o nosso repúdio a qualquer extremismo e mais uma vez manifestar a nossa confiança inabalável no regime democrático, único compatível com a dignidade humana.<sup>407</sup>

Dessa vez adotando a estratégia de não atacar ou polemizar, nem invocar sentimentos anticomunistas, os integralistas também responderam a esse manifesto através de um comunicado que foi divulgado em seu órgão estudantil, *O Arauto*. O conteúdo da resposta foram as diferenças entre o congresso patrocinado pelo PRP e os congressos habituais da UNE, e o tom foi conciliador.

A Comissão Organizadora do I Congresso Nacional do Estudante Populista, com a maior consideração e acatamento aos srs. Presidentes dos Centros Acadêmicos, pedelhes a atenção para os seguintes esclarecimentos:

1º) – O Congresso Nacional de Estudantes Populistas não pretende representar o totalidade [sic] da classe, mas apenas os estudantes pertencentes ao Partido de Representação Popular, pois o próprio título do Congresso, em que se inscreve o nome do Partido, claramente o demonstra; nessas condições, não há motivos para que a União Nacional de Estudantes, tão respeitável pelos serviços que vem prestando à classe e também pelos seus sentimentos democráticos veja em nossa atitude qualquer intuito de invadir-lhe as atribuições ou prejudicar as suas elevadas finalidades, que merecem dos estudantes populistas o mais sincero apoio.

2º) – No I Congresso Nacional do Estudante Populista não se irão debater os assuntos que pertencem com exclusividade à União Nacional dos Estudantes, como órgão representativo da classe; o que vai ser objeto dos nossos trabalhos são as teses

---

<sup>407</sup> “Protestam os Centros Acadêmicos contra o Congresso Estudantil do PRP – Veemente Manifesto dirigido ao Povo de São Paulo”. Folheto anexado no dossiê 24-J-2 (pasta 2). O grifo é do original. O número anotado no campo superior direito do folheto é 106. Encabeçando a lista de 21 presidentes e representantes dos CAs, estava Rogê Ferreira (1922-1991), do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP. Ferreira era filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e alguns anos depois tornou-se presidente da UNE. O texto foi transcrito da edição de 28/06/1948 da *Folha da Noite*.

puramente especulativas sobre os problemas basicos do Brasil, relacionados com a GEOGRAFIA, a GEOLOGIA, a ETNOGRAFIA, a FORMAÇÃO SOCIAL, a FOMAÇÃO [sic] JURIDICA, a FORMAÇÃO FILOSOFICA E CULTURAL, a ECONOMIA, as COMUNICAÇÕES E OS TRANSPORTES, a ASSISTENCIA SOCIAL, a EDUCAÇÃO, a LITERATURA e as BELAS ARTES. O Congresso é essencialmente de estudos e estamos certos de que, assim procedendo, só merecemos elogios dos dignos Presidentes dos Centros Academicos, cuja cultura e espirito democrático não poderão deixar de reconhecer nossos legítimos direitos de reunião e as nossas intenções patrióticas.

3º) – O I Congresso Nacional de Estudantes Populistas não tratará absolutamente de politica partidária, mas exclusivamente das teses relacionadas com as matérias do temario e pondo de lado qualquer cogitação de ataque ou atitudes agressivas contra os outros Partidos do país.

4º) – Os estudantes populistas, de pleno acordo com os dignos Presidentes dos Centros Academicos, também repudiam todas as formas de extremismo e totalitarismo de Estado, sustentando os direitos do Homem, entre os quais incluem, a liberdade de pensamento, de escolha de Partido, e de reunião, sem coação ou impedimentos consoante as normas constitucionais do País.

A Comissão Organizadora está convencida de que, feitos estes esclarecimentos, os dignos Presidentes que se manifestaram com as suas compreensíveis dúvidas, serão agora os primeiros a aplaudir-nos, dando-nos o seu valioso apoio, dentro do espirito de camaradagem com que também lhes manifestamos o nosso apreço.

São Paulo, 27 de julho [sic] de 1948.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO CONGRESSO<sup>408</sup>

Outros dois panfletos mostram o posicionamento de políticos de outros partidos em relação ao evento. Um manifesto com a assinatura de dezesseis vereadores da Câmara Municipal de Campinas, pertencentes a quatro partidos diferentes, protestava contra o “*ressurgimento do integralismo*”.

Ilmo. Sr. Presidente da Camara Municipal de Campinas

A Camara Municipal de Campinas, vem a publico alertar a classe estudantina e ao povo em geral que, a sombra do Congresso Nacional de estudantes do P.R.P., os integralistas sob a chefia de Plinio Salgado procuram se reorganizar para novas traições a Pátria.

[...]

Sala das Sessões, em 19 de Junho de 1948.<sup>409</sup>

---

<sup>408</sup> “O Congresso de Estudantes Populistas em Campinas”. *O Arauto*, junho de 1948, p. 2. O texto foi incorretamente datado como de julho.

<sup>409</sup> Panfleto “Brado de alerta ao ressurgimento do integralismo.” Anexado no dossiê 24-J-2 (pasta 1). O número anotado no campo superior direito do folheto é 114. Os vereadores que assinavam o manifesto pertenciam ao PTB (6 vereadores), PSP (5), PSD (4) e PTN (1). Entre os vereadores do PTB, pelo menos três haviam pertencido ao PCB, quando da legalidade do partido: Djalma Moscoso, Armando Ferreira dos Santos e Vera Pinto Teles (v. SANTOS: 2003). Segundo informação do próprio folheto, o manifesto foi transcrito do jornal *A Defesa*, de 20/06/1948.

A resposta dos organizadores do congresso estudantil veio no dia do início do congresso, através de um panfleto que anunciava a presença de políticos importantes do cenário estadual, inclusive pertencentes a partidos dos vereadores campineiros contrários ao evento do PRP.

I CONGRESSO NACIONAL  
DE  
Estudantes Populistas  
A SESSÃO DE HOJE NO  
Teatro Municipal  
ÀS 20 HORAS

Com a presença de S. Excia. o Snr. Dr. Alvares Florence, Presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo e dos Exmos. Senhores Deputados Estaduais: Luiz Augusto de Matos (PSD), Oliveira Costa (líder do P.S.D.), Auro Soares de Moura Andrade (líder da U.D.N.), Cunha Lima (líder do P.T.B.), Sales Filho (líder do P.R.), Cunha Bueno (P.S.D.), Loureiro Junior (P.R.P.) do deputado federal Godofredo [sic] da Silva Teles e altas autoridades locais.<sup>410</sup>

Dois relatórios foram preparados sobre o Congresso de Estudantes do PRP: um de autoria do investigador José F. Porto, e outro, anônimo, “*preparado por S-O.G.*”. Em ambos vemos a cobertura dos dias de realização do evento, com ênfase – como era de praxe do DOPS – nas relações de nomes dos presentes, bem como suas atividades. Ao invés de durar quatro dias conforme previsto, foram apenas três, pois conforme diz um dos relatórios, “*por motivos de não ter-se conseguido uma radio emissora para irradiar os debates no dia 4 do corrente, dia esse, marcado para o encerramento do Congresso, deliberaram dar por terminado no dia 3 p.p.*”<sup>411</sup>

Ambos os relatórios trazem informações importantes, mas enquanto o anônimo parece ser mais uma descrição de caráter ordinário do evento, o investigador Porto foi a

---

<sup>410</sup> Panfleto “I CONGRESSO NACIONAL de Estudantes Populistas”. Anexado no dossiê 24-J-2 (pasta 1). Os grifos e capitulares são do original. O número anotado no campo superior direito do folheto não está visível.

<sup>411</sup> “1º CONGRESSO DE ESTUDANTES POPULISTAS, organizado pelo PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR, na cidade de Campinas, nos dias 1, 2, 3, 4, do corrente mês”. Relatório preparado por S-O.G. 06/07/1948, 24-J-2-97.

Campinas “*afim-de auxiliar e observar o policiamento feito pela Delegacia Regional, durante o Congresso, tendo-me apresentado ao dr. Normanha, Delegado Regional.*”<sup>412</sup>

Quase todo o evento transcorreu no Ginásio do Estado, com exceção do encerramento, realizado no Teatro Municipal. O número de participantes chegou a 620 pessoas, com delegações vindas de vários estados. O primeiro dia foi presidido por Genésio Pereira Filho (que, além de sobrinho de Salgado era “*filho do dr. Juiz de Direito desta Capital, dr. Genésio Pereira*”<sup>413</sup>) e Hermes Barcelos, secretário geral do Diretório Nacional do partido. Ao longo do dia, houve a entrega de credenciais e a apresentação das teses propostas a partir do temário anteriormente distribuído. Ao final do dia, que segundo os investigadores transcorreu com tranquilidade, Plínio Salgado assumiu a direção do congresso. O investigador notou a presença de um oficial de uma unidade local do Exército, o Major Palma Lima.<sup>414</sup>

No segundo dia, Raymundo Padilha, secretário-geral do Diretório Nacional do partido discutiu a questão do petróleo - então na ordem do dia - do ponto de vista do PRP, o qual era contrário à dos estudantes da UNE naquele momento. A UNE havia se colocado contra o Estatuto do Petróleo, anteprojeto de regulamentação de exploração do produto criado pelo governo Dutra, “*o qual permitia a presença do capital estrangeiro em todas as fases da produção petrolífera*” (MATTOS, 2014: 85). O PRP, com seu alinhamento tático ao governo e ao PSD, apoiava esta postura. Contudo, apesar de registrar a importância e o interesse em torno da palestra de Padilha, os investigadores não descreveram nem trechos nem um resumo de seu posicionamento.

No final desse dia, como uma forma de reafirmar seu pan-americanismo pró-Estados Unidos (e, portanto, anticomunista) houve a aprovação do envio de um telegrama a “*todos os estudantes das Américas*” através das embaixadas dos respectivos países com a seguinte mensagem:

---

<sup>412</sup> “PANORAMA POLÍTICO – PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO ESTUDANTE POPULISTA REALISADO EM CAMPINAS, NOS DIAS 1º a 4º do CORRENTE. Relatório do Investigador José F. Porto”. Boletim Nº 122, arquivado em 08/07/1948, 24-J-2-94.

<sup>413</sup> *Id.*, 24-J-2-92.

<sup>414</sup> “1º CONGRESSO DE ESTUDANTES POPULISTAS (...)”, citado (relatório do S-OG), 24-J-2-98. Foi anexado ao dossiê um artigo do major Palma Lima publicado na imprensa local, com suas impressões sobre o congresso. Cf. LIMA, Oswaldo Palma. “O Congresso dos Estudantes”. *Diário do Povo*, Campinas, 03/07/1948, 24-J-2-84.

Os estudantes reunidos no 1º CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES POPULISTAS, saúdam fraternalmente os seus colegas, reafirmando os ideais de solidariedade Pan-Americana e enquebrantável [sic] decisão de uma luta pela Democracia cristã contra todas as formas de opressões e totalitarismo. Pelas Américas unidas e livres. Viva (o nome do país enviado). Viva o Brasil.<sup>415</sup>

No terceiro dia, a plenária aprovou votos de louvor à imprensa campineira “*pelos relevantes serviços prestados na divulgação fiel e honesta dos trabalhos do conclave*”, à polícia, “*que policiou a parte externa do Congresso*”; aos mortos integralistas, e aos vereadores do PRP na cidade<sup>416</sup>. Outrossim, um discurso de Plínio Salgado no Teatro Municipal foi a principal atividade desse último dia do congresso. Apesar do suposto caráter “apolítico” do evento, “*concluiu sua longa oração concitando a sociedade a se organizar em torno do P.R.P. e do Integralismo, em defesa da Patria, ao lado dos Estados Unidos e contra o comunismo*”.<sup>417</sup>

Junto ao chefe integralista, na mesa, estavam vários membros graduados do PRP, de outros partidos (incluindo um representante do presidente da Assembleia Legislativa do estado e deputados estaduais do PSD, PTB e UDN) e outras autoridades locais e estaduais, incluindo um bispo, um juiz de direito, militares e outros, o que mostra que, pelo menos para uma parte da sociedade, a rejeição ao integralismo era coisa do passado. Ao fim, os estudantes saíram do Teatro cantando, de braços dados, o hino integralista “Avante”.<sup>418</sup>

O relatório da S-OG nos mostra indícios de certa colaboração da polícia com os integralistas, ao menos durante a realização desse congresso. Assim, nos dias de realização do mesmo, a cidade estava “*rigorosamente policiada*”, por elementos da Força Pública estadual. Além disso: “*o Partido de Representação Popular, por intermédio de seu Diretório Nacional, enviou para aquela cidade um corpo de 29 investigadores do Departamento Federal de Segurança Pública sob a Chefia do*

---

<sup>415</sup> “1º CONGRESSO DE ESTUDANTES POPULISTAS (...)”, citado (relatório do S-OG), 24-J-2-97. Maiúsculas no original. Um termo muito usado nos discursos do partido era a “*defesa do nosso hemisfério*”, sempre sob a égide dos EUA, contra o “*imperialismo totalitário*” comunista (PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR, s/d: 31; CALIL, 2005: 762).

<sup>416</sup> “Encerrados ontem os trabalhos do I Congresso Nacional de Estudantes Populistas”. Recorte de jornal não identificado, anexado em 24-J-2-85.

<sup>417</sup> “PANORAMA POLÍTICO (...) Relatório do Investigador José F. Porto”, citado. 24-J-2-91.

<sup>418</sup> *Id.*

*Capitão do Exército, JOSÉ C. TEIXEIRA COELHO, ex-integrante da F.E.B. e adepto do P.R.P.*”<sup>419</sup>

Ou seja, percebemos aqui uma espécie de colaboração entre o partido e os serviços de segurança nacional e estadual. É importante dizer também que, como lembra João Fábio Bertonha, Teixeira Coelho – que, como diz o próprio documento policial, era integralista - era chefe da guarda pessoal de Salgado no Rio<sup>420</sup>. Assim, é fácil concluirmos que foi permitido que um capitão do exército, integralista, fizesse uso de forças policiais para fazer a segurança de seu próprio partido. Como veremos adiante, isso terá consequências em alguns acontecimentos em torno do evento estudantil integralista.

Apesar de ambos os relatórios concluírem que “*nada de anormal se verificou*”, os dois apontam que houve tentativas de protestos e panfletagem nos dias do congresso. Segundo os documentos do DOPS, tratava-se de ações de militantes comunistas, as quais foram reprimidas duramente, embora não tenha ficado claro se por forças policiais ou por capangas dos perrepeistas, acobertados por aquelas (ou ambos). O investigador José Porto relata:

#### TENTATIVA DE DESORDENS

Às 20 hs. do dia 3, momentos antes de encerrar a sessão de encerramento do Teatro Municipal, vários comunistas, encabeçados pelo vereador Djalma Moscoso e pelo comerciante Raymundo Urbano, espalharam pelo centro da cidade, próximo ao Teatro, grande quantidade de boletins, concitando o povo a expulsar da cidade Plínio Salgado e seus asseclas, tendo isto feito em nome dos ex-combatentes da FEB e dos estudantes de Campinas. Os estudantes populistas, indignados com a afronta a seu chefe e a eles, formaram numeroso grupo e percorreram o centro da cidade, afim-de encontrar os comunistas, que faziam a distribuição dos boletins, e, como fossem informados de que eles se achavam no prédio situado á Rua Francisco Glicério, n. 224, sobrado, em cujos altos esteve instalado o Partido Comunista e está atualmente o Escritorio Brasil, de Osorino Ribeiro Melo, tambem comunista, onde tem escritório os vereados [sic] Djalma Moscoso e Armando Pinto F. Santos, para lá se dirigiram e o invadiram, tendo-se estabelecido ligeira luta entre os mesmos, ficando alguns comunistas ligeiramente feridos, e os integralistas, após depredarem o referido escritório, retiraram-se conduzindo grande quantidade de boletins e material de propaganda que alí encontraram.<sup>421</sup>

---

<sup>419</sup> “1º CONGRESSO DE ESTUDANTES POPULISTAS (...)”, citado (relatório do S-OG), 24-J-2-98. Grifo meu. Maiúsculas no original.

<sup>420</sup> De acordo com recorte de jornal não identificado no Fundo Plínio Salgado, no Arquivo Municipal de Rio Claro (“Quinze homens formam o Estado-Maior de Plínio”, citado em BERTONHA, 2013: 260).

<sup>421</sup> “PANORAMA POLÍTICO (...) Relatório do Investigador José F. Porto”, citado. 24-J-2-90.

Porto afirmou que, assim que soube dos fatos, avisou imediatamente o delegado local, que estava na cerimônia de encerramento do congresso: *“Tendo tido conhecimento dessa ocorrência justamente na hora em que a mesma se dêu, dirigi-me ao Teatro Municipal, onde se encontrava o dr. Normanha, comunicando ao mesmo o que estava se passando, afim-de que pudesse tomar as providencias que julgasse necessárias.”*<sup>422</sup>

Um terceiro comunicado, também preparado pelo S-O.G. e não assinado, atribuía a autoria das perseguições aos comunistas a agentes de segurança:

Esses elementos [isto é, os opositores do congresso], seguidos de perto por investigadores do Departamento Federal de Segurança Pública, entraram no escritório sito á rua Francisco Glycerio nº 1.224, escritorio esse, pertencentes [sic] aos vereadores: Americo Brancaglione, Vera Pinto Teles, Djalma Moscoso e Armando Ferreira dos Santos.

Funcionou no referido escritório, na época da legalidade o extinto “P.C.B.”.

Os investigadores Federaes, nele também penetraram e a seguir passaram [a] agredir os que vinham sendo seguidos como também, á depredarem tudo que encontravam, moveis, maquinas etc.

Os agredidos foram, Armando Caruso, Victor Roselli, Antonio Ferraz, Guido Mecli e Aparecido Pedro Camargo.

Identificamos 4 dos agressores que são os investigadores: Julião Moura, Sidney de tal, (mais conhecido por Cid), Bolinha e Navarro de tal, não nos foi possível obter a identificação completa.

No escritorio citado, achavam-se guardados, grande quantidade de boletins, concitando o povo campineiro a expulsarem da cidade, Plinio Salgado e correligionários; os referidos boletins foram amplamente divulgados.

Ao abandonarem o mesmo, os investigadores levaram consigo, os materiais encontrados.<sup>423</sup>

O conteúdo dos panfletos era o mesmo utilizado pela propaganda estadonovista e que continuava sendo repetida pelos adversários dos integralistas: a da colaboração destes com o Eixo durante a guerra.

Em nome dos que foram assassinados no covarde afundamento dos navios brasileiros pelos nazi-fascistas, em nome dos heroicos pracinhas da F.E.B. que com o sacrifício de

---

<sup>422</sup> *Id.* Grifo meu.

<sup>423</sup> “Observações na cidade de ‘Campinas’.” Comunicado preparado por S-O.G., 05/07/1948, 24-J-2-95. É possível que o Navarro “de tal” seja Saulo Navarro que era segurança na sede estadual do partido em São Paulo, e possivelmente um dos seguranças pessoais de Salgado, já citado aqui.

suas próprias vidas lutaram pela Democracia e a Civilização [sic], expulsemos de Campinas o criminoso de guerra Plínio Salgado e seus asseclas.<sup>424</sup>

Nesse caso, o material exacerbava ainda mais o caráter de traição à Pátria durante o conflito mundial, colocando esse fato em contradição com o lema máximo dos integralistas:

Em nome de Deus, Patria e Familia, a canalha integralista, agora rotulada de populista, fizeram a espionagem, mandaram afundar nossos navios e sabotaram o esforço de guerra contra o Eixo. Expulsemos de nossa cidade o bandido nazista e criminoso de guerra Plínio Salgado e seus asseclas.<sup>425</sup>

Desse modo, os folhetos exortavam a uma luta de união nacional contra o que era visto como o inimigo comum da pátria, ainda naquele momento pós-guerra: *“Na luta contra os bandos integralistas, agora rotulados de populistas, não á [sic] partidos políticos e nem crenças religiosas. Há apenas um dever – o de sermos brasileiros.”*<sup>426</sup>

Apesar do hábito policial de identificar como comunistas quaisquer contestadores da ordem, de fato, Vera Pinto Telles, Moscoso e Brancaglione eram membros do PCB e haviam sido eleitos pelo partido, quando de sua legalidade (SANTOS, 2003: 16)<sup>427</sup>. Logo após esses acontecimentos, os agredidos pela ação e seus companheiros foram a um jornal local reclamar e divulgar a violência que sofreram. O jornal também divulgou a versão de que os agressores eram os integralistas.

Estiveram ontem, à noite, nesta redação, os srs. Dr. Djalma Moscoso, Americo Brancaglione, Aparecido Pedro Camargo, Vitor Roseli, Amadeu Causo, Miguel Nicolau, Francisco Servidor e Moisés Forner, que vieram manifestar o seu protesto contra depredações ocorridas na noite de ontem no escritório dos vereadores dr. Djalma Moscoso, d. Vera Pinto Teles, Americo Brancaglione, Armando Ferreira dos Santos, situado na confluência das ruas Francisco Glicerio e General Osorio, por elementos que se intitulavam membros da Policia Federal, mas que, realmente, são pessoas identificadas como participantes do Congresso do Estudante Populista.

---

<sup>424</sup> Conjunto de panfletos em formato de filipeta colados às folhas 24-J-2-81, 82 e 83.

<sup>425</sup> *Id.*

<sup>426</sup> *Id.*

<sup>427</sup> Livro disponível em <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2011/03/personagem-vera-pinto-telles-primeira.html>. Acessado em 19/12/2014.

Segundo a narrativa das pessoas enumeradas, os referidos elementos, invadindo aquele escritório, depredaram e quebraram todos os moveis e utensílios ali encontrados. Aliás, alguns dos reclamantes aludidos foram agredidos na ocasião, apresentando-se em nossa redação com leves escoriações pelo corpo.<sup>428</sup>

Tendo o DOPS-SP cobrado explicações ao delegado Adolpho Normanha, este tergiversou, negando os fatos acontecidos, num radiotelegrama endereçado à sede da polícia política, na capital:

Resposta radio 238 vg comunico que até agora não compareceu ésta delegacia qualquer pessoa se queixar agressão por parte de populistas ou outra qualquer vg durante o congresso ultimo pt Acredito seja parte dos muitos boatos lançados néssa ocasião por elementos comunistas pt Não é exato tenham aqui estado elementos da policia federal pt ats sds

O Delegado Regional de Policia  
Adolpho M Normanha<sup>429</sup>

Ou seja, o delegado Normanha, que estava participando do último dia do Congresso integralista no Teatro Municipal, negou que tenha ocorrido qualquer violência naquela noite, apesar de os reclamantes terem divulgado isso na imprensa e, principalmente, de ter sido avisado pelo agente do DOPS, ao qual, ele também, Normanha, era subordinado, por ser seu delegado regional. Assim, podemos concluir que Normanha estava encobrindo a ação violenta dos integralistas contra os militantes comunistas locais.

Mas será que os comunistas de fato não foram se queixar à polícia contra a violência sofrida, como alegou o delegado? É possível, mas pouco provável. Possível, dada a aparente predisposição do delegado em relação aos perrepiistas, predisposição essa que poderia ser conhecida dos comunistas e, portanto, desestimulando a reclamação. Mas pouco provável, já que em outras ocasiões no passado, eles apelaram para as autoridades policiais para coibirem as ações dos seguidores de Plínio, e poderiam tê-lo feito novamente. Assim, o mais provável é que o delegado tenha se recusado em atender os reclamantes, para não desagradar aos integralistas, a cujo congresso Normanha, afinal de contas, compareceu. Isso não quer dizer que Normanha

---

<sup>428</sup> “Protesto contra depredações num escritorio politico”. *Correio Popular*, 04/07/1948. Anexado em 24-J-2-87. A data anotada pelo agente do DOPS ao lado do recorte é 27/06, o que é totalmente improvável.

<sup>429</sup> Radiotelegrama Nº 468, de Campinas para Sr. Dr. Delegado Ordem Politica, 06/07/1948. 24-J-2-99. Sublinhado no original.

fosse, necessariamente, simpatizante do integralismo, mas, como os reclamantes eram comunistas – alvos mais importantes para a polícia – teria preferido se omitir na questão.

Não deixou de nos chamar a atenção a grande quantidade de documentos referentes a esse congresso estudantil. Foram vários relatórios, panfletos contrários e favoráveis, recortes de jornais e edições inteiras de periódicos. Por que toda essa dedicação? Acredito que o principal motivo de isto ter ocorrido se deve ao fato de os estudantes serem uma categoria associada pelos policiais à contestação da ordem, e como sempre, quiseram mapear muito bem o evento e as reações da categoria, mesmo se tratando de um grupo anticomunista.

Mesmo assim, salta aos olhos uma espécie de colaboração de forças policiais no congresso, inclusive na repressão aos manifestantes contrários ao evento. Além disso, o fato de que o próprio DOPS relatou a presença de investigadores entre os que agrediram os manifestantes demonstra uma diversidade de posicionamentos políticos dentro da própria instituição policial paulista.

## **2.7 - Vandalismo e conflitos físicos**

É relativamente conhecido o hábito que os integralistas, na época da AIB, tinham de empregar o vandalismo e a violência como arma política, para intimidar os adversários. Tal tática não era estranha aos movimentos de caráter fascista, durante a década de 1930.

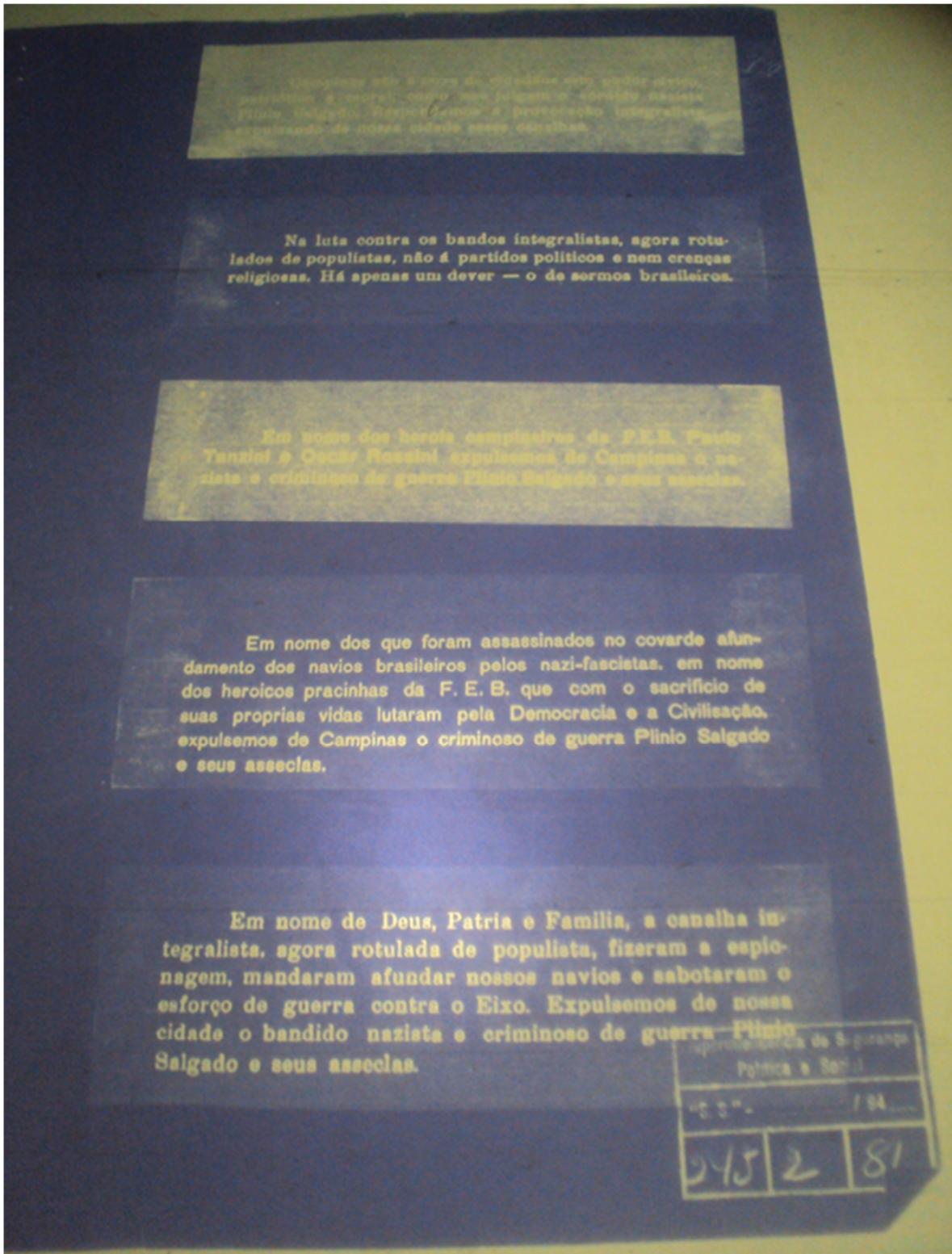


Ilustração N° 15 – Série de panfletos contrários ao Congresso dos Estudantes do PRP, colados em folha do dossiê 24-J-2-81. Microfilme.

Há, na trajetória da Ação Integralista Brasileira, na década de 1930, um rastro de conflitos, arruaças, sangue e violência. Praticamente a cada ano, a partir de 1933, até 1938 – nesse caso, sobretudo com as chamadas “Intentonas” de março e maio - os integralistas se envolveram em conflitos físicos, não raro resultando em mortes. Os conflitos se deram tanto com seus adversários da esquerda (conflitos em Bauru e São Paulo, em outubro de 1934), como com a polícia ou capangas de coronéis contrários ao crescimento da influência verde (por exemplo, os conflitos de São Sebastião do Caí - RS, 1935; Campos – RJ, 1937), ou contra militantes rebeldes.<sup>430</sup> É conhecido pela historiografia que o movimento teve uma milícia armada, sob o comando do escritor Gustavo Barroso.<sup>431</sup>

É bem verdade que nem sempre os integralistas eram os provocadores, tendo sido comum que seus opositores fossem os responsáveis pelas provocações. Tal fato se deve inclusive pela instabilidade política que se vivia nos anos 30, com a qual todas as forças políticas em jogo contribuía.

O episódio mais conhecido desse período envolvendo os integralistas e seus adversários foi a chamada “Batalha da Praça da Sé”, ocorrida no centro da capital paulista em outubro de 1934. Em meio a uma campanha eleitoral, e para celebrar os dois anos da criação da AIB, militantes integralistas de várias partes do estado e de outros estados marcharam pelas ruas do centro de São Paulo com o objetivo de fazer uma manifestação grandiosa e impactante na principal praça da cidade. Porém, os militantes da FUA (Frente Única Antifascista), formada por comunistas, socialistas, trotskistas, anarquistas e antifascistas independentes com o intuito de impedir o que consideravam o que seria uma “Marcha sobre Roma” em São Paulo resolveram agir.<sup>432</sup> Subiram ao topo de um prédio e começaram a atirar nos camisas-verdes presentes na

---

<sup>430</sup> Sobre o conflito de Bauru, ver POSSAS (1993). Sobre Campos, ver FAGUNDES (2009: 188-195). Carone cita um caso de militantes que abandonaram a AIB e foram mortos, em Jacutinga (MG), em março de 1936: “Décio Farah, chefe integralista da localidade, desliga-se do movimento e lança manifesto. Os integralistas da região fazem reunião e criticam o ato de seu chefe. Este vai ao local para dar explicações e leva um tiro, morrendo a seguir; seu irmão é ferido e dois amigos, que rompem com o movimento, são também mortos” (CARONE, 1982: 214).

<sup>431</sup> Para a estrutura da milícia integralista, ver: TRINDADE (1979: 178-183).

<sup>432</sup> A “Marcha sobre Roma” foi a demonstração político-militar que Mussolini fez com suas milícias fascistas quando foi convidado pelo rei da Itália, Vitório Emanuel III, para ser primeiro-ministro do país, em outubro de 1922. Essa comparação foi feita por Miguel Costa Jr., que esteve presente na “Batalha” de 1934, num depoimento a mim, em 2000. “*Aqui em São Paulo, não*”, completou o militante socialista.

praça<sup>433</sup>. Outros militantes da FUA também se encontravam na praça, para o combate corpo-a-corpo. O saldo final da refrega foi de pelo menos sete mortos: dois integralistas, um antifascista, dois policiais e dois transeuntes.<sup>434</sup>

No período do PRP, embora em escala muito menor, alguns eventos de caráter violento também ocorreram. Além do fato ocorrido em torno do Congresso de Estudantes do partido em 1948, acima descrito, o DOPS-SP registrou três incidentes em 1950: um em Araraquara, um na Capital e um terceiro em Santo André.

Na madrugada de 9 de janeiro desse ano, por ocasião da Convenção do PRP que ocorria no Teatro Municipal de Araraquara, o jovem Renato Correa Rocha “*foi estupidamente agredido por elementos*” do partido, de acordo com o telegrama enviado pelo delegado local ao DOPS. A vítima chegou a publicar um relato sobre a agressão sofrida na imprensa local, fazendo menções ao partido. O delegado regional de Araraquara afirmou que instaurou um “*um competente inquérito*” para solucionar a questão.<sup>435</sup> Não há informação se o jovem era um adversário político, ou se houve outra motivação para o ataque.

Já no contexto da campanha para as eleições de 1950, houve a invasão e depredação do comitê de campanha de Hugo Borghi, então candidato do Partido Trabalhista Nacional (PTN) ao governo do estado, na Vila Anastácio, Zona Oeste da capital paulista. O evento ocorreu na sequência de um comício do PRP naquele bairro,

---

<sup>433</sup> A justificativa da violência empregada pelos antifascistas se justificava em resposta à violência que os fascistas europeus praticavam cotidianamente contra seus adversários, e já preenchiam as páginas dos jornais. Esperava-se que os integralistas, como “fascistas brasileiros” fariam o mesmo se tomassem o poder por aqui. Diz Fúlvio Abramo, que participou do enfrentamento: “*a finalidade era dissolver a reunião dos plinianos, sem qualquer possibilidade de voltar atrás nas decisões; o povo de São Paulo deveria ser esclarecido através de manifestos e comunicados à imprensa sobre as razões que justificavam essa tomada de posição, pois os integralistas alardeavam que empregariam no Brasil os mesmos métodos de liquidação física dos adversários políticos e das organizações opositoras que estavam em furiosa aplicação na Alemanha e na Itália*” (ABRAMO, 2014: 64-65).

<sup>434</sup> Sobre a “Batalha da Praça da Sé” temos basicamente dois depoimentos de participantes: MAFFEI (1984) e ABRAMO (2014). Os integralistas se limitaram a artigos e trechos em livros de memórias. Por exemplo, Miguel Reale (1986: 79) dá sua versão e discorda que o evento tenha sido uma batalha, afirmando que foi uma “*tocaia suja*”. Salgado fez um apanhado dos locais das refregas em que os integralistas participaram (1937: 69-74). Para um rápido balanço sobre a violência como arma política da AIB, ver: BERTONHA (2014: 117-124).

<sup>435</sup> Radiotelegrama do Delegado Regional de Araraquara, Acrísio Pires Domingues, a Elpidio Reali, Delegado Auxiliar da 5ª Divisão Policial, São Paulo. Araraquara, 10/01/1950. Prontuário 72852, “*Partido de Representação Popular*”.

no dia 16 de abril daquele ano, o qual reuniu cerca de 200 pessoas. O estopim da agressão ocorreu ainda durante o comício.<sup>436</sup>

Na sede do Partido Trabalhista Nacional (sede distrital), sita á rua Conselheiro Ribas, achava-se ligado um alto-falante, fazendo propaganda de Hugo Borghi. Como o barulho perturbava o bom andamento do comício em apreço, dirigentes do P.R. Popular dirigiram-se áquela sede e fizeram um pedido no sentido de ser desligado tal alto-falante, no que foram imediatamente atendidos.<sup>437</sup>

Num primeiro momento, não houve maiores consequências: “*Isto feito, o comício, sem novidade, prosseguiu até o seu término*”, o que se deu às 21h40.<sup>438</sup> Contudo, ainda na mesma noite, um telefonema anônimo denunciou ao plantão policial que o comitê Hugo Borghi – que funcionava na sede distrital do PTN - havia sofrido depredação. No momento da redação da portaria pelo delegado do plantão já estava presente no DOPS Alcibíades Barbosa, presidente do comitê, o qual foi solicitado a prestar depoimento.<sup>439</sup> No plantão do DOPS, Barbosa declarou que, no momento do ocorrido:

Se encontrava fazendo propaganda, naquele distrito, afastado da sede do Comitê, quando foi avisado que elementos do Partido de Representação Popular haviam feito depredações na sede do referido Comitê, atingindo, sobretudo os alto-falantes e as instalações elétricas; que o declarante se dirigiu ao local e teve o ensejo de constatar que real mente [sic] haviam se dado depredações e que, em consequência delas, alguns elementos do Partido de Representação Popular se encontravam detidos, aguardando a chegada da Autoridade de Plantão da Ordem Política que havia sido solicitada; que o declarante não conhece os referidos indivíduos, ignorando também, por se encontrar ausente, detalhes das depredações, ignorando, igualmente como foram detidos os indivíduos em apreço, ou quem os tenha detido; que o declarante como Presidente do Comitê Hugo Borgui [sic], solicita entretanto as providencias que o caso exige.<sup>440</sup>

---

<sup>436</sup> “Comício do Partido de Representação Popular, realizado á Rua Bartolomeu Páis c/ R. Conselheiro Ribas (Lapa)”. Relatório feito por Atila Gonçalves e outros, dirigido ao Delegado Especializado de Ordem Política. Investigação N° 139. São Paulo, 17/04/1950. Prontuário N° 72852, “*Partido de Representação Popular*”.

<sup>437</sup> *Id.*

<sup>438</sup> *Id.*

<sup>439</sup> Portaria, assinada pelo Delegado de Plantão Benedito de Carvalho Veras. São Paulo, 16/04/1950. Prontuário N° 72852, “*Partido de Representação Popular*”.

<sup>440</sup> Termo de declarações de Alcibiades Barbosa, redigido pelo escrivão Raul Arruda Reis Jr. São Paulo, 16/04/1950. Prontuário N° 72852, “*Partido de Representação Popular*”. Grifo no original.

Os membros do PRP presentes no DOPS e que, aparentemente estavam detidos na sede do Comitê eram Angelo Simões de Arruda e Ignacio Henrique Romeiro, os quais estavam presentes no dito comício e também prestaram depoimento. Tanto Arruda como Romeiro alegaram terem sido levados à força pelos partidários de Hugo Borghi a entrar no comitê. Arruda negou que houvesse depredação e atribuiu a confusão a uma infiltração comunista. Mesmo negando os danos, ele inocentou seus correligionários de responsabilidades sobre possíveis estragos na sede local do PTN:

Cerca de uns quinze minutos depois [do fim do comício], quando já havia se retirado a massa popular e os companheiros de Partido que tomaram um caminhão, esperava, o declarante, em companhia de dois correligionários, um onibus, quando, inopinadamente ouviu um voseirío [sic] de algumas dezenas de pessoas que arremetiam, em atitude agressiva, em direção ao declarante; que então, foi violentamente cortado, digo, foi violentamente forçado, com os seus dois companheiros, a seguir para a séde do P.T.N., onde, durante cerca de meia hora permaneceu; o declarante faz questão de frizar a atitude agressiva e violenta de alguns elementos que se diziam do P.T.N., acalmados pela intervenção de dois dirigentes do mesmo Partido que, na realidade conseguiram evitar a ocorrência de um conflito de maiores proporções; que o declarante soube então que os membros do P.T.N. queriam reagir contra o fato de um fio do alto falante ter sido cortado, segundo alegavam[,] pelos Populistas; soube também, por ouvir dizer, que o referido alto-falante estava funcionando no início do comício e que alguns populistas não identificados solicitaram que o referido alto-falante não funcionasse durante o comício; que houve uma exaltação de animos bastante estranhável por parte de alguns presentes, que falavam em depredação, aliáz não existente na séde; que o declarante pensa ter havido uma provocação ou intriga de elementos comunistas infiltrados na legenda do P.T.N.; que tem certeza de que os populistas que compareceram a este Plantão não foram autores de qualquer prejuízo na séde do P.T.N.<sup>441</sup>

Romeiro também alegou inocência, embora admitisse o problema dos alto-falantes. Também declarou que os integralistas ficaram detidos no comitê até a chegada dos agentes policiais:

O declarante ficou surpreendido com o fato mesmo porque, até então não tinha conhecimento de nenhuma depredação; apenas pode adiantar que os alto-falantes funcionavam altamente, de maneira a prejudicar a realização do comício, ignorando, como já disse a razão porque deixaram de funcionar; [afirmou] que o declarante e os seus companheiros ficaram vexatoriamente detidos na séde do Comitê até quando ali

---

<sup>441</sup> Termo de declarações de Angelo Simões de Arruda, redigido pelo escrivão Raul Arruda Reis Jr. São Paulo, 16/04/1950. Prontuário N° 72852, “*Partido de Representação Popular*”.

chegara a Autoridade de Plantão neste Departamento de Ordem Política que os conduziram até aqui, para prestarem declarações.<sup>442</sup>

Apesar de o delegado de plantão ter prometido em portaria que, após a coleta dos depoimentos, providenciaria “*o comparecimento dos peritos do Laboratório de Polícia Técnica ao local, onde deverá ser procedido o necessário exame pericial*”, tal exame, se ocorreu, não consta do prontuário do PRP.<sup>443</sup>

Não obstante a negativa do militante integralista Angelo Simões de Arruda em torno da existência dos estragos na sede, a revolta dos membros do comitê do PTN não deve ser desprezada. Embora não tenhamos elementos para comprovar, é possível que tenha havido algum tipo de revanche de militantes exaltados do PRP na questão dos alto-falantes. De qualquer modo, a hipótese de Arruda de infiltração comunista no PTN ter sido a causa do desentendimento, apesar de não ser impossível, soa improvável.

É óbvio que o caso não chega a ter a importância dos eventos ocorridos nos anos 30, que chegaram a produzir mortos e feridos, mas mostra a dificuldade de alguns militantes do partido na convivência democrática pluripartidária.

Mas os integralistas também foram alvos de pessoas e grupos contrários a eles, não apenas comunistas, como também indivíduos sem filiação partidária. É como o caso de uma agressão física ocorrida a três membros do PRP por dois transeuntes embriagados, um deles armado com um revólver, em Santo André, em janeiro de 1950. Por volta da meia-noite, dois membros do diretório local do PRP – aos quais mais tarde juntou-se um terceiro - saíram de sua sede com latas de tinta e pincéis para fazer inscrições de caráter propagandístico pelas ruas do centro da cidade, vizinha da capital. As inscrições - todas palavras de ordem de inspiração integralista - pintadas em muros, eram: “*Viva Plínio Salgado – Salvação do Brasil*”, “*P.R.P. – Hoje somos um pensamento em ação, amanhã seremos uma realidade nacional*” e “*Deus – Pátria – Família – P.R.P. – Viva Plínio Salgado*”.<sup>444</sup>

---

<sup>442</sup> Termo de declarações de Ignacio Henrique Romeiro, redigido pelo escrivão Raul Arruda Reis Jr. São Paulo, 16/04/1950. Prontuário N° 72852, “*Partido de Representação Popular*”.

<sup>443</sup> Portaria, assinada pelo Delegado de Plantão Benedito de Carvalho Veras. São Paulo, 16/04/1950. Prontuário N° 72852, “*Partido de Representação Popular*”.

<sup>444</sup> “Campanha mural do Partido de Representação Popular” (cópia). Relatório redigido por “Aranha”. Santo André, 19/01/1950. 24-J-2-100.

Depois que militantes perrepetistas repetiram a operação em vários muros e tapumes, vieram ao seu encontro dois homens: um que tinha por volta de quarenta anos – o farmacêutico Manoel Martins de Melo, que atendia pelo nome de “Manéco” - e outro, um jovem não identificado de dezenove anos. Segundo relatório do investigador “Aranha”, ambos estavam aparentemente embriagados. O investigador prosseguiu em seu relatório, descrevendo um debate cujo teor deveria ser relativamente comum na década de 30, entre integralistas e antifascistas, e se repetia em 1950:

Após, lerem as inscrições, teceram exacerbadas críticas ao gesto dos três elementos populistas. Um desses elementos, por nome de Milton Migueis, funcionario público Municipal, e ao que sabemos, Secretário de Propaganda do P.R.P., em Santo André, revidou aos insultos de um dos elementos – “Manéco”, dizendo que, realmente, Plinio Salgado era a esperança do Brasil, como ali se via escrito, e que, se aos comunistas era permitido inscrições murais, à eles integralistas, devia ser permitida a contra-propaganda. Respondendo “Manéco” disse que Hitler e Mussolini já haviam morrido e que Plinio Salgado era um palhaço similar a eles. Travou-se, então, entre “Manéco” e Milton Migueis, violenta discussão. Este último, em dado momento, afirmou que os integralistas jamais permitiriam que Stalin dominasse o Brasil, ao que “Manéco” revidou, dizendo que seria “preferível a Rússia e não os fascistas”. Nessa altura dos acontecimentos, um dos que estavam em companhia de Milton Migueis, dirigindo-se ao individuo apelidado de “Manéco”, disse que ele havia saído de um botequim, onde havia tomado muita cachaça, para, depois, vir até aquele lugar insultar os que ali se encontravam. “Manéco”, sacando de um revólver de cabo de madre-pérola, ao que supomos, calibre 32, aproximou-se do ultimo à dirigir-lhe a palavra e intimidou-o, sempre de revolver em punho, à provar o que havia dito. Ato continuo, agrediu-o. O Agredido procurou afastar-se rapidamente do local, enquanto “Maneco”, dizendo ser oficial do exercito, guardou o revolver, dada a intervenção dos outros dois elementos populistas e do seu colega.<sup>445</sup>

Apesar da fuga do integralista agredido, Maneco e seu colega correram em seu encalço, encurralando-o em um bar nas proximidades. O jovem acompanhante do farmacêutico obrigou o militante a retratar-se com Maneco. Este, por sua vez, não aceitou a retratação e seguiu agredindo o integralista. Com a intervenção do dono do bar, os ânimos acalmaram-se e o agredido retirou-se. Os antagonistas dos integralistas continuaram a insultar os dois que ficaram, sem que estes dissessem uma palavra, pois Maneco continuava com a arma em punho. Depois, dispersaram-se. Mais tarde, ainda

---

<sup>445</sup> *Id.*

durante a madrugada, Migueis teria telefonado para a polícia, relatando o ocorrido, mas “*nada disse com relação ao uso de armas*”.<sup>446</sup>

Alarmado com os fatos, o investigador sugeriu que se intensificasse o policiamento noturno para o dia marcado para a reunião dos integralistas que estava sendo divulgada nas pichações murais. “*É bem possível que haja qualquer tentativa de subversão da ordem. Podemos afirmar, também, que os comunistas procurarão efetuar inscrições murais, em represália aos integralistas.*”<sup>447</sup>

O forte antagonismo dos agressores ante os integralistas e a citação de que seria melhor que a URSS tomasse conta do Brasil do que os “fascistas” acendeu o anticomunismo do investigador, atribuindo a esses antagonistas a possibilidade de que fossem comunistas e estariam agindo como provocadores. O clima político da cidade deve ter influenciado esse julgamento: contando com grande número de operários, pouco mais de dois anos antes a cidade tinha elegido um prefeito e a maior parte da câmara com antigos membros do Partido Comunista, que foram impedidos de tomar posse por conta da recente ilegalidade do mesmo (MEDICI: 1999).

Contudo, o delegado de Santo André, Pio Buller Souto, apurou que os antagonistas dos membros locais do PRP não eram comunistas, e que ambos estavam, de fato, embriagados, o que diminuía o impacto político da ocorrência. Por fim, atribuiu um “*pouco de exagero no referido relatório*”.<sup>448</sup>

É evidente que os fatos relatados pelo DOPS nesse ano de 1950 são bem menos graves do que os ocorridos nos anos 30, sobretudo devido ao fato de as instituições políticas brasileiras – apesar do clima de Guerra Fria – serem, à época, bem mais estáveis do que duas décadas antes. Isso se deve também ao PRP, a nova “roupagem” do integralismo, ter aceito estrategicamente estas mesmas instituições. Contudo, eventualmente, os integralistas se envolveram em alguns conflitos, de resto, não totalmente diferentes de outros do gênero que ocorriam com outros partidos, sobretudo em período eleitoral.

---

<sup>446</sup> *Ibid.*

<sup>447</sup> *Ibid.*

<sup>448</sup> “Delegacia de Santo André – Cópia”. Relatório do delegado Pio Buller Souto ao “Delegado Titular do Serviço Secreto”. Santo André, 19/01/1950. 24-J-2-101.

A atitude policial não variou muito nesses três casos. No episódio de Araraquara, em que um jovem foi agredido pelos militantes do partido, o DOPS não deu praticamente nenhuma importância. No caso da Lapa, em que foi alegada uma agressão dos integralistas, houve uma tentativa de apuração dos fatos, inclusive com tomada de depoimentos, embora sem maiores consequências. No terceiro relato, de Santo André, em que os integralistas foram agredidos, apesar da preocupação do investigador com uma suposta ação comunista na sequência, o delegado da cidade não deu maior importância, atribuindo-lhe inclusive caráter de exagero. Assim, os casos de confrontos físicos nos quais estavam envolvidos perrepistas que foram registrados não receberam maior atenção da polícia política do Estado de São Paulo.

## **2.8 – Os jornais integralistas apreendidos pelo DOPS-SP**

A imprensa é, por sua própria natureza, um veículo privilegiado de circulação de ideias, conceitos e visões de mundo. Não à toa, ela vem sendo empregada por todos os movimentos sociais, políticos e culturais ao longo da História. Por conta disso, as instituições policiais a serviço do Estado, historicamente, sempre tiveram grande atenção sobre a imprensa, pois os jornais e revistas têm sido portadores valiosos de informações e detalhes sobre os vários segmentos que compõem a sociedade.

No caso específico da imprensa integralista, esta foi extremamente prolífica, sobretudo na década de 1930. A AIB chegou a possuir uma cadeia de jornais chamada “Sigma Jornais Reunidos” que chegou a abarcar mais de 100 periódicos. Apesar disso, poucos títulos tiveram uma continuidade que ultrapassasse mais de um ano, como no caso dos jornais *A Offensiva* (1934-1938) e *Acção* (1936-1938), e as revistas *Panorama* (1936-1937) e *Anauê* (1935-1937). Mesmo assim, não foi nada desprezível o fato de que pelo menos em algum momento, ao longo de cinco anos de existência, a AIB possuísse pelo menos um órgão local em cada um dos estados brasileiros, e em alguns destes, em várias cidades do interior (CAVALARI, 1999).

<b>Tabela 5 - Jornais integralistas apreendidos pelo DOPS-SP</b>						
<b>Jornal</b>	<b>Data</b>	<b>Nº</b>	<b>Cidade</b>	<b>Número de páginas</b>	<b>Periodicidade</b>	<b>Localização</b>
A Época	15/06/1946	1	São Paulo	16	semanal	24-J-2-25
O Populista	março de 1948	4	Distrito Federal	4	mensal	24-J-2-74
O Populista	abril de 1948	5	Distrito Federal	4	mensal	24-J-2-74
O Arauto	junho de 1948	1	São Paulo	4	n/d	24-J-2-79
Voz do Triângulo	19/08/1951	22	Uberlândia	4	semanal	24-J-2-178
Voz do Triângulo	26/08/1951	23	Uberlândia	4	semanal	24-J-2-178
A Marcha	20/02/1953	1	Rio de Janeiro	12	semanal	24-J-2-170
A Marcha	1º/05/1953	11	Rio de Janeiro	12	semanal	24-J-2-170
A Marcha	17/07/1953	22	Rio de Janeiro	12	semanal	24-J-2-175
A Marcha	24/07/1953	23	Rio de Janeiro	12	semanal	24-K-12-72
A Marcha	14/08/1953	26	Rio de Janeiro	16	semanal	24-K-12-72
Yarassú	março de 1954	1	São Paulo	4	n/d	24-Z-5-803
A Marcha	21/05/1954	66	Rio de Janeiro	16	semanal	24-Z-5-796

Não há casos registrados de censura à imprensa integralista durante o período de legalidade da AIB no Estado de São Paulo<sup>449</sup>. Apesar de alguns conflitos com poderes locais, no geral, os periódicos não foram incomodados. Para a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, não havia motivos de conflitos para que houvesse censura:

Os periódicos integralistas assim como os católicos, também procuravam garantir suas praças de leitores dispostos a empunhar a bandeira em nome de DEUS, PÁTRIA E

<sup>449</sup> Reale, em suas memórias, diz que havia um censor a serviço do governo do Estado dentro da redação do *Acção* (REALE: 1986: 115), mas esse fato carece de confirmação.

FAMÍLIA. Livres de qualquer suspeita, estes jornais circulavam garantidos pelo poder local (conservador e católico, por tradição) dedicados a enfrentar o Anti-Cristo, personagem simbólico identificado com os males da modernidade: liberalismo, maçonaria, judaísmo e comunismo (CARNEIRO, 2003: 25).<sup>450</sup>

Mas alguns exemplares de jornais integralistas chegaram a ser apreendidos pelo DOPS-SP. Contudo, ainda segundo Carneiro, esse confisco “*teve muito mais um sentido preventivo do que punitivo, postura que não se aplicava aos jornais representantes das “ideologias exóticas”, como os de orientação comunista, socialista ou anarquista.*”<sup>451</sup>

Com a decretação do Estado Novo e o fim legal da AIB, a maioria dos órgãos deixou de circular. Mas alguns ainda permaneceram circulando, dentro da legalidade e cada vez mais sob forte censura. Nacionalmente, foi o caso de *A Offensiva* (Rio de Janeiro), *Acção* (São Paulo), *Diário do Nordeste* (Recife) e *Flamma Verde* (Florianópolis) que continuaram circulando após o início de 1938. Contudo, nenhum deles sobreviveu depois de abril daquele ano, já depois da “intentona” de março. O último foi o diário *Acção* que publicou uma nota de despedida em sua última edição, no dia 23 de abril:

Esta tribuna vaee desaparecer; nós não conversaremos mais com o Brasil através das colunas de *Acção*; porém, isso não significa que hemos desaparecido: há no coração de todos nós uma chama sempre viva acalentando um Ideal e o Ideal não morre quando uma tribuna desaparece.<sup>452</sup>

Depois disso, ao longo do Estado Novo, os jornais integralistas desapareceram. Não há registros de publicações integralistas clandestinas durante a ditadura de Vargas. Os velhos camisas-verdes só voltaram a publicar periódicos com o processo de democratização em 1945. Apesar de não ser um dos grandes partidos do período, o PRP

---

<sup>450</sup> Tal caso não se aplica aos estados onde os integralistas foram sistematicamente perseguidos ainda durante a legalidade da AIB, como Paraná (ATHAIDES: 2012) e Bahia (PRIMO: 2013).

<sup>451</sup> CARNEIRO (2003: 25). Em obra organizada pela historiadora e por Boris Kossoy sobre jornais apreendidos pelo DOPS-SP, são listados 3 títulos de jornais integralistas: *Acção*, *A Offensiva* e *O Integralista* (CARNEIRO & KOSSOY, 2003).

<sup>452</sup> “*Aos leitores de Acção*”. *Acção*, 23/04/1938, p. 2. Citado em DOTTA (2011: 180). Esta edição do jornal encontra-se na íntegra on line no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/jornais\\_revistas](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas) (acessado em 02/03/2016).

teve um número razoável de periódicos, sobretudo os de abrangência regional. Como nos tempos da AIB, a grande maioria teve existência breve. Os de existência mais duradoura e abrangente em termos geográficos eram publicados no Rio de Janeiro, então Distrito Federal.<sup>453</sup>

Assim, no período abordado por esta pesquisa, os jornais integralistas coletados pelo DOPS-SP são todos posteriores a 1945. Ou seja, quase todos eles relativos ao período do PRP.<sup>454</sup> O DOPS apreendeu 13 exemplares de 6 jornais integralistas diferentes datados entre 1946 e 1954. Alguns exemplares são os de número 1, ou seja, os exemplares são coletados assim que os títulos são lançados, o que ainda segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, trata-se de um mero “*controle da novidade*”<sup>455</sup>, uma maneira de acompanhar o que os integralistas andavam publicando.

O mais antigo é o número 1 do jornal *A Época*, datado de 15/06/1946, e dirigido pelo genro de Salgado, José Loureiro Jr., Renato Egídio de Souza Aranha e Luís Amaral, três velhos militantes da AIB. Com periodicidade semanal e editado na capital paulista, o jornal não se limitava a notícias sobre o partido, fornecendo também noticiário nacional e internacional, com artigos de opinião, inclusive de autoria de não-integralistas, como do ex-ministro Vicente Rao. Há páginas cultural, feminina e de esportes. A edição conta ainda com um artigo da escritora e ativista estadunidense Helen Keller<sup>456</sup>. *A Época* circulou até 1948.

O jornal *O Populista*, cujo título é uma referência direta aos membros do partido, foi contemplado com duas edições na coleção do DOPS, datadas de março e abril de 1948. Mais do que *A Época*, o jornal fazia ampla propaganda do PRP, a começar do título e do símbolo no cabeçalho: um sino de prata, que era o símbolo do partido naquele momento. O exemplar de número 4, de março, contém dois artigos de Plínio Salgado, datados dos anos de 1936 e 1937, inclusive usando ostensivamente a

---

<sup>453</sup> Gilberto Calil faz uma abordagem geral dessa imprensa do PRP de caráter nacional, focando-se sobretudo em três títulos: *Reação Brasileira* (que circulou entre 1945 e 1946), *Idade Nova* (1947-1951) e *A Marcha* (CALIL, 2011: 327-354).

<sup>454</sup> O único título posterior ao fechamento do PRP é a edição 54 do jornal *Renovação Nacional*, de novembro/dezembro de 1976, localizado em 50-J-0-5422.

<sup>455</sup> CARNEIRO & KOSSOY, 2003: 192.

<sup>456</sup> *A Época*, 15/06/1946. 24-J-2-25 (pasta 1).

grafia da década de 1930<sup>457</sup>. O objetivo era declarar que o pensamento do chefe integralista não havia mudado apesar das mudanças ocorridas no cenário nacional e internacional. O periódico era publicado no Rio de Janeiro.

Um jornal estudantil também foi recolhido pelo DOPS. Trata-se do exemplar do número 1 de *O Arauto*, publicado em São Paulo, e praticamente todo voltado para os preparativos do I Congresso de Estudantes do PRP, que veio a ser realizado em Campinas, no interior de São Paulo, em julho de 1948. Aliás, o jornal se intitulava o órgão oficial da Secretaria de Estudantes da seção paulista do partido. Esse número contava com artigos de Plínio Salgado, do pedagogo Everardo Backheuser (que havia militado no integralismo) e de Genésio Pereira Filho, um dos principais organizadores do congresso e sobrinho de Salgado. *O Arauto* estampava ainda a transcrição do Código de Ética do Estudante, que se tornaria o documento mais importante dos estudantes do partido. O exemplar estava junto de outros documentos relativos ao Congresso estudantil.<sup>458</sup>

Entre os jornais apreendidos, não havia apenas folhas do eixo Rio-São Paulo. Existem nos dossiês dedicados ao integralismo, dois exemplares de *A Voz do Triângulo*, órgão oficial do PRP daquela região do estado mineiro, cuja redação ficava em Uberlândia. As edições, de números 22 e 23, são datadas de 19 e 26 de agosto de 1951, e ambas tratam de congressos locais de estudantes.<sup>459</sup>

Outro jornal estudantil também está na coleção policial. Trata-se de *Yarassú*, órgão do Grêmio Cultural Jackson de Figueiredo, uma organização estudantil da capital paulista, e que fazia parte da Confederação dos Centros Culturais da Juventude, órgão estudantil integralista criado em 1953, e nominalmente independente do PRP. Este número, o primeiro da publicação, possuía artigos de Plínio Salgado, do Padre Leonel

---

<sup>457</sup> Os artigos são “Aos Trabalhadores do Brasil” e “Compreensão” e ambos foram publicados no jornal *A Offensiva*, que havia sido o principal periódico da AIB. *O Populista*, março de 1948, pp. 1 e 3. 24-J-2-74 (pasta 1). A grafia em questão é anterior à Reforma Ortográfica de 1943, que vigorava então.

<sup>458</sup> *O Arauto*, junho de 1948. 24-J-2-79 (pasta 1).

<sup>459</sup> “Monumental peça doutrinária a Conferência de Hélio Rocha”. *A Voz do Triângulo*, 19/08/1951, pp. 1 e 4. Hélio Rocha era Secretário Nacional de Estudantes do PRP. A conferência visava celebrar o Dia do Estudante – 11 de agosto – na localidade. “Primeiro Congresso de Estudantes do PRP”. *A Voz do Triângulo*, 26/08/1951, pp. 1 e 3. A notícia referia-se ao primeiro congresso estadual estudantil do PRP mineiro, ocorrida no início daquele mês em Juiz de Fora. 24-J-2-170 (pasta 2).

Franca e de José Baptista de Carvalho, presidente do Grêmio.<sup>460</sup> Três anos mais tarde, o Grêmio Jackson de Figueiredo começou a publicar uma revista com o mesmo nome.<sup>461</sup>

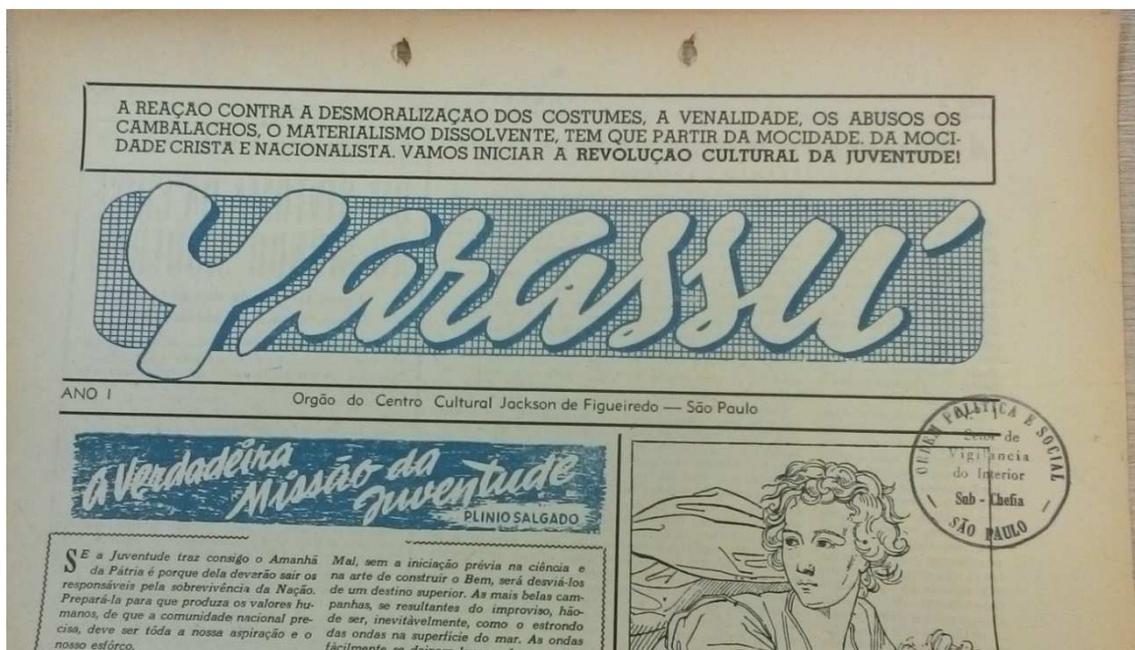


Ilustração N° 16 – Parte superior da primeira página de Yarassú, com o carimbo do DOPS. 24-Z-803.

O periódico mais importante do PRP foi, contudo, *A Marcha*. Foi também, o de maior longevidade: circulou, quase ininterruptamente de 1953 a 1965, quando o partido deixa de existir<sup>462</sup>. No início com oito páginas, foi órgão oficial do partido e tinha circulação nacional. Tendo como subtítulo a expressão “Semanário de Cultura e Ação”, o jornal tinha caráter doutrinário e noticioso, com as notícias de caráter nacional e

<sup>460</sup> SALGADO, Plínio. “A verdadeira missão da juventude”; FRANCA, Leonel. “Um sintoma da crise do mundo moderno”; CARVALHO, José Baptista de. “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. *Yarassú*, março de 1954, pp. 1-2. 24-Z-5-803 (pasta 4).

<sup>461</sup> A revista, lançada em dezembro de 1957, teve caráter de uma revista de estudos. Em seu primeiro número fez referência à sua fase como jornal. “*Recomeçamos hoje. YARASSU – a águia que projetou o primeiro vôo em Março de 1954, subiu às culminâncias de um dos mais completos e apreciados jornais da Confederação de Centros Culturais da Juventude, por motivos sérios e graves – dos quais o mais grave seria a eterna dificuldade financeira com que lutam todos quantos de [sic] propõem algo de realmente bom e nobre – como que se recolheu ao ninho por um longo inverno. Hoje, em roupagens novas – mais forte e disposta para a luta, ressurgiu do aparente marasmo e aqui está.*” “Recado do Diretor”. *Yarassú*, n° 1, dezembro de 1957, p. 5.

<sup>462</sup> O jornal deixou de circular entre o fim de 1962 e outubro de 1964 devido à falta de dinheiro em caixa, “em virtude da pouca publicidade e do baixo volume de assinaturas,” além do aumento do custo do papel (CALIL, 2011: 349-350).

internacional sempre passados pelo filtro da doutrinação integralista. O jornal possuía várias seções como uma página cultural, uma voltada para a juventude e uma para a agricultura, por exemplo.

Apesar de fomentar sistematicamente campanhas por assinaturas e da venda em bancas, a publicidade paga foi o principal meio de financiamento da existência do jornal.

Mais do que isto, uma análise dos anúncios revela que os integralistas recebiam apoio de diversas empresas de grande porte, entre elas: empresas de aviação (Cruzeiro do Sul, Panair, Varig), bancos (Banespa, Mauá, Gramacho), fabricantes de remédios, cosméticos e produtos de higiene (Elixir 914, pílula do Abade Moss, sabonete Santelmo, Leite de Rosas), empresas alimentícias (Kibom), mecânicas, imobiliárias, comerciais e hoteleiras. (CALIL, 2011: 248-249)

Geralmente, a apreensão dos exemplares dos jornais era feita durante as investigações corriqueiras dos agentes nas reuniões ou comícios do partido. Mas eram feitas de modo imperceptível, pois em geral, eram jornais cedidos gratuitamente pelos próprios integralistas para divulgação de suas ideias (assim como panfletos), ou vendidos a preços irrisórios, e isso para qualquer pessoa que comparecesse em seus eventos.<sup>463</sup>

O surgimento de *A Época* chegou a ser registrado pelos investigadores:

Informa elemento reservado deste Setor que, nos próximos dias, o Partido de Representação Popular fará circular um semanário eminentemente político. Para tanto, a mencionada agremiação, por meio de circulares mimeografadas, está comunicando o fato aos seus adeptos, solicitando todo o auxílio possível dos mesmos. Essas circulares trazem a assinatura do DR. RENATO EGIDIO DE SOUZA ARANHA, com escritório à rua José Bonifácio, 209, 10º, nesta Capital. (...) O semanário, a que fazemos referência, terá o título de “A ÉPOCA”.<sup>464</sup>

---

<sup>463</sup> Relatos de recolhimentos de exemplares de jornais em 24-J-2-16, 24-J-2-20 e 24-J-2-33. Contudo, alguns dos exemplares que os agentes diziam estar em anexo aos relatórios não estavam presentes nos dossiês, como os de *Reação Brasileira* e *Páginas de Combate*, ambos semanários do Rio de Janeiro, ou de *A Marcha*, posteriores a 1954.

<sup>464</sup> “O Partido de Representação Popular lançará, por estes dias, um semanário político”. Comunicado preparado por S-OP dirigido ao Chefe do SS. São Paulo, 22/05/1946, 24-J-2-20.

Em setembro de 1947, três jornalistas contratados por Aranha - um dos editores de *A Época* - foram detidos por um guarda civil por estarem escrevendo propaganda do jornal no asfalto da Avenida Rangel Pestana, via de grande circulação na região do Brás, Zona Leste de São Paulo, por volta das duas da madrugada. Depois de prestarem depoimento, os jovens foram liberados. Para Paulo Rangel, delegado adjunto do DOPS, era importante constatar que o jornal não era comunista, informação que ele mostrava desconhecer, apesar de fazer mais de um ano que o periódico já circulava.<sup>465</sup>

Os periódicos integralistas não sofriam a mesma perseguição que os da esquerda. Jornais comunistas e anarquistas, por exemplo, eram apreendidos quando da detenção de militantes ou suspeitos de fazerem parte de organizações políticas congêneres. Assim, um jornal comunista como *Voz Operária*, de julho de 1949, foi apreendido na casa de um militante de nome João Rojo, que segundo a polícia, “*havia participado do Partido Comunista e possuía sob a sua guarda grande quantidade de material subversivo, que tratava de questões relacionadas com os problemas enfrentados pelo trabalhador do campo.*” (CARNEIRO & KOSSOY, 2003: 224).

No caso dos jornais integralistas, mesmo na década de 1930, isso não acontecia. Por exemplo, o caso do exemplar apreendido de *A Offensiva*. O número deste jornal, que foi o principal órgão integralista nos anos 30, presente no prontuário da AIB, é o 38, datado de 31 de janeiro de 1935. O motivo foi um artigo de autoria de Plínio Salgado que saiu em primeira página sobre a Lei de Segurança Nacional que estava prestes a entrar em vigor, e, apesar de ter como alvo os comunistas e forças de esquerda, os integralistas temiam que voltassem também contra sua agremiação. É possível ver, no exemplar em poder do DOPS marcas no texto que indicam uma leitura atenta e as maiores preocupações dos policiais.<sup>466</sup>

O caso de *A Marcha* teve uma singularidade em relação a todos esses. O principal órgão do PRP era, desde o início, enviado gratuitamente para várias autoridades em todo o país. Desse modo:

---

<sup>465</sup> “Parecer do Delegado Adjunto de Ordem Política, nos autos de termos de declarações dos snrs:-José Morzzo—Nelson Morzzo e João Batista Cassú”. Parecer de Paulo Rangel ao Delegado de Ordem Política. São Paulo, 23/09/1947. 24-Z-5-773 (pasta 4).

<sup>466</sup> CARNEIRO & KOSSOY, 2003: 84.

Antes mesmo de seu lançamento, seus diretores [isto é, do jornal] solicitaram aos diretórios regionais [do PRP] listagens atualizadas dos bispos, secretários de Estado, dirigentes de Autarquia e comandantes da Região e de guarnições militares, para que todos eles recebessem o jornal como cortesia. (CALIL, 2011: 346).

Não foi diferente com o DOPS-SP: em algumas edições apreendidas do jornal há uma etiqueta com o nome do delegado da polícia política paulista, com o endereço do órgão, no alto da primeira página:

Dr. Manoel Ribeiro da Cruz  
Largo Gal. Osorio, 86 – 4. And.  
São Paulo – São Paulo<sup>467</sup>



**Ilustração Nº17 – No campo superior esquerdo da primeira página de *A Marcha*, o nome e o endereço do delegado do DOPS. 24-J-2-170.**

Vemos, assim, através de alguns exemplares de *A Marcha* que estes não foram, na verdade, apreendidos, mas foram enviados graciosamente para o DOPS-SP, como parte de uma política de distribuição do jornal para diversas autoridades civis, militares e religiosas de todo o país.

<sup>467</sup> Nas edições 11, 22 e 23. Para datas, ver a tabela 5. No exemplar de número 66, o nome do delegado é trocado por “Biblioteca do Departamento de Ordem Política e Social”, com o mesmo endereço.

O objetivo do partido era de espalhar cada vez mais seu órgão doutrinário, como uma forma de divulgação de seu credo político para formadores de opinião e locais estratégicos. Além das autoridades, eram enviadas remessas gratuitas do jornal para “colégios, quartéis, associações culturais, sindicatos, sociedades operárias e salões de barbeiro, além dos agentes do correio de cada cidade.”<sup>468</sup>

É possível mapear os interesses dos agentes do DOPS em alguns jornais apreendidos ou recebidos e presentes nos dossiês. Vemos anotações como números, rabiscos, carimbos e notícias e nomes circulados nas páginas dos periódicos. Normalmente, os títulos dos jornais são assinalados, a lápis ou a caneta.

Os carimbos, fixados no alto da primeira página de cada exemplar, indicam seções às quais os jornais possam ter feito parte antes de engrossar definitivamente os dossiês sobre o integralismo. Por exemplo, no exemplar de *A Época*, há a expressão “S-S Serviço de Recortes”, o que indica que o Serviço Secreto (S-S) tinha um setor organizado para este tipo de item. Já na edição de *Yarassú*, há um carimbo circular com as inscrições “Ordem Política e Social – Setor de Vigilância do Interior – Sub-Chefia – São Paulo”, sobre a qual não conseguimos maiores informações.

Outra prática é a anotação de números, normalmente nas primeiras páginas como os carimbos. Em geral, os números indicam uma sequência documental: por exemplo, a edição de número 4 de *O Populista*, possui o número 80 escrito a lápis em sua capa. O documento subsequente, um panfleto (o qual não possui código de localização), tem o número 81<sup>469</sup>; o anterior (24-J-2-73), um relatório de investigação, possui o número 79<sup>470</sup>.

Mas as principais marcas dos agentes nos jornais são as notícias assinaladas. Curiosamente, as notícias ou artigos assinalados não se referem a reuniões integralistas, textos doutrinários ou perfis políticos de personalidades do mundo do Sigma. Na verdade, os textos circulados são de caráter anticomunista. Mais do que isso, são peças

---

<sup>468</sup> *A Marcha*, 27/04/1956, p. 12, citado por CALIL, 2011: 347. Contudo, apesar de o pesquisador afirmar que tal iniciativa persistiu até praticamente o fim da existência do jornal, os exemplares mais recentes de *A Marcha* presentes nos dossiês são, conforme pode ser visto na tabela, de 1954.

<sup>469</sup> “Estudantes de Piracicaba – A postos”. S/d, sem código de localização.

<sup>470</sup> “Investigação em torno de Plínio Salgado”. S-O.G., 17/05/1948, 24-J-2-73.

de denúncia contra uma das maiores fixações dos militantes anticomunistas: a “conspiração comunista”.

De fato, o anticomunismo, que já era importante no ideário integralista nos anos 30, foi atualizado pelo clima polarizado da Guerra Fria, e permaneceu o principal tema mobilizador da militância do PRP.

O partido procurava convencer seus militantes de que o comunismo estava prestes a “escravizar” o Brasil, que estava minando suas estruturas para facilitar a iminente invasão soviética, que contava com aliados infiltrados em todos os setores, que sua demagogia ameaçava um povo “ingênuo” e “indefeso”, e que vinha desenvolvendo minuciosamente um plano de dominação mundial. A construção da “iminência” do perigo ocupava lugar de destaque na preocupação do partido (CALIL, 2001: 311).

Invocando exatamente a ideia de conspiração, um artigo em *A Voz do Triângulo* n° 23, de 26 de agosto de 1951 foi anotado por agentes do DOPS. Na parte inferior esquerda da segunda das quatro páginas daquela folha, o pequeno artigo “*Infiltração [sic] bolchevista*” tem caráter denunciante e adota tom irônico e repleto de trocadilhos. Em momento crítico da Guerra Fria, com o PCB já na ilegalidade, vários comunistas migraram para outras legendas com o objetivo de continuar sua vida política e militar dentro dos limites permitidos pelos partidos que os recebiam e dos frágeis limites da democracia brasileira, estratégia que ficou conhecida como “entrismo”. O artigo do periódico mineiro tratava, à guisa de aviso, a movimentação de comunistas locais para o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e o POT (Partido Orientador Trabalhista).<sup>471</sup>

Além do “estoque” original que o PTB mantém em postos fundamentais, outros estão entrando para os seus “depósitos”! Os vermelhos estão debandando alguns partidos mais vigilantes, e vão via de regra para o PTB. Vae André Nunes Junior. Vae Arnaldo de Moraes Arruda, o padre! E depois outros, mais outros, pombinhos de Picasso, rumo ao P\_ombal T\_enico B\_olchevista [sic]! É uma revoada que dá na vista! Os poucos que perdem o rumo vão, indo com muita sede ao POT! Se os petebistas sinceros não

---

<sup>471</sup> O POT foi criado em 1945, tendo conseguido registro provisório. Contudo, conseguiu lançar candidatos para eleições somente em Minas Gerais e no Distrito Federal. Como nas eleições nacionais de 1950 não conseguiu eleger nenhum candidato e nem atingiu o coeficiente mínimo de 50 mil votos, o partido teve seu registro cassado pelo TSE em 12/10/1951. “Partido Orientador Trabalhista (POT)”. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-orientador-trabalhista-pot.aCESSADO> em 11/03/2016.

abrirem os olhos, vão funcionar, logo, como “massa de manobra”. Quanto [a]o P.O.T., está rachado. Rachado e seco! Mas muita gente não sabe disso, há muita sede... de votos, e lá vão ter. O aviso é para vós “potista”: POTISTAS! POTISAI-VOS POR QUE CERTOS POTEIROS PRETENDEM VOSSO POT! E QUE “POTEIROS”! POTOQUEIROS É O QUE ELES SÃO.<sup>472</sup>

Uma das edições de *A Marcha*, a de número 22, um longo artigo de capa foi circundado de vermelho pelos policiais do DOPS paulista. A matéria, intitulada “*Brasil, país desgovernado*”, alude, de forma escandalosa, a ida de uma delegação de professores brasileiros a uma Conferência Internacional de Professores em Viena, que foi organizado por uma comissão presidida pelo psicólogo francês Henri Wallon<sup>473</sup>, em julho de 1953. Essa conferência é chamada deliberadamente de comunista pelo jornal, a qual estaria sendo organizada, segundo matéria, pelo governo soviético com o fim de “*inocular no magistério de todos os países as doutrinas pedagógicas que mais convêm à Rússia.*”<sup>474</sup>

O jornal integralista, que engrossava o coro da imprensa que atacava o segundo governo de Vargas (1951-1954)<sup>475</sup>, aproveitou esta oportunidade para atacar a

---

<sup>472</sup> “Infiltração bolchevista”. *A Voz do Triângulo*, 26/08/1951, p. 2. 24-J-2-178. Maiúsculas no original.

<sup>473</sup> “Henri Paul Hyacinthe Wallon nasceu em Paris, França, em 1879. Graduou-se em medicina e psicologia. Fez também filosofia. Atuou como médico na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ajudando a cuidar de pessoas com distúrbios psiquiátricos. Em 1925, criou um laboratório de psicologia biológica da criança. Quatro anos mais tarde, tornou-se professor da Universidade Sorbonne e vice-presidente do Grupo Francês de Educação Nova - instituição que ajudou a revolucionar o sistema de ensino daquele país e da qual foi presidente de 1946 até morrer, também em Paris, em 1962. Ao longo de toda a vida, dedicou-se a conhecer a infância e os caminhos da inteligência nas crianças. Militante de esquerda, participou das forças de resistência contra Adolf Hitler e foi perseguido pela Gestapo (a polícia política nazista) durante a Segunda Guerra (1939-1945). Em 1947, propôs mudanças estruturais no sistema educacional francês. Coordenou o projeto Reforma do Ensino, conhecido como Langevin-Wallon - conjunto de propostas equivalente à nossa Lei de Diretrizes e Bases. Nele, por exemplo, está escrito que nenhum aluno deve ser reprovado numa avaliação escolar. Em 1948, lançou a revista *Enfance*, que serviria de plataforma de novas idéias no mundo da educação - e que rapidamente se transformou numa espécie de bíblia para pesquisadores e professores.” Wallon faleceu em Paris, em 1962. SANTOS, Fernando Tadeu. “Henri Wallon”. *Educar para Crescer*. Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/henri-wallon-307886.shtml>. Acessado em 15/03/2016.

<sup>474</sup> “Brasil, país desgovernado”. *A Marcha*, 17/07/1953, p. 1. 24-J-2-175.

<sup>475</sup> Quase toda a imprensa no segundo governo Vargas era antigetulista. “O renomado [jornal] O Estado de São Paulo, por exemplo, era um feroz oponente de Vargas. Duas organizações jornalísticas, de âmbito nacional, O Globo e os Diários Associados (o império de Chateaubriand que incluía O Jornal no Rio de Janeiro e vários jornais no interior), também eram pilares do antigetulismo. Desde a eleição de Getúlio, seus oponentes procuraram um tema sobre o qual basear toda a campanha oposicionista” (SKIDMORE, 1976: 161). No caso dos integralistas, além da motivação contrária que se baseava numa guinada à esquerda de Getúlio – a qual tinham em comum com a maior parte da oposição antigetulista – acrescentava-se o ódio contra a sua pessoa advindo do que consideravam a “traição” ao apoio dos

administração federal, pondo em dúvida a necessidade de que professores brasileiros devam aprender algo num congresso internacional de educadores. Chega, por fim, a fazer um apelo a uma solução militar.

É um absurdo que o Govêrno brasileiro permita que professores do nosso país vão beber orientação pedagógica num Congresso Internacional, quando somos uma Nação soberana e devemos traçar os rumos que mais condizem com os interesses da nossa Pátria. Ou temos Govêrno, ou não temos. Ou temos independência, ou não a temos. Ou temos aquela auto-direção que nos assegura o Pacto do Atlântico, ou não a temos. Ou temos vergonha na cara, ou somos desavergonhados.

Não se concebe que um professor vá, à revelia do Govêrno, receber instruções num Congresso Internacional. Então, o Ministério da Educação do Brasil é tão incompetente ou tão alheio aos problemas do ensino, que não tem uma orientação pedagógica para dar aos nossos professores? Em que país estamos? É isto uma casa da mãe Joana? Somos uma casa de tolerância? Já perdemos o brio a tal ponto? É o que perguntamos ao Ministro da Educação, aos Governos dos Estados e da República. **É o que perguntamos também ao Exército Nacional.**<sup>476</sup>

Apesar de não ter sido anotado pelo DOPS, outro número de *A Marcha* tem um detalhe que pode ter chamado a atenção dos investigadores. A edição 26 possui uma colagem com vários títulos de jornais comunistas distribuídos no Brasil, naquele momento. Entre eles, *Hoje*, *A Classe Operária*, *Voz Operária*, *Novos Rumos* e *Cultura Soviética*. Pelo menos um deles, era editado em espanhol: *U.R.S.S. – Boletín de Informaciones*, publicado no México. O jornal alegava que publicava novamente o “clichê” - que já tinha saído numa edição anterior - a pedido de seus leitores, e aproveitava para fazer propaganda do próprio veículo como uma forma de lutar contra o comunismo.

Atendendo ao pedido de inúmeros leitores, novamente publicamos o clichê do n. 2 de A MARCHA, onde são estampados os títulos da metade dos jornais comunistas que circulam no Brasil.

Você, leitor de A MARCHA, o que tem feito para combater o comunismo? Tem difundido A MARCHA? Já é um soldado da grande campanha? Difundir A MARCHA, fazendo ou angariando assinaturas, É COMBATER O COMUNISMO.<sup>477</sup>

---

integralistas ao Estado Novo e à subsequente repressão política aos seguidores de Salgado. Sobre as relações entre o PRP e o segundo governo Vargas, ver CALIL (2011: 110-121 e 129-133).

<sup>476</sup> *Id.* Grifo meu.

<sup>477</sup> *A Marcha*, 14/08/1953, p. 14. 24-K-12-72. Maiúsculas no original.



Ilustração N°17 - Colagem de vários títulos de jornais comunistas na edição N° 26 de A Marcha. 24-K-12-72.

Para a polícia política paulista, coletar e arquivar os periódicos integralistas teve duas razões: controlar a movimentação e as visões de mundo do PRP; e como fonte de informações sobre supostas conspirações comunistas, material que abundava nas folhas do partido.

O fato de que o jornal mais importante do PRP fosse, desde seus inícios, enviado gratuitamente ao DOPS de forma regular, inclui automaticamente os agentes do órgão como parte de sua “comunidade de leitores”<sup>478</sup>. O jornal, pois, era pensado para além da esfera dos militantes do movimento integralista, visando – dentre outros grupos - os agentes do DOPS como aliados na luta contra o comunismo internacional e, portanto, “guardiões da Pátria”. Apesar de não deixar de investigar os integralistas, suas atividades político-partidárias, discursos e estratégias eleitorais, no que tange aos jornais o único assunto que interessava ao DOPS são eventuais estratégias dos comunistas para a inserção nas instituições nacionais, com o objetivo de instaurar – de acordo com o imaginário anticomunista – uma revolução a qual ambos, polícia política e os integralistas, temiam.

## **2.9 – Organizações integralistas extrapartidárias**

Em sua busca incessante em registrar cada movimento da sociedade, o DOPS também anotou as ações de duas organizações integralistas que eram, ao menos nominalmente, não vinculadas ao PRP: os Centros Culturais da Juventude - movimento estudantil conhecido mais comumente como “Águias Brancas” - e a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB), entidade que visava – como diz o próprio nome - organizar o operariado e o campesinato segundo os ideais integralistas.

### **2.9.1 - Os “Águias Brancas”**

A organização estudantil entre os integralistas no pós-guerra começa, formalmente, com o I Congresso Estudantil do PRP, realizado em Campinas em 1948, atentamente acompanhado pelo DOPS e já analisado neste trabalho. Nesse momento,

---

<sup>478</sup> Sobre o conceito de “comunidade de leitores”, ver CHARTIER (1994: 11-31).

havia uma Secretaria de Arregimentação Estudantil do partido que controlava os contatos desse segmento com os integralistas. Contudo, os integralistas tinham a intenção de ampliar significativamente esse contingente de estudantes, mantendo-os vinculados à ideologia integralista. Mas não necessariamente ao partido, que era considerado um mero instrumento da “doutrina”.

Com esse objetivo, foi criada em 1952 a Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ). O “Manifesto da CCCJ”, presente na documentação do DOPS, estrategicamente não apenas não menciona a palavra “integralismo” em nenhum momento, como afirmava uma desvinculação completa com os partidos políticos existentes.

A Confederação de Centros Culturais da Juventude é super-partidária, isto é, não tem ligações com nenhuma agremiação política do País. Por êsse motivo pode solicitar a colaboração de todos os bons brasileiros, pertencentes a quaisquer partidos, ou categorizados na classificação dos sem partido, pois os moços precisam, neste esforço de redenção da Pátria, do conforto e do estímulo de quantos hajam verificado o rebaixamento dos nossos costumes, a degradação do caráter na época presente e, principalmente, a apatia fatalista, a qual unida ao egoísmo comodista, representa a maior das desgraças do nosso tempo.<sup>479</sup>

Contudo, de acordo com um de seus principais líderes, mesmo que a ligação com o PRP não fosse explícita, a CCCJ era – inequivocamente – integralista, e tinha um papel claro na dinâmica do movimento: *“da mesma forma que o integralismo foi posto na ilegalidade uma vez, ele poderia vir a ser posto de novo. Assim, criar uma organização estudantil independente do partido era uma necessidade para manter o integralismo vivo para as futuras gerações.”*<sup>480</sup> Os “Águias Brancas”, cujo nome dado por Salgado por conta de uma suposta semelhança desta ave com um típico gavião brasileiro<sup>481</sup> eram, pois, a “Terceira Geração Integralista”.<sup>482</sup>

---

<sup>479</sup> “Manifesto da C.C.C.J.” Sem data. Dossiê 24-Z-5 (pasta 4).

<sup>480</sup> Depoimento de Gumercindo Rocha Dorea a este pesquisador, por telefone, 04/04/2016.

<sup>481</sup> Segundo depoimento do ex-Águia Branca José Baptista de Carvalho à historiadora Márcia Carneiro: *“O Brasil não tem águia. O gavião é o maior pássaro que tem no Brasil [...] mas tem uma parte branca, uma coisa assim. E pegou isso, os águias-brancas, de galinhas-verdes para águias brancas.”* (CARNEIRO, 2011: 228).

<sup>482</sup> A primeira geração foi a da AIB (anos 30); a segunda, os adultos do PRP, que entraram no partido nos anos 40 e 50; e a terceira, a dos “Águias Brancas”.

A confederação tinha uma coluna semanal no jornal *A Marcha*, o principal do partido, que informava a fundação de novos centros, suas atividades, eventos, artigos de seus membros etc. Alguns dos Centros espalhados pelo Brasil também tinham seus próprios órgãos informativos. Em 1957, foi lançada a revista *Águia Branca*, de curta duração.

Apesar disso, com exceção da apreensão do jornal *Yarassu*, de março de 1954, já citado, o DOPS parece ter se interessado pelas atividades dos “Águias Brancas” somente a partir de 1957. Assim, a primeira observação policial em torno dos centros culturais foi na ocasião do III Congresso Nacional de Líderes Águias Brancas, realizado em São Paulo, e patrocinado pelo Grêmio Cultural Jackson de Figueiredo, da capital.

O evento durou entre os dias 19 e 21 de julho de 1957 e contou com a presença de figuras importantes do PRP, como Plínio Salgado, presidente do partido e “presidente de honra” da Confederação, o deputado José Loureiro Junior, o professor Goffredo da Silva Telles Jr., João Carlos Fairbanks, Felix Contreiras Rodrigues e Damiano Gullo, então presidente do diretório estadual do partido, o que demonstra que, apesar de o discurso dos “Águias Brancas” ser de autonomia em relação ao partido, membros de um e outro participavam dos eventos de cada entidade. Na mesa da sessão de encerramento, aliás, estava além de Salgado, Loureiro Jr., o qual formalmente não tinha vínculos formais com a Confederação, juntamente com líderes destacados dos “Águias Brancas” como Hélio Rocha, Leovigildo Pereira Ramos e José Maria Rodrigues Bastos.<sup>483</sup>

De acordo com o investigador Benedito Alves de Campos, os oradores declararam os propósitos do movimento dos Centros Culturais e sua ação política, presente e futura.

Falaram vários oradores sobre a arregimentação de forças e respeito da responsabilidade de cada “Águia Branca”. Disseram que todos devem trabalhar com amor á pátria, a fim de um dia poder ver o Brasil Governador [sic] por eles, homens que, segundo

---

<sup>483</sup> “Instalação e encerramento do III Congresso Nacional de Líderes Águias Brancas. Relatório da subchefia de Ordem Social. Investigador: Benedito Alves de Campos.” São Paulo, 23/07/1957. 24-J-2-273 (pasta 4).

revelaram, têm capacidade para administrar o nosso país, que “continua nas mãos de governo sem ação.”<sup>484</sup>

Ao longo dos anos, foram fundados centros em várias partes do Brasil (e do Estado). O principal deles foi o Grêmio Cultural Jackson de Figueiredo. O Grêmio era convidado a fazer reuniões e comícios em cidades onde não havia unidades da entidade, com o propósito de fundar novos centros ou simplesmente para divulgar o integralismo, geralmente em associação com o diretório local do PRP e uma unidade local de outra agremiação extrapartidária, a União Operária e Camponesa do Brasil.

O DOPS acompanhou essas ações dos “Águias Brancas” nos municípios de Paulo de Faria, Riolândia<sup>485</sup>, Tatuí e Sorocaba, todas no interior do Estado, no início de 1958. Em Sorocaba, houve um “*comício relâmpago*”, onde compareceram cerca de 80 pessoas. Os oradores José Maria Rodrigues Bastos, Carmen Pinheiro Dias e Antonio C. Dias trataram dos seguintes temas, de acordo com os agentes: “*propaganda de PLÍNIO SALGADO, do integralismo em geral, crítica de nossa jubentude [sic], pelas suas atitudes, combate ao comunismo e à nossa amizade aos Estados Unidos da America.*”<sup>486</sup>

Em Tatuí, o delegado local registrou que no comício local, realizado no início de março de 1958 e que reuniu cerca de duzentas pessoas, “*falaram (4) oradores, transcorrendo em perfeita ordem e com pouco interesse do povo em ouvi-los*”<sup>487</sup>. A palestrante Carmen Pinheiro Dias discursou sobre a falta de interesse na cultura em geral “*e concitou a mulher brasileira a ocupar sua verdadeira posição na vida, para evitar a dissolução da família e contribuir no sentido de recuperação dos bons costumes.*”<sup>488</sup>

---

<sup>484</sup> *Id.* Os eleitos para a Confederação neste Congresso foram: Presidente: Gumercindo Rocha Dórea; 1º vice-presidente: Paulo de Moraes Lopes; 2º vice-presidente: José Baptista de Carvalho; 3º vice-presidente Walter P. Ferreira; 1º secretário: Carmen Pinheiro Dias; 2º secretário, Edgard Rocha.

<sup>485</sup> Despacho do delegado de polícia de Paulo de Faria, Amaury Prado do Val, ao Diretor do Departamento de Ordem Política e Social. Paulo de Faria, 29/01/1958; “Grande Comício Integralista – Paulo de Faria - Riolândia” (cópia de folheto de divulgação, datilografado). 24-J-2-282 (pasta 4).

<sup>486</sup> Relatório dos investigadores Heitor Rezende Maia e Henrique Mebius ao Delegado Regional de Polícia [de Sorocaba?]. Sorocaba, 04/03/1958. 24-J-2-283 (pasta 4). Maiúsculas no original.

<sup>487</sup> “Delegacia de Polícia de Tatuí – Relatório”, pelo Delegado Anelio Bassoi. Tatuí, 03/03/1958. Dossiê 24-J-2 (pasta 4). Grifo meu.

<sup>488</sup> *Id.*

na malha de realizarmos a salvação nacional.

Nunca nenhuma geração teve, como a nossa, uma dedicação igual. Podemos dizer que somos privilegiados, contando com um homem que se imola, por nós perante a Pátria e à face de Deus.

A Confederação de Centros Culturais da Juventude, que conta hoje algumas centenas de grêmios filiados e que pretende atingir um milhão até ao fim deste ano, não faz política partidária, não se envolve em lutas locais, não se tingem com as cores de qualquer facção. Sendo super-política, não é, entretanto, apolítica. E no dia em que os seus associados, individualmente, por dever legal, precisarem definir-se, eles o farão, coerentemente, de acordo com a doutrina que esposam, a qual não é outra senão a que procede das raízes da nossa História e das fontes puras do pensamento nacional, exprimindo-se na síntese de Cristianismo e Brasilidade, que Plínio Salgado condensou, buscando as idéias essenciais em Alberto Torres, Farias Brito, Euclides da Cunha, Jackson de Figueiredo,

Oliveira Vianna, Leonel Franca, Glauco Blac, Pandiá Calógeras, José Bonifácio, e tantos outros, incluídos os doutrinadores políticos da medievallidade lusitana.

A nossa obra, entretanto, supera e ultrapassa os acontecimentos políticos episódicos e de horizontes estreitos do imediatismo partidário do país. Ela visa uma ação prolongada e profunda, porque objetiva a própria construção nacional. E por isso podemos dizer à sefreguidão oportunista do nosso tempo, repetindo as palavras do Evangelho: "a pedra que puseram de lado será a pedra angular do edifício que estamos erigindo".

Povo Brasileiro ! Conheceis, por estas palavras, quem somos, de onde viemos, para onde vamos, o que queremos. Vinde conosco. Esta é a rara oportunidade que se oferece ao Brasil. Aproveitai. E as gerações futuras bendirão, entre os contemporâneos desta campanha, os que não ficaram como simples espectadores, mas vieram tomar parte na maravilhosa empresa, como opostores da Pátria de Amanhã.



Ilustração N° 19 – Última página do Manifesto da C.C.C.J. Dossiê 24-Z-5 (pasta 4). Microfilme.

Num despacho sobre um comício do PRP na cidade de Pompeia, o delegado local percebeu a dinâmica entre perrepistas e “Águias Brancas”: “o *MOVIMENTO DAS AGUIAS BRANCAS*, [...] será a parte preponderante do Partido de Representação Popular, pois para esse setor deverão ser dirigidos todos os jovens simpatizantes da doutrina integralista e mais tarde virão a formar a cúpula do partido.”<sup>489</sup>

A relação dos “Águia Brancas” com o partido nem sempre foi harmônica, contudo. Durante a campanha de Plínio Salgado à Presidência da República, em 1955, surgiram vários conflitos. Segundo Gumercindo Rocha Dórea:

O pessoal do Partido, eu tive ‘pegas’ homéricos com o Partido.[...] Tinha gente que odiava a Confederação [...] porque diziam que estávamos desviando o objetivo político-eleitoral do PRP [...]. Quando chegou a época da eleição, a grande força, entretanto, foram os jovens. Foi a Confederação e foram os Centros Culturais que correram esse Brasil. Porque os donos do Partido tinham suas vidas montadas de alguma forma, quando faziam campanha, faziam campanha para si, nos seus Estados, nas suas cidades. Nós não, nós fazíamos por Plínio e pelo integralismo. (*apud* CARNEIRO, 2011: 229).

Além das ações do Grêmio Jackson de Figueiredo, o DOPS observou também as atividades do Centro Cultural José Bonifácio, sediado em Ribeirão Preto<sup>490</sup>. Em abril, o Centro Cultural promoveu uma série de conferências, denominada “Semana de Estudos da Doutrina Integralista”, naquela cidade com vários palestrantes, entre eles o deputado Loureiro Jr. e, no último dia, Plínio Salgado. Os temas eram os característicos do integralismo: nacionalismo, municipalismo, espiritualismo, dentre outros. A audiência variou entre 80 e 150 pessoas em cada palestra.<sup>491</sup>

Num período em que os velhos militantes da AIB que entraram no PRP envelheciam ou já estavam morrendo, e o integralismo era visto pela sociedade, de uma forma geral, como algo que oscilava entre um passado indesejado e/ou meramente

---

<sup>489</sup> Despacho N° 69/58, do delegado de polícia de Pompeia, Helio Eduardo Costa Galvão, ao Delegado Chefe do Departamento de Ordem Política e Social (Sector) Politico. São Paulo. Pompeia, 02/04/1958. 24-J-2-390 (pasta 4).

<sup>490</sup> Para uma ampla relação dos nomes e localizações dos Centros Culturais em todo o Brasil, ver CALIL (2005: Anexo I). No país, foram 320 centros, sendo 71 apenas no Estado de São Paulo.

<sup>491</sup> Reservado N° 844-58 enviado pelo Delegado Regional de Polícia de Ribeirão Preto, Helio Negreiros Penteadó, ao Delegado Auxiliar da 5ª Divisão Policial (DOPS) Enzo Julio Tripoli, São Paulo. Ribeirão Preto, 17/04/1958; “Boletim – Centro Cultural ‘José Bonifácio’ de Ribeirão Preto” (programação da Semana de Estudos sobre a Doutrina Integralista). Cópia. 24-J-2-392 (pasta 4). O agente fez o relatório somente até o terceiro dia de conferências.

folclórico - ao mesmo tempo que o partido era obrigado a fazer alianças com praticamente todos os partidos do espectro político brasileiro, o que fazia que o PRP perdesse parte da sua “cor” ideológica, aumentando a insatisfação de vários puristas - o recrutamento dos estudantes no movimento dos Centros Culturais visava renovar a mensagem político-doutrinária do integralismo para as novas gerações com o objetivo que este se perpetuasse. Fiel à sua auto incumbência de vigiar tudo, o DOPS também investiga as manifestações da CCCJ, mas sem o mesmo interesse e detalhamento das atividades do PRP.<sup>492</sup>

### **2.9.2 - A União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB)**

Da mesma forma que a CCCJ arregimentava estudantes, a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB) pretendia arregimentar membros da classe trabalhadora do campo e da cidade em torno dos ideais integralistas. Já nos anos 30, a AIB teve várias ações com o objetivo de cooptar esse segmento social (DOTTA: 2003). Após a criação do PRP, foi criada a Secretaria Nacional de Arregimentação Trabalhista, voltada para este segmento. As ações da Secretaria, contudo, não foram bem-sucedidas, já que outros partidos tiveram um apelo muito maior nesse momento junto às classes populares, como, num primeiro momento, o PCB e, principalmente, o PTB.

Aliás, a cooptação de operários e camponeses era vista como estratégica para conter o avanço do comunismo. Na posse do diretório municipal do PRP em Santo André (cidade com grande população operária), em 1950, Angelo Simões de Arruda, um dos oradores presentes, durante um discurso de forte teor anticomunista, salientou

---

<sup>492</sup> É bastante conhecido da historiografia os nomes famosos que fizeram parte do movimento integralista nos anos 30, sobretudo nos campos político e intelectual. Mas, e entre os “Águias Brancas”? Que personalidades conhecidas participaram desse movimento integralista nos anos 50 e 60? Na política, João Paulo dos Reis Velloso, e Aníbal Teixeira, ambos ex-ministros do Planejamento, de Ernesto Geisel e José Sarney, respectivamente. Na cultura, os dramaturgos José Celso Martinez Correa e Geraldo Vietri. Da mesma forma que o irmão José Celso, a historiadora Anna Maria Martinez Correa também foi membro do mesmo Grupo Cultural Alberto Torres, em Araraquara. Segundo José Baptista de Carvalho, chegaram a frequentar os centros culturais por algum tempo, Orestes Quercia (este, o Centro Cultural Nove de Julho, em Campinas) e Glauber Rocha (Centro de Estudos Pensamento e Ação, em Salvador, BA). Entrevista de José Baptista de Carvalho a este pesquisador, s/d.

“a necessidade de os populistas **doutrina**rem os operários contra o perigo vermelho.”<sup>493</sup>

Aliás, ao longo daquele ano de 1950, por conta do embate com o velho adversário político, Getúlio Vargas, nas eleições presidenciais de 1950 (o PRP apoiou o candidato da UDN, o Brigadeiro Eduardo Gomes), o partido tentou, tibiamente, se auto intitular como o “*partido dos trabalhadores*”, conforme podia se ver em seu material de campanha.<sup>494</sup>

Uma prova de que essa abordagem não estava funcionando é que após uma série de comícios considerados “*fracos*” pelos agentes de segurança, num meeting realizado em Pirituba, bairro popular da Zona Norte paulistana, em julho daquele ano, Hilário Torloni, um dos oradores, atacou o PTB, o que foi muito mal acolhido pelo público presente. “*Em vista disso, foi o auto-falante expontaneamente desligado pelos organizadores do comício*”, o qual terminou antes do horário previsto.<sup>495</sup>

A UOCB foi criada em fevereiro de 1957. A Declaração de Direitos e Deveres dos Operários e Camponeses foi arquivada e uma cópia foi datilografada pelo DOPS-SP. O lema básico do integralismo está presente logo nas primeiras linhas do documento.

Nesta declaração, os operários e camponeses colocam em primeiro lugar e em maior número de itens os seus deveres, porquanto se consideram que a ninguém é lícito reclamar direitos antes de reconhecer e, sobretudo cumprir suas obrigações para com Deus, a Pátria, a Família e a Humanidade.<sup>496</sup>

---

<sup>493</sup> “Relatório sobre a Pósse do Diretorio local do P.R.P.”, redigido pelo investigador Oscar Marcondes Vieira para Pio Buller Souto, Delegado de Polícia de Santo André. Santo André, 24/01/1950. 24-J-2-145. Negrito meu, sublinhado no original.

<sup>494</sup> “Povo de Caxinguí” (panfleto). São Paulo, 06/05/1950. Prontuário 72852 “Partido de Representação Popular”.

<sup>495</sup> “Comício do Partido de Representação Popular, realizado em Pirituba (em frente ao cinema)”. Relatório feito por Otacilio Bernardino dos Santos, dirigido ao Delegado Especializado de Ordem Política. São Paulo, 03/07/1950. Prontuário 72852 “*Partido de Representação Popular*”.

<sup>496</sup> “União Operária e Camponesa do Brasil – Secção de S. Paulo” (cópia não assinada). São Paulo, 11/12/1958. 24-J-2-420 (pasta 4). Folha 1. Há outra cópia em 24-J-2-275 (pasta 4).

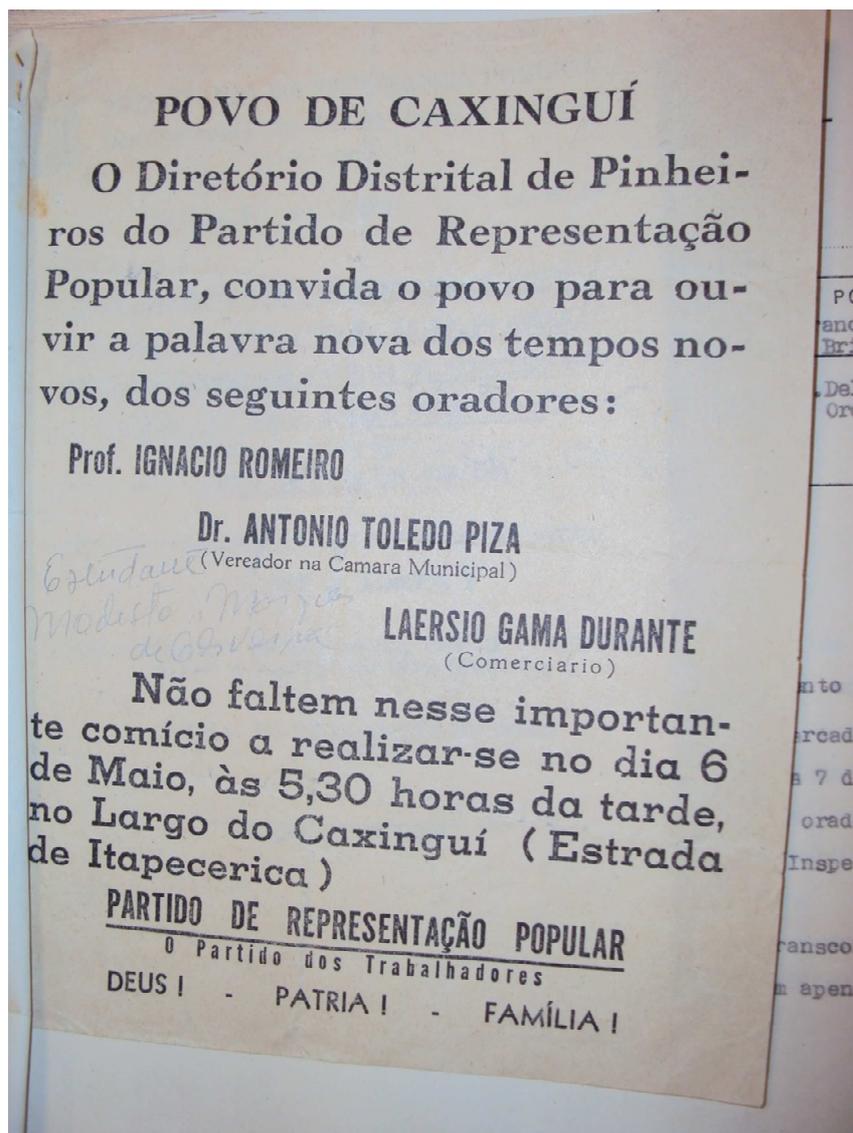


Ilustração Nº 20 – Folheto de comício em que o PRP assume a alcunha de “O Partido dos Trabalhadores”. Prontuário 72852 “Partido de Representação Popular”.

Na declaração, que se constituía de 19 direitos e 10 deveres, é possível ver que o anticomunismo, a colaboração de classes – temas caros ao integralismo - e o uso da greve apenas como último recurso, eram temas norteadores das atividades da UOCB.

5º) Defender os Sindicatos **contra a infiltração de elementos nocivos á vida das entidades classistas**, não admitindo que agitadores e políticos inescrupulosos transformem êsses órgãos de representação profissional em armas de desordens ou de aventuras eleitorais;

7º) Encaminhar suas reivindicações dentro de um espírito de paz, cordialidade e compreensão, só recorrendo a medidas litigiosas ou grevistas em última instância, quando, se tornar evidente a intransigência irremovível e a má fé da parte contrária;

8º) Tratar os elementos patronais sempre amistosa e cordialmente, evitando atritos nocivos a todos e, sobretudo, ao ambiente de harmonia e de paz indispensável ao trabalho fecundo e, portanto, à prosperidade do Brasil e de seu povo [...];

9º) **Produzir sempre o máximo e cada vez melhor**, tendo em vista que o aumento da produção e a melhoria da qualidade dos artigos oferecidos aos mercados consumidores é o melhor cominho [sic] para conseguirmos a independência econômica de nossa Pátria [...]

16º) Lutar sem trégua contra o materialismo em tôdas as suas formas, inclusive aquelas em que se mascaram com rótulos de “democracia” e “nacionalismo” para melhor enganar aos tolos e desprevenidos. Nessa luta, os Operários e Camponeses devem esclarecer a todos quantos se acham iludidos pelas promessas e pelas táticas materialistas, mostrando-lhes que as mesmas só visam á escravização do Brasil por potências estrangeiras.<sup>497</sup>

O DOPS registrou alguns comícios da UOCB na capital paulista, tanto próprios como em conjuntos com o PRP (e a CCCJ). Em janeiro de 1958, houve um encontro da agremiação na Vila Maria<sup>498</sup> e outro em Pirituba, bairros da Zona Norte paulistana. No evento de Pirituba, que reuniu uma audiência de cerca de 60 pessoas, o orador principal, o advogado Farid Casseb<sup>499</sup> afirmou que a finalidade da UOCB era formar “*uma força capaz de combater os partidos que demagogicamente se dizem amigos dos operários e camponeses*”<sup>500</sup>, numa clara alusão ao PTB<sup>501</sup>.

Desacreditando as manifestações paredistas, Casseb disse que “*a União é uma associação apolítica [sic] e explicou o porque das constantes greves programadas pelos sindicatos, as quais não trazem qualquer benefício aos operários, trazendo isto sim vantagem à partidos políticos ou campanhas eleitorais*”, pedindo, na sequência, a

---

<sup>497</sup> *Id.* Folhas 2 e 3. Negrito meu. CALIL (2005: 472-473).

<sup>498</sup> “Comício na Vila Maria promovido pela União Operária e Camponesa do Brasil. Local: Praça Santo Eduardo (V. Maria).” Relatório do Investigador N° 805 ao Delegado Titular de Ordem Política. São Paulo, 10/01/1958. 24-J-2-278 e 279 (pasta 4).

<sup>499</sup> Farid Casseb (1934-2004) foi professor titular de Direito Financeiro e Finanças da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (FASB) entre 1966 e 1994, e diretor da mesma instituição em 1973-1977, 1981-1985 e 1987-1989. Disponível em <http://www.direitosbc.br/a-faculdade-historia-e-missao.aspx> e [http://www.al.sp.gov.br/spl/2004/09/Arquivos/4457359\\_533591\\_r2476.txt](http://www.al.sp.gov.br/spl/2004/09/Arquivos/4457359_533591_r2476.txt). Acessados em 20/04/2016.

<sup>500</sup> “Comício da União Operária Camponesa – P.R.P. - Local: Pirituba – Ponto Final do Onibus Pereira Barreto”. Relatório do Investigador N° 1778 ao Delegado Titular de Ordem Política. São Paulo, 05/01/1958. 24-J-2-276 (pasta 4).

<sup>501</sup> É interessante notar que, enquanto a UOCB pretendia disputar espaço político junto aos operários com o PTB em São Paulo, no Rio Grande do Sul, nesse mesmo ano, o PRP fechava uma aliança eleitoral com o partido, apoiando Leonel Brizola para o cargo de governador daquele Estado, candidatura que acabou sendo vitoriosa, em 1958. Sobre essa aliança, ver: CARDOSO (1999).

filiação dos presentes no comício à UOCB. Por fim, dizendo-se advogado da entidade, afirmou “*que com grande prazer atenderá à todos aqueles que o procurarem.*”<sup>502</sup>

Entre outubro de 1957 e abril de 1958, os integralistas, através de suas organizações, celebraram o Jubileu de Prata do Integralismo, realizando uma série de manifestações com caráter fortemente saudosista, inclusive com o retorno do uso de uma simbologia considerada ultrapassada como o sigma, as camisas verdes e a saudação “*anauê*”. Tanto o PRP, como a CCCJ e a UOCB participaram ativamente das manifestações.<sup>503</sup>

No dia 23 de abril, membros da UOCB reuniram-se na Praça Roosevelt, no centro da capital paulista, às 5 meia da manhã, para celebrar os 25 anos da “primeira marcha” integralista, a primeira que os militantes teriam usado camisa verde em todo o Brasil, ocorrida nas ruas do centro de São Paulo em 1933. Contudo, de acordo com o DOPS, a celebração “*segundo relatório já enviado ao S.S., foi ínfima em virtude da copiosa chuva.*”<sup>504</sup>

A União Operária também foi responsável por uma Exposição histórica ocorrida na sede estadual do PRP, na Rua Jaceguai, 253, também no centro, inaugurada naquele mesmo dia. Os agentes do DOPS saíram antes da abertura da mesma, “*razão porque os nossos observadores não tiveram a oportunidade de assisti-la. Encontraram no local somente, numa sala, fotografias de ‘heróis do partido’, bandeirinhas com dísticos integralistas, bem como recortes de jornais alusivos a época passada.*”<sup>505</sup>

A marcha ocorreu na manhã do dia 26, com a presença de cerca de 40 homens (mesmo número da marcha original), os quais vestiam camisas verdes, gravatas pretas e o sigma no braço do uniforme. Os membros da passeata – que se iniciou na sede do PRP se estendendo por várias ruas até o Salão das Classes Laboriosas, na Rua Roberto Simonsen - ostentavam uma faixa onde se lia: “*Reconstituição Histórica. Jubileu da 1ª [marcha] Integralista 1.933-1.958*”. Outra faixa, acusava a presença da UOCB: “A

---

<sup>502</sup> “Comício da União Operária Camponesa – P.R.P. - Local: Pirituba – Ponto Final do Onibus Pereira Barreto”. Relatório do Investigador N° 1778 ao Delegado Titular de Ordem Política. São Paulo, 05/01/1958. 24-J-2-276 (pasta 4).

<sup>503</sup> Sobre as celebrações do Jubileu de Prata do Integralismo, ver CHRISTOFOLETTI (2002).

<sup>504</sup> Relatório sem título e não assinado. S.S. [São Paulo], 28/04/1938. 24-J-2-396 (pasta4).

<sup>505</sup> *Id.*

*União dos Operários e Camponeses [sic] do Brasil saúda o desfile integralista 1.933-1.958*".<sup>506</sup>

Na cerimônia no Salão das Classes Laboriosas – no qual, durante a importante onda de greves de 1953, aconteceram várias reuniões e negociações, tornando-se uma espécie de quartel-general do movimento grevista<sup>507</sup> – vários membros do PRP, dos Centros Culturais e da UOCB discursaram sobre o passado, o presente e o futuro do integralismo. Perante cerca de 600 pessoas e entre bandeiras com o sigma e anuê, falaram representando a União Farid Casseb que fez a chamda dos diretores dos núcleos distritais da organização na capital, e das cidades de Assis, Santos, Jacareí e Guaratinguetá, os quais foram empossados por Plínio Salgado; Germano Ruas (presidente da UOCB a partir de 1960), “representante de 7 mil trabalhadores do Arsenal da Marinha”; e Jader Medeiros, então presidente da UOCB que “prometeu que a mística integralista ressurgiria no Brasil”. O último a falar foi Plínio Salgado, também vestido com a simbólica camisa verde.<sup>508</sup> Havia representantes das entidades integralistas de vários estados, os quais empunhavam placas ostentando os nomes das unidades da federação da qual provinham.

A estrutura dirigente da UOCB era altamente centralizada. A Diretoria Nacional era composta por presidente, vice-presidente, secretário geral, sub-secretário, 1º e 2º tesoureiros e 15 vogais, “*todos com mandato de quatro anos, eleitos pela Assembleia Geral da Sociedade*”.<sup>509</sup>

Competia à Diretoria Nacional nomear em cada Estado, o Triunvirato dirigente, formado por presidente, secretário e tesoureiro. Além disso, a Diretoria Nacional também tinha a função de nomear os triúnviros municipais, a partir de indicação dos

---

<sup>506</sup> “Passeata e concentração dos integralistas, á Rua Jaceguai, 256.” Relatório do investigador nº 1.207 ao Delegado Titular da Del. Esp. De Ordem Política. São Paulo, 28/04/1958, folha 1. 24-J-2-399 (pasta 4).

<sup>507</sup> “Classes Laboriosas”. In: “São Paulo Antiga”. Disponível em <http://www.saopauloantiga.com.br/classes-laboriosas/>. Acessado em 08/04/2016.

<sup>508</sup> “Passeata e concentração dos integralistas, á Rua Jaceguai, 256.” Relatório do investigador nº 1.207 ao Delegado Titular da Del. Esp. De Ordem Política. São Paulo, 28/04/1958, folha 2. 24-J-2-398 (pasta 4). O relatório foi comparado com notícia publicada na imprensa da época. Cf. FREITAS, Carlos de. “Trezentos integralistas de camisa verde fazem profissão de fé antidemocrática”. *Folha da Manhã*. 27/04/1958, p. 4. Disponível em [acervo.folha.uol.com.br](http://acervo.folha.uol.com.br). Acessado em 08/04/2016.

<sup>509</sup> *Estatutos da União Operária e Camponesa do Brasil (Sociedade de Âmbito Nacional)*. Fundada em 20 de Fevereiro de 1957. Rio de Janeiro, 1957, p. 4. Serviço de Informações do S.S. Arquivado em 15/03/1958. 24-J-2-285 (pasta 4).

dirigentes estaduais. Os dirigentes distritais, por sua vez eram indicados pelos diretores municipais, e nomeados pelos triúnviros de cada órgão estadual.<sup>510</sup>

<b>Tabela 6 - Membros da Diretoria do Núcleo Distrital da UOCB do Parque Bristol – São Paulo, 1958</b>			
<b>Cargo</b>	<b>Profissão</b>	<b>Idade</b>	<b>Nacionalidade</b>
Presidente	barbeiro	41	brasileiro
Secretário	escriturário	24	brasileiro
Tesoureiro	FPM	29	brasileiro
1° vogal	motorista	39	brasileiro
2° vogal	FPM	41	brasileiro
3° vogal	FPM	48	brasileiro
4° vogal	fundidor	35	brasileiro
5° vogal	tecelão	36	brasileiro
6° vogal	alfaiate	45	brasileiro
7° vogal	comerciário	45	brasileiro
8° vogal	comerciário	36	brasileiro
9° vogal	garçom	42	brasileiro
10° vogal	aposentado	68	brasileiro
11° vogal	funileiro	36	brasileiro
12° vogal	FPE	44	brasileiro
13° vogal	comerciante	48	brasileiro
14° vogal	pedreiro	45	brasileiro
15° vogal	construtor	34	brasileiro
SEDE	tecelão	54	espanhol
SAR	escriturário	24	brasileiro
FPM: Funcionário Público Municipal FPE: Funcionário Público Estadual Os secretários da SAPROC e SEC são vogais (respectivamente o 14° e o 15°).			
<i>Fonte: 24-J-2-421 (pasta 4).</i>			

A entidade era composta ainda por Secretarias Técnicas em âmbito nacional, e que eram reproduzidas nas esferas estaduais, municipais e distritais. As secretarias eram: a Secretaria de Arregimentação Profissional e Reivindicações Operárias e Camponesas (SAPROC); a Secretaria de Educação e Cultura (SEC); a Secretaria de

<sup>510</sup> *Id.*

Assistência Social (SAS); a Secretaria dos Esportes (SEDE) e a Secretaria Artística e Recreativa (SAR).<sup>511</sup>

No Estado de São Paulo, teria havido 18 núcleos municipais, distribuído pelas seguintes cidades: Adamantina, Capivari, Caçapava, Franca, Itatiba, Lorena, Mauá, Mogi das Cruzes, Quatá, Ribeirão Preto, Santo André, Santos, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Joaquim da Barra, São Paulo, Suzano e Taubaté. Os núcleos distritais estariam todos na capital paulista: Parque Novo Mundo, Parque Bristol, Pereira Barreto, Pirituba, Santa Cecília e Vila Maria (CALIL, 2005: 478).<sup>512</sup>

O DOPS-SP reproduziu cópia da lista da diretoria distrital do Parque Bristol, bairro da Zona Sul de São Paulo. Constam da lista o triunvirato dirigente (presidente, secretário e tesoureiro), os 15 vogais e quatro cargos das Secretarias Técnicas (falta a secretaria de assistência social). Junto a cada um dos cargos e nomes, constam a idade, a nacionalidade, a profissão e o endereço.<sup>513</sup>

A partir dessa relação, é possível formar um perfil dos membros dessa associação de arregimentação de operários num bairro suburbano de São Paulo. Apesar de a relação se limitar a diretoria, ela pode nos ajudar a problematizar a estratificação social dos integralistas, os quais, tanto no período da AIB quanto no do PRP, eram formados predominantemente por segmentos médios. Apesar de eu não desejar contradizer essa afirmação já consolidada na historiografia, é importante pontuá-la com a presença de outros segmentos sempre que a documentação indicar, como é o caso aqui. Contudo, uma relação total de membros do núcleo, que poderia conter informações importantes inclusive sobre o alcance social da UOCB naquela localidade não estava disponível.

---

<sup>511</sup> *Ibid*, p. 8.

<sup>512</sup>. Uso o verbo no condicional “teria havido” porque alguns deles devem ter tido existência meramente nominal. No que tange à região do ABC, por exemplo. Fui historiador em Mauá durante 12 anos e nunca soube de qualquer referência a um núcleo local da UOCB. Na bibliografia sobre as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, também não há referências. É possível que, como a região já era importante pelo seu operariado industrial, que os integralistas tenham fundado esses núcleos com a expectativa de que haveria um crescimento espontâneo, o que se provou não ter ocorrido. Agradeço as informações das historiadoras Suzana Kleeb (Santo André), Cristina Toledo de Carvalho (São Caetano do Sul) e do sociólogo Jorge Jacobine (São Bernardo do Campo). Sobre o integralismo na região do ABC ver DOTTA (2003: 42-47).

<sup>513</sup> “União Operária e Camponesa do Brasil – Distrital do Parque Bristol (Distrito da Saúde). Relação da Diretoria”. Cópia. São Paulo, 29/10/1958. 24-J-2-421 (pasta 4).

Por se tratar de um subúrbio operário, não espanta que a maioria das profissões sejam manuais ou que não precisem de especialização: dois comerciários, dois tecelões, um funileiro, um fundidor, um barbeiro, um motorista, um alfaiate, um garçom e um pedreiro. Num nível acima de especialização, isto é, no qual há a necessidade de ser alfabetizado, tem-se dois escriturários e quatro funcionários públicos (três municipais e um estadual). Além disso, a relação possui um “construtor” - que não é possível saber se também é um pedreiro ou operário da construção civil, ou outro empregado desse setor - e um aposentado.

No quesito etário, vemos três militantes na faixa dos 20 aos 29 anos (15%); seis na faixa dos 30 aos 39; nove na faixa dos 40 aos 49 (45%); um na faixa dos 50 (5%); e um na faixa dos 60 aos 69 anos (5%), o que mostra que a diretoria é formada predominantemente por pessoas em fase de plena atividade profissional, apesar de não serem tão jovens.

Se analisarmos a nacionalidade, dezenove dos vinte membros da diretoria da UOCB local é formada por brasileiros natos (embora um deles tenha nome tipicamente japonês<sup>514</sup>); apenas um deles é estrangeiro, de nacionalidade espanhola.<sup>515</sup>

Mais uma vez, tal como fizeram no período do Estado Novo, os agentes do DOPS-SP têm uma relação de militantes integralistas com informações diversas. Nesse período, dito liberal (1945-1964), esta é uma das raras listas de militantes. Não há uma relação semelhante com membros do PRP. A lista aqui analisada é a de uma organização operária – ainda que conservadora. Pude, assim, confirmar a constante preocupação do DOPS a respeito da participação política de trabalhadores urbanos ou rurais.

Após a experiência como uma espécie de frente política antipartidária na década de 1930, que tinha ainda como diferencial a abrangência nacional, ao contrário dos partidos oligárquicos da época que se limitavam nos limites estaduais, a reorganização integralista no pós-guerra – após o interregno de clandestinidade do Estado Novo – foi extremamente similar aos outros partidos políticos de então, sob o aspecto formal: formação de diretórios, participação em eleições, alianças políticas e participações em

---

<sup>514</sup> Trata-se do 7º vogal, Yoshitaro Kimura. Optei por não colocar os nomes dos dirigentes no texto por uma questão de foco.

<sup>515</sup> Refiro-me ao Secretário de Esportes, João Manuel Martins (nome certamente português).

coalizações governamentais foram uma constante na vida do PRP. Além disso, os integralistas em sua nova roupagem foram obrigados a renunciar ou ocultar vários aspectos que lhes eram característicos nos anos 30: antiliberalismo, solidariedade aos fascismos internacionais, defesa do corporativismo, tolerância ao antisemitismo em suas fileiras, além de dar por superada sua simbologia: camisas verdes, marchas, “anauês”, sigmas, apesar estes de terem tido um retorno temporário por ocasião das comemorações do Jubileu de Prata do integralismo, em 1958.

Além disso, tiveram uma rede de imprensa, se não tão diversificada quanto nos anos 30, ao menos mais atuante do que a maioria das de outros partidos do período 1945-1965. Além disso, organizações extrapartidárias pretendiam manter mobilizados e ligados aos princípios integralistas setores considerados estratégicos dentro da sociedade como operários e estudantes, sem necessariamente terem uma vinculação com o partido.

A atuação do DOPS frente aos movimentos iniciais da reorganização integralista foi de ceticismo e desconfiança com o passado imediatamente anterior e a imagem pró-Eixo, desenvolvida durante a ditadura varguista. Posteriormente, com a formação do partido, no entanto, apesar de não haver um favorecimento sistemático, houve manifestações de simpatia da parte de alguns agentes, sobretudo no que tange à atuação diante do inimigo comum, o comunismo, entendido não apenas através do PCB, mas de qualquer movimento político considerado ideologicamente próximo aos comunistas.

Ao mesmo tempo, em sua ânsia de controle sobre a sociedade, o DOPS investiga assiduamente as reuniões, comícios, atividades e lideranças do PRP durante todo o período. Aliás, as campanhas eleitoras parecem ter sido um momento particularmente preferido pelos agentes para fazerem suas investigações. E nesses momentos, eles continuaram sua geopolítica da vigilância, embora a estratégia se modifique: não há mais relatórios do comportamento partidário em cada município, ou grandes listas de suspeitos.

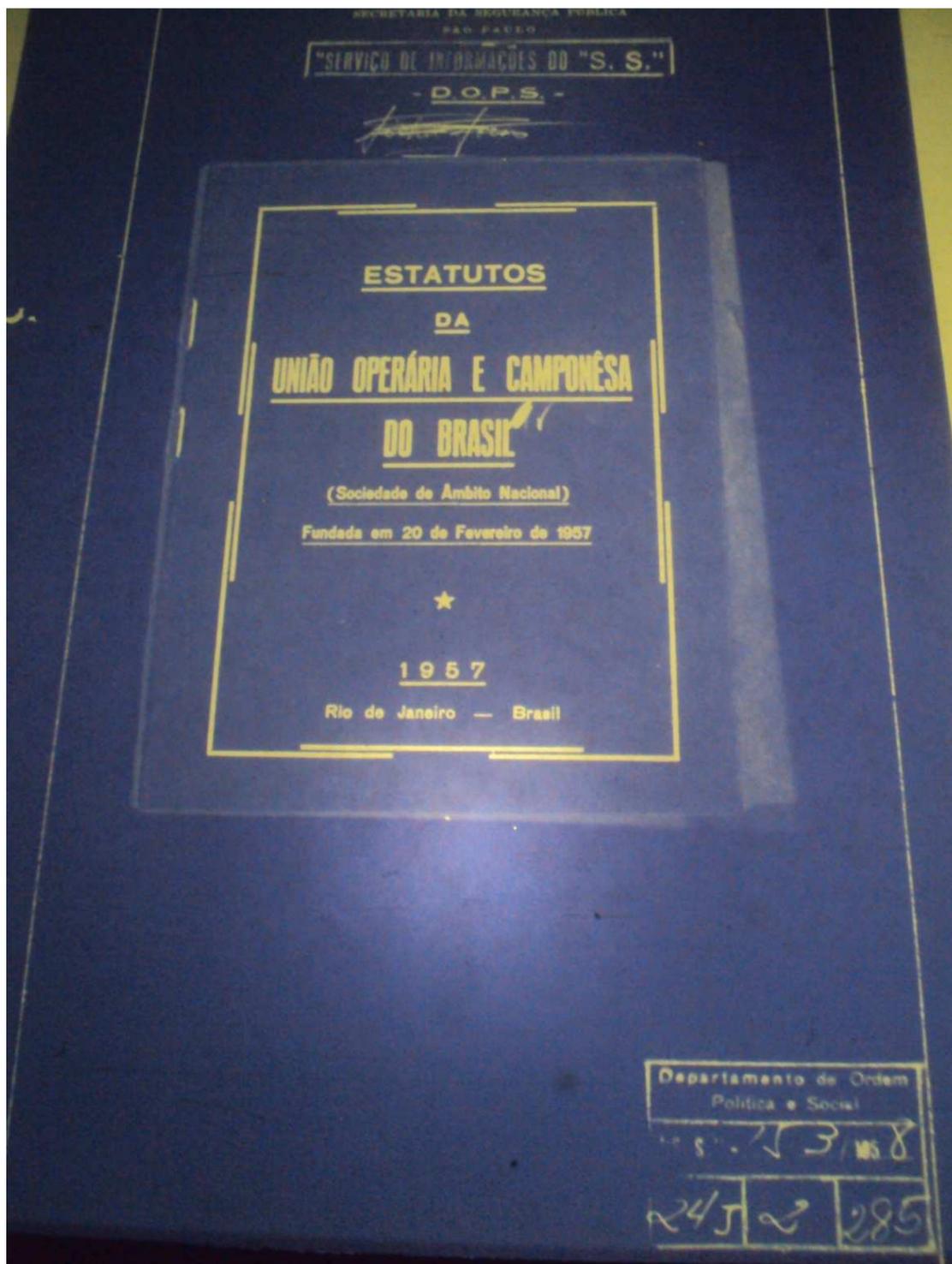


Ilustração N° 21 – Capa dos Estatutos da UOCB. Arquivado em 15/03/1958. 24-J-2-285 (pasta 4). Microfilme.

Mas há constantes remessas de informações sobre meetings e reuniões do partido nos rincões longínquos do Estado, bem como listas de candidatos e cúpulas associativas. E a estrutura geográfica do DOPS-SP permanece a mesma: as delegacias de cidades menores mandavam os relatos para as delegacias regionais, que as repassavam por sua vez ao comando central em São Paulo.

A prática de jornais apreendidos segue a mesma praticada pelo DOPS em outras épocas e com outros grupos políticos, mas um dos títulos mais encontrados em seus arquivos - *A Marcha* - era uma cortesia do PRP à instituição, com o claro objetivo de despertar simpatia de seus agentes pela doutrina integralista. Ao que tudo indica, porém, o que mais interessava os investigadores eram as informações que o jornal trazia sobre os comunistas.

Apesar de aparentemente menos invasiva e nociva do que durante o Estado Novo, e até com uma margem de complacência da parte de seus investigados aqui analisados, a ação do DOPS permaneceu bastante intensa, nesse período considerado democrático. Assim, num período considerado como “democrático” ou “liberal”, os integralistas, apesar das desconfianças iniciais, não são mais “inimigos objetivos”. A nova situação geopolítica internacional – fim da II Guerra e vigência da Guerra Fria – suaviza a relação, mas não impede que os integralistas continuem sendo alvo das investigações das “*coisas de todo o instante*”, no dizer de Foucault.

É importante que se diga ainda que a quantidade de documentos do DOPS-SP, tanto produzidos pelo órgão, como apreendidos, sobre os integralistas a partir de 1960, cai consideravelmente. Por exemplo, não há comunicados ou panfletos referentes à campanha presidencial desse ano, em que o PRP apoiou as candidaturas do Marechal Lott e de João Goulart, para presidente e vice-presidente, retrospectivamente.

Acredito que tal decréscimo de documentos se deu por dois motivos: o primeiro, o partido vai perdendo importância no cenário político nacional, sobretudo a partir da radicalização política a partir da renúncia de Jânio Quadros da Presidência da República em 1961; e, segundo, essa mesma radicalização leva o PRP, sobretudo a partir de 1962, a se tornar um crítico contumaz do governo Goulart, o que levará os integralistas a participarem amplamente do processo de desestabilização da presidência de Jango, que culminará com o golpe de abril de 1964.

Por conta disso, optei por deixar as abordagens do DOPS feitas a partir de 1960 em torno dos integralistas para o próximo capítulo, dedicado à investigação aos velhos camisas-verdes às vésperas e durante o regime militar.

## **CAPÍTULO 3 – AS INVESTIGAÇÕES AOS INTEGRALISTAS ÀS VÉSPERAS E DURANTE O REGIME MILITAR**

*"Quero dizer, diante das deturpações feitas por muitos órgãos da imprensa, que não pretendo fazer ressurgir, como partido, o Movimento Integralista. Não pretendo, não pretendemos. Estou muito satisfeito trabalhando em prol dos ideais da Revolução de 1964, nas fileiras da ARENA. Não precisamos fundar partido nem qualquer movimento de proselitismo no sentido político porque já exercemos grande influência, não só no Brasil, mas no exterior."*

Plínio Salgado (1972)<sup>516</sup>

Neste capítulo, trato das investigações do DOPS-SP em torno dos integralistas às vésperas e durante o regime militar. Dessa forma, a parte inicial desse capítulo abrange os últimos anos de existência do PRP. A partir do início dos anos 1960, há uma radicalização no cenário político brasileiro, na qual o marco primeiro é a renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961. Desse modo, o foco inicial desse capítulo serão os documentos do DOPS que são relacionados com os antecedentes da queda do presidente João Goulart, pois naquela crise política, apesar de apoio inicial e aliança com esse presidente, o PRP cedo se posicionou contra seu governo e teve participação inequívoca para sua queda. Antes disso, porém, há um documento de 1957 que sugere que o líder integralista chegou a se interessar por uma saída extra-constitucional do então presidente Juscelino Kubitschek. Curiosamente, a quase totalidade dos documentos a partir dessa data nos dossiês da polícia política paulista se refere à pessoa de Plínio Salgado.

---

<sup>516</sup> “Quadragésimo aniversário da Ação Integralista Brasileira”. Discurso na Câmara dos Deputados, 10/10/1972 (SALGADO, 1982: 518).

Depois do período Goulart, analisamos os poucos documentos referentes aos integralistas e suas organizações durante o regime militar. Exatamente a partir do golpe de março de 1964, e sobretudo depois do Ato Institucional N° 2 (AI-2), que extinguiu os partidos políticos até então existentes, instituindo o bipartidarismo, é que passam a existir nos Dossiês pouquíssimos documentos sobre o integralismo. Isso ocorre pelo fato de: primeiro, apesar de sobreviverem instituições integralistas como a CCCJ e a UOCB (elas não foram atingidas pelo AI-2, já que não eram órgãos partidários), elas tiveram pouca ou nenhuma relevância no pós-64; segundo, o PRP foi absorvido pela ARENA, o partido de sustentação ao governo, e todos os seus deputados, como o próprio Plínio Salgado, tornaram-se deputados da ARENA, portanto, aliados do regime. Por esses dois motivos, o integralismo é, comparativamente com os períodos anteriores, pouquíssimo investigado pela Delegacia de Ordem Política e Social.

Apesar disso, acredito que mesmo essa pequena quantidade de documentos justifica uma análise. Afinal, as lacunas e o silêncio, se não ignorados, podem ser muito eloquentes. Como diz o sociólogo José de Souza Martins:

Ao pesquisador acadêmico, profissional, cabe, em casos como este, sobretudo decifrar os silêncios da História. Em relação a que a história silencia? [...] Mas o silêncio é também um discurso sobre as contradições do vivido. O falado e o calado são igualmente essenciais à compreensão histórica da sociedade (MARTINS: 2008).

Assim, trataremos nesse capítulo, das tentativas ou elucubrações de defecção da parte do PRP rumo a um regime de exceção, que por fim, se desencadearia em 1964: um relatório policial trata de uma suposta conspiração contra o presidente Kubitschek e as participações de Salgado e do PRP na queda de Jango. Depois de 1964, veremos o crescente desinteresse do DOPS pelos integralistas, os quais, cada vez mais integrados ao novo regime, limitavam-se a criar associações de caráter cultural e em memória de seu fundador, falecido em 1975.

### 3.1 - Plínio conspira contra Juscelino?

Em 1957, um informante do DOPS-SP notificou seus superiores que Plínio Salgado estava, simultaneamente à sua campanha de difusão do integralismo feita através de seus canais usuais – o PRP, a CCCJ e a UOCB, além de seu semanário *A Marcha* – conspirando contra os poderes constituídos da República.

Segundo nosso informante, PLÍNIO SALGADO, que tem viajado constantemente por São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Estado do Rio de Janeiro a serviço dos seus ideais integralistas, acha-se esperançoso de, desta vez ir ocupar o Governo em lugar do sr. Juscelino que, segundo o mesmo líder do “sígma” não permanecerá por muito tempo à frente do poder.<sup>517</sup>

O presidente do PRP, ainda de acordo com o agente, estava “*satisfeitíssimo*” com um suposto “*agigantamento do INTEGRALISMO nos meios católicos, camponeses e militares, sendo que é a MARINHA DE GUERRA NACIONAL o baluarte da AÇÃO INTEGRALISTA DO BRASIL* [sic].”<sup>518</sup> Juscelino já tinha passado por tentativas de golpe de Estado, como o que estava sendo urdido para impedir sua posse, a qual foi garantida por um contragolpe liderado pelo Marechal Lott, em novembro de 1955<sup>519</sup>, e um levante de oficiais da Aeronáutica em Jacareacanga, em fevereiro de 1956<sup>520</sup>.

Na análise do chefe integralista, o PCB passava por uma crise, que estaria fazendo que “*as massas*” se desencantassem com os comunistas, o que viria a favorecer o “*outro extremo*” do espectro político, ou seja, o integralismo, o qual seria, nessa visão, “*sempre uno e sólido nos seus princípios ideológico-doutrinários.*”<sup>521</sup> Com seu movimento fortalecido após essas mudanças, Salgado acreditava, segundo esse parecer, numa ruptura político-institucional para a suposta solução dos problemas nacionais.

---

<sup>517</sup> “Informações reservadas sobre atividades da extinta ‘AIB’, Ação Integralista do Brasil.” Comunicado preparado por “S.O.G.”. São Paulo, 10/06/1957. 24-Z-5-815.

<sup>518</sup> *Id.*

<sup>519</sup> “Movimento 11 de Novembro”. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/JkRumoPresidencia/11Novembro>. Acessado em 21/04/2016.

<sup>520</sup> “Revolta de Jacareacanga”. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Politica/Jacareacanga>. Acessado em 21/04/2016.

<sup>521</sup> *Ibid.*

Concluindo afirmou o nosso informante que PLÍNIO SALGADO aguarda para muito breve uma transformação na política nacional (quiza até por meio de uma revolução) pois que o povo não suporta mais esta asfixia econômico-financeira, situação que as FORÇAS ARMADAS já começam a considerar como calamidade pública, exigindo uma providência acertada, antes que venham a perecer a integridade de poder e a própria segurança nacional.<sup>522</sup>

Parte dessa suposta euforia de Plínio vinha da votação obtida na eleição presidencial que concorrera em 1955, a qual, apesar de ter chegado em quarto e último lugar entre os candidatos apresentados, foi responsável pela maior votação obtida pelos integralistas em todos os tempos: 714.379, ou 8,3% do eleitorado (VICTOR, 2013: 332)<sup>523</sup>.

Além disso, houve certa agitação no meio estudantil e operário por conta das novas organizações integralistas. Apesar do avanço dos setores progressistas na Igreja Católica, ainda havia vários padres e bispos conservadores que eram simpatizantes dos ideais integralistas ou afins (anticomunistas, por exemplo). E nas Forças Armadas havia alguns militares que haviam militado nas fileiras do Sigma nos anos 30<sup>524</sup>. Contudo, é evidente que esse diagnóstico sobre a suposta súbita popularidade do integralismo é superestimado, para dizer o mínimo.

Além disso, é digna de nota essa predisposição de Plínio ao golpe seis anos antes de 1964, da qual ele e seu partido foram partícipes contumazes. Os integralistas, durante o período da AIB, sempre proclamaram que o voto era algo inútil e ineficaz. Reale chegou a chamar o processo de votação, num de seus artigos nos anos 30, de “*comédia eleitoral*” (REALE, 1983: 185).<sup>525</sup>

Contudo, por questões estratégicas, a Ação Integralista participou de todos os pleitos daquele período<sup>526</sup>, e se preparavam para a eleição presidencial de 1938, que acabou não ocorrendo. Por outro lado, a possibilidade do emprego da violência para a

---

<sup>522</sup> Ibid.

<sup>523</sup> Para resultados eleitorais do PRP nos pleitos estaduais e federais ao longo de sua existência, ver VICTOR (2013: 329-338).

<sup>524</sup> Bertonha (2013: 294 e ss.) cita a antiga filiação de alguns generais do Exército à AIB, como Olímpio Mourão Filho e Augusto Rademaker.

<sup>525</sup> O artigo foi publicado no livro *O ABC do Integralismo*, cujo original é de 1935 (Rio de Janeiro: José Olympio Editora).

<sup>526</sup> Sobre as eleições que a AIB participou no Estado de São Paulo, ver DOTTA (2010); sobre a campanha eleitoral de 1937, ver FAGUNDES (2013), o qual tem seu foco no Estado do Rio.

chegada ao poder estava prevista no principal documento integralista, o *Manifesto de Outubro de 1932*.<sup>527</sup>

No período do PRP, os integralistas renunciaram à tática insurrecional e, até para se desvencilharem da pecha de fascistas, participaram amplamente dos processos eleitorais do período, tendo inclusive se oposto a golpes planejados ou ocorridos, como o que visava impedir a posse de Juscelino Kubitschek (CALIL, 2010: 192). Além disso, o PRP participava do governo Kubitschek, tendo ocupado a presidência do INIC (Instituto Nacional de Imigração e Colonização; CALIL, 2010: 201-211). Assim, a acreditarmos no relatório policial, salta aos olhos essa disposição de Salgado de aludir a uma conspiração, que envolveria a defenestração do presidente e, sob a possível forma de um golpe militar e, na qual os integralistas teriam alguma participação. De qualquer modo, se verdadeiro o relato, Plínio expunha aqui sua insatisfação e ansiedade em chegar ao poder pela via do voto, a qual, com efeito, jamais veio a acontecer.

### **3.2 - Os integralistas e a conspiração para depor Goulart**

Apesar de terem apoiado a eleição de João Goulart para candidato a vice-presidente nas eleições de 1960, e ter sustentado sua posse após a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, Plínio Salgado e o PRP iam se desentendendo e se afastando cada vez mais do governo Jango.

Antes da ruptura do PRP com o governo federal, Plínio Salgado anunciou em uma reunião partidária ocorrida na capital paulista em março de 1962, o início de mais uma campanha anticomunista, a ser capitaneada pela agremiação integralista. Salgado, presidente nacional da legenda, fazia parte da mesa diretora da reunião e, de lá, leu um relatório fornecendo detalhes de como deveria ser feita a campanha, com ênfase nas doações financeiras.

---

<sup>527</sup> “*Ou os que estão no poder realizam o nosso pensamento político, ou nós, da Ação Integralista Brasileira, nos declaramos proscritos, espontaneamente, da falsa vida política da Nação, até o dia em que formos um número tão grande, que restauraremos pela força nossos direitos de cidadania, e pela força conquistaremos o Poder da República*” (citado por BERTONHA, 2014: 119).

Antes de tudo serão eleitos o presidente, secretário, tesoureiro, chefe de relações públicas, etc. em todos os Estados, e como São Paulo é o Estado líder da Nação, terá a obrigação das arrecadações, realização de conferências, na Capital e Interior, sempre com elementos de destaque do partido. Ficou estipulado que cada representante deveria apresentar uma lista de no mínimo \$10.000,00 (dez mil cruzeiros) que seriam entregues ao tesoureiro geral de São Paulo que as depositaria em bancos, em comum acordo com o sr. presidente. Naturalmente, a arrecadação terá por fim aumentar o fundo do partido e mesmo para a compra de materiais como peruas para propaganda e outros.<sup>528</sup>

Na mesma reunião, o deputado estadual perrepista Carlos Kherlakian, vinculado aos grandes comerciantes da Rua 25 de Março - importante logradouro da região central da cidade de São Paulo - anunciou uma doação de 20 mil cruzeiros à campanha de fundos. O relatório do DOPS informa ainda que várias cidades do interior do estado *“mandaram também certas quantias e com isto o partido já angariou cerca de um milhão de cruzeiros”*.<sup>529</sup>

Em nenhum momento, porém, Salgado ou qualquer outro membro do partido citara o governo federal, do qual alguns membros do PRP, por sinal, faziam parte. Isso iria mudar nos meses seguintes. Em relatório de meados de 1963, no qual não consta a data exata, o DOPS tratava da preocupação que os políticos do PRP tinham a respeito de onda de greves e ocupações de terra que vinham ocorrendo no Estado do Rio de Janeiro. Segundo o relato policial, os integralistas entendiam que o estado fluminense já estaria *“francamente sob o domínio dos comunistas”*. Mais ainda, porém, diz o documento do DOPS: *“O P.R.P. está em grande atividade porque, conforme me afirmou o Secretario Nacional desse Partido, não quer ser apanhado de surpresa e faz questão de colaborar na reação que já se articula contra esse diabólico plano do comunismo, apoiado pelo Governo Federal.”*<sup>530</sup>

O texto policial sugere ainda que essa colaboração do PRP se dava inclusive com o DOPS na tentativa de minar os movimentos sociais e sabotar o governo federal:

Fato importante, que cumpre retistrar [sic], é que um dos observadores do Partido infiltrado nos meios sindicais, informou em relatório, a trama do chamado CGT para a deflagração de numerosas greves. Diz êsse observador que o Comando Comunista trata

---

<sup>528</sup> “Reunião do PRP com a participação do sr. Plínio Salgado”. Relatório nº 117/62 (não assinado), 09/03/1962, 24-K-12-148.

<sup>529</sup> *Id.*

<sup>530</sup> “Relatório – Assuntos gerais”. Não assinado, sem data, arquivado em 16/02/1963. 24-K-12-150.

os industriais, comerciantes, banqueiros etc. como marginais, partindo da consideração de que todos os indivíduos ou entidades de livre empresa já são considerados como tais, porque acham que o País está, já, em pleno Governo Comunista.<sup>531</sup>

Em outubro de 1963, um investigador que estava a trabalho no Aeroporto de Congonhas informa um depoimento que colheu do chefe integralista - que chegava de viagem do Rio - no qual este já demonstra estar contatando outros partidos com o objetivo de conspirar contra o presidente João Goulart.

Do Rio de Janeiro para São Paulo, pela Ponte Aérea, às 10,00 horas, o deputado federal Plínio Salgado, declarou que na câmara federal há muita atenção por parte principalmente do P.S.D., contra as desordens reinantes no país, insufladas pelos comunistas, que estão em torno do presidente da República. Disse que tinha muita coisa a falar porém a ocasião não é oportuna mas, que logo dentro de uma possibilidade falará. Disse ainda que cada 10 discursos pronunciados na câmara federal, 9 são contra o presidente João Goulart e sobre o Sr. Carlos Lacerda, disse que o que o mesmo fala é pura verdade e que ainda não falou o que deveria ter falado.<sup>532</sup>

Dois meses depois, Salgado, numa conferência proferida na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, voltou à carga contra Goulart. Sua conferência versava sobre a filosofia do integralismo e sobre projetos de seu partido apresentados na Câmara Federal, o que não impediu que criticasse abertamente o Presidente da República, chamando-o de *“burro ou mal-intencionado”*.<sup>533</sup>

Na véspera do golpe, os integralistas participaram ativamente das Marchas da Família com Deus Pela Liberdade, e Plínio Salgado foi um dos principais oradores na edição de São Paulo. Durante um evento favorável às Reformas de Base do presidente João Goulart, ocorrido no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, foi distribuído

---

<sup>531</sup> *Id.* Sobre a espionagem feita pelo PRP em grupos de esquerda, ver CALIL (2005).

<sup>532</sup> “Notícias recebidas na manhã de hoje, do aeroporto de Congonhas”. Relatório nº 178/63, pelo investigador de polícia Nº 726 ao Delegado Titular de Ordem Política, 03/10/1963, 24-K-12-151. No mesmo relatório, podemos vislumbrar, através da escrita do DOPS, a movimentação militar poucos meses antes do golpe: *“Cumpre-nos informar a V. Sa. que, em trânsito do Rio de Janeiro para Mato Grosso, às 10,30 horas pela VARIG, o coronel Carlso [sic] Maria de Mattos, chefe da 2ª Secção do estado maior do exercito, foi para aquele estado afim de assumir o comando do 16º batalhão de caçadores, sediado em Campo Grande, por determinação do Ministro da guerra. Declarou que, sobre a situação política, as forças armadas encontram-se em expectativa, negando-se a fazer maiores declarações a respeito.”* *Id.*

<sup>533</sup> “Conferência proferida pelo Sr. Plinio Salgado, na Biblioteca Municipal de São Paulo”. Relatório nº 199/63, do investigador Nº 1320, ao Delegado Titular de Ordem Política. 04/12/1963, 24-H-12-6. A conferência foi promovida pelo Centro Cultural Jackson de Figueiredo.

um panfleto que acusava a presença de Salgado dentre outros membros da elite na Marcha em questão.

Realizou-se no dia 19, a chamada Marcha da Família com Deus pela Liberdade, procedida de uma campanha publicitária, jamais vista em toda S. Paulo. Quem estava à frente dessa passeata? Eram líderes sindicais? - Não! [...] Eram tubarões dos alugueis de casas; eram latifundiários e exploradores dos camponeses; eram banqueiros ligados ao capital expoliador norte americano; eram gorilas; eram golpistas; eram entreguistas ligados aos trustes, aos monopólios, aos latifundiários, comandados por AURO SOARES DE MOURA ANDRADE, o tubarão da carne; por HERBERT LEVRY [sic], banqueiro udenista, explorador de café, latifundiário e agiota do câmbio, que desvaloriza o nosso cruzeiro; PLINIO SALGADO, “galinha verde”, integralista e traidor, que chefiou a 5ª. Coluna de Hitler no Brasil, durante a 2ª. Guerra Mundial. Eram, ainda, senhoras elegantes do Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulista, da chamada “alta sociedade”.<sup>534</sup>

### 3.3 - Os integralistas após o golpe

Logo após o golpe civil-militar, os integralistas demonstravam publicamente sua satisfação com a nova ordem política, sobretudo com a repressão contra a esquerda. Salgado, numa conferência perante o Centro Acadêmico da Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo narrou sobre sua suposta contribuição para os antecedentes do golpe.

A conferência do sr. Plínio Salgado nada apresentou de interesse geral, visando principalmente a sua satisfação pela vitória da democracia [sic] na última movimentação política do país. Fêz sentir, de maneira acentuada, sua constante denúncia sobre os movimentos comunistas que se faziam sentir antes da revolução. Em seu dizer, foi o primeiro a alertar os poderes constituídos e o povo em geral, sobre o perigo iminente do comunismo no Brasil. Que, defendeu sempre a democracia e que tudo fêz para preservar o país de um domínio vermelho, lutando sempre com as possibilidades que contava. Viu, todavia, e com enorme satisfação, coroados de êxitos os seus esforços e alertou os presentes, na sua grande maioria estudantes daquela Faculdade, para a luta futura que visa preservar as recentes conquistas democráticas.<sup>535</sup>

---

<sup>534</sup> “Informação reservada” (cópia). 21/03/1964. 24-K-12-153. Trata-se de um relatório datilografado sobre a dita reunião. No corpo do texto, há a transcrição do panfleto. O agente que faz o relato não é identificado, e atribui a autoria do panfleto ao vereador de Santo André, Luiz Tenório de Lima.

<sup>535</sup> “Conferência do sr. Plínio Salgado, no Centro Acadêmico de Economia, Finanças e Administração de São Paulo”. Comunicado preparado por “O.C.”. São Paulo, 03/06/1964. 24-K-12-155.

O agente do DOPS mostrou, contudo, certo ceticismo com o conteúdo da conferência do chefe integralista: “*Deduzimos que o conferencista procurou atrair para si atenções e glórias, num momento de ‘facíl’ [sic] posição e cômoda política*”<sup>536</sup>. Assim, na visão do investigador, Salgado se aproveitava da vitória do golpe civil-militar, sobretudo num momento em que a ditadura, numa fase inicial, ainda gozava de prestígio político-social, para projetar-se e promover-se.

No entanto, apesar de ideologicamente vencedores, os integralistas também foram em parte atropelados pelo rolo compressor da ditadura: em outubro de 1965, o Ato Institucional nº 2, que fecha os partidos políticos existentes até então, também “engole” o Partido de Representação Popular, não obstante a oposição de Salgado e de seus partidários. Vencida, a bancada perrepista se recolhe em silêncio para a ARENA, incluindo o velho “Chefe”. Os integralistas, contudo, serão individualmente recompensados por seu apoio ao regime. Alguns serão ministros como Alfredo Buzaid (Justiça, no governo Medici), João Paulo dos Reis Veloso (Planejamento, no período Geisel), ou Guido Mondin (Tribunal de Contas da União, também no governo Geisel).

Plínio também foi recompensado. Segundo João Fábio Bertonha:

Ele conseguiu algumas nomeações e favores para amigos e alguns de seus livros foram reeditados com o apoio do Ministério da Educação (como *O Estrangeiro*, publicado em 1972 por iniciativa do então ministro Jarbas Passarinho). Ele também conseguiu verbas, como deputado, para várias associações de caridade, operárias e religiosas e, especialmente, para grupos e associações ligados ao seu pensamento, como a Ação Social do Planalto (DF), a União Operária e Camponesa (RJ) e o Grêmio Cultural Jackson de Figueiredo (SP). Apenas no ano de 1972, essas três associações receberam 100 mil cruzeiros, o que dava sobrevida a grupos ligados a ele e ao seu pensamento (BERTONHA, 2013: 296).

Concomitante com o fim do PRP, isto é, de uma representação política própria dos integralistas, por conta de seu apoio ao golpe de 1964 e ao novo regime, o interesse do DOPS em torno dos seguidores de Salgado caiu bastante em relação aos períodos anteriores. Nas pastas com material sobre o integralismo, há pouquíssimo material produzido e/ou anexado depois do golpe. Mesmo assim, vale a pena ver e entender a lógica dessa vigilância que, embora diminuta comparada com os momentos analisados

---

<sup>536</sup> *Id.*

anteriormente (ou com o que continuava acontecendo com outros grupos naquela mesma situação), persistia existindo.

Depois de 1965, com a dissolução do PRP, o integralismo, enquanto movimento político, sofre acelerado declínio, apesar da sobrevivência legal de algumas de suas organizações. O jornal *A Marcha* deixa de circular e, com uma influência bem menor, surge em 1969 um pequeno jornal, *Renovação Nacional*, dirigido por Jader Medeiros (antigo presidente da UOCB). Em 1966 e 1970, Plínio foi reeleito deputado federal pela ARENA.

Aparentemente sem conexão com a documentação da pasta onde está contido, há uma cópia de um boletim informativo do SNI (Serviço Nacional de Informações), datado de 26 e 27 de agosto de 1968. No boletim, encontram-se uma série de notícias de fatos que aparentemente haviam ocorrido nos últimos dias. As notícias, cujas fontes eram vários jornais paulistas, estavam divididas em blocos: “*Político*”, “*Psico-Social*” (sic), Econômico e “*Militar*”.<sup>537</sup>

Na parte política, a maior do relatório, há uma pequena nota sobre a 2ª Concentração Nacional dos Centros Culturais da Juventude, ocorrida em Jaú, interior de São Paulo. Apesar do fim do PRP, as organizações integralistas paralelas ao partido não foram extintas. Iam, contudo, perdendo crescentemente o prestígio. A própria nota publicada no boletim do SNI afirmava, em tom de pouca preocupação que, “*como ficou patente, não passou de uma manifestação pública do movimento integralista*”<sup>538</sup>. O evento contou com a presença de Plínio Salgado.

A importância do congresso residia no lançamento de um “manifesto à Nação”, “*em que se propõe um movimento de ‘renovação nacional’*”<sup>539</sup>. Sintomaticamente, tal manifesto não fazia nenhuma referência explícita ao integralismo, apesar de conter vários elementos de inspiração integralista, como o espiritualismo, o culto à pátria e o

---

<sup>537</sup> “Boletim Informativo nº 202”, Serviço Nacional de Informações, Agência de São Paulo (cópia). A abrangência temporal atribuída era “*De 10 hs. [sic] do 26 de agosto às 10 hs de 27 de agosto de 1968*”. 24-Z-5-836 (pasta 4), p. 2. A notícia é atribuída a *O Estado de S. Paulo*. CALIL (2010: 367) datou incorretamente a realização do evento para o ano de 1970.

<sup>538</sup> *Id.*

<sup>539</sup> *Id.*

anticomunismo. O documento, entre outras coisas, fazia uma crítica moderada ao regime militar e ao seu caráter “autolimitador”.<sup>540</sup>

Um outro fator interessante a se ressaltar nesse documento do SNI presente entre os dossiês sobre o integralismo no DOPS-SP é que há indicação de que existe outra cópia no dossiê 50-Z-9. É comum, entre os papéis do DOPS, encontrar vários indícios de trocas documentais entre os vários setores de segurança, com o objetivo de intercâmbio de informações. O SNI era um desses setores que desenvolviam esse tipo de permuta com o DOPS paulista (LONGHI: 2002).<sup>541</sup>

Apesar de a citada Concentração ser apenas um item dentre 55 outros no boletim do SNI, a cópia presente no dossiê 24-Z-5, reservado ao integralismo, denuncia a preocupação – por mínima que seja - de um mapeamento da atuação dos integralistas na sociedade brasileira naquele momento.

Em outubro de 1972, os integralistas, agora novamente sem um partido próprio, celebravam os quarenta anos do seu Manifesto fundador. Ao contrário de outros aniversários, neste houve poucas comemorações: foram realizadas algumas missas pelo país, encomendadas pelos velhos militantes, bem como notas na imprensa<sup>542</sup>. A celebração principal foi, contudo, um discurso que Salgado, então deputado federal, fez

---

<sup>540</sup> Trata-se da velha crítica integralista contra as “revoluções sem ideias” (aplicada originalmente à chamada Revolução de 1930): “[A “revolução” de 1964] trazia, no fundo, um desejo de renovação, para que não se repetisse uma situação idêntica àquela propiciada pela insuficiência do próprio regime. Essa renovação não foi operada, senão superficialmente, pois **o movimento armado não trouxe um pensamento doutrinário, um programa de ação, uma vez que seus chefes, na sua maior parte, não estavam preparados para a grave responsabilidade. Faltou aos que assumiram o poder um pensamento filosófico, um plano, um programa claramente definido, objetivando um processo social de transformação, impessoal e corajoso, que criasse uma grande mística e polarizasse todas as energias nos mesmos empenhos de ideal e sacrifícios**”. É evidente que os elementos grifados por mim apontam, sem nunca citar, para os postulados integralistas. “Diagnóstico e roteiro para o Brasil de hoje”, p. III. Grêmio Cultural Jackson de Figueiredo, São Paulo, 1977 (folheto do Grêmio Cultural Jackson de Figueiredo em comemoração aos seus 25 anos).

<sup>541</sup> O catálogo produzido pelo projeto de sistematização de dossiês do DOPS-SP, contudo, indica que na pasta 50-Z-9 contém documentos provenientes do II Exército, do DOI-CODI e da Operação Bandeirante. Não cita o SNI (AQUINO; MATTOS; SWENSSON; LEISTER: 2002). Os papéis oriundos do SNI analisados por LONGHI (2002) estão nos dossiês 20-C-2 e 20-C-43.

<sup>542</sup> Uma reportagem publicada na revista *Realidade* se refere, não sem forte dose de ironia, a uma missa ocorrida em Belo Horizonte por ocasião dos 40 anos da AIB: “A 7 de outubro de 1972, comemorou-se o 40º aniversário da fundação do integralismo, com uma missa grandiosa, na Igreja de São José, uma das maiores de Belo Horizonte. A “Renovação Nacional” [jornal integralista] convocou todos para a cerimônia. Os repórteres e fotógrafos atenderam à convocação com tal entusiasmo que o padre teve que interromper a missa duas vezes para adverti-los que pisavam em solo sagrado. No centro da agitação dos jornalistas, porém, só havia um grupo de velhinhos, compungidos como se estivessem assistindo a uma missa de sétimo dia. Não chegavam a trinta” (CABRAL, 1973: 23).

na Câmara. No discurso, depois de igualar a importância do aniversário de seu manifesto com outras celebrações que corriam naquele ano, como o sesquicentenário da Independência, o cinquentenário da Semana de Arte Moderna e os quarenta anos da Revolução Constitucionalista de 1932, Plínio tenta fazer uma ponte histórica entre o regime de 64 e o Manifesto integralista.

Minha posição política atual é nítida e clara. Tendo participado da Revolução de 64, não podia deixar de me inscrever nas fileiras da ARENA, Partido que apóia o Governo da República e ao qual me manifesto sempre fiel. Entretanto, isto não me impede que eu cumpra um dever moral, principalmente tendo em vista o grande alarde que tem feito a imprensa brasileira em torno desse acontecimento – a fundação da Ação Integralista Brasileira –, de vir à tribuna para tornar bem evidente o objetivo daquele movimento e as circunstâncias históricas em que ele se processou.<sup>543</sup>

O DOPS manteve em seus arquivos um recorte de uma página do jornal *O Estado de São Paulo* com o Manifesto de Outubro na íntegra. Considerando o histórico de oposição que o diário paulista teve com os seguidores do Sigma ao longo dos anos, o texto, apresentado com um resumo dos antecedentes do Manifesto por Flávio Galvão, provavelmente foi matéria paga<sup>544</sup>. No texto, Galvão aponta como suposta “falha” na tese de doutorado de Hégio Trindade (um dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre o integralismo), então recém-defendida em Paris, a não-publicação no corpo da mesma, do Manifesto de Outubro. A publicação do Manifesto era a terceira parte de uma série de quatro textos sobre a fundação da AIB no jornal paulista. Os outros não se encontram no dossiê do DOPS.<sup>545</sup>

A morte de Plínio Salgado, ocorrida em dezembro de 1975, aparece no acervo do DOPS-SP através de três documentos: páginas dos jornais *O Estado de São Paulo* e

---

<sup>543</sup> “Quadragésimo aniversário da Ação Integralista Brasileira”, sessão de 10/10/1972 (SALGADO, 1972: 505).

<sup>544</sup> Sobre o tratamento que o “Estadão” deu aos integralistas, pelo menos durante o período do PRP (1945-1965), ver LUSTOSA (2013: 111-121).

<sup>545</sup> GALVÃO, Flávio. “O Manifesto de Outubro de 1932 da Ação Integralista”. *O Estado de São Paulo*, 15/10/1972, sem indicação de página. 24-Z-844. A tese de doutorado de Trindade foi defendida na Sorbonne em 1971.

do *Jornal do Brasil*; e uma plaquete publicada pelo Congresso Nacional com discursos da sessão parlamentar em que alguns deputados homenageavam o falecido<sup>546</sup>.



Ilustração N° 22: Parte da primeira página da edição de número 54 do jornal *Renovação Nacional*, de 1976. 50-J-0-5424.

### 3.4 - Após a morte de Plínio: As instituições integralistas de memória

Com o falecimento de Salgado, o revés integralista assumiu caráter definitivo. Há tentativas esparsas de reunião, de criação de clubes e afins, todas sem sucesso. Uma dessas tentativas foi acompanhada pelos agentes do DOPS, e descrita em relatório confidencial. Um ano depois do falecimento de Salgado, há a criação de “uma

<sup>546</sup> “Plínio Salgado é sepultado em SP”. *O Estado de São Paulo*, 09/12/1975 (sem numeração de página). 24-K-12-156; “Plínio Salgado 1895-1975 – Um cavaleiro andante do autoritarismo” e “O que é o integralismo”, *Jornal do Brasil*, 09/12/1975, caderno B, respectivamente pp. 1 e 10. Dossiê 24-K-12. BRASIL (1976). O opúsculo do Congresso continha discursos dos deputados Oswaldo Zanello (ARENA-ES), Cunha Bueno (ARENA-SP) e Agostinho Rodrigues (ARENA-PR). Zanello havia sido deputado pelo PRP (BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS: 1976).

*instituição de estudos em torno da vida e da obra*” do líder integralista, a Associação Brasileira de Estudos “Plínio Salgado” (ABRES).<sup>547</sup>

No seu relatório, o agente do DOPS, que não se identifica, descreve primeiramente a missa dedicada ao primeiro aniversário de falecimento do “Chefe”, ocorrida no dia 7 de dezembro de 1976, na Igreja da Imaculada Conceição, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 2071, na zona sul da capital paulista. A missa iniciou-se às 19 horas, “*o salão da Igreja estava literalmente tomado, com cerca de 200 pessoas, incluindo políticos, autoridades, amigos e admiradores de Plínio Salgado.*”<sup>548</sup> Dentre eles, o agente destacou o político Adhemar de Barros Filho, então vinculado à ARENA.

Após a missa, cerca de 80 pessoas seguiram para o salão paroquial da igreja, localizada ao lado desta, na Rua Cincinato Braga, para a reunião inaugural da nova entidade. A reunião dava ideia de quem ainda tinha intenção de seguir e levar adiante a ideia integralista, procurando não apagar a “chama” de seus ideais.

Tomaram assento à mesa: - dona Carmela Patti Salgado (viúva de Plínio Salgado e presidente dos trabalhos), Ministro Guido Mondim [sic] (vindo de Brasília), Dr. Damiano Gullo, Deputado Antonio Henrique da Cunha Bueno, Deputado Sebastião Navarro (de Minas Gerais), Genésio Pereira Filho. No auditório, dentre outros: Jader Medeiros, Maria Amélia Salgado Loureiro e mais amigos e admiradores de Plínio Salgado, que foram convidados ou convocados pela viúva, dona Carmela.<sup>549</sup>

Para iniciar a reunião foi entoado o hino “Avante!”, o principal do movimento integralista, “*com acompanhamento de piano*”. Quem iniciou os trabalhos foi a viúva Carmela Salgado, que disse que a criação de uma entidade que se dedicasse à vida e à obra de Salgado tornou-se:

---

<sup>547</sup> “Secretaria de Segurança Pública – Departamento Estadual de Ordem Política e Social – Serviço de Informações. Assunto: Missa comemorativa de aniversário de falecimento de Plínio Salgado”. Informação Nº 1641-3/76. São Paulo, 10/12/1976, 50-J-0-5424 e 5425 (pasta 53). O relatório tinha como destino “a comunidade de informações”. A partir de 1975, o Serviço Secreto (SS) passou a se chamar Divisão de Informações (DI). Provavelmente, seja o mesmo que aqui está registrado como “Serviço de Informações” pois na folha seguinte (50-J-0-5424) está datilografado “Divisão de Informações” (ARAÚJO, 2001: 31).

<sup>548</sup> 50-J-0-5424.

<sup>549</sup> *Id.* Navarro, Gullo e Pereira Filho foram militantes e líderes locais do PRP, sendo que os últimos eram de São Paulo. Cunha Bueno era, à época, deputado federal pela ARENA. Em 1993, ficou conhecido como um dos principais líderes da campanha monarquista para o plebiscito sobre forma de governo. Maria Amélia era filha do chefe integralista e esposa de José Loureiro Jr. (este, falecido em 1971).

efetiva após cerca de seis reuniões levadas a efeito em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, com a participação de inúmeros amigos do falecido e que aquela reunião solene seria a de constituição da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS ‘PLÍNIO SALGADO’ e que todos os participantes seriam considerados membros fundadores.<sup>550</sup>

Em seguida, falou, “*de improviso*”, o Ministro Guido Mondin, que narrou a vida do homenageado, tecendo-lhe elogios. Em outro momento, Genésio Pereira Filho, sobrinho de Salgado, leu uma mensagem do escritor Menotti Del Picchia, convidado especial, o qual não compareceu devido ao seu estado de saúde. Quando da leitura dos estatutos da associação, o agente policial fez questão de relatar apenas sobre as finalidades da mesma, às quais não fez maior alarde, contudo: “[a associação] tem por fim estudos da vida e obra de Plínio Salgado; organizar comissão de pesquisas do pensamento [...] social predominante, etc.”<sup>551</sup>

Para presidente da instituição foi indicado Damiano Gullo, e para tesoureiro, Genésio Pereira Filho. Ambos eram advogados e tinham sido militantes do PRP. Além disso, foi empossado um Conselho Deliberativo composto de 50 membros, representantes dos diversos Estados do país. A cerimônia se encerrou com o Hino Nacional e, ao término desse, “foi feita a saudação integralista (*anauê*)”.<sup>552</sup>

Não sabemos a periodicidade de reuniões da ABRES, mas em pasta aberta dois anos depois, os agentes do DOPS notificam outro encontro da associação, embora apenas anexem um convite ao dossiê, sem relatório. As circunstâncias são semelhantes: o evento ocorre logo após uma missa em homenagem ao aniversário de falecimento de Plínio Salgado, celebrada na mesma igreja que a missa de 1976, e a reunião da entidade integralista se deu no mesmo salão paroquial. O convite foi assinado por Damiano Gullo e previa uma palestra a ser proferida por Alberto B. Cotrim Neto sobre o “nacionalismo brasileiro”. Cotrim Neto (que assinava artigos na imprensa integralista como “A. B. Cotrim Neto”) havia sido membro da AIB e do PRP.<sup>553</sup>

---

<sup>550</sup> *Ibid.*

<sup>551</sup> *Ibid.*

<sup>552</sup> *Ibid.*

<sup>553</sup> “Secretaria da Segurança Pública - Polícia Civil de São Paulo – Serviço de Informações. Assunto: Associação Brasileira de Estudos ‘Plínio Salgado’”. Informação Nº 1751-3/78. São Paulo, 6/12/1978. 50-J-0-6147 e 50-J-0-6148 (pasta 62).

O dossiê era confidencial e estava endereçado à “*comunidade de informações*”<sup>554</sup>, mas parece não ter havido interesse suficiente para enviar um agente para acompanhar a reunião, já que a registrada anteriormente não despertou qualquer preocupação da polícia política.

O informe foi datilografado num formulário típico do DOPS (então DEOPS) posterior à reformulação de 1975, que transformou o Serviço Secreto (SS) em Divisão de Informações (DI). No campo “*Origem*”, está preenchido “*a fonte*”. Não fica clara qual a fonte, mas pelo texto, deve ser a carta-convite que Carmela Salgado distribuía. Sob a rubrica “*Difusão*”, escreveu-se “*À comunidade de informações*”, provavelmente referindo-se a todos os órgãos de informação do regime, para além do DOPS-SP. Isso indica que esse relatório foi feito com o objetivo de ser reproduzido em outros órgãos, o que denota alguma importância dada à informação e particularmente à movimentação dos integralistas.

Em meio aos relatórios relativos a ABRES, há um jornal integralista que também foi apreendido. Trata-se da edição de novembro e dezembro de 1976 de *Renovação Nacional*, sediado no Rio de Janeiro e dirigido por Jader Medeiros, que havia sido presidente da União Operária e Camponesa do Brasil. Aliás, o periódico proclamava-se “*órgão oficial da UOCB*” – o que demonstrava que esta ainda tinha uma existência ao menos formal - e de uma certa “*Cruzada de Renovação Nacional*”, certamente outra organização de caráter integralista<sup>555</sup>. Com oito páginas, era bimestral e o que chamou a atenção do DOPS foi justamente a notícia relacionada à criação da Associação em homenagem a Plínio Salgado<sup>556</sup>. Na página 2, na relação dos colaboradores do periódico presente no retângulo que contém o expediente da publicação, está grifado o nome do General Jayme Ferreira da Silva. O fato de um general fazer parte do conselho de colaboradores do jornal também pode ter chamado a atenção dos agentes, muito embora o General Jayme Ferreira da Silva fosse integralista desde os tempos da AIB.<sup>557</sup>

---

<sup>554</sup> 50-J-0-6148 (pasta 62).

<sup>555</sup> “Renovação Nacional”. *Renovação Nacional*, novembro/dezembro de 1976, p. 2. 50-J-0-5422.

<sup>556</sup> “Associação Brasileira de Estudos Plínio Salgado”. *Renovação Nacional*, novembro/dezembro de 1976, p. 1. 50-J-0-5422.

<sup>557</sup> “Renovação Nacional”. *Renovação Nacional*, novembro/dezembro de 1976, p. 2. 50-J-0-5422. No expediente, consta o nome de 26 colaboradores, entre eles Genésio Pereira Filho e Maria Amélia Salgado Loureiro.

Além disso, apesar de não haver nenhuma anotação, a manchete principal da primeira página do jornal é “A revolução luta mesmo contra o comunismo?”, pode ter chamado a atenção dos policiais pelo aparente tom de desafio da frase, como se o articulista, que era o redator principal do jornal, Jader Medeiros, estivesse duvidando da eficácia do regime militar em combater o seu principal inimigo. Apesar disso, o tom do artigo é de apoio ao regime e de contestação ao jornalista Tristão de Athayde, que propunha à reinserção legal dos comunistas na política brasileira.<sup>558</sup>

O DOPS registrou outra tentativa de reorganização dos integralistas, também esta voltada para o culto à memória e para a preservação da documentação do seu falecido líder e produzida pelos próprios integralistas, sem intenções político-partidárias. Trata-se da criação da chamada “Casa de Plínio Salgado”, em 1981. Essa “casa” tem caráter simbólico, não era a casa onde teria vivido o fundador do integralismo, e sim um local de estudos da vida e obra do seu patrono.

O relatório confidencial, datado de 8 de outubro de 1981, retira suas informações a partir de carta enviada por Carmela Patti Salgado, viúva de Plínio, para “*várias pessoas convidando para a inauguração*” da “Casa”, que aconteceria no dia 10 nas dependências da Sociedade Croatia Sacra Paulistana, localizada na Rua Waldomiro de Lima, 650, no bairro do Jabaquara, na capital paulista.<sup>559</sup> Diz o informe policial:

A “CASA PLÍNIO SALGADO”, objetiva recolher a memória documental do político PLÍNIO SALGADO e do “integralismo”. Desta sorte, a direção da Casa promoverá cursos, conferências, estudos e publicações diversas.

---

<sup>558</sup> MEDEIROS, Jader. “A Revolução luta mesmo contra o Comunismo?”. *Renovação Nacional*, novembro/dezembro de 1976, pp. 1 e 2. 50-J-0-5422.

<sup>559</sup> “Casa Plínio Salgado”, Informação N° 1044 B/81. “Confidencial”. São Paulo, 8/10/1981. 20-C-44-19969. Este informe foi reproduzido também em 20-C-44-19968 e 21-Z-14-12273. Não deixa de ser curioso o local de fundação da entidade: uma associação de imigrantes croatas, em plena Guerra Fria. Muitas dessas organizações de imigrantes do Leste Europeu eram locais de sociabilidade anticomunista, dominadas por pessoas contrárias aos regimes políticos de além-Cortina de Ferro. Note-se que a organização é croata, nação que fazia parte da Iugoslávia, a qual não é representada aqui e, possivelmente não era reconhecida pelo então regime socialista daquele país. Some-se a isso o fato de que a Croácia teve um breve momento de independência durante a II Guerra Mundial, como aliada da Alemanha nazista e governada por uma organização de caráter fascista, a “Ustasha”. Existe a possibilidade de antigos membros da Ustasha terem vindo ao Brasil, embora não tenhamos informações sobre isso. Sobre a ida de membros da Ustasha para a Argentina (país de onde vieram vários ex-integrantes do Eixo para o Brasil), ver OCA (2013). A Croatia Sacra Paulistana ainda existe, no mesmo endereço, e possui um site: [sociedadecroata.com.br](http://sociedadecroata.com.br) (acessado em 05/08/2015).

A Casa abrigará ainda, a biblioteca de PLÍNIO SALGADO e o arquivo de sua correspondência, bem como os presentes por ele recebido em vida, como os móveis, quadros, tapetes, etc.<sup>560</sup>

Ato contínuo, os integralistas veteranos - oriundos da AIB, do PRP e ex-Águias Brancas - se preparavam para as celebrações do cinquentenário do integralismo, o que viria a acontecer no ano seguinte: *“No dia 10 p., os que comparecerem à inauguração da Casa de Plínio Salgado, também terão a oportunidade de estudar e debater a programação comemorativa do jubileu de ouro do “Manifesto de Outubro de 1932”.*<sup>561</sup>

Para os integralistas, tais reuniões significavam duas coisas: uma, a questão identitária. Os integralistas sempre lamentaram a segunda perda de sua organização política, o PRP, e não queriam perder vínculos. A morte do “Chefe” reforçou a necessidade de manter e reunir os militantes, inclusive agregando novos adeptos. Ao ser perguntado sobre o fim do PRP, Guido Mondin respondeu, numa entrevista em 1997:

Bom, nenhum homem do partido gostou disso. Porque nós adquirimos amor pelo nosso partido, que é a nossa grei, que é a nossa comunidade. Então a gente fica desfeito. Fica mal impressionado. Mas conformados. Porque, se nós tivermos presente sempre os interesses maiores do país, então a gente também tem que resignar as suas reações.<sup>562</sup>

Mas ao mesmo tempo, declarou que mesmo dentro da ARENA os integralistas nunca perderam os vínculos comuns e a organicidade:

---

<sup>560</sup> *Id.* A Casa de Plínio Salgado existe até hoje, atualmente localizada num imóvel alugado na Vila Maria, Zona Norte de São Paulo. A instituição tem um site: [www.pliniosalgado.org.br](http://www.pliniosalgado.org.br) (acessado em 05/08/2015). É importante lembrar que – provavelmente dado o caráter precário da “Casa” (nunca teve local próprio) - a documentação pessoal de Plínio foi enviada pela viúva de Salgado ao Arquivo Municipal de Rio Claro, em 1985, onde está organizado e disponível para pesquisa. Falo um pouco sobre a casa em DOTTA (2010a). Sobre o Fundo Plínio Salgado em Rio Claro, ver CAMPOS (2013).

<sup>561</sup> *Id.* Não se pode deixar de notar a data de fundação da CPS, quase a mesma da data oficial de criação do movimento integralista: 7 de outubro. Não temos informações sobre essas comemorações, que aconteceriam no ano de 1982, com exceção da edição comemorativa do Manifesto de Outubro lançada pelo editor integralista Gumercindo Rocha Dórea, ex-líder Águia Branca (MANIFESTO DE OUTUBRO DE 1932: 1982), a qual possui um “Posfácio” no qual rebate as críticas feitas ao integralismo desde sempre (DOREA, 1982: 57-86).

<sup>562</sup> SILVA & CALIL (2000b: 223).

CPI

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL - DEOPS  
SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

São Paulo, em 08/Outubro/81

1. Assunto: "CASA PLÍNIO SALGADO"

2. Origem: A FONTE

3. Classificação:

4. Difusão: À COMUNIDADE DE INFORMAÇÕES

5. Referência:

6. Difusão desde a origem:

7. Anexo:

**CONFIDENCIAL**

INFORMação N.º 1044-B 81

D. CARMELA P. SALGADO, viúva do político PLÍNIO SALGADO, dirigiu carta a várias pessoas convidando para a inauguração de "CASA PLÍNIO SALGADO" às 09,30 horas do dia 10 p., na Sociedade "Clotia Sagra Paulistana", rua Waldomiro Lima, 650 - Jabotquara, próximo da Estação Conceição do Metrô.

A "CASA PLÍNIO SALGADO", objetiva recolher a memória documental do político PLÍNIO SALGADO e do "integralismo". Deste sorte, a direção da Casa promoverá cursos, conferências, estudos e publicações diversas.

A Casa abrigará ainda, a biblioteca de PLÍNIO SALGADO e o arquivo de sua correspondência, bem como os presentes - por ela recebido em vida, como os móveis, quadros, tapetes, etc.

No dia 10 p., os que comparecerem à inauguração da Casa Plínio Salgado, também terão a oportunidade de estudar e debater a programação comemorativa do jubileu de ouro do "Manifesto de Outubro de 1932".

O - - O - M

DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL - C. P. I.	
S.G. - S.S.P. - Mod. DEOPS-22	
D.I. _____ / _____ / 19 _____	19969

**Ilustração N° 23: Relatório sobre a fundação da "Casa de Plínio Salgado", em São Paulo. 20-C-44-19969.**

O PRP nunca deixou de ser PRP. Por isso volto a lembrar a força de uma doutrina. Era ela que nos unia, apesar de estarmos dentro da Arena e, sem que isso tivesse uma influência negativa ou perturbadora dentro da Arena. Nós cabíamos tranquilamente, podíamos desenvolver, antes de mais nada, a nossa vinculação, a nossa amizade, dos elementos do Partido de Representação Popular, dentro da ação da Arena.<sup>563</sup>

Nesse sentido, a criação da ABRES, embora esta não tenha sido longeva (não vi referências sobre ela em outros lugares além da documentação policial) significou essa vinculação alegada por Mondin. Daí a evocação do hino integralista e até da velha saudação “anauê”, esta abolida formalmente do movimento integralista desde o imediato pós-guerra. A fundação da Casa de Plínio Salgado, que chegou inclusive a publicar livros<sup>564</sup>, também teve o mesmo papel.

Outro provável motivo para a importância dessas reuniões após o falecimento de Plínio é que, nesse momento da Abertura – “lenta, gradual e segura” promovida pelo presidente-general Geisel, já se vislumbrava o retorno ao pluripartidarismo. Como ainda não era permitido criar novos partidos, limitava-se a fundar associações e clubes, talvez na preparação de terreno para o momento de se criar as novas agremiações partidárias. Mais tarde, no contexto da redemocratização, porém, os integralistas remanescentes, apesar das tentativas de criar um partido próprio – como o Partido da Ação Integralista (PAI) e o Partido da Ação Nacional (PAN), os dois sem sucesso – permanecerão em sua maioria nos partidos políticos sucessores da ARENA: o PDS (Partido Democrático Social, e seus sucedâneos) e o PFL (Partido da Frente Liberal, mais tarde DEM, Democratas).

Quanto à polícia política, ao manter a vigilância sobre um grupo que tinha uma relação ostensivamente harmoniosa com o governo militar, apenas permanecia fiel à sua “lógica da suspeição”. Nunca é demais lembrar que o DOPS chegou a abrir dossiês e prontuários sobre a ARENA, o PDS e personalidades aliadas ao regime militar (LEISTER FILHO: 2002 e MORAES: 2002a).

---

<sup>563</sup> SILVA & CALIL (2000b: 224).

<sup>564</sup> Entre os livros publicados pela Casa de Plínio Salgado estão *Plínio Salgado – In Memoriam I* (1985) e *II* (1986). Trata-se de coletâneas de artigos sobre a vida e a obra do líder integralista apresentando-as ao debate “para os jovens e adultos que pouco ou nada sabem a respeito do grande líder” (CARVALHO, 1985: 9).

Além disso, também por conta do clima da abertura política dos anos Geisel e Figueiredo, os órgãos de segurança sentiam a necessidade de manter sob controle a movimentação dos diversos grupos políticos e sociais. Segundo a historiadora Letícia Nunes de Góes Moraes:

Os militares, na posição de governantes, em nenhum momento abriram mão de controlar cada passo da abertura. Daí o processo de abertura política no Brasil ser caracterizado por um movimento dialético de concessões do governo e conquistas da sociedade, e por isso marcado por idas e vindas, marchas e contramarchas visando a manutenção da coesão dentro das Forças Armadas e a harmonização das divergências internas, **sem nunca perder o controle da situação** (MORAES, 2002b: 87, grifo meu).

Assim, o mesmo se aplicaria aos seus olhos e ouvidos, a chamada “comunidade de informações”. Esta continuava vigiando mesmo os aliados, para “nunca perder o controle da situação”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se menciona a palavra “integralismo” entre muitos historiadores, jornalistas e cientistas sociais, automaticamente eles limitam temporalmente o fenômeno à experiência da Ação Integralista Brasileira, na década de 1930, como se a ela tivesse se restringido, tendo o fenômeno desaparecido logo depois sem deixar rastros.

Ainda é relativamente comum o desconhecimento geral de que os integralistas, tão logo findo o Estado Novo, retornaram à vida política. O fato de não ocuparem mais o primeiro plano do espectro político, como ocorria nos anos 30, e de, após a II Guerra, viverem crises identitárias – em que são obrigados a negar parte de seu passado, justamente pela qual eram mais conhecidos, isto é, as semelhanças com os movimentos fascistas – contribui sobremaneira para isso. Acredito que uma das contribuições dessa pesquisa é voltar a jogar luz sobre a trajetória dos integralistas durante o momento pós-“Intentona”. E nesse sentido, o acervo do DOPS é um material privilegiado, já que – sobretudo durante o Estado Novo, regime autoritário no qual havia uma forte censura à imprensa e desprovido de partidos políticos – é fonte de informações não passíveis de serem encontradas em quaisquer outros lugares.

Assim, como já apontado na introdução, esta pesquisa vai além da grande maioria dos trabalhos sobre o movimento do Sigma os quais, em geral, são restritos à década de 1930. Desta forma, ele desenvolve uma espécie de “longa duração” integralista, a qual percorre pouco mais de quatro décadas de História, e três mudanças político-sociais na História contemporânea brasileira.

No que tange ao DOPS, essa pesquisa é mais uma contribuição para a melhor compreensão da estrutura da polícia política paulista e, por extensão, brasileira. O trabalho inova, sobremaneira, em atravessar três diferentes eras da história política brasileira, atentando para as novidades e permanências de cada um dos períodos, através de seu objeto de investigação escolhido. Ele é, pois, uma tentativa de entender como o

DOPS observava uma parte importante da direita brasileira, nos diferentes períodos, aqui analisados. Espero que ele seja um estímulo para futuras pesquisas sobre outros segmentos da direita nacional, a partir dos acervos das polícias políticas nos vários estados: partidos oligárquicos (Partido Republicano Paulista e Partido Constitucionalista, no caso paulista); e partidos como UDN, PSD, PDC, PR e outros, no pós-45.

A respeito de como o objeto *integralistas* é tratado pelo DOPS em quatro décadas de investigações, são evidentes as mudanças de atitude na observação. Durante o Estado Novo, os camisas-verdes são vistos claramente como um perigo para a sociedade, e isso por dois motivos: seu potencial conspirador comprovado pelas tentativas de derrubar o governo Vargas em 1938 e, por conta da simpatia que muitos integralistas nutriam pelas potências do Eixo antes e mesmo durante a II Guerra Mundial. Eles eram o “*inimigo objetivo*” para usar o conceito de Hannah Arendt.

É importante ressaltar, contudo – e essa é mais uma contribuição dessa pesquisa - que os agentes não encontraram, no Estado de São Paulo, nenhuma conspiração, seja de caráter para derrubar o regime, seja de espionagem a favor das potências do Eixo, não obstante vários integralistas manterem suas simpatias pelos regimes autoritários europeus, ao mesmo tempo em que sentiam desprezo pelo regime autoritário brasileiro, que os pôs na ilegalidade. O principal motivo para isso se deve, sobretudo, à desarticulação dos velhos camisas-verdes, bem como à dispersão, a qual em vários casos assumiu caráter irreversível, fazendo com que muitos não reingressassem no integralismo depois do fim do regime varguista.

Relativizando ainda a ideia de “inimigo objetivo”, vemos também uma relativização da rigidez policial em episódios como o do barbeiro de Ribeirão Bonito ou o genro do Ministro do Supremo. Atitudes que demonstram que as relações de amizade e parentesco historicamente, no dizer de Sérgio Buarque de Hollanda, estiolam uma suposta frieza do funcionalismo público mirado como exemplo, mas com algumas dificuldades de aplicação na prática social no chamado capitalismo periférico.

Além disso, as análises em torno das listas de suspeitos, sobretudo a maior delas, de novembro de 1944, auxiliaram a se conhecer não apenas o funcionamento do DOPS-

SP, mas também detalhes sobre os integralistas – ou o que havia sobrado deles – num momento em que as informações são escassas.

No período do Partido de Representação Popular, apesar de uma desconfiança inicial, os integralistas não foram mais tratados de uma forma predominantemente negativa, como no período anterior. As investigações continuam a todo o vapor – já que essa é a “lógica da suspeição” inerente a toda polícia política: investigar a tudo e a todos, a todo tempo, como nos lembra Foucault. Mas a desconfiança policial excessiva não é encarada mais como necessária: os integralistas não são mais os conspiradores de outrora, agem segundo as regras do jogo constitucional, participam de eleições, e o cenário geopolítico internacional também muda: a derrota incondicional e completa do Eixo na II Guerra e o surgimento da Guerra Fria vai inclusive devolver-lhes um inimigo comum: o comunismo. Porém, apesar de um ou outro agente mostrar alguma simpatia, as mensagens anticomunistas de discursos e notas de jornais integralistas serem anotadas e catalogadas pelo DOPS, bem como as tentativas dos integralistas de ganhar a simpatia da instituição policial mandando-lhes jornais ou servindo como agentes infiltrados, a frieza ou, se o leitor preferir, o profissionalismo do DOPS não permite que os integralistas do PRP se tornem aliados permanentes. No período de 1945 a 1964, os integralistas deixam de ser um “inimigo objetivo” para se tornarem um “inimigo potencial”.

Nesse segundo momento, creio que também posso acrescentar como uma contribuição inédita desta pesquisa, a análise feita sobre a União de Resistência Nacional (URN), a frente suprapartidária criada pelos integralistas e outros conservadores, de curta, porém agitada existência, e que se revelou como importante avatar da direita e do anticomunismo brasileiros, que emergem e reemergem algumas vezes ao longo da História republicana nacional.

No terceiro período, que corresponde ao regime militar, há outra mudança importante. A partir de 1964, a documentação referente aos antigos seguidores do Sigma torna-se escassa, apesar de não desaparecer por completo. Trata-se de uma fase que podemos chamar de “relativo desinteresse”. Isso ocorre por dois motivos: primeiro, a considerável perda de importância dos integralistas no cenário político nacional; o PRP deixa de existir no ano seguinte ao golpe, fazendo com que o integralismo perca

sua institucionalidade, ou pelo menos, a parte mais importante desta, já que sua organização estudantil e a operária subsistem oficialmente, embora com importância rapidamente decrescente.

O segundo motivo da perda de interesse da polícia pelos integralistas é que eles foram totalmente absorvidos pelo regime militar: atuantes na conspiração pela queda de João Goulart, todos eles passam a fazer parte da ARENA, o partido de sustentação ao regime, inclusive Plínio Salgado, que passa a ser deputado pelo partido, por ele se reelegendo em 1966 e 1970. Em 1975, Salgado morre e o DOPS investiga as instituições de memória do Sigma. Assim, de “inimigos potenciais”, os integralistas tornam-se objeto de “relativo desinteresse”. Relativo, porque, apesar de pouco investigados, eles ainda o são, o que confirma a necessidade de tudo observar própria do aparato policial.

Ao longo dessa trajetória, observamos as mutações da “lógica da suspeição” do DOPS paulista: esta não é rígida, variando conforme a conjuntura político-social. Contudo, ela não deixa de existir, pois, uma vez inimigo, sempre haverá, segundo a mentalidade policial, a possibilidade de o objeto investigado voltar a ser uma ameaça à ordem social e política hegemônica.

## **FONTES**

### **Relação Dossiês**

#### **Subfamílias 23 e 24**

##### **Microfilmes**

- Rolo 08.05.284** (25 documentos): 23-Z-0 a 24-A-1
- Rolo 08.05.285** (581 documentos): 24-A-2 a 24-J-2 (pasta 1)
- Rolo 08.05.286** (424 documentos): 24-J-2 (pasta 2) a 24-K-5
- Rolo 08.05.287** (610 documentos): 24-K-6 a 24-Z-4
- Rolo 08.05.288** (650 documentos): 24-Z-5 (pastas 1, 2 e 3)
- Rolo 08.05.289** (189 documentos): 24-Z-5 (pastas 4 e 5)
- Rolo 08.05.290** (35 documentos): 24-Z-5 (pasta 6) a 24-Z-15

##### **Outros dossiês**

- 20-C-44 (Casa de Plínio Salgado)
- 20-Z-22 (União de Resistência Nacional)
- 20-Z-37 (Candidatos a vereadores pelo PRP e UDN em Guaratinguetá)
- 20-Z-37 (Comícios da URN)
- 50-Z-0 (pastas 53 e 62): ABRES
- 50-Z-40 (IV Convenção Nacional do PRP)

##### **Prontuários**

- 6691 – União de Resistência Nacional
- 34775 – José Fukuda
- 34829 – J.B.T.
- 35680 – Angelo Simões de Arruda
- 36585 – Ferdinando Martino Filho
- 40448 – Plínio Salgado
- 40459 – Marcelo Torres de Miranda

72852 – Partido de Representação Popular

82674 – Gustavo Barroso

131860 – Terceiro Congresso Nacional de Líderes Águias Brancas

## **Jornais**<sup>565</sup>

### **Integralistas**

*Monitor Integralista* (Rio de Janeiro)

*Ação* (São Paulo)

*O Integralista* (São Paulo)

*Páginas de Combate* (Rio de Janeiro)

*A Offensiva* (Rio de Janeiro)

### **Não integralistas:**

*Folha da Noite* (São Paulo)

*Folha da Manhã* (São Paulo)

### **Filme:**

SOLDADO de Deus. Direção de Sérgio Sanz. Produção de J. Sanz. Roteiro: Sérgio Sanz e Luiz Alberto Sanz. 2004. (80 min.), son., color.

### **Depoimentos:**

Gumerindo Rocha Dórea, 23/12/2014 e 04/04/2016 (por telefone)

José Baptista de Carvalho, s/d. São Paulo

Miguel Costa Jr., ano 2000. Carapicuíba-SP.

### **Depoimentos via e-mail:**

Rodrigo Christofolletti, 20/11/2013

Giselda Brito Silva, 17/02/2014

---

<sup>565</sup> Excluídos os constantes do acervo DOPS, já relacionados.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Fulvio. *A Revoada dos Galinhas Verdes – Uma História da Luta contra o Fascismo no Brasil*. São Paulo: Veneta, 2014.

ACKERMANN, Silvia Regina. “O crime na barbearia: um ex-integralista no Tribunal de Segurança Nacional”. In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira & PARADA, Maurício B. Alvarez (orgs.). *Histórias da Política Autoritária – Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo, Fascismos*. Recife: Editora da UFRPE, 2010, pp. 389 – 408.

AGUILAR FILHO, Sidney. *Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945)*. Tese (Doutorado). Campinas: UNICAMP, 2011.

ALAMBERT, Francisco. “A reinvenção da semana (1932-1942)”. *Revista USP*. São Paulo. N° 94, junho/julho/agosto 1992, pp. 107-118.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

AQUINO, Maria Aparecida de. “DEOPS/SP: visita ao centro da mentalidade autoritária”. In: AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & MORAES, Maria Blassioli de (org.). *A Constância do Olhar Vigilante: A preocupação com o crime político – Famílias 10 e 20*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002. Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro – Volume 2, pp. 17-43.

AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & SWENSSON Jr., Walter Cruz (org.). *No Coração das Trevas: O DEOPS/SP visto por dentro*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2001. Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro – Volume 1.

AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & MORAES, Maria Blassioli de (org.). *A Constância do Olhar Vigilante: A preocupação com o crime político – Famílias 10 e 20*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002. Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro – Volume 2.

AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & SWENSSON Jr., Walter Cruz; MORAES, Letícia Nunes de Góes (org.). *O Dissecar da Estrutura Administrativa do DEOPS/SP: O anticomunismo: doença do aparato repressivo brasileiro – Famílias 30 e 40*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002. Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro – Volume 3.

AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & SWENSSON Jr., Walter Cruz; LONGHI, Carla Reis. *O DEOPS/SP em busca do crime*

*político* - Família 50. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002. Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro – Volume 4.

AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & SWENSSON Jr., Walter Cruz; LEISTER FILHO, Adalberto (org.). *A Alimentação do Leviatã Nacional: Mudanças no DEOPS/SP no pós-1964 – Família 50*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002. (Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro – Volume 5).

ARAÚJO, Lucimar Almeida; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme de; KLAUTAU NETO, Orion Barreto da Rocha; SWENSSON Jr. Walter Cruz. “O Acervo DEOPS/SP.” In: AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme de; SWENSSON Jr., Walter Cruz. (org.). In: *No Coração das Trevas: o DEOPS/SP visto por dentro*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001, pp. 23 – 35.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *In Medio Virtus*. Uma análise da obra integralista de Miguel Reale. Rio de Janeiro: FGV, 1980.

\_\_\_\_\_. *Totalitarismo e Revolução – O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

ARENDT, Hannah. *O Sistema Totalitário*. Tradução de Roberto Raposo. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. Coleção Universidade Moderna 60 (Edição portuguesa de *As Origens do Totalitarismo*).

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil: Nunca Mais – Um Relato para a História*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos*. Tese (Doutorado). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012. 304 pp.

AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista: uma questão de identidade 1927-1937*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002. Coleção Teses e Monografias 3.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. “Plínio Salgado e o anticomunismo dos intelectuais do Sigma”. In: RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (org.). *Intelectuais & Comunismo no Brasil: 1920-1950*. Cuiabá: EdUFMT, 2011, pp. 35-75.

BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. *Bibliografia Orientativa sobre o Integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: FUNEP/Arquivo Público Histórico de Rio Claro, 2010.

\_\_\_\_\_. *Sobre a Direita – Estudos sobre o Fascismo, o Nazismo e o Integralismo*. Maringá: EDUEM, 2011.

\_\_\_\_\_. *Plínio Salgado: Biografia política (1895 – 1975)*. Tese de Livre Docência. São Paulo: FFLCH-USP, 2013.

BLINKHORN, Martin (Ed.). *Fascists and Conservatives – The Radical Right and the Establishment in Twentieth-Century Europe*. London: Unwin Hyman, 1990.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: Razões e Significados de uma Distinção Política*. São Paulo: UNESP, 1995.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Tradução: Carmen C. Varriale et al. Volume 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 12ª edição, 2002.

BRANDI, Paulo. “Salgado, Plínio”, in: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, 2009a. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>. Acessado em 20/08/2013.

\_\_\_\_\_. “Plano Cohen”, in: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, 2009b. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>. Acessado em 19/02/2014.

BRASIL. CAMARA DOS DEPUTADOS. *Plínio Salgado 1895-1975*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1976.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. *Na Boca do Sertão: o perigo político no interior do Estado de São Paulo (1930-1945)*. Módulo VIII – Geopolítica do Controle. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

\_\_\_\_\_. *Anauê Paulista: Um estudo sobre a prática política da primeira “Cidade Integralista” do Estado de São Paulo (1932-1943)*. Campinas: IFCH-UNICAMP. Dissertação de Mestrado (História), 2004.

BUCCI, Eugênio. “Goffredo Telles Jr.” In: *Teoria e Debate*, 01/10/1990. Disponível em <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/goffredo-telles-jr?page=0,0>. Acessada em 29/07/2014.

BULHOES, Tatiana. *Integralismo em Foco. Imagens e propaganda política*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

CABRAL, R. “Pobre galinha verde”. *Realidade* (São Paulo), n° 82, janeiro de 1973, pp. 18-23.

CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra – A Formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Coleção História 39.

\_\_\_\_\_. *O integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*. Niterói: UFF, 2005.

\_\_\_\_\_. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010. Coleção Tempos Históricos 8.

\_\_\_\_\_. “A imprensa integralista no Pós-Guerra: os jornais *Reação Brasileira, Idade Nova e A Marcha*”. In: GONÇALVES, Leandro Pereira & SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, pp. 327 – 354.

CAMARA, Pe. Hélder. “Pedagogia integralista”. In: *Enciclopédia do Integralismo*. Rio de Janeiro, GRD/Livraria Clássica Brasileira, s/d, pp. 27-37.

CAMARGO, Aspásia et alii. *1937 - O Golpe Silencioso*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989.

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. “Apresentação”. In: DOTTA, Renato Alencar & CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. *Dos Papéis de Plínio – Contribuições do Arquivo de Rio Claro para a Historiografia Brasileira*. Rio Claro: Oca Editora, 2013, pp. 11-14.

CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência*. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. *Partido de Representação Popular: Política de alianças e participação nos governos estaduais do RS de 1958 a 1962*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 1999. 292 pp.

CARNEIRO, Márcia Regina Ramos. “Família integralista: do lar à nação”. *Primeiros Escritos*. Niterói: Universidade Federal Fluminense – Laboratório de História Oral e Iconografia, 1998.

\_\_\_\_\_. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo: a construção de memórias integralistas*. Tese (Doutorado). Niterói: UFF, 2007. 415 pp.

\_\_\_\_\_. “‘Eis que desponta outro arrebol’. O caminho traçado pelo boletim *Alerta* e o alvorecer da chamada 4ª Geração Integralista”. In: GONÇALVES, Leandro Pereira & SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, pp. 405-430.

CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. “Imprensa irreverente, tipos subversivos”. In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci & KOSSOY, Boris (orgs.). *A Imprensa Confiscada pelo DOPS (1924 – 1954)*. São Paulo: Ateliê: Imprensa Oficial, 2003, pp. 19-59.

\_\_\_\_\_ & KOSSOY, Boris (orgs.). *A Imprensa Confiscada pelo DOPS (1924 – 1954)*. São Paulo: Ateliê: Imprensa Oficial, 2004.

CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1977. Coleção Corpo e Alma do Brasil.

\_\_\_\_\_. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1982. Coleção Corpo e Alma do Brasil.

\_\_\_\_\_. *A República Liberal (1945-1964) II – Evolução Política*. São Paulo: DIFEL, 1985. Coleção Corpo e Alma do Brasil.

CARVALHO, José Baptista de. “Apresentação”. In: *Plínio Salgado: In memoriam I*. São Paulo: Voz do Oeste: Casa de Plínio Salgado, 1985, pp. 9-11.

CARVALHO, José Murilo de. “Chumbo grosso – Assassinato e tortura eram práticas comuns da polícia política durante a ditadura de Getúlio Vargas”. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 11/08/2010. Disponível em

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/chumbo-grosso>. Acessado em 13/04/2016.

CARVALHO, José Murilo de; BASTOS, Lúcia & BASILE, Marcello (org.). “As armas, cidadãos!”: panfletos manuscritos da independência do Brasil (1820-1823). São Paulo: Belo Horizonte, Companhia das Letras: Editora da UFMG, 2012.

CASTANHO, Sérgio Eduardo Montes. *Nasce a nação: Roland Corbisier, o nacionalismo e a teoria da cultura brasileira*. Campinas: Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, UNICAMP, 1993.

CASTRO, Eduardo Góes de. *Os Quebra-Santos: Anticlericalismo e repressão pelo DEOPS/SP*. São Paulo: Humanitas, 2007.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estud. av.* [online]. 1991, vol.5, n.11 [cited 2012-12-29], pp. 173-191. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>. Acessado em 14/02/2014.

CHASIN, José. *Integralismo – Forma de Regressividade no Capitalismo Hipertardio*. São Paulo/Belo Horizonte: UNA Edições, 1999.

CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Ideologia e Participação Popular*. São Paulo/Rio de Janeiro: CEDEC/Paz e Terra, 1978.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *A celebração do Jubileu de Prata integralista 1957-1961*. (Dissertação de mestrado). Assis: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. “Integralismo Proh Pudor! A crítica da grande imprensa frente às comemorações dos 25 anos do integralismo”. In: SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Editora da UFRPE, 2007, pp. 183 – 203.

\_\_\_\_\_. “A controvertida trajetória das Edições GRD – Entre as publicações nacionalistas de direita e o pioneirismo da ficção científica no Brasil. In: *Miscelânea*. Revista de Pós-Graduação em Letras. UNESP-Campus de Assis, vol. 8, jul./dez.2010, pp. 208-225. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v8/rodrigo.pdf>. Acessado em 05/10/2015.

\_\_\_\_\_. *A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961)*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2010. 279 pp.

CIORAN, Emil. *Précis de Décomposition*. Paris: Gallimard, 1949 (Les Essais 35).

« Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934) ». In: *Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos*. Disponível em

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm). Acessado em 14/02/2014.

CORBISIER, Roland. *Autobiografia filosófica*. Das ideologias à teoria da práxis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Coleção Perspectivas do Homem 124.

COSTA, Sérgio Corrêa da. *Crônica de uma Guerra Secreta – Nazismo na América: A conexão argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CRUZ, Natália dos Reis. *Negando a História: a editora Revisão e o neonazismo*. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1997.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. *Guerra sem Guerra – A Mobilização e o Cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: EDUSP: Geração Editorial, 2002.

D'ALBUQUERQUE, A. Tenório. *O imperialismo britânico no Brasil*. Rio de Janeiro: Gráfica Labor, 1941.

DE FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo*. Tradução de Carlos Veiga Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1976.

DEL PICCHIA, Menotti. *A Crise da Democracia*. São Paulo, s.e., 1931.

DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas*. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. Histórias da Repressão e da Resistência 2.

\_\_\_\_\_. *Nazismo Tropical*. O Partido Nazista no Brasil. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2013.

\_\_\_\_\_. “Nazismo versus Integralismo no Sul do Brasil: ‘Algo extraordinário’ na avaliação do III Reich”. In: SILVA, Giselda Brito; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHUSTER, Karl; LAPSKY, Igor (orgs.). *Velhas e Novas Direitas – A atualidade de uma polêmica*. Recife: Edupe, 2014, pp. 259-268.

DOREA, Gumercindo Rocha. “Biobibliografia de Plínio Salgado”. In: SALGADO, Plínio. *Tempo de Exílio*. Correspondência familiar 1. São Paulo: Voz do Oeste, 1980.

\_\_\_\_\_. “Posfácio”. In: *Manifesto de Outubro de 1932*. Com este manifesto, Plínio Salgado fundou o Integralismo Brasileiro. São Paulo: Editora Voz do Oeste, 1982, pp. 57-86.

DOTTA, Renato Alencar. *O Integralismo e os Trabalhadores – As Relações entre a AIB, os Sindicatos e os Trabalhadores através do Jornal Acção (1936-1938)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2003 (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro; POSSAS, Lídia Maria Vianna (org). *Integralismo – Novos estudos e reinterpretções*. Rio Claro: Arquivo Público Municipal, 2004.

DOTTA, Renato Alencar. “Prefácio – Integralismo: o elo perdido da História?”, in: BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia Orientativa sobre o Integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: FUNEP/Arquivo Público Histórico de Rio Claro, 2010a, pp. IX-XIX.

\_\_\_\_\_. “Apontamentos para uma História da Ação Integralista Brasileira em São Paulo (1932-1938)”, in: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira & PARADA, Maurício B. Alvarez (orgs.). *Histórias da Política Autoritária – Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo, Fascismos*. Recife: Editora da UFRPE, 2010b, pp. 349-366.

\_\_\_\_\_. “Um esboço necessário sobre a trajetória do integralismo brasileiro – Da AIB ao ciberintegralismo (1932 a atualidade)”. In: SILVA, Giselda Brito; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHUSTER, Karl; LAPSKY, Igor (orgs.). *Velhas e Novas Direitas – A atualidade de uma polêmica*. Recife: Edupe, 2014, pp. 281-288.

DULLES, John W. F. *A Faculdade de Direito de São Paulo e a Resistência Anti-Vargas (1938 – 1945)*. Tradução de Vanda Mena Barreto de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

*Enciclopédia do Integralismo*. 12 volumes. Rio de Janeiro: Edições GRD, Livraria Clássica Brasileira, 1957-1961.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. *A Ofensiva Verde: A Ação Integralista Brasileira no Estado do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 257 pp.

\_\_\_\_\_. “La derecha latino-americana va a las urnas. Los integralistas en la campaña presidencial brasileña de 1937. In: SAVARINO ROGGERO, Franco & BERTONHA, João Fábio (coord.). *El fascismo en Brasil y América Latina*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2013, pp. 97 – 117.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia – Gênero, Educação e Assistência Social em O Imparcial 1933-1937*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “MESQUITA FILHO, Júlio de”, verbete do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (Pós-1930)*, disponível em cpdoc.fgv.br (acessado em 28/05/2015).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – Nascimento da prisão*. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987 (5ª edição).

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FRENCH, John. *O ABC dos Operários*. Conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950. São Paulo: Hucitec, 1995.

GENTIL, Alcides. *As Ideias do Presidente Getúlio Vargas*. Síntese do Pensamento d’ “A Nova Política do Brasil”. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939.

GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil – Germanismo, Nazismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. "O Brasil e a Segunda Guerra Mundial". In: PADRÓS, Enrique S.; RIBEIRO, Luis Dario T. & GERTZ, René (orgs.). *Segunda Guerra Mundial – Da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Editora Folha da História, 2000, pp. 205-217.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela Maria de Castro. "A representação de classes na Constituição de 1934". In: GOMES, Angela Maria de Castro *et alii*. *Regionalismo e centralização política*. Partidos e Constituinte nos anos 30. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, pp. 427-491.

GOÑI, Uki. *A Verdadeira Odessa – O contrabando de nazistas para a Argentina de Perón*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial: Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. *O processo judicial da Shindo-Renmei: um fragmento da história dos imigrantes japoneses do Brasil*. São Paulo: Fundação Japão: Annablume, 2002. Selo Universidade.

HEMINGWAY, Ernest. *A Quinta Coluna*. Tradução de Ênio Silveira. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.

HILTON, Stanley. *O Brasil e a Crise Internacional (1930-1945) – Cinco Estudos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil*. Revisão de Umberto Figueiredo Pinto, Sônia Regina Cardoso e Paulo Coriolano. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

"História". *Condomínio do Edifício Martinelli*. <http://www.prediomartinelli.com.br/historia.php>, 2010. Acessado em 09/09/2014.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos – O Breve Século XX*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo Verde – O Integralismo no Norte do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF, 2001.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória*. Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987-2003). São Paulo: Editora UNESP, 2006.

\_\_\_\_\_. "O anticomunismo de Gustavo Barroso: a crítica política como instrumento para um discurso antissemita". In: RODRIGUES, Cândido

Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (org.). *Intelectuais & Comunismo no Brasil: 1920-1950*. Cuiabá: EdUFMT, 2011, pp. 15-34.

KELLER, Vilma. “SALES, Armando.” Verbete do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* (Pós-1930), disponível em cpdoc.fgv.br (acessado em 29/02/2016).

LEISTER FILHO, Adalberto. “Liberdade vigiada: os partidos legais vistos pelo aparato repressivo do regime militar (1964 – 1983)”, in: AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & SWENSSON Jr., Walter Cruz; LEISTER FILHO, Adalberto (org.). *A Alimentação do Leviatã Nacional: Mudanças no DEOPS/SP no pós-1964 – Família 50*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002b. (Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro – Volume 5), pp. 57-84.

LEVINE, Robert. *Pai dos Pobres? O Brasil e a Era Vargas*. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIMA, Alceu Amoroso. *Indicações Políticas – Da Revolução à Constituição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

*Livro Branco Alemão sobre os Antecedentes da Guerra com a União Soviética, O*. Porto Alegre: Revisão Editora, 1998 (2ª edição).

LONGHI, Carla Reis. “O SNI e seus tentáculos: representações de um projeto de sociedade”. In: AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & SWENSSON Jr., Walter Cruz; LONGHI, Carla Reis. *O DEOPS/SP em busca do crime político - Família 50*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002. Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro – Volume 4, pp. 55-119.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, Meu Pai*. São Paulo: GRD, 2001.

LUNA, Félix. *Argentina de Perón a Lanusse*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

MAGALHÃES, Fernanda Torres. *O suspeito através das lentes – O DEOPS e a imagem da subversão (1930 – 1945)*. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial/Fapesp, 2008. Histórias da Repressão e da Resistência 4.

MAGALHAES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 17, n. 34, 1997. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881997000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 29/12/2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881997000200011>.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild, nem Trotsky*. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

*Manifesto de Outubro de 1932*. Com este manifesto, Plínio Salgado fundou o Integralismo Brasileiro. São Paulo: Editora Voz do Oeste, 1982.

“Manifesto de Recife, O”, in: *Enciclopédia do Integralismo*. Rio de Janeiro: GRD/Livraria Clássica Brasileira, [1957], vol. IV, pp. 13-19.

MARTINO FILHO, Ferdinando. *Pela Revolução Integralista*. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.

MATTEI, Roberto de. *O Cruzado do Século XX*. Porto: Civilização, s/d.

MATTOS, André Luiz Rodrigues de Rossi. *Uma História da UNE (1945-1964)*. Campinas: Pontes, 2014.

MAYER, José Miguel. “NOGUEIRA FILHO, Paulo”, verbete do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (Pós-1930)*, disponível em [cpdoc.fgv.br](http://cpdoc.fgv.br) (acessado em 28/05/2015).

MEDEIROS, Gislainy Alencar. *Luís da Câmara Cascudo: a produção de uma subjetividade integralista (1910-1940)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

MEDICI, Ademir. *9 de Novembro de 1947: A vitória dos Candidatos de Prestes*. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 1999. A Cultura e os Trabalhadores 1.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BERTOLLI FILHO, Cláudio. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Ática, 1996 (Coleção História em Movimento).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BERTOLLI FILHO, Cláudio. “Espanha: pigmalião da Segunda Guerra Mundial?” In: COGGIOLA, Osvaldo. *Segunda Guerra Mundial – Um balanço histórico*. São Paulo: Xamã, 1995 (Série Eventos), pp. 155-171.

*Memórias do Exílio*. Brasil 1964-19???. Obra coletiva. São Paulo: Livramento, 1978. Volume 1: De muitos caminhos (Depoimentos).

MENANDRO, Heloísa. “Revolta integralista”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolta-integralista>. Acessado em 27/03/2016.

MIRANDA, Gustavo Felipe. *O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: IFCS-UERJ, 2009. 286 pp.

\_\_\_\_\_. “Os integralistas no Rio de Janeiro: organização e atuação no Estado Novo”, in: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira & PARADA, Maurício B. Alvarez (orgs.). *Histórias da Política Autoritária – Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo, Fascismos*. Recife: Editora da UFRPE, 2010, pp. 251-264.

MORAES, Maria Blassioli. “Adhemar de Barros, o líder populista, e a política nacional através do DEOPS”, in: AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & SWENSSON Jr., Walter Cruz; MORAES, Maria Blassioli de. *A Constância do Olhar Vigilante: A preocupação com o crime político – Famílias 10 e 20*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002<sup>a</sup>, pp. 63-108. Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro 2.

MORAES, Letícia Nunes de Góes. “Agentes infiltrados no movimento feminista brasileiro”, in: AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme & SWENSSON Jr., Walter Cruz; MORAES, Letícia Nunes de Góes. *O Dissecar da Estrutura Administrativa do DEOPS/SP: O anticomunismo: doença do aparato repressivo brasileiro – Famílias 30 e 40*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002b, pp. 55-89. Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro 3.

MORENO JULIÀ, Xavier. *La División Azul: sangre española en Rusia, 1941 – 1945*. Barcelona: Crítica, 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o Perigo Vermelho*. O anticomunismo no Brasil, 1917 – 1964. São Paulo: Perspectiva, 2002. Estudos 180.

NASCIMENTO, Abdias do. “Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões”. In: *Estudos Avançados*. Vol.18, no.50, São Paulo, Jan./Apr. 2004. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142004000100019&script=sci\\_artt\\_ext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142004000100019&script=sci_artt_ext). Acessado em: 15/02/2014.

NASSER, David. *Falta alguém em Nuremberg*. Torturas da polícia de Filinto. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1947.

\_\_\_\_\_. *A Revolução dos Covardes*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.

NOGUEIRA, Rubem. *O Homem e o Muro – Memórias Políticas e Outras*. São Paulo: GRD, 1997.

“Nota inicial”. In: *Estudos e Depoimentos. Enciclopédia do Integralismo*. Rio de Janeiro: Edições GRD, Livraria Clássica Brasileira, 1959. Volume VIII, pp. 5-9.

OLIVEIRA, Plínio Correa de. “Em um regime novo”. *O Legionário*, Nº 270, 14/11/1937. Disponível em [http://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG%20371114\\_Emumregimenovo.htm](http://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG%20371114_Emumregimenovo.htm). Acessado em 17/02/2014.

PARENTE, Josênio Camelo. *Anauê – Os Camisas-Verdes no Poder*. Fortaleza: UFC, 1999.

PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR. *Carta de princípios e programa*. S/l, s/d. Folheto.

PAXTON, Robert O. *A Anatomia do Fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAYNE, Stanley G. *Falange*. Historia del fascismo español. Madrid: Sarpe, 1985.

PEDROSO, Regina Célia. *Estado Autoritário e Ideologia Policial*. São Paulo: Humanitas/LEI/FAPESP, 2005.

PERAZZO, Priscila Ferreira. *O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

*Plínio Salgado*. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1937. 4ª edição.

Plínio Salgado: *In memoriam I*. São Paulo: Voz do Oeste: Casa de Plínio Salgado, 1985.

Plínio Salgado: *In memoriam II*. São Paulo: Voz do Oeste: Casa de Plínio Salgado, 1986.

POMAR, Pedro Estevam da Rocha. *A Democracia Intolerante – Dutra, Adhemar e a Supressão do Partido Comunista (1946-1950)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001 (Coleção Teses e Monografias - volume 4).

POSSAS, Lúcia Maria Vianna. “O integralismo e a mulher”. In: DOTTA, Renato Alencar; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro & POSSAS, Lúcia Maria Vianna (org). *Integralismo – Novos estudos e reinterpretações*. Rio Claro: Arquivo Público Municipal, 2004, pp. 107-125.

PRIMO, Jacira. *Nas fileiras do Sigma: os integralistas e a política brasileira na década de 30*. Tese (Doutorado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013. 191 pp.

PY, Aurélio da Silva. *5ª Coluna no Brasil – A conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1942.

REALE, Miguel. *O Estado Moderno (Liberalismo – Fascismo – Integralismo)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1935. 3ª edição.

\_\_\_\_\_. *Obras Políticas (1ª fase – 1931/1937)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983. Tomo III. Cadernos da UnB.

\_\_\_\_\_. *Destinos Cruzados – Memórias (volume 1)*. São Paulo: Saraiva, 1986.

RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e Avaliações: Norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. 447 pp.

RUIZ, Julius. *El Terror Rojo* - Madrid, 1936. Tradução de Jesús de la Torre. Barcelona: Espasa, 2013. Colección Booket.

SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

\_\_\_\_\_. *Páginas de Combate*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1937.

\_\_\_\_\_. “O Integralismo Perante a Nação”. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, [1955a] volume 9.

\_\_\_\_\_. “A mulher no século XX”. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, [1955b], volume 8.

\_\_\_\_\_. *O Integralismo na Vida Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições GRD/Livraria Clássica Brasileira, [1957] (volume I da *Enciclopédia do Integralismo*).

\_\_\_\_\_. *Discursos parlamentares*. Seleção e introdução de Gumercindo Rocha Dorea. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982. Perfis Parlamentares 18.

SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Os seguidores do Duce: Os italianos fascistas no Estado de São Paulo*. Módulo V Italianos. Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.

\_\_\_\_\_. *Italianos sob a mira da polícia política – Vigilância e repressão no estado de São Paulo (1924-1945)*. São Paulo: Humanitas/Fapesp/Proin, 2008. Histórias da repressão e da resistência 8.

SANTOS, Dominique V. C. dos. “Acerca do conceito de representação”, in: *Revista de Teoria da História*, Ano 3, Nº 6, dez/2011. Disponível em [http://www.historia.ufg.br/uploads/114/original\\_Artigo%202.%20SANTOS.pdf?1325192377](http://www.historia.ufg.br/uploads/114/original_Artigo%202.%20SANTOS.pdf?1325192377). Acessado em 16/09/2013.

SANTOS, Wagner Paulo dos. *Minha Adorável Comunista - A vida de Vera Pinto Telles*. Campinas: Instituto de Comunicação e Cidadania, 2003. Disponível em <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2011/03/personagem-vera-pinto-telles-primeira.html>. Acessado em 05/05/2014.

SAVARINO ROGGERO, Franco & BERTONHA, João Fábio (coord.). *El fascismo en Brasil y América Latina*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2013.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à Guerra – O processo do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Manole, 2003.

SILVA, Carla Luciana & CALIL, Gilberto. “O Integralismo e o Estado Novo”, in: PADRÓS, Enrique S., RIBEIRO, Luis Dario T. & GERTZ, René. *Segunda Guerra Mundial – Da Crise dos Anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Editora Folha da História, 2000, pp. 125-139.

\_\_\_\_\_. *Velhos integralistas. A memória dos militantes do Sigma*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000b. Coleção História 36.

SILVA, Giselda Brito. *A Lógica da Suspeição contra a Força do Sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco*. Tese (Doutorado). Recife: UFPE, 2002.

\_\_\_\_\_ (org). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Editora da UFRPE, 2007.

\_\_\_\_\_; GONÇALVES, Leandro Pereira & PARADA, Maurício B. Alvarez (orgs.). *Histórias da Política Autoritária – Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo, Fascismos*. Recife: Editora da UFRPE, 2010.

\_\_\_\_\_; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHUSTER, Karl; LAPSKY, Igor (orgs.). *Velhas e Novas Direitas – A atualidade de uma polêmica*. Recife: Edupe, 2014.

SILVA, Hélio. *1938 – Terrorismo em campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971 (Coleção “O Ciclo de Vargas”, vol. X).

SILVA, Jayme Ferreira da. *A Verdade sobre o Integralismo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

SILVEIRA, Joel; MORAES NETO, Geneton. *Hitler/Stalin – O Pacto Maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo*. Tradução brasileira por uma equipe coordenada por Ismênia Tunes Dantas. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

SOARES, Gláucio Ary Dillon & D'ARAÚJO, Maria Celina. *21 Anos de Regime Militar – Balanços e Perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional – A comunidade espanhola do Estado de São Paulo e a Polícia Política durante a Guerra Civil da Espanha (1936 – 1946)*. São Paulo: Humanitas/Fapesp/LEI, 2005. *Histórias da Intolerância* 5.

STOPPINO, Mario. “Ideologia”. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Tradução: Carmen C. Varriale et al. Volume 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 12ª edição, 2002, pp. 585-597.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. *O perigo amarelo – Imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2008. *Histórias da Repressão e da Resistência* 7.

TOYNBEE, Arnold. *La Europa de Hitler*. Tomo II. Barcelona: Editorial Vergara, 1958. *Historia Contemporanea*.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. São Paulo/Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1979.

VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. Volume V. O Estado Novo (10 de novembro de 1937 a 25 de julho de 1938). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938.

\_\_\_\_\_. *A Nova Política do Brasil*. Volume VII. No limiar de uma nova era (20 de outubro de 1939 a 29 de julho de 1940). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O Integralismo nas Águas do Lete*. História, memória e esquecimento. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Labirinto Integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)*. Goiânia: IFITEG Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. (org.). *À Direita da Direita*. Estudos sobre o extremismo político no Brasil. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012. 2 volumes.

WIAZOVSKI, Taciana. *Bolchevismo e judaísmo*. A comunidade judaica sob o olhar do DEOPS. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2001. Inventário DEOPS Módulo VI Comunistas.

WILLIAMS, Margaret Todaro. “Integralism and the Brazilian Catholic Church”. *Hispano-American Historical Review* 54, 3 (1974): 431-452.

ZANOTTO, Gizele. *Tradição, Família e Propriedade* – As idiosincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995). Passo Fundo: Méritos, 2002.

ZEN, Rogério Reis Godliauskas. *O Germe da Revolução*. A comunidade lituana sob a vigilância do DEOPS (1924-1950). São Paulo: Humanitas, 2005. Inventário DEOPS 13, Módulo VI Comunistas.